UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

RICARDO NEVES DOS SANTOS

Prometeu Acorrentado
**e as poéticas tradutórias de João Cardoso de Menezes e
Dom Pedro II**
(versão corrigida)

São Paulo

2020

RICARDO NEVES DOS SANTOS

Prometeu Acorrentado
**e as poéticas tradutórias de João Cardoso de Menezes e
Dom Pedro II**
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Departamento de
Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, para
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a.Dra.Adriane da Silva Duarte.

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237p Santos, Ricardo Neves dos
Prometeu Acorrentado e as poéticas tradutórias de
João Cardoso de Menezes e Dom Pedro II / Ricardo
Neves dos Santos ; orientadora Adriane da Silva
Duarte. - São Paulo, 2020.
304 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. D. Pedro II. 2. Tradução. 3. Transcrição
diplomática. 4. Êsquilo. 5. Recepção dos Clássicos no
Brasil. I. Duarte, Adriane da Silva, orient. II.
Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Ricardo Neves dos Santos

Data da defesa: 27/04/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Adriane da Silva Duarte

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 12/05/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por conceder-me a saúde e a paz indispensáveis ao estudo.

Sou grato à minha esposa Janaína da Silva Brito Neves, por me conceder a alegria de viver ao seu lado durante esses últimos dezessete anos. Você foi a minha maior conquista e ao seu lado a vida não é tão difícil.

Aos meus filhos, Sofia e Estêvão, por me propiciarem a alegria de ser chamado de “pai” e a motivação para trabalhar e me desenvolver.

Aos meus pais, Maria e Eronildes (no coração), por terem feito o melhor que podiam para o meu bem.

À minha orientadora, Adriane da Silva Duarte: seu profissionalismo, talento e erudição me inspiram. Sou muito feliz por poder contar com seus ensinamentos.

Ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Sônia N. de Lima (Chefe do Arquivo), pelo total apoio à minha pesquisa, dando-me acesso ao manuscrito de Dom Pedro II, transcrito na presente dissertação.

Ao Museu Imperial e à historiadora Alessandra Fraguas (Pesquisadora do Museu), por me informar sobre a existência de uma versão preliminar da tradução que transcrevi, e por me propiciar o acesso aos manuscritos.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB - USP), à Daniela Piantola (Supervisora Técnica do Instituto) e à bibliotecária Silvana Bonifácio.

À Luana Siqueira (Setor de Comunicação da FFLCH - USP).

Ao professor Sílvio de Almeida Toledo Neto, área de Língua Portuguesa (USP), pelas importantes indicações bibliográficas e orientações.

Aos professores que me ensinaram grego, em ordem alfabética: Adriane da Silva Duarte, Fernando Rodrigues, Jaa Torrano e Paula da Cunha Corrêa. Sempre me esforcei para honrar seus ensinamentos.

Aos professores que ministraram aulas para mim na Pós-graduação, em ordem alfabética: Breno Battistin Sebastin, Daniel Rossi Nunes Lopes, Jaa Torrano e José Marcos Mariani de Macedo.

Agradeço também a Marcelo Tápia e Jaa Torrano pelas observações inteligentes e sugestões valiosas feitas no exame de qualificação.

À Lineide Salvador Mosca (Filologia e Língua Portuguesa, USP), por todo apoio e incentivo desde o tempo da graduação.

Ao meu amigo Waldir Moreira Junior, a quem chamo de J.R.R. Tolkien, por me convencer a retomar meus estudos.

Ao mentor e amigo, Gary Fisher.

Ao caro Dennis Allan, por ler alguns poucos textos que escrevi em inglês e me indicar soluções.

Aos irmãos do coração: Célio, Rosa e Tamires. Não sei como retribuir tanto carinho e dedicação.

A todos os alunos que tive, e em especial, Jennyffer, Neovander, Vinicius e Rayssa, os quais mesmo depois de 15 anos, ainda se lembram de visitar seu primeiro professor quando o recesso de fim de ano chega.

Ao professor alemão Fridel (no coração), por ter acreditado e investido em mim.

À professora de psicologia Janete, pela influência exercida enquanto me formava professor.

À professora de História Lílian, que no ensino básico me ensinou o imenso poder que a Memória possui.

Com sincero reconhecimento e gratidão a todos vocês,

Ricardo Neves dos Santos

RESUMO

***Prometeu Acorrentado* e as poéticas tradutórias de João Cardoso de Menezes e Dom Pedro II.**

A presente dissertação tem como foco a tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo e seus tradutores no Brasil, dentre os quais destacamos dois: Dom Pedro II, o último Imperador do Brasil, e João Cardoso de Menezes e Souza, o Barão de Paranapiacaba. O trabalho está estruturado e dividido em três partes, a saber: 1) transcrição integral da tradução feita por Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* e das duas versões poéticas feitas pelo Barão de Paranapiacaba, as quais foram incentivadas pelo próprio Imperador; 2) cotejo crítico entre a Tradução Imperial e as duas versões poéticas feitas pelo Barão; 3) um levantamento das traduções do *Prometeu Acorrentado* publicadas no Brasil e de seus respectivos tradutores.

Palavras-chave: Tradução; D. Pedro II; recepção.

***Prometheus Bound* and the translations' poetics of João Cardoso de Menezes and Dom Pedro II.**

Abstract: This dissertation focuses on the Aeschylus' tragedy *Prometheus Bound* and its translators in Brazil; among which we highlight two: Dom Pedro II, the last emperor of Brazil, and João Cardoso de Menezes e Souza, Baron of Paranapiacaba. The work is structured and divided into three parts, namely: 1) full transcript of the translation made by Dom Pedro II of the tragedy *Prometheus Bound* and the two poetic versions made by the Baron of Paranapiacaba, which were encouraged by the Emperor himself; 2) critical comparison of the translation and the two poetic versions made by Baron; 3) a survey of the translations of *Prometheus Bound* published in Brazil and of the respective translators.

Keywords: translation; D. Pedro II; reception.

LISTA DE QUADROS

Quadro I. As versões de Paranapiacaba para os versos 887-93 do original (fala do Coro)	p.57
Quadro II. As versões de Paranapiacaba para os versos 1063-9 do original (fala do Coro).....	p.57
Quadro III. Análise comparativa entre original e tradução	p.80
Quadro IV. Cotejo das versões poéticas do Barão de Paranapiacaba para os versos 3-6 do original	p.98
Quadro V. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.3-6)	p.104
Quadro VI. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.14-5)	p.106
Quadro VII. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.19-24)	p.110
Quadro VIII. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.64-5)	p.112
Quadro IX. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e a versão de Ramiz Galvão (original, vv.64-5)	p.113
Quadro X. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e a versão 1 de Paranapiacaba (original, vv.88-91)	p.117
Quadro XI. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e a versão 2 de Paranapiacaba (original, vv.88-91)	p.117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Trecho da última página do Documento 4695-A (IHGB)	p.19
Figura 2. Trecho da tradução de Dom Pedro II referente aos versos 1063-9 do <i>Prometeu</i> (Doc.4695-A/ IHGB)	p.20
Figura 3. Trecho da terceira página do Manuscrito Imperial (Doc.4695-A/ IHGB)	p.20
Figura 4. Trecho da quarta página do Documento 4695-A (IHGB), não numerada no manuscrito	p.21
Figura 5. Trecho da primeira fala de Prometeu traduzida pelo Imperador (Doc.4695-A/ IHGB)	p.22
Figura 6. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.22
Figura 7. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.22
Figura 8. Trecho do Documento 4695-A (IHGB)	p.22
Figura 9. Detalhe do Documento 4695-A (IHGB)	p.22
Figura 10. Trecho do Documento 4695-A (IHGB)	p.23
Figura 11. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.24
Figura 12. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.24
Figura 13. Imagens de algumas palavras proparoxítonas encontradas no Documento 4695-A (IHGB)	p.25
Figura 14. Imagens de palavras paroxítonas terminadas em vogais “o” e “a” (Doc. 4695-A/ IHGB)	p.25
Figura 15. Imagens de palavras paroxítonas encontradas no manuscrito (Doc. 4695-A/ IHGB)	p.25
Figura 16. Imagens de palavras oxítonas encontradas no manuscrito (Doc.4695-A/ IHGB)	p.25

Figura 17. Imagens de palavras oxítonas encontradas no manuscrito (Doc.4695-A/IHGB)	p.25
Figura 18. Imagem de trecho do Documento 4695-A (IHGB)	p.26
Figura 19. Imagem de trecho do Documento 4695-A (IHGB)	p.26
Figura 20. Imagem de trecho da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc. 4695-A/IHGB)	p.26
Figura 21. Imagem de trecho da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc. 4695-A/IHGB)	p.27
Figura 22. Imagem do texto da última fala de Prometeu traduzida por Dom Pedro II (Doc. 4695-A/ IHGB)	p.28
Figura 23. Imagem de trecho da terceira página do Manuscrito Imperial (Doc.4695-A/IHGB)	p.33
Figura 24. Trecho dos versos 536-54 do <i>Prometeu Acorrentado</i> , edição de Thomas Stanley (1809), <i>Aeschyli tragoediae quae supersunt</i> , digitalizada pela Universidade de Cambrigde em 2010	p.74
Figura 25. Trecho referente aos versos 536-50 do <i>Prometeu Acorrentado</i> , edição de Christian Gottfried Schültz, <i>Aeschyli tragoediae quae supersunt ac deperditarum fragmenta</i> , também de 1809	p.75
Figura 26. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc. 4695-A/ IHGB)	p.271
Figura 27. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.271
Figura 28. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.272
Figura 29. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB)	p.272

SUMÁRIO

PARTE I – O *PROMETEU ACORRENTADO* DE DOM PEDRO II E AS POSTERIORES TRADUÇÕES BRASILEIRAS DESSA TRAGÉDIA

INTRODUÇÃO p.14

Cap. 1 – As versões brasileiras do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo p.31

1.1. Levantamento das traduções brasileiras (considerações preliminares) p.31

1.2. Dom Pedro II p.45

1.3. João Cardoso de Menezes e Souza, o Barão de Paranapiacaba p.51

1.4. Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz p.64

1.5. J. B. de Mello e Souza p.68

1.6. Jaime Bruna p.72

1.7. Napoleão Lopes Filho p.74

1.8. Mário da Gama Kury p.78

1.9. Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves p.80

1.10. O Tradutor Anônimo p.83

1.11. Alberto Guzikp.85

1.12. Jaa Torranop.87

1.13. Trajano Vieirap.91

Conclusão do primeiro capítulo p.95

Cap. 2 – Análise da tradução de Dom Pedro II e de suas versões poéticas

..... p.97

2.1. Primeira rodada de leitura p.98

2.2. Segunda rodada de leitura p.107

2.3. Terceira rodadap.109

2.4. Quarta rodada p.113

2.5. Quinta e última rodada p.115

Conclusão do segundo capítulop.120

PARTE 2 – TRANSCRIÇÕES

Cap.3 – Transcrição da tradução em prosa de Dom Pedro IIp.123

Cap.4 – Transcrição da primeira versão poética feita pelo Barão de Paranapiacaba p.158

Cap.5 – Transcrição da segunda versão poética feita pelo Barão de Paranapiacaba p.219

CONCLUSÃO GERAL DA DISSERTAÇÃOp.274

ANEXOS:

Transcrição da carta do Barão de Paranapiacaba enviada à Princesa Isabelp.283

Transcrição do Prefácio escrito por Lafayette Rodrigues Pereira a pedido do Barão de Paranapiacaba p.285

Haroldo de Campos: um luciferino tradutor brasileiro..... p.289

BIBLIOGRAFIA p.295

PRIMEIRA PARTE:

O *PROMETEU ACORRENTADO* DE DOM PEDRO II E AS POSTERIORES
TRADUÇÕES BRASILEIRAS DESSA TRAGÉDIA

INTRODUÇÃO

Muitos poetas e prosadores brasileiros dedicaram-se ao ofício da tradução de obras literárias; entretanto, tal atividade não é geralmente mencionada nas Histórias da Literatura Brasileira (ASEFF, 2012, p.24). Sílvio Romero, historiador de nossa Literatura, faz um julgamento negativo quanto à validade estética e literária das traduções em geral:

Em geral sou infenso a traduções de poetas. Traslados em prosa ficam mortos; vertidos para verso, ficam sempre desfigurados. Uma tradução poética dificilmente dará o desenho da obra traduzida e jamais fornecerá o colorido. As melhores traduções existentes, como a *Ilíada* por Voss, a do *Fausto* por Marc Monnier, são obras de terceira ordem. Não podem jamais reproduzir o ritmo, o tom, a melodia do original (ROMERO apud CAMPOS, 1997, p.250).

Tal concepção expressa a crença na inferioridade da tradução em relação à obra traduzida. Quando muito, reconhece apenas o mérito da instrumentalidade da prática tradutória, fortalecendo “valores que constituem o estigma do *Traduttore Traditore*” (FURLAN, 2015, p.256).

Parece estar longe da cogitação de Romero o fato de que a tradução também é um espaço de criação (ROMANELLI, 2014, p.105). O tradutor criativamente busca encontrar “na língua em que se está traduzindo aquela intenção por onde o eco do original pode ser ressuscitado” (BENJAMIN, 2008, p.35). O valor de uma tradução literária é comumente vinculado à proximidade conceitual e/ou formal que esta tem com o texto de partida. Tal proximidade pode ser explorada de forma criativa pelo tradutor, pois “enquanto que por um lado todos os elementos particulares das línguas estrangeiras – as palavras, as frases e as relações – se excluem reciprocamente, por outro lado as próprias línguas completam-se nas intenções comuns que pretendem alvejar” (ibidem, p.32). Como toda prática linguística, a tradução “é histórica e reflete uma concepção histórica da linguagem, e, portanto, mutável através dos tempos” (FURLAN, 2015, p.247). A concepção histórico-materialista contemporânea de linguagem e escritura “torna o tradutor obrigatoriamente um coautor do texto traduzido” (ibidem, p.247).

Numa das raras e tímidas exceções de dar destaque a essa prática entre nós, Olavo Bilac, na primeira parte de seu *Tratado de Versificação*, faz um breve panorama da história da Literatura Brasileira até o seu tempo, e menciona a prática tradutória de dois poetas. Um deles é Odorico Mendes, tradutor de Homero e Virgílio, conhecido por muitos devido aos estudos de Haroldo de Campos, este também poeta e tradutor. O outro, nas palavras de Olavo Bilac: “João Cardoso de Menezes, barão de Paranapiacaba, nascido em 1827, e ainda hoje vivo e em plena actividade litteraria, estreiou em 1849 com a *Harpa Gemedora*, e tem publicado várias traducções de Byron, Lamartine e La Fontaine” (BILAC & PASSOS, 1905, p.26, ortografia original mantida)¹.

Bilac publicou a passagem citada em 1905. Passados dois anos, o Barão de Paranapiacaba publica duas versões poéticas da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo. Em seu livro de 1907², o Barão informa que Dom Pedro II fizera uma tradução em prosa do *Prometeu*, e que o Imperador solicitou-lhe uma versão em versos portugueses a partir de sua tradução em prosa. Mas, como se sabe, o Barão acabou realizando duas versões poéticas. Paranapiacaba ainda informa que Dom Pedro II foi deposto no mesmo ano em que lhe entregou o manuscrito, isto é, em 1889. Reproduz-se a seguir a ortografia original da edição de 1907, na qual o Barão de Paranapiacaba narra o ocorrido:

Ao retirar-me, S.Magestade recomendou-me não me esquecesse do “Prometheu acorrentado”, cujo original me havia entregado na penultima conferencia. Nunca mais o vi. Partio para Petropolis, donde regressou a 16 de Novembro, para ficar prisioneiro no paço da cidade (PARANAPIACABA, 1907, p.224).

Paranapiacaba ainda informa que tentou ver o Imperador, mas em vão:

¹ Entre outros textos traduzidos pelo Barão de Paranapiacaba, podemos citar: PLAUTO, *Aululária*, Rio de Janeiro: Typographia Chrysalida, 1888; EURÍPIDES, *Alceste*, Rio de Janeiro: Renascença, Bevilacqua, 1908; SÓFOCLES, *Antígone*, Rio de Janeiro: Renascença, Bevilacqua, 1909. O acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB – USP) possui as edições citadas da *Aululária* de Plauto e da *Antígone* de Sófocles.

² *Prometheu Acorrentado, original de Eschylo – vertido litteralmente para o portuguez por Dom Pedro II, Imperador do Brasil, trasladação poetica do texto pelo Barão de Paranapiacaba*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. Antes de publicar suas versões no livro de 1907, o Barão afirma em carta escrita à Princesa Isabel (I-POB – Maço 204 – Doc. 9329. Museu Imperial/Ibram/Ministério da Cidadania): “D’essas duas versões tem apparecido longos trechos na imprensa” (ortografia original mantida). Pode-se citar, dentre as publicações anteriores ao livro de 1907, a da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomo LXVIII, 1906.

Empreguei todos os esforços para entrar naquella prisão. Não pude conseguil-o. Passei, frequentes vezes, por diante das janellas, que correspondiam ao aposento, em que elle estava encerrado e roguei, de fóra, ao Marechal Miranda Reis, que acompanhava o Monarcha, licença para entrar. Respondeo-me elle não m'a podia conceder (PARANAPIACABA, 1907, p.224).

E ainda:

[...] o Monarcha, com Sua Magestade a Imperatriz, a princeza Imperial D.Izabel, o principe consorte e um de seos filhos, ficou detido n'esta capital no paço da cidade, sob a vigilância de sentinelas, alli postadas por ordem dos proclamadores da Republica.

Dous dias depois, a horas mortas da madrugada, fizeram-n'ó embarcar no *Alagôas*, vapor mercante do *Lloyd Brasileiro*, que, armado em guerra, seguiu, barra fóra, levando-o caminho do exílio. [...] Em dezembro de 1889, na cidade do Porto, vio morrer, victimada por torturas moraes, a virtuosa esposa, que lhe fôra anjo de conforto.[...] Na effusão do entranhavel amor, com que extremeceo,[D.Pedro II] fez transpor á Europa uma pouca de terra, extrahida do solo brasileiro, para encamar o ataúde, em que devia ser conduzido á derradeira morada. E com effeito, Seo coração, já enregelado, esse coração, cujas fibras haviam estalado com as pulsações das mais cruciantes angustias, repousa hoje, unido a esse punhado de terra da pátria, pela qual sempre palpitou, afervorado, até o derradeiro aneio (ibidem, p.265, grifo do autor).

Cerca de cinco anos depois da queda da Monarquia, o Barão mostra o caderno no qual estava a tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado* feita por D.Pedro II a Lafayette Rodrigues Pereira:

[...] n'uma daquellas agradaveis palestras, em que roças por todos os assumptos, amenisando-os e salpicando-os com o teo inextgotavel sal Attico, mostrei-te um pequeno livro contendo a traducção litteral do *Prometheu Acorrentado*, de Eschylo.

Conheceste logo a letra do manuscripto, pois te era familiar, desde que occupaste e honraste os altos cargos de Presidente do Conselho e Ministro da Fazenda.

Fôra D.Pedro II quem escrevera aquella traducção, por elle litteralmente feita do original grego.

Fôra o Imperador quem me entregara aquelle volumito, manifestando o desejo de que eu trasladasse para verso portuguez a sua prosa (ibidem, p.IX).

Infelizmente, Dom Pedro II nunca pôde ler as versões poéticas da lavra de Paranapiacaba; pois a primeira só começou a ser feita depois de quase 10 anos do dia em que entregou seu manuscrito ao Barão. Há de se lembrar que Dom Pedro II confiou o manuscrito a Paranapiacaba em 1889, faleceu em 1891, e o Barão começou a fazer o primeiro traslado poético somente em 1899, como se pode averiguar em carta escrita por Paranapiacaba ao Conselheiro Lafayette em 10 de outubro de 1899: “Entrando, ultimamente, em forçado repouso de um mez, metti hombros á empresa, de que me

havia, com satisfação, incumbido; encetei e levei a cabo a accommodation poética daquela versão”(PARANAPIACABA, 1907, p.X).

Quanto às versões do *Prometeu Acorrentado* feitas pelo Barão de Paranapiacaba e ao manuscrito de D.Pedro II, há questões que ainda precisam ser elucidadas.

Em *Manuscrito e Tradução: espaços de criação*, Sergio Romanelli (2014, p.113) escreve:

Somente três obras traduzidas pelo Imperador foram até hoje publicadas, a saber:

1)*Prometheu Acorrentado*. Vertido literalmente por Dom Pedro II; trasladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

2)*Poesias (originais e traduções) de D. Pedro II* (1889), sendo esse uma homenagem de seus netos;

3)*Poesias Hebraico-Provençais do ritual israelita Comtadin*, impressa em Avignon, em 1891.

Em visita ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB - USP), conseguimos consultar e fotografar a primeira das obras citadas por Romanelli (*Prometheu Acorrentado*. Vertido literalmente por Dom Pedro II; trasladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907). Causou-nos surpresa constatar que a edição, a qual é considerada uma das poucas publicações das traduções de D.Pedro II, não traz a reprodução de sua tradução feita em prosa da tragédia de Ésquilo, mas apenas as versões poéticas da lavra de Paranapiacaba. Na primeira das versões apresentadas no livro, Paranapiacaba emprega rimas, além da forma métrica variar de acordo com o personagem. Já na segunda versão, predominam os decassílabos soltos, isto é, sem o emprego de rimas.

Em “O Prometeu dos Barões” (1997), Haroldo de Campos faz um importantíssimo resgate de trechos da segunda versão apresentada no livro de Paranapiacaba (versão em que predominam os decassílabos soltos). No mesmo compêndio onde se encontra o ensaio (ALMEIDA & VIEIRA, *Três Tragédias Gregas*, 1997), há também a reprodução integral da tradução do *Prometeu Acorrentado* feita por Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz, professor de grego do Colégio Pedro II (pp.255-86). A tradução feita por Ramiz também fora incentivada pelo Imperador.

Apesar da grande importância do ensaio de Haroldo de Campos para a história da recepção dos Clássicos no Brasil, a tradução em prosa de Dom Pedro II não entra em análise em seu ensaio.

Entre as produções acadêmicas que abordam as versões poéticas incentivadas por Dom Pedro II, vale a pena citar o artigo de Paula da Cunha Corrêa “Em busca da tradição perdida” (1999). Mais do que fazer uma resenha do livro supracitado *Três tragédias gregas* (ALMEIDA & VIEIRA, 1997), Corrêa empreende uma interessante análise das versões do *Prometeu Acorrentado* feitas por Ramiz Galvão e pelo Barão de Paranapiacaba (versão em que predominam os decassílabos soltos), trazendo também para a discussão a tradução do *Prometeu Acorrentado* de autoria de Trajano Vieira. Embora o artigo evoque, assim como o texto de Campos, a tradição de tradutores brasileiros do *Prometeu Acorrentado*, e também apresente uma abordagem instigante na análise empreendida, não tem como um de seus objetivos citar trechos da tradução em prosa de Dom Pedro II e analisá-los juntamente com as outras traduções.

Em *O Barão de Ramiz* (1972), A. Mauricéa Filho coteja a versão na qual Paranapiacaba emprega rimas com a tradução de Ramiz Galvão, também tendo em vista o texto original de Ésquilo, e às vezes fazendo intervir soluções da tradução portuguesa de Bazílio Teles. Além disso, o autor escreve o seguinte comentário acerca do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado*:

Ora, tivemos a ventura de folhear, com a máxima reverência, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passando e repassando pelas mãos as suas folhas algo amarelecidas pelo tempo, o Manuscrito Imperial, consistindo de um caderno (tipo colegial, simples) menos da metade escrito e mais da metade em branco, onde o Sr. Imperador Pedro II deixara ficar, com sua letra pequenina, mas muito bem traçada e bem legível, a famosa tragédia de Ésquilo, sem esquecer S. Magestade de apor, ao fim do trabalho, em caracteres firmes, a data: 14 de abril de 1871. O preciosíssimo documento encontra-se no Instituto Histórico muito bem conservado, como todas as peças que ali se acham – relíquias de nossa Tradição - e devidamente classificado (MAURICÉA FILHO, 1972, pp.243-4).

Embora A. Mauricéa Filho faça uma importantíssima descrição da existência real do Manuscrito Imperial, não o coteja, porém, com as traduções de Paranapiacaba e Ramiz Galvão. Quase no final da análise, apenas transcreve um pequeno trecho da tradução de Dom Pedro II, a saber: “do que então se apresentava, parecia o mais acertado, tomando comigo a minha Mãe, auxiliar de boa vontade a Júpiter, que o queria” (MAURICÉA FILHO, 1972, p.261).

Apesar de ter fomentado pelo menos três versões do *Prometeu Acorrentado* (duas de Paranapiacaba e uma de Ramiz Galvão), é lamentável que a versão em prosa feita por Dom Pedro II ainda não tenha sido estudada mais detalhadamente.

Como, então, poderíamos dizer que o livro *Prometeu Acorrentado*, de 1907, citado por Romanelli, é uma das poucas traduções do Imperador publicadas até então? Até que ponto as versões de Paranapiacaba estão ligadas semanticamente à tradução do Imperador? Será que os méritos ou os pontos fracos dessas versões podem ser atribuídos também à tradução em prosa de Dom Pedro II? São questões sobre as quais pretendemos nos debruçar e responder ao longo da presente dissertação. Para isso, objetiva-se:

1) Empreender a transcrição integral da tradução feita por Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* e das duas versões poéticas feitas pelo Barão de Paranapiacaba;

2) Realizar o cotejo crítico entre a Tradução Imperial e as duas versões poéticas feitas pelo Barão.

A história da tradução de literatura greco-romana no Brasil ainda está para ser escrita (DUARTE, 2016). Mas não temos a pretensão de escrevê-la sozinhos. Pois “um mínimo de honestidade nos afasta de empresas que não podemos realizar” (RAMOS, 2008, p.63). Por outro lado, entendemos que, ao realizarmos a transcrição completa da tradução em prosa de Dom Pedro II e das versões poéticas de Paranapiacaba, daremos mais um passo rumo ao atendimento dessa grande demanda nos estudos da recepção e tradução dos Clássicos em nosso país.

Em vista desse último tópico, buscamos recuperar a história das traduções do *Prometeu Acorrentado* publicadas no Brasil e de seus respectivos tradutores, situando nela a de D. Pedro II. A presença do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo no Brasil pode ser constatada pelo número e, sobretudo, pela qualidade de suas traduções. O tradutor, “como o primeiro interprete de um texto, é o elo inicial de uma rede que visa a tornar o clássico vivo, presente para a sociedade” (DUARTE, 2016, p.26). O levantamento das traduções brasileiras do *Prometeu Acorrentado* e de seus respectivos tradutores visa tornar ainda mais evidente essa corrente de esforços individuais que contribuiu para que a antiga tragédia grega permanecesse viva em língua portuguesa até os nossos dias.

Manuscrito e sua transcrição integral

Graças ao apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na pessoa de Sônia N. de Lima (Chefe do Arquivo), conseguimos uma cópia fac-similar do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado*,

de Ésquilo (Doc. 4695-A). O manuscrito encontra-se totalmente transcrito na presente dissertação (pp. 123-57).

O trabalho de transcrição foi feito em diálogo com as seguintes obras: *Noções de paleografia e diplomática* (2008), de Anna Regina Berwanger e João Eurípides Franklin Leal; *Introdução à crítica textual* (2005), de César Nardeli Cambraia; *Fundamentos da crítica textual* (2004), de Bárbara Spaggiari e Maurizio Perugi; e *Edições crítica e genética de “A Morgada de Romariz”* (2009), de Carlota Frederica Pimenta. Não existe um consenso absoluto sobre os critérios propostos pelos autores acima citados. Por isso, procuramos utilizar aquilo que mais se adequava às especificidades da nossa pesquisa. A seguir, teceremos algumas considerações gerais sobre o manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II e sobre os critérios adotados no trabalho de transcrição.

O Manuscrito Imperial ocupa 47 páginas de um caderno com capa de papelão indeformável, 23 centímetros de comprimento por 19 centímetros de largura e 1 centímetro de espessura (MAURICÉA FILHO, 1972, p.244). A data do término da tradução é colocada na última página do manuscrito. A numeração das páginas parece ter sido feita a lápis, de forma alternada (somente as ímpares são numeradas). No entanto, a página 7 do manuscrito foi erroneamente marcada como página “6”. O equívoco persiste até o final do manuscrito, cuja última página traz “46”, sendo que há 47 páginas de tradução:

Figura 1. Trecho da última página do Documento 4695-A (IHGB).

O trabalho de transcrição seguirá os seguintes critérios gerais:

- a) Palavras com “s” duplicado apresentam uma característica interessante na caligrafia do século XIX no Brasil: o primeiro “s” é chamado “caudado” (BERWANGER & LEAL, 2008, p.100). Veja-se a reprodução de como era escrito o primeiro “s” da palavra “apressa-te”, por exemplo: . Essa particularidade da caligrafia não era reproduzida nas publicações

tipográficas da época, e seguimos essa tendência em nosso trabalho de transcrição.

- b) A pontuação original foi mantida.
- c) As maiúsculas e as minúsculas foram mantidas tal qual estão presentes no original, com exceção do “s” caudado.
- d) A ortografia foi mantida na íntegra, não se efetuando nenhuma correção gramatical:

Figura 2. Trecho da tradução de Dom Pedro II referente aos versos 1063-9 do Prometeu (Doc.4695-A/ IHGB).

Chòro

Dize, e aconselha-me outra cousa; pois que me seduziste com essas palavras de nenhum modo toleraveis. Como é que me ordenas praticar infâmias? Com elle quero soffrèr o que fôr necessario; pois aprendi a aborrecèr os traidores, nem ha peste que mais me repugne do que esta (...).

- e) A transcrição do texto foi feita de forma corrida, e a divisão original dos parágrafos, respeitada.
- f) Indicamos a numeração original da página entre colchetes, ex.: [fl.3], mesmo no meio do texto corrido, quando necessário. Os colchetes serão sublinhados para indicar que a página em questão não está marcada no manuscrito, ex.: [fl.4]:

Figura 3. Trecho da terceira página do Manuscrito Imperial (Doc.4695-A/ IHGB).

[fl.3]

*Força**De nada vale deploral-o; não faze pois cousas, que nada aproveitão.*

Figura 4. Trecho da quarta página do Documento 4695-A (IHGB), não numerada no manuscrito.

[fl.4]

*Vulcano**Está feito, e não dura este trabalho.*

- g) Os elementos textuais interlineares ou marginais autógrafos que completam o escrito serão inseridos no texto entre os sinais <....>:

Figura 5. Trecho da primeira fala de Prometeu (vv.88-126) traduzida pelo Imperador (Doc.4695-A/ IHGB).

Prometheu

<Oh ar divino>, e ventos de azas velozes, e fontes dos rios,(...)

- h) Também utilizaremos os seguintes sinais diacríticos:

* = o asterísco indica que algo foi riscado e está ilegível no ponto em que ele aparece.

[] = algo foi escrito sobre

[*] = escrito sobre algo que foi riscado e que está ilegível.

<↑....> = acréscimo textual no espaço interlinear superior.

<↓....> = acréscimo textual no espaço interlinear inferior.

~~Prometeu~~ = palavra riscada, mas legível.

/ilegível/ = palavra não riscada, mas ilegível.

{ ... } = manuscrito deteriorado na passagem em questão.

Veja-se a seguir algumas expressões comuns no uso dos sinais diacríticos em nossa transcrição:

<↑...> [*] = acréscimo textual no espaço interlinear superior sobre algo que foi riscado e que está ilegível. Exemplo:

Figura 6. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A /IHGB).

(...)pois novos <↑timoneiros>[*]³ regem o Olympo, (...).

<↑...> [...] = acréscimo textual no espaço interlinear superior sobre texto legível. Exemplo:

Figura 7. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A /IHGB).

Ah!<↑Que cousa?>[Tambem] tu vieste expectadôr de meus trabalhos?

Quando o acréscimo textual interlinear não é seguido do diacrítico “[]” (“sobre”), significa que o acréscimo está entre duas palavras, acima do espaço em branco. Exemplo:

Figura 8. Trecho do Documento 4695-A (IHGB).

(...) chamma brilhante <↑do>sol (...).

Pode ser que ocorra um acréscimo sobre algo que esteja riscado e ilegível juntamente com outra palavra, que também fora riscada, mas que pode ser lida.

³ A palavra “Timoneiros” foi escrita sobre algo que foi riscado. Apesar de não ser possível ler claramente qual palavra foi riscada no trecho destacado, mesmo ampliando a imagem do manuscrito, algumas letras, porém, são legíveis: g...a...do...es. Brunno V.G. Vieira, Professor de Letras Clássicas da UNESP, durante a arguição da presente Dissertação, sugeriu a leitura “governadores” para a palavra riscada. Ver página 128.

Figura 9. Detalhe do Documento 4695-A (IHGB).

(...) porem< ↑dezejava> [* ~~queria~~], (...).

- i) As palavras sublinhadas pelo autor do manuscrito também serão sublinhadas na transcrição:

Figura 10. Trecho do Documento 4695-A (IHGB).

*Chegamos a terra remota, á região Scythia; a ermo despovoado.
Vulcano, cumpre cuidares das ordens, que te deu o pae de (...).*

- f) Outras particularidades do manuscrito foram indicadas por meio de notas de rodapé.

Diante dos critérios supramencionados, pode-se afirmar que a transcrição empreendida é de caráter *diplomático* ou *genético*; pois se transcreverá também os acidentes de escrita e as emendas, o que de certa forma revela algo do processo criativo do autor do manuscrito, isto é, sobre a gênese da sua tradução. Por isso esse tipo de transcrição é chamado comumente de *transcrição genética* (PIMENTA, 2009, p.16). Também afirmamos que a ortografia do Manuscrito Imperial será respeitada. Por isso, seria profícuo tecer algumas considerações sobre a ortografia da língua portuguesa na segunda metade do século XIX.

Ramiz Galvão (o Barão de Ramiz), em seu livro *Vocabulario etymologico, orthographico e prosódico das palavras portuguezas derivadas da lingua grega* (1909), afirma que não havia um acordo ortográfico único no Brasil na época do Segundo Império, e que os dicionários de língua portuguesa de sua época:

[...] cada qual grapha como entende, e os próprios glottologos discutem sem resultado practico as vantagens dos systemas phonetico, etymologico e

eclectico, que correspondiam ás trez correntes de opinião nesta matéria” (RAMIZ GALVÃO, 1909, p.II)⁴.

Ramiz Galvão estava ligado à vertente chamada “etimológica”. Em sentido lato, esse sistema ortográfico preconizava que as palavras vernáculas deveriam utilizar as palavras latinas ou gregas como paradigmas para sua escrita (a etimologia nem sempre era feita de forma rigorosa por alguns autores, o que gerava confusão e variedade na grafia de algumas palavras). Era comum, por exemplo, transliterar as letras gregas θ, φ, χ por th, ph e ch nas palavras portuguesas que tivessem sua origem no idioma grego, como, por exemplo, *eschola* “escola” (RAMIZ GALVÃO, 1909, p.IV-V)⁵. Dom Pedro II parece seguir tal sistema ortográfico em sua tradução em prosa.

Apresentar-se-á a seguir alguns exemplos tirados do próprio Manuscrito Imperial para explicitar as principais diferenças entre a ortografia vigente em nossos dias e a adotada pelo Imperador.

- 1) A forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo tem o sufixo em “-ão” em vez de “- am”:

Figura 11. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc. 4695-A / IHGB).

(...) *te de tuas bôdas alcançaste, oh moça! Pois as palavras que ouviste agora nem no proemio te **pareção** estar.*

- 2) A forma da primeira pessoa do singular do presente indicativo do verbo “odiar” é *odío* em vez de “odeio” e da terceira pessoa do singular é *odía*, em vez de “odeia”:

Figura 12. Trecho do manuscrito da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc. 4695-A / IHGB).

⁴ Reproduzimos a ortografia da publicação original.

⁵ A corrente etimológica foi teorizada inicialmente por Duarte Nunes de Leão na sua *Orthografia da lingoa portugueza* em 1576. Outro autor importante foi Madureira Feijó com sua *Orthographia, ou Arte de Escrever, e pronunciar com acerto a lingua portuguesa* em 1734, obra na qual defende a etimologia na ortografia.

Prometheu

*Em uma palavra **odío** todos os deuses; quantos beneficiados me fazem mal injustamente.*

- 3) As palavras proparoxítonas não são acentuadas, como, por exemplo, *animo* (ânimo); *aspero* (áspero); *artifice* (artífice); *colera* (cólera); *habito* (hábito); *miseros* (míseros); *Tartaro* (Tártaro):

Figura 13. Imagens de algumas palavras proparoxítonas encontradas no Documento 4695-A (IHGB).

- 4) As palavras paroxítonas terminadas em “a(s)”, “o(s)”, “e(s)” são acentuadas com (˘), se o som da sílaba tônica for fechado, e com (˙) se o som for aberto: *algêmas* (algemas); *ansiòso* (ansioso); *fóra* (fora); *oceàno* (oceano):

Figura 14. Imagens de palavras paroxítonas terminadas em vogais “o” e “a” (Doc.4695-A/ IHGB).

As paroxítonas terminadas com as demais consoantes e as terminadas em ditongo não são acentuadas:

Figura 15. Imagens de palavras paroxítonas encontradas no manuscrito (Doc.4695-A/ IHGB).

- 5) As palavras oxítonas terminadas em “em” e “ens” não são acentuadas: *alem* (além); *alguem* (alguém); *ninguem* (ninguém); *porem* (porém); *tambem* (também). Já nas versões poéticas da lavra de Paranapiacaba (1907), é possível ver a forma “porém”:

Figura 16. Imagens de palavras oxítonas encontradas no manuscrito (Doc.4695-A/ IHGB).

- 6) Palavras oxítonas terminadas em “er” e “or” são acentuadas: *expectadòr* (expectador); *terròr* (terror); *vèr* (ver):

Figura 17. Imagens de palavras oxítonas encontradas no manuscrito (Doc.4695-A/ IHGB).

A crase é marcada com (´) em vez de (ˆ):

Figura 18. Imagem de trecho do Documento 4695-A (IHGB).

(...) voltará ainda anciòso **á** concordia, (...).

- 7) Uso dos pronomes átonos *la(s)* e *lo(s)* é bastante peculiar: *denuncial-o-ei* (denunciá-lo-ei); *explical-o-ei* (explicá-lo-ei); *ignoral-o* (ignorá-lo); *obtèl-a* (obtê-la):

Figura 19. Imagem de trecho do Documento 4695-A (IHGB).

- 8) A *ortografia etimológica* deu origem às seguintes grafias encontradas no manuscrito: *Afflicto* (aflito); *dezejava* (desejava); *emtorno* (entorno); *ephmeros* (efêmeros); *irmaãs* (irmãs); *monarcha* (monarca). Note-se a seguir outros exemplos retirados do manuscrito:

Figura 20. Imagem de trecho da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB).

(...) *donzellas anciaãs*, com forma de *cysne*, possuindo um olho *commum* e um dente, a quem ~~jamaiz~~ *jamaiz* nem o sol olha com seus raios, nem a *nocturna* lua. Perto

estão suas **trez irmãs**, as aligeras; anguicomias Gorgones aos **mortaes** odiosas, que nenhum mortal encarando conservará o espirito vital.

- 9) “Porque” como forma única para “por que” e “porque”:

Figura 21. Imagem de trecho da tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB).

Io

Porque hesitas então em dizer-me tudo?

Essas são as características gerais do manuscrito, de sua transcrição e de sua ortografia. Na primeira parte da presente dissertação, será apresentado o levantamento das traduções brasileiras do *Prometeu Acorrentado*, juntamente com algumas considerações sobre a poética tradutória de cada um dos tradutores elencados (Capítulo 1). O cotejo crítico entre as versões poéticas de Paranapiacaba e a tradução feita por Dom Pedro II ocorrerá no Capítulo 2. A segunda parte da dissertação é destinada às transcrições. O Capítulo 3 será dedicado à transcrição completa da tradução em prosa de Dom Pedro II. Nos Capítulos 4 e 5, respectivamente, encontram-se as transcrições das duas versões poéticas do Barão de Paranapiacaba, feitas a partir do livro publicado em 1907, e seguindo os critérios gerais de transcrição expostos anteriormente, sobretudo no que se refere à ortografia e à divisão dos parágrafos. Após as transcrições, temos a Conclusão Final da Dissertação.

Em 2018, publicamos o artigo “A tradução em prosa de Dom Pedro II da tragédia ‘Prometeu acorrentado’ de Ésquilo”, na Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, *Rónai*, no qual apresentamos os primeiros resultados de nossa pesquisa. Alessandra Fraguas, historiadora e pesquisadora do Museu Imperial, leu o artigo. Depois disso, gentilmente informou-nos sobre a existência dos esboços da tradução em prosa de Dom Pedro II, depositados no Museu Imperial (Maço 37 - Doc. 1057 B. de Dom Pedro II, Museu Imperial/ Ibram/ Ministério da Cidadania) e de uma carta escrita pelo Barão de Paranapiacaba à Princesa Isabel, na qual fala sobre a publicação de suas versões poéticas (Maço 204 – Doc. 9329, Museu Imperial/ Ibram/ Ministério da Cidadania). Graças à mediação de Fraguas, tivemos acesso a cópias digitalizadas dos

documentos citados. Trechos dessa versão preliminar de Dom Pedro II serão cotejados com sua versão final no Capítulo 2. A carta escrita por Paranapiacaba à Princesa Isabel foi totalmente transcrita, valendo-se dos mesmos critérios utilizados nas outras transcrições, e anexada à dissertação.

Encerraremos a presente introdução partilhando mais um trecho da transcrição empreendida do Manuscrito Imperial, referente à última fala de Prometeu traduzida por Dom Pedro II (vv.1080-93). A passagem em questão possui uma forte carga dramática. Por meio dos cataclismos naturais descritos por Prometeu, Zeus e sua terrível fúria se fazem presentes em cena:

Figura 22. Imagem do texto da última fala de Prometeu traduzida por Dom Pedro II (Doc.4695-A/IHGB).

Prometheu

E de facto, e não mais por palavras <↑balança-se>[*] a terra: rebõa o echo rugidõr do trovão; brilhão as espiraes <↑ardentes> [*] do relampago, e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sòpros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de oppostos furacões, e são abalados juntamente ar e mar. Taes impetos contra mim vem

*manifestamente de Jupiter para mettèrem mèdo. Oh nume de minha mãe, [fl.46]⁶ oh ar
que volves a luz commum de todos, vès quão injustamente soffro.*

14 de Abril de 1871

⁶Página 47 (última página), marcada como 46 no manuscrito.

CAPÍTULO 1 – As versões Brasileiras do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo

1.1. Levantamento das traduções brasileiras (considerações preliminares)⁷

O levantamento empreendido das traduções brasileiras do *Prometeu Acorrentado* e de seus respectivos tradutores se deu por meio de visitas a bibliotecas e livrarias, além de consultas a bancos de dados eletrônicos, como o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo, SIBiUSP. Todas as traduções encontradas foram lidas integralmente. Chegou-se ao seguinte resultado, sendo que antes do nome do tradutor de cada versão, encontra-se o ano da publicação original (as datas de suas reedições estão entre parênteses).

1871 - Dom Pedro II⁸

1907 - João Cardoso de Menezes e Souza, Barão de Paranapiacaba, duas versões distintas no mesmo livro.

1909 - Ramiz Galvão, Barão de Ramiz (1922, 1997).

1950 - J.B. de Mello e Souza (1964, 1966, 1969, 1970, 1998, 2001, 2002, 2005).

1964 - Jaime Bruna (1968, 1977, 1996).

1967 - Napoleão Lopes Filho.

1968 - Mário da Gama Kury (1993, 1998, 1999, 2004, 2009).

1977 - Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves

1980 – O Tradutor Desconhecido⁹

1982 - Alberto Guzik.

1985 – Jaa Torrano.

1997 – Trajano Vieira.

2009 – Jaa Torrano¹⁰.

⁷Neste capítulo não se considerarão as adaptações infantojuvenis do *Prometeu Acorrentado*, as quais mereceriam um estudo à parte.

⁸ Manuscrito da tradução em prosa feita por Dom Pedro II da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo (Doc.4695-A – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

⁹Trata-se de uma tradução anônima do *Prometeu Acorrentado* publicada por Otto Pierre Editores em 1980.

¹⁰Em entrevista dada a André Malta (2015), Jaa Torrano afirma que há mudanças entre as traduções de *Prometeu Prisioneiro* (1985) e *Prometeu Cadeeiro* (2009), mudanças estas que nos parecem substanciais, a começar pelos títulos das traduções. Por isso não consideramos a tradução de 2009 como uma simples reedição.

Seguindo o exemplo de Jorge Luis Borges no ensaio “As Versões homéricas” (1994, pp.71-8), a seguir serão apresentadas, em ordem cronológica, as versões brasileiras de uma mesma passagem do *Prometeu Acorrentado*. Borges usou recurso semelhante quando discorria acerca das traduções inglesas da *Odisseia*, afirmando que tais versões são na verdade “perspectivas variadas de um fato móvel” (ibidem, 1994, p.71). Depois da apresentação dos trechos das traduções, faremos algumas considerações sobre a afirmação de Borges, e também a exposição daquilo que nos chamou mais atenção nas versões elencadas. Ao que se pretende, valendo-se das palavras de Brunno V. G. Vieira (2010, p.70), quando discorria sobre as versões brasileiras da *Farsália* de Lucano:

[...]está fora de questão a imposição de um modo ‘certo’ de traduzir. Ao contrário, o que está em jogo é um exercício de conhecimento das diferentes modulações que um texto pode alcançar, quando trabalhado por tradutores de diferentes épocas, estilos e concepções transláticas.

No prólogo do *Prometeu Acorrentado*, o titã que dá nome ao drama é escoltado por outras três divindades: Kratos (“Poder”), Bia (“violência”, personagem mudo) e Hefesto, o ferreiro divino. Kratos insta Hefesto a cumprir as ordens de Zeus de encadear Prometeu num inóspito rochedo. No cumprimento das ordens dadas, Hefesto lamenta seu ofício, desejando que tal pertencesse a outro. Kratos, então, responde-lhe:

“ἅπαντ’ ἐπαχθῇ πλὴν θεοῖσι κοιρανεῖν:/ ἐλεύθερος γὰρ οὔτις ἐστὶ πλὴν Διός”
(*Prometeu Acorrentado*, vv.49-50)¹¹.

Veja-se a seguir as diferentes versões brasileiras para a citada resposta de Kratos:

Dom Pedro II, prosa, 1871: “Tudo foi feito para os deuses, exceto imperarem; pois ninguém é livre, salvo Júpiter”.

Barão de Paranapiacaba, verso, 1907, versão em que o metro varia de acordo com o personagem: “Aos Imortais concedido/ Tudo foi, menos o império./ Só Jove é livre”.

Barão de Paranapiacaba, verso, 1907, versão onde predominam os decassílabos brancos/soltos: “Tudo aos Deuses foi dado; unicamente/ não podem governar. A não ser Jove,/ Não é livre ninguém”.

¹¹ Os textos editados por Mark Griffith (1997), Paul Mazon (1953) e Christian G. Schütz (1809) do original do *Prometeu Acorrentado* não apresentam divergências de leitura para a passagem em questão.

Ramiz Galvão, verso, 1909: “Tudo aos numes foi dado exceto o mando; / ninguém é, senão Zeus, independente”.

J. B. de Mello e Souza, prosa, 1950: “Muito podem os deuses, na verdade, porém dependem de um poder supremo; só Júpiter é onipotente”.

Jaime Bruna, prosa, 1964: “Todos os quinhões foram negociados, menos o de governar os deuses; ninguém é livre senão Zeus”.

Napoleão Lopes Filho, prosa, 1967: “Tudo é concedido aos deuses, menos o império. Só Zeus é livre”.

Mário da Gama Kury, verso, 1968: “Todos temos a sorte predeterminada; / a única exceção é Zeus, o rei dos deuses./ Somente ele é livre entre imortais e homens”.

Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves, verso, 1977: “Tudo foi traçado, a não ser para o soberano dos deuses;/ livre de fato, ninguém é, exceto Zeus”.

Autor desconhecido, prosa, 1980: “Todas as atribuições estão já estabelecidas, exceto para o rei dos deuses, só Zeus é livre”.

Alberto Guzik, prosa, 1982: “Todos os trabalhos são desagradáveis, menos o de rei dos deuses, pois ninguém é livre senão Zeus”.

Jaa Torrano, verso, 1985: “Tudo se deu aos Deuses, menos reinar,/ pois livre ninguém é além de Zeus”.

Trajano Vieira, verso, 1997: “Os deuses tudo provam, salvo o mando;/ somente Zeus conhece o livre arbítrio”.

Jaa Torrano, verso, 2009: “Só não há ônus em ser rei de Deuses,/ pois ninguém é livre, além de Zeus”.

A língua grega, na qual foi escrito o *Prometeu Acorrentado*, não é um fato imóvel, estanque, pois seu estado e entendimento mudam à medida que surgem novas descobertas no campo da filologia. Mas não é só o entendimento da língua grega que se transforma. Subirat, o tradutor espanhol do *Ulysses* de Joyce, afirmou que “traduzir é a maneira mais atenta de ler” (apud CAMPOS, 2013, p.14), e leitores também mudam ao longo do tempo. Borges, com sua ironia tão peculiar, toca nessa questão em seu conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, texto no qual seu personagem, Menard, se empenha por recriar o *Quixote* de Cervantes em pleno século XX:

Compor o Quixote em princípios do século XVII era um empreendimento razoável, necessário, quem sabe fatal: em princípios do século XX, é quase impossível. Não transcorreram em vão trezentos anos, carregados de

complexíssimos fatos. Entre eles, para mencionar um apenas: o próprio *Quixote* (BORGES, 1999, p.495).

O narrador continua:

Constitui uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, nono capítulo):

... A verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

Redigida no século XVII, redigida pelo “engenho leigo” Cervantes, essa enumeração é mero elogio retórico da história. Menard, em compensação, escreve:

... A verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.

A história, mãe da verdade; a ideia é assombrosa. Menard, contemporâneo de William James, não define a história como indagação da realidade, mas como sua origem. A verdade histórica, para ele, não é o que aconteceu; é o que julgamos que aconteceu. As cláusulas finais – exemplo e aviso do presente, advertência do futuro – são descaradamente pragmáticas (ibidem, p.495).

Como já mencionado, quanto maior for o desejo de ler com atenção uma determinada obra, de penetrar em sua complexidade, maior será o desejo de traduzi-la (CAMPOS, 2013, pp.14, 17). Cada um dos tradutores brasileiros do *Prometeu Acorrentado*, assim como o Menard de Borges, fez sua leitura a partir de seu próprio repertório, a partir de sua própria época e valores. Entre os tradutores brasileiros do *Prometeu*, houve quem não se contentou com uma única “leitura atenta”. É o caso, como visto, do Barão de Paranapiacaba. Ele publicou duas distintas versões da mesma tragédia num mesmo livro. Para os versos 49 e 50 do *Prometeu Acorrentado*, na primeira versão apresentada em seu livro, o Barão verte: “Aos imortais concedido/ Tudo foi, menos o império/ Só Jove é livre”. Na outra versão apresentada no mesmo compêndio, temos: “Tudo aos Deuses foi dado; unicamente/ não podem governar. A não ser Jove,/ Não é livre ninguém”. Outro exemplo interessante é o do professor de Língua e Literatura Grega da USP José Antonio Alves Torrano (Jaa Torrano). Além de sua tradução do *Prometeu Acorrentado* publicada em 1985, Torrano empreende uma nova tradução da mesma tragédia depois de quase 24 anos, publicando-a em 2009. Em sua primeira tradução, lê-se: “Tudo se deu aos Deuses, menos reinar,/ pois livre ninguém é além de Zeus”. A tradução posterior, por sua vez, apresenta a seguinte solução: “Só não há ônus em ser rei de Deuses, pois ninguém é livre, além de Zeus”. Será que algo importante mudou entre essas duas versões? Acreditamos que sim. A

versão de 1985 afirma que tudo foi dado às divindades, “menos reinar”. Contudo, segundo o pensamento mítico grego, os deuses exerciam grandiosa autoridade sobre os mortais, e também havia reis entre os humanos. Já a tradução de 2009 deixa claro que tipo de poder é esse do qual os deuses foram privados: “Só não há ônus em ser rei de Deuses”, ou seja, eles foram privados de um poder superior, pertencente apenas a Zeus.

Esses exemplos indicam que a tradução não é “uma operação automática, fruto de geração espontânea, algo que demanda pouco esforço” (DUARTE, 2016, p.51), como se costuma pensar no senso comum. Veja-se o caso do próprio Dom Pedro II. Ele leu os versos 49-50 do *Prometeu* da seguinte forma: “Tudo foi feito para os deuses, exceto imperarem; pois ninguém é livre, salvo Júpiter” (sentido bastante próximo da tradução de Torrano publicada em 1985). O manuscrito no qual se encontra a tradução revela que o Imperador não chegou a essa solução sem hesitações, pois nos espaços interlineares da passagem citada, ele anotou em letras pequeninas (terceira página do manuscrito): “(exceto para os deuses o imperarem – isto é – Tudo custou trabalho, exceto imperarem os deuses, pois somente Júpiter é livre (não obedece; impera) (Qual a melhor interpretação?)”.¹²

Figura 23. Imagem de trecho da terceira página do Manuscrito Imperial (Doc.4695-A/ IHGB).

Os pontos de divergência entre tradutores na leitura de uma mesma passagem são valiosos a quem se debruça sobre os estudos das práticas tradutórias, pois em tais pontos o posicionamento pessoal de cada um dos tradutores se torna ainda mais evidente. Um exemplo disso são os instigantes problemas interpretativos suscitados pelo Coro das Oceaninas (“Oceânides” ou “Oceânidas”, dependendo do tradutor) e seu pai Oceano.

Assim que surgem em cena, as deusas Oceaninas afirmam que escutaram o barulho longínquo das cadeias de Prometeu (vv.128-35). Informam também que vieram depois de terem convencido com dificuldade a seu pai, Oceano. Prometeu pede para que

¹²Interessante notar que só o Imperador traduz κοινά por “imparar” – “império ocorre em uma das versões do Barão de Paranabiaca e de Napoleão Lopes Filho, a primeira dialogando com a de Dom Pedro. A escolha lexical revela aqui a função do “tradutor” e, talvez, uma certa identificação de Dom Pedro II com o panteão grego ao refletir sobre os atributos inerentes ao exercício do poder.

elas desçam do carro alado e se aproximem dele, mas no momento exato em que as deusas iam tocar os pés descalços no rochedo em que o titã estava encadeado, chega o próprio Oceano (para se compadecer de Prometeu ou para ainda tentar impedir, mesmo que veladamente, as filhas se aproximarem do titã?). Sim, o mesmo Oceano que, na *Teogonia* de Hesíodo, tinha aconselhado sua filha Estige a ser a primeira a chegar ao ajuntamento que visava, sob a liderança de Zeus, depor Cronos. Como recompensa por essa prontidão, Zeus honrou-a fazendo dela própria o “Grande Juramento dos deuses” (*Teogonia*, vv.775-806). Já na tragédia de Ésquilo, Oceano chega depois de tentar inutilmente impedir suas outras filhas de visitar Prometeu; mas não hesita em dizer ao titã encadeado: “[...] pois nunca dirás que há para ti amigo mais firme que Oceano” (tradução de Dom Pedro II). Esse mesmo Oceano exorta Prometeu a se conhecer melhor (γίγνωσκε σαυτὸν, v.309), se harmonizar com o novo tirano dos deuses, e parar de vociferar (σὺ δ’ ἡσύχαζε μηδ’ ἄγαν λαβροστόμει, v.327). Enquanto isso, ele próprio, Oceano, iria interceder junto a Zeus em favor de Prometeu (v.325-9). Prometeu então responde a Oceano (vv.330-1): “Admira-me que tu não hajas sido tratado como criminoso, visto que foste meu cúmplice e meu ajudante...” (Tradução de J.B. de Mello e Souza).

A tradução supracitada de J.B. de Mello e Souza para essa resposta de Prometeu suscita implicações interessantes. Pois antes da chegada de Oceano, Prometeu alegara ao Coro das Oceaninas que estava sofrendo tamanho suplício por se opor aos planos de Zeus de exterminar a humanidade. Além disso, o Titã também afirmou que doou o fogo, mestre de todas as artes, aos mortais (vv.193-256). Desta forma, a tradução de J.B. de Mello e Souza dá a entender que Oceano de alguma forma foi cúmplice de Prometeu nessas ações, mas conseguiu contornar a situação e não ser punido. Essa também parece ser a leitura de uma tradução anônima publicada por Otto Pierre Editores em 1980: “Invejo-te, palavra, por estares livre de causa, depois de teres tomado parte como eu nas minhas empresas”. Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves apresentam a seguinte interpretação ao trecho: “Eu te invejo, a ti que a salvo da acusação/ estás,/ tendo de tudo participado e sendo ousado/ como eu”, e escrevem em nota: “Esta passagem faz-nos supor que Oceano deve ter colaborado com Prometeu em seus empreendimentos em favor dos mortais” (MALHADAS & MOURA NEVES, 1977, p.35). Na tradução de Trajano Vieira, lê-se: “Só te posso invejar a liberdade, pois tua ousadia foi igual à minha”. Trajano escreve o seguinte em nota para a passagem citada: “Referência provável a uma *Titanomaquia* perdida, na qual Oceano combateu ao lado

de Prometeu” (VIEIRA, 1997, p.175). Entre todas as versões, a tradução de Alberto Guzik parece sugerir de forma mais explícita que Oceano fora cúmplice de Prometeu: “Invejo a sorte que tens de não ser tratado como delinquente depois de ter participado de tudo, depois de teres sido sócio de minha audácia”.

Em contrapartida, não são todos os tradutores que leem a passagem em questão da mesma forma. Napoleão Lopes Filho, por exemplo, entende que Oceano só era cúmplice de Prometeu no sentido de que se dispôs a visitá-lo em seu sofrimento. Eis a sua tradução: “Digo-te que és feliz, porque depois de ousar participar da minha dor, ainda estás sem que Zeus te culpe” - interpretação diferente da apresentada nas traduções supracitadas. Em sua tradução de 1985, Jaa Torrano lê a passagem de forma semelhante ao que faz Napoleão Lopes Filho: “Estimo que estejas fora da causa/ a participar e ousar tudo por mim”. E não parece que seu entendimento acerca dessa passagem mudou em sua tradução de 2009: “Estimo que estejas fora de causa,/ audaz até participar de tudo comigo”. O Barão de Paranapiacaba, em suas versões de 1907, tem uma interpretação semelhante à de Torrano e à de Napoleão Lopes Filho: “Aceita embora meus, pois tendo ousado/Ter parte em minha dôr, foste poupado/ E imune estás. Não quero te incommodar”, na outra versão (decassílabos soltos), encontra-se: “Dou-te os emboras, por te ver imune/ De pena e culpa; tu, que a mim ligado, /Ousaste tomar parte em minhas dores”. O curioso é que a tradução de Dom Pedro II, da qual, em tese, as versões poéticas de Paranapiacaba teriam sido feitas, diverge na interpretação: “Invejo-te; porque ficas isento de crime, tendo tudo partilhado e visado comigo”. A tradução de Ramiz Galvão parece estar mais alinhada à de Dom Pedro II nessa passagem do que as versões poéticas de Paranapiacaba: “És feliz, não te inculpam, bem que houvesse/ tido parte na audácia do meu feito”.

Mas o problema não termina aí. Como dissemos, Oceano alega estar disposto a interceder a favor de Prometeu junto a Zeus. Mas o titã prisioneiro cortesmente dispensa a ajuda, afirmando que não desejava ver a fúria de Zeus ainda mais açulada e recaindo sobre Oceano também. Oceano, por sua vez, responde que a situação de Prometeu ensina, e por isso se despede (vv.374-96). O estranho é que Prometeu não demonstra a mesma preocupação com as Oceaninas, as quais ficam ao seu lado e se compadecem dele. No final da tragédia, por exemplo, Hermes (“Mercúrio”, na tradução de Dom Pedro II) discute asperamente com Prometeu. Depois, o Mensageiro de Zeus alerta as Oceaninas nos seguintes termos:

Tais resoluções e palavras de mentecapto é preciso contudo ouvir. Que falta pois para ele desarraoar, se nada cede das infelizes manias? Mas vós, que vos compadeceis dos sofrimentos dele, afastai-vos rapidamente destes lugares para qualquer outro afim de que o horrendo mugido do trovão não ponha atônitos vossos espíritos (tradução de Dom Pedro II).

As Oceaninas, então, respondem a Hermes (ainda na tradução do Imperador):

Dize, e aconselha-me outra cousa; pois que me seduziste com essas palavras de nenhum modo toleráveis. Como é que me ordenas praticar infâmias? Com ele quero sofrer o que for necessário; pois aprendi a aborrecer os traidores, nem há peste que mais me repugne do que esta

Mercúrio

Mas recordai-vos do que predigo, e caçadas pelas desgraça não acuseis a sorte, nem digais que Júpiter vos arremessou a uma infelicidade imprevista; não certamente; porém vós a vós mesmas; pois, sabendo-o, nem súbita; nem ocultamente sereis envolvidas por insensatez na imensa rede da desgraça.

Por que Prometeu não pediu para as Oceaninas irem embora quando Hermes deu o alerta supracitado, mostrando preocupação semelhante à que sentiu – ou que pelo menos aparentou sentir - pelo pai delas, Oceano? Nesse ponto da leitura, aumenta a expectativa acerca do que irá acontecer com Prometeu e com o Coro das Oceaninas. Mas é tarde demais. Prometeu exclama:

Prometeu

E de fato, e não mais por palavras balança-se a terra: reboa o eco rugidor do trovão; brilham as espirais ardentes do relâmpago, e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sopros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de opostos furacões, e são abalados juntamente ar e mar. Tais ímpetos contra mim vem manifestamente de Júpiter para meterem medo. Ó nume de minha mãe, ó ar que volves a luz comum de todos, ves quão injustamente sofro. (tradução de Dom Pedro II)

Desta forma acaba a tragédia. Depois disso Ésquilo silencia. A expectativa ainda está à tona. Mas uma pergunta ainda fica no ar: o que aconteceu com as Oceaninas? Silêncio, silêncio e mais silêncio. Um silêncio tão abismal quanto aquele penedo em que Prometeu fora acorrentado. Silêncio tão inquietante a ponto de fazer alguns dos tradutores brasileiros do *Prometeu* tentarem quebrá-lo.

Depois da última fala de Hermes, por exemplo, Napoleão Lopes Filho acrescenta: “(Vão-se Hermes e as Oceânides)”, algo que não está no original, que como se sabe não traz rubricas. Alberto Guzik, por sua vez, também quebra o silêncio,

escrevendo: “Hermes se retira”. O mesmo faz o Tradutor Anônimo de 1980: na fala das Oceaninas, acresce que uma delas (o corifeu) “(aproxima-se de Prometeu)”, e, depois da fala de Hermes, que “(Hermes afasta-se. Ouve-se um trovão subterrâneo.)”. J. B. de Mello e Souza também se posiciona: “(Sai Mercúrio)”. Já Mário da Gama Kury, escreve: “Entre relâmpagos, trovões e terremotos desaparecem PROMETEU e as Oceânides do Coro”. O Barão de Paranapiacaba não escreve nada no corpo do texto, mas numa nota, afirma que: “Retira-se Mercúrio e supõe-se que o coro o acompanha”. Jaime Bruna vai além, escrevendo: “(Relâmpagos, trovões, ventania; as Oceânides fogem espavoridas e as penhas desabam sobre Prometeu)”. É claro que com essa interpretação de Bruna, as Oceaninas não teriam cumprido a sua palavra de sofrerem lealmente ao lado de Prometeu. Mas nem por isso poderíamos chamá-las de traidoras. Pois, afinal de contas, quem não se sentiria aterrorizado diante da fúria portentosa de Zeus? Veja-se, por exemplo, o caso do próprio Prometeu. Diante de Hermes, ele fala convicto e ousadamente:

Por isso arremesse-se sobre mim a espiral de fogo de dois gumes, e o ar seja revolvido pelo trovão e a tormenta dos ventos furiosos; sacuda o furacão a terra com as próprias raízes desde os alicerces, e com áspero bramido confunda as ondas do mar e os cursos dos astros celestes, e precipite inteiramente meu corpo no negro Tártaro levado pelos irresistíveis turbilhões da fatalidade; em todo o caso não me fará morrer! (tradução de Dom Pedro II).

Porém, quando Zeus passa “das palavras à ação”, Prometeu não demonstra tamanha ousadia e não hesita em chamar pela mãe:

E de fato, e não mais por palavras balança-se a terra: reboa o eco rugidor do trovão; brilham as espirais ardentes do relâmpago, e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sopros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de opostos furacões, e são abalados juntamente ar e mar. **Ó nume de minha mãe**, ó ar que volves a luz comum de todos, vês quão injustamente soffro. (tradução de Dom Pedro II, grifo nosso)

Há de se supor, portanto, que Prometeu não saiu a correr (como as Oceaninas, na interpretação de Bruna) simplesmente por estar acorrentado pelas divinas cadeias de Hefesto. Por isso, há de se perdoar as Oceaninas, caso elas de fato tenham fugido espavoridas.

Seja como for, Trajano Vieira e também Malhadas e Moura Neves não quebram o silêncio de Ésquilo em suas respectivas traduções, e o mesmo faz Jaa Torrano em suas traduções de 1985 e 2009. Não obstante, em um dos estudos que acompanham a

tradução de 2009, Torrano se manifesta a respeito. Acerca de sua interpretação bastante instigante, trataremos na sequência.

O *Prometeu Acorrentado* é muitas vezes lido como uma espécie de manifesto contra a tirania, como se Ésquilo estivesse acusando energicamente o governante supremo do Olimpo de injusto. Acreditamos que essa leitura deve ser vista com bastante cautela, levando-se em conta que não temos a trilogia completa na qual o *Prometeu Acorrentado* estava incluído. Além disso, tomando Zeus simplesmente como um tirano injusto e furioso, tem-se a impressão de que Ésquilo estaria indo na contramão de suas outras obras remanescentes, como a trilogia *Oresteia*. Diante disso, o estudo de Jaa Torrano sobre o *Prometeu Acorrentado* toca numa questão importante envolvendo o papel do Coro das Oceaninas, e abre uma perspectiva interessante acerca da justiça e do poder divinos dentro da tragédia em questão. Apontando para a ideia de que Zeus, dentro do pensamento mítico grego, é o padrão absoluto de justiça, e de que esse entendimento estava mais de acordo com a cosmovisão de Ésquilo, Torrano argumenta que essa tragédia apresenta também o ponto de vista de Prometeu, que justamente se rebela contra o padrão de justiça dominante:

A meu ver, essa noção de verdade, que está no coração da *Oresteia* de Ésquilo, funda e orienta o tratamento que se dá à noção de Zeus na tragédia de Ésquilo *Prometeu Cadeeiro*. Trabalhando com a hipótese da homologia estrutural entre a noção mítica homérica e hesiódica de Zeus e a noção filosófica platônica de “ideia do bem” (t’agathón), verificamos que em toda essa tragédia, e especialmente na cena de Io, a noção de Zeus – entendida como o fundamento dos fundamentos, e especialmente o fundamento de todo e qualquer exercício de poder – é vista pelo lado esquerdo, e é nessa leitura sinistra da noção de Zeus que se impõe a perspectiva que se descortina pelo lado direito dessa mesma noção (TORRANO, 2009, p.339).

Torrano entende que Estige, filha de Oceano, está presente dentro da tragédia, multiplicada no coro das Oceaninas: “As Oceaninas, essa multiplicação de Estige” (ibidem, p.333). Jaa Torrano ainda escreve:

Quando Zeus conclamava os imortais ao Olimpo, às vésperas da Titanomaquia, aconselhada por seu pai Oceano, Estige foi a primeira a apresentar-se com seus quatro filhos [Poder, Violência, Zelo e Vitória]. Como recompensa dessa aliança de primeira hora, vencido o Titã, Zeus honrou-a, fazendo dela própria o “Grande Juramento dos Deuses”, e seus filhos residiram com ele para sempre. Na “descrição do Tártaro”, na *Teogonia* de Hesíodo, no mitologema de Estige explica-se esta expressão “Grande Juramento dos Deuses” (theôn mégas hórkos, T.784): íngreme pedra donde fria água de muitos nomes se precipita na Noite negra. Cada vez que Rixa e Briga surgem entre os imortais, Zeus faz a mensageira Íris buscar a longínqua água de Estige. Quem a esparge pronunciando um perjúrio jaz

sem fôlego um ano inteiro sob maligno torpor, depois, banido por nove anos, só no décimo frequenta de novo as reuniões dos Deuses Olímpios (T. 775-806) (TORRANO, 2009, pp.330).

Ao longo da tragédia, Prometeu afirma possuir um segredo que fará Zeus cair de sua posição de poder. O Titã também alega que só revelará essa informação a Zeus se ele o libertar daquele aviltante suplício. Torrano entende que Prometeu está “blefando” ao afirmar isso; e, que, justamente por falar uma mentira diante do coro das Oceaninas (que seriam a Estige no “Grande Juramento dos Deuses”), acaba sendo punido por isso, vindo a sucumbir ao Tártaro:

Essa interpretação do sentido geral desse drama como o do grande Juramento dos Deuses explica por que o coro de Oceaninas, embora inocente de toda acusação que possa pesar sobre Prometeu, no entanto se precipita no abismo junto com ele: precipita-se porque assim é Estige. Essa precipitação demonstra que, nesse drama, bem como nos outros seis supérstites de Ésquilo, Zeus é o transcendente fundamento da justiça, da verdade e da prudência (TORRANO, 2009, p.338).

Poderemos averiguar que Torrano, em sua leitura do *Prometeu Acorrentado*, dialoga intensamente com a obra de Hesíodo. Na *Teogonia*, Estige é descrita como o décimo braço do rio Oceano e a única de suas filhas que se precipita na Noite Negra (vv.787-9). Ainda segundo Hesíodo, Oceano circunda toda a Terra com seus outros nove braços (*Teogonia*, vv.789-90). Torrano, também um dos tradutores brasileiros de Hesíodo, entende que Oceano seria a fronteira entre o Ser e o Não Ser. Mas Hesíodo não é a única referência grega que Torrano traz para dentro de sua reflexão sobre o Prometeu. O Grande Juramento dos deuses também é mencionado na *Ilíada*. No poema de Homero, afirma-se que as divindades invocavam o Céu, a Terra e as águas de Estige quando faziam o Grande Juramento (*Ilíada*, XV. 34-8). Levando-se em conta que Prometeu, em sua primeira fala no drama (vv.88-127), invoca o *Aithér* (Éter, “Fulgor”), os Ventos, as Fontes dos rios, as Ondas marinhas, a Terra e o Sol, que se configurariam como a totalidade do Ser, Torrano vê nesses dados fortes indícios de que Ésquilo estaria situando a tragédia no Grande Juramento dos deuses. Além disso, o local é de precipício (*Prometeu*, v.15), o que poderia sugerir a presença de Estige, posto que ela é a única dentre as filhas de Oceano, como visto, que se precipita na Noite Negra. Trataria-se, portanto, de uma situação limítrofe na qual Prometeu se encontrava dentro da tragédia de Ésquilo, isto é, entre o Ser e o Não Ser.

A proposta de Jaa Torrano é bastante singular, haja vista a usual interpretação de considerar Prometeu como uma espécie de prefiguração de Cristo ou de Che Guevara (TORRANO, 1985, p.23). Apesar disso, entendemos que existem algumas passagens na tragédia que não parecem se encaixar facilmente na interpretação proposta. Por exemplo: Hermes foi enviado por Zeus justamente para arrancar a informação de Prometeu sob a ameaça de muitos males (vv.944-52), atitude injustificável se tudo não passasse de um “blefe”.

Em outra parte da tragédia, Prometeu também deu provas de sua capacidade premonitória (vv.823-77). Além disso, se descer ao Tártaro fosse o *modus operandi* das Oceaninas, por que Hermes faria o seguinte alerta a elas?

Mas recordai-vos do que predigo, e caçadas pela desgraça não acuseis a sorte, nem digais que Júpiter vos arremessou a uma infelicidade imprevista; não certamente; porém vós a vós mesmas; pois, sabendo-o, nem súbita; nem ocultamente sereis envolvidas por insensatez na imensa rede da desgraça. (tradução de Dom Pedro II).

Embora dois dos quatro filhos de Estige estejam presentes no drama, Kratos (“Poder”) e Bia (“Violência”), considerar as Oceaninas como uma multiplicação de Estige é uma concessão que o leitor dá à argumentação proposta por Jaa Torrano, posto que o nome “Estige” não é pronunciado nenhuma vez ao longo da tragédia *Prometeu Acorrentado*¹³. Se perjurar ante Estige fosse o único motivo pelo qual os deuses eram precipitados no Tártaro, deduzir que as Oceaninas são Estige na tragédia em questão seria ainda mais coerente. Nesse cenário hipotético, poderíamos recorrer ao seguinte silogismo:

1. Os deuses são precipitados no Tártaro somente quando perjuram ante Estige.
2. Prometeu foi precipitado no Tártaro.
3. Logo, Prometeu perjurou.

No entanto, o supracitado raciocínio se mostra reducionista frente a outros dados encontrados dentro da literatura grega e inadequados para endossar a leitura que Torrano faz. Sabe-se, por exemplo, que Zeus poderia lançar ao Tártaro qualquer deus que se opusesse a seus propósitos. É o que podemos notar numa famosa passagem do Canto VIII da *Iliáda*, na qual Zeus, quando desejou equilibrar momentaneamente a guerra em Troia, ameaçou jogar no Tártaro qualquer deus que tentasse interferir nela.

¹³ Por ser filha de Oceano, mas não a única, como visto, Estige é chamada de “Oceanina” (Ὠκεανίνη) na *Teogonia* de Hesíodo (v.389). Estige é a filha mais velha de Oceano (vv.775-7).

Na tragédia de Ésquilo, Prometeu alega que o motivo pelo qual estava sofrendo aqueles suplícios era sua oposição aos planos de Zeus (vv.231-8), e até mesmo seus inimigos confirmam isso (vv.1-11):

Chegamos à terra remota, à região Cita; a ermo despovoado! Vulcano, cumpre cuidares das ordens, que te deu o pai de ligar este malfeitor aos rochedos alcantilados com algemas infrangíveis de vínculos de aço. **Tua chama com efeito; o brilho do fogo útil a todas as artes deu aos mortais, tendo-o furtado.** Na verdade cumpre que expie para com os deuses tal pecado, para que aprenda a venerar o poder de Júpiter, e desista de hábitos filantrópicos (tradução de Pedro II, grifo nosso).

Por outro lado, há um ponto crucial, que daria força à tese do “blefe”: a afirmação feita pelo titã de que haveria um poder superior ao de Zeus, isto é, o poder das Moiras (ou “Partes”, na tradução de Torrano): “Coro: Quem é o timoneiro da necessidade?/ Prometeu: Partes triformes e mêmores Erínies./ Coro: Ora, Zeus pode menos do que elas?/ Prometeu: Não escaparia à parte que lhe cabe” (vv.515-8, tradução de Jaa Torrano). Se estivéssemos jogando pôquer com Prometeu (e por certo perderíamos, a não ser que a filantropia do deus falasse mais alto do que a sua grandiosa sagacidade), apostaríamos nossas fichas nesse ponto: a questão das Moiras seria o seu blefe! Pois sabemos por Hesíodo que as Moiras são filhas de Zeus e Thêmis (*Teogonia*, vv.901-6)¹⁴, e o poder delas, segundo o próprio Hesíodo, emana justamente de Zeus: “[...] as Partes a quem mais deu honra o sábio Zeus,/ Fiandeira, Distributriz e Inflexível que atribuem/Aos homens mortais os haveres de bem e de mal (vv.904-6, tradução de Jaa Torrano). Ora, se o poder das Moiras advém do próprio Zeus, como elas teriam poder sobre ele?¹⁵ Prometeu também afirmou que estava sofrendo injustamente (v.1093), mas em relação a que padrão ele se refere, se era Zeus que, pelo menos aparentemente, dava a última palavra? Pois se dissermos, por exemplo, que uma linha é “torta”, assim o fazemos por contraposição à ideia de uma linha que é reta, a qual nos serve como parâmetro. No início da tragédia, mesmo a contragosto Prometeu confessa que o filho de Cronos, embora áspero, “tem a justiça junto de si” (vv.186-7). Diante disso, sugerimos o seguinte raciocínio:

1. Os deuses sucumbiam ao Tártaro se não respeitassem os propósitos de Zeus **e/ou** perjurassem diante de Estige.
2. Prometeu sucumbiu ao Tártaro.

¹⁴ Em Hesíodo, as Moiras também são descritas como filhas da Noite (*Teogonia*, vv.217-9).

¹⁵ No entanto, Zeus não poupou seu próprio filho, Sarpédon, da morte decretada pelas Moiras, embora quisesse (*Ilíada*, XVI. 436-49).

3. Logo, ele se opôs aos propósitos de Zeus **e/ou** perjurou diante de Estige.

Em suma: se as Oceaninas são uma multiplicação de Estige, como sugere Torrano, então é bastante provável que Ésquilo estivesse situando seu drama no “Grande Juramento dos deuses”. Se assim não for, Prometeu não perjurou, mas unicamente mentiu acerca da soberania divina (pois todo perjúrio é uma mentira, mas nem toda mentira é um perjúrio). As inverdades proferidas pelo titã seriam indícios de sua relutância em aceitar a soberania do novo Rei dos Venturosos, como ele mesmo afirma às Oceaninas: “Venera; invoca; lisongea quem ainda agora impera. Júpiter importa-me menos que nada. Obre; impere neste curto tempo como queira; pois não governará os deuses muito tempo” (Tradução de Dom Pedro II). Além disso, o efeito trágico seria ainda mais potencializado nesse sentido, pois as Oceaninas sofreriam não por serem más, mas por um erro de decisão (ARISTÓTELES, *Poética*, 1452 b) ao se oporem a Zeus devido à grande comisseração que sentiram pelo titã encadeado. Por não terem dado atenção ao ultimato de Hermes, foram lançadas juntamente com Prometeu no Tártaro.

Embora não possamos afirmar com certeza que o *Prometeu Acorrentado* situe-se no “Grande Juramento dos deuses”, a leitura proposta por Torrano tem a virtude de nos instigar a olhar com mais atenção para aspectos pouco cogitados do *Prometeu Acorrentado*. É uma leitura rica em conexões com outras referências dentro da literatura grega e seu repertório de imagens. Diante de sua abordagem, a possibilidade de que Ésquilo quisesse demonstrar pelo seu drama que contra Zeus ninguém pode triunfar, mesmo que esse opositor seja um simpático filantropo, torna-se ainda mais forte.

Pode-se notar por meio dos exemplos apresentados que a transmissão de um texto literário via tradução é uma atividade complexa e rica em debate, reflexões e posicionamentos. Atividade em que os esforços individuais de cada tradutor contribuem para lançar luz sobre questões desconsideradas, trazendo soluções ou suscitando pontos a serem pensados com mais profundidade. É praticamente impossível que uma única tradução abarque todo o potencial de sentido e efeito estético que uma obra literária original possui.

Quem herda uma língua possui muito mais do que é dos outros do que de si próprio, mesmo que não tenha consciência disso. Revisitar a tradição é uma possibilidade que o tradutor tem de tomar consciência daquilo que recebeu e transmitiu

(consciente ou inconscientemente) à sua geração e também daquilo que doou de si próprio numa contribuição para o avanço em pontos não alcançados pelos seus precedentes ou até mesmo pelos seus contemporâneos.

Em todo ato de comunicação entre falantes de uma mesma língua ocorre o esforço de interpretação e transmissão do que foi dito ou escrito (STEINER, 2005, p.73), e isso é algo que, guardadas as devidas proporções, é bastante semelhante ao próprio ato de traduzir. Tradutores não costumam chamar muito a atenção, são como o fermento, agem silenciosamente; e por isso mesmo desconfia-se que exerçam uma influência sutil, porém efetiva no sistema de uma língua. Se os Clássicos são “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 2007, pp.10-1), muito dessa influência é efetivada via tradutores. Entender o trabalho destes é algo que pode contribuir para também entender a própria língua. Talvez por isso Steiner afirmara que um estudo sobre tradução é também um estudo sobre a linguagem (2005, p.73).

Dado a importância dos tradutores para o desenvolvimento da língua e da cultura letrada de um país, não se poderia deixar de tecer algumas considerações acerca da vida e da obra daqueles que se esforçaram para que o *Prometeu Acorrentado* fosse lido em língua portuguesa. É o que se pretende fazer nas próximas seções desse capítulo.

1.2. Dom Pedro II

Pedro de Alcântara nasceu às 2h30 da madrugada do dia 2 de dezembro de 1825, no Rio de Janeiro. Sua mãe, a Imperatriz Leopoldina, morreu alguns dias depois do primeiro aniversário de Pedro, em 11 de dezembro de 1826 (CALMON, 1975, p.15). Dom Pedro II faleceu em Paris, em 5 de dezembro de 1891, aos 66 anos.

Seu pai, Dom Pedro I, abdicou do trono brasileiro e voltou à Europa, deixando seu filho aos cuidados de tutores (CARVALHO, 2007, p.31). Privado de sua mãe e de seu pai, o pequeno Pedro de Alcântara tornou-se, por assim dizer, Imperador com apenas cinco anos de idade (OLIVIERI, 1999, p.5). Esse primeiro choque contribuiu para que Dom Pedro II considerasse o trono como uma espécie de fardo (CARVALHO, 2007). Em meio a um ambiente cheio de expectativas e de uma infância sem amigos, o jovem Imperador encontrou refúgio nos livros:

D. Pedro II era muito aplicado às atividades de sua educação. Com a idade de nove anos, dominava o Francês e iniciava-se na leitura e tradução do Inglês, além do Alemão, do Latim e do Grego, que eram línguas indispensáveis na formação de um representante da elite da época. No paço de São Cristovão, residência imperial, o herdeiro do trono recebeu lições de Latim, Lógica e Matemática, Religião, Equitação, Pintura e Literatura. A ele ensinavam um pouco de tudo (SOARES et al., 2013, p.18).

Segundo o Barão de Paranapiacaba (1907, p.260): “Dom Pedro II tinha apenas quinze annos e já possuía conhecimentos, raros para sua idade, adquiridos em estudo insano”¹⁶.

Essa rotina de estudo está registrada no diário que o Imperador manteve durante toda a sua vida. Por exemplo, em 4 de dezembro de 1840, quando o monarca contava 15 anos, lê-se: “Levantei-me às horas do costume, e estudarei o meu endiabrado grego[...]”¹⁷. Os resultados desses estudos, contudo, raramente foram dados ao conhecimento público. Ao tratar de suas produções escritas, Dom Pedro II escreve que não foram limadas para se mostrar (LYRA, 1977, p.93). Entre essas produções, encontra-se a tradução em prosa da tragédia *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, da qual é significativo o testemunho do diplomata francês Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882)¹⁸.

Constrangido a exercer sua profissão no Brasil, Gobineau encontrava certo refrigério nas palestras literárias que partilhava com Pedro II aos domingos, no Palácio de São Cristovão. Lamentava-se, porém, que seu amigo fosse imperador, pois, segundo ele, Dom Pedro II possuía talentos e méritos demais para tal cargo (RAEDERS, 1944, p. XIX). Apesar de sua estima pelo Imperador, Gobineau estava cansado do Brasil; e depois de meses de insistentes pedidos ao governo francês, conseguiu, enfim, a tão almejada licença para voltar à França; o que de fato ocorreu em maio de 1870.

¹⁶ Ortografia original mantida.

¹⁷ A transcrição de alguns dos diários de Dom Pedro II foi gentilmente cedida pelo Museu Imperial, localizado em Petrópolis, Rio de Janeiro. O trecho citado foi tirado dessa transcrição. O trabalho de transcrição dos diários do Imperador foi organizado por Begonha Bediaga e publicado no livro *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

¹⁸ Gobineau, filósofo e escritor, exerceu funções diplomáticas no Brasil entre 1869-1870, quando se aproximou do círculo do Imperador. Tornou-se mais conhecido pela publicação do livro “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1855), em que defendia teorias de cunho racista. Também foi autor de uma vasta obra literária, que inclui romance e poesia, de ensaios de natureza histórica e filológica, como, por exemplo, *Traité des écritures cunéiformes* (1864).

Antes da partida de Gobineau, Pedro de Alcântara lhe revelou o propósito de fazer uma tradução da famosa tragédia de Ésquilo. Deste então o diplomata francês passou a incentivá-lo a fazê-la em versos. Mas Dom Pedro II ainda estava entregue às preocupações acerca da longa e cruenta Guerra do Paraguai, que só chegou ao fim depois da morte do ditador Solano López, em março de 1870 (RAEDERS, 1938, p.17). Talvez o choque entre uma monarquia constitucional e uma ditadura em efetiva expansão tenha suscitado no Imperador o interesse pelo *Prometeu Acorrentado*. Em geral, suas traduções eram de cunho pessoal, muitas vezes suscitadas por discussões e reflexões entre ele e pessoas de sua confiança (SOARES et al., 2013, pp.25-6; DAROS, 2012, p.240).

Com o fim da guerra, Pedro de Alcântara escreve a Gobineau afirmando que iria retomar seu projeto de traduzir o *Prometeu Acorrentado* e um dos livros da *Bíblia*, no caso, o do profeta Isaías. Gobineau responde em 7 de janeiro de 1871 (a tradução do *Prometeu* ficaria pronta em 14 de abril do mesmo ano): “A intenção que Vossa Majestade tem de continuar as duas traduções de *Isaías* e de *Prometeu* me causa um prazer extremo” (apud RAEDERS, 1938, p.34). Mas antes, em 7 de agosto de 1870 (alguns meses depois da queda de Solano López), Gobineau já havia escrito: “Terei em breve a honra de vos enviar, senhor, algumas notas para o *Prometeu* que eu bem quisera ver terminado em versos. Seria um lindo monumento e a ele dou grande importância” (ibidem, pp.21-2).

Apesar de todos os rogos de seu amigo francês, Dom Pedro II decidiu fazer uma tradução em prosa da tragédia que fora originalmente composta em versos. Teimosia, imperícia poética ou simplesmente prudência? O que teria feito Dom Pedro II tomar essa decisão? Gostaríamos de tecer e apresentar algumas hipóteses a esse respeito.

No texto *As versões Homéricas* (1994, p. 72), Jorge Luis Borges afirma que:

O conceito de texto definitivo não corresponde senão à religião ou ao cansaço. A superstição da inferioridade das traduções – cunhada pelo conhecido adágio italiano – procede de uma experiência desatenta. Não existe um bom texto que não pareça invariável e definitivo se o percorrermos um número suficiente de vezes.

Por outro lado, o mesmo Borges confessa que às vezes se deixava levar pela tão inconveniente “superstição” da inferioridade das traduções em relação à obra traduzida:

Não sei se a seguinte informação seria boa para uma divindade imparcial: *Em un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivia um Hidalgo de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor*; sei unicamente que toda a modificação é sacrílega e que não posso conceber um outro início para o *Quijote*. Cervantes, creio eu, prescindiu dessa leve superstição, e talvez não tivesse identificado esse parágrafo. Em contrapartida, eu não poderei senão repudiar qualquer divergência. D.Quixote, devido ao meu exercício congênito do espanhol, é um monumento uniforme, sem outras variações que aquelas apresentadas pelo editor, pelo encadernador e pelo tipógrafo. Quanto à *Odisséia*, graças ao meu oportuno desconhecimento do grego, é uma biblioteca internacional de obras em prosa e em verso [...](BORGES, 1994, p.72, grifo do autor).

Porém, Pedro de Alcântara não era desconhecedor do idioma grego como Jorge Luis Borges. E por isso mesmo, paradoxalmente correria um maior risco de “contrair” a superstição do *Traduttore Traditore* alegada por Borges, pois “toda a modificação é sacrílega” para quem conhece bem a língua original de uma obra. Essa hipótese não nos parecerá estapafúrdia se considerarmos as traduções feitas por Dom Pedro II de poesias escritas em línguas modernas e suas tentativas, às vezes obstinadas, de manter a estrutura presente nos originais. Conforme observa Daros, a respeito das traduções de Dante feitas pelo Imperador:

A microanálise das traduções assinala a tendência de Dom Pedro em manter similaridade com as características do original do qual traduzia, ou seja, mantinha com este uma relação formal, procurando conservar-lhe o conteúdo, tal como se apresentava, observando a disposição espacial da métrica e, sempre que possível, a sonoridade da rima (DAROS, 2012, p.240).

No entanto, a tradução já é em si uma modificação, uma espécie de “reescrita” (LEFEVERE, 2007), e as dificuldades de Dom Pedro II aumentavam ainda mais quando se tratava de uma obra poética escrita em língua grega:

Sendo o ritmo do verso o resultado de certa forma de junção de palavras, de acordo com as leis de versificação, conclui-se que o pensamento poético exposto num certo idioma, e cujas palavras têm seu feitio sônico próprio, não pode reproduzir, senão por acaso, o mesmo ritmo de tradução para outro idioma. A dificuldade cresce na medida das diferenciações dos idiomas (DE CARVALHO, 1991, p.137).

Eis o dilema enfrentado pelo douto tradutor: ele é o mais capacitado a traduzir, pois conhece bem a língua original; mas justamente devido a essa familiaridade com a língua da obra a ser traduzida, ele hesita, titubeia, pois a modificação do original pode lhe parecer uma profanação, uma “modificação sacrílega”. Nesse caso, segundo

Amorim de Carvalho (1991, p.138), a tradução em prosa “é a mais fácil a favor da fidelidade ao pensamento poético”. Amorim de Carvalho também afirma que um tradutor pode escolher entre duas disposições numa tradução em prosa:

1,^a Usar a vulgar disposição gráfica da prosa, isto é, sem as linhas independentes dos respectivos versos no original, por não haver na tradução obtida elementos manifestos e intencionais de divisões rítmicas;

2,^a Manter a disposição gráfica dos versos em linhas de prosa independentes (“versos livres”), para facilitar o confronto, o que é um processo didático interessante (ibidem, p.137).

Para esse autor, a tradução em “versos livres” é uma espécie de prosa, já que nesse tipo de tradução não há uma preocupação especial com o ritmo e a melodia dos versos (ibidem, pp.137-141)¹⁹. E de fato, geralmente as traduções chamadas “acadêmicas” optam pela disposição em linha, não por uma preocupação estética, mas sim “para facilitar o confronto, o que é um processo didático interessante” (ibidem, p.138).

Pode estar aí a razão de Dom Pedro II ter escolhido a prosa em vez do verso. Apesar de seu apreço pela arte e pela literatura, suas aspirações linguísticas prevaleciam sobre as poéticas. Para ele, a tradução era um meio privilegiado de leitura hermenêutica e heurística. Parece que seu objetivo principal quando traduzia era o entendimento profundo do próprio texto e da língua que fora escrito, mais do que o anseio por criar uma obra de arte e ser reconhecido por causa dela; anseio que possuía, mas não prevalecia (DAROS, 2012, p.237-40). Por outro lado, caso Dom Pedro II realmente intentasse fazer uma tradução poética em versos, mesmo com a impossibilidade de reproduzir os efeitos rítmicos e sonoros do original, uma possibilidade teria sido tentar aplicar ao pensamento poético de Ésquilo um ritmo e melodia diferentes, como fez muitas vezes Castilho traduzindo Molière (DE CARVALHO, 1991, p.141).

¹⁹ Olavo Bilac afirmou que “temos na língua portuguesa versos de duas até doze sílabas” (1905, p.76). Excedendo-se essa margem, entraria-se no domínio do “verso livre”. Por outro lado, vale a pena lembrar que o próprio Bilac compôs o poema “Cantilena” utilizando versos de 14 sílabas. Embora o poema de Bilac não estivesse de acordo com o limite de número de sílabas poéticas estabelecido pela metrficação portuguesa tradicional para um verso, seus efeitos sonoros, porém, revelam a construção do ritmo por parte do autor. Também para Manuel Bandeira (1997, p.536): “Desde que o poeta prescinde do apoio rítmico fornecido pelo número fixo de sílabas, penetra no domínio do verso livre, o qual, em sua extrema liberação, isto é, quando não se socorre de nenhum apoio rítmico, poderia confundir-se com a prosa rítmica, se não houver nele a unidade formal interior, aquilo que de certo modo o isola no contexto poético”. Diante das opiniões desses dois autores, a afirmação de Amorin de Carvalho pode parecer um tanto quanto reducionista, embora nos sirva como ponto de partida para a problematização dessa questão, que será mais aprofundada ao longo das análises das traduções presentes nesse capítulo e no seguinte.

A forma extrema de recurso, dentro da tradução em verso, será a chamada tradução livre: o pensamento poético é aqui tratado, e até desenvolvido, numa expressão verbal e rítmica liberta das preocupações comuns da fidelidade da tradução. É uma criação pessoal com um tema emprestado (ibidem, p.140).

É o que foi empreendido pelo Barão de Paranapiacaba em suas duas versões poéticas do *Prometeu Acorrentado* (1907). Por outro lado, acreditamos que a *tradução livre* seria uma empreitada difícil de ser realizada por um tradutor com o perfil de Dom Pedro II, embora as traduções em versos empreendidas pelo Imperador e publicadas originalmente no livro *Poesias: originais e traduções*, Petrópolis, 1889, demonstrem a grande habilidade poética que o Imperador possuía. Portanto, sua recusa em traduzir em versos a antiga tragédia grega não está ligada à incapacidade de versificar, mas a esse objeto específico, o *Prometeu*. Pois, como já mencionado, suas preocupações com a fidelidade ao sentido original prevaleciam em sua prática tradutória. É o que se pode deduzir por meio de algumas de suas anotações feitas no exemplar da tradução da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, empreendida pelo presidente argentino Bartolomé Mitre: “Eu teria mais respeito a Dante”, “Eu não quis melhorar Dante em minha tradução”, “Seria melhor traduzir com a simplicidade do original”, “tradução não é comentário” (apud DAROS, 2019, pp.234-5, 280).

Talvez o olhar culto e atencioso de amigos estrangeiros o ajudasse a transpor os obstáculos que lhe impediam de se aventurar numa *tradução livre*. Entre esses amigos, como já mencionamos, estava Gobineau, que não se intimidava pelo fato de Pedro de Alcântara ser imperador (DAROS, 2012, p.237). No entanto, mesmo que Dom Pedro II mudasse de intuito e procurasse fazer uma versão poética do *Prometeu* a partir de sua tradução em prosa, esse intento seria desestimulado com a morte do principal interessado numa versão poética em versos: Gobineau, falecido em 1882. E de fato, Dom Pedro II, mesmo depois da morte do diplomata francês, não esquecera de todo o pedido feito por seu amigo; pois como visto, em 1889 solicitou a João Cardoso de Menezes, o Barão de Paranapiacaba, que fizesse uma versão poética do *Prometeu Acorrentado* a partir de sua tradução em prosa.

Nos anos iniciais da República Brasileira, quem demonstrasse publicamente simpatia pelo Imperador deposto corria o risco de sofrer retaliações por parte do governo provisório. Foi o que aconteceu com Carlos de Laet, que foi exonerado de seu cargo de professor por ter se oposto à mudança de nome do Colégio Pedro II para o nome “Instituto Nacional de Instrução Secundária” (MAURICÉA FILHO, 1972,

pp.211-3). O Barão de Paranapiacaba era considerado um monarquista convicto (ABRANTES, 1978, p.172-3), talvez por isso ele tenha demorado quase 10 anos para empreender a versão poética solicitada pelo Imperador, esperando condições mais favoráveis e evitando possíveis retaliações. Se Dom Pedro II não tivesse sido banido do Brasil em 1889, provavelmente as versões poéticas feitas pelo Barão seriam analisadas e limadas no grupo de estudos que Pedro de Alcântara liderava (PARANAPIACABA, 1907, pp.192-3). No entanto, *o que poderia ter acontecido* ou *o que poderia acontecer*, como escreveu Aristóteles (*Poética*, 1451b), é poesia, não história.

1.3. João Cardoso de Menezes e Souza, o Barão de Paranapiacaba

Em seu livro *Vida e Obra de Olavo Bilac*, Fernando Jorge (1992, pp.130-1) conta-nos que o jornalista e orador abolicionista José do Patrocínio encomendara uma tradução de um romance folhetim francês a Emílio Rouéde, colaborador do jornal *Cidade do Rio*. Emílio aceitou o trabalho; porém, logo foi vencido pela indolência e, esquivando-se da tarefa, pediu a Guimarães Passos para fazer a tradução, acertando um determinado valor e guardando para si certa quantia. Logo Guimarães também desistiu da tarefa e acabou passando o trabalho para o poeta Coelho Neto, negociando outro valor e também guardando uma parte do dinheiro para si. Coelho Neto, por sua vez, achou o trabalho tedioso, e transferiu a incumbência a Olavo Bilac, por um valor bem menor e também guardando uma parte do dinheiro para si. Esse regime funcionou durante algum tempo, sem que cada um soubesse senão daquele com quem acertou o pagamento. Fernando Jorge continua narrando o caso:

Entretanto, certo dia, Bilac descobriu o caso.

- Verifico que tenho, por cima de mim, três parasitas! – exclamou o poeta.

E indignado, resolveu vingar-se. No romance havia certo trecho onde um personagem, em hora avançada da noite, invadia o quarto de uma mocinha, a fim de violentá-la. Bilac não modificou o texto. Traduziu tudo de forma fiel. Porém, no momento em que o luar mostrava a fisionomia do bandido, ele escreveu:

“Era o Barão de Paranapiacaba!”

O barão, que se chamava João Cardoso de Menezes e Souza, era um velho respeitável. Foi diretor do Tesouro Nacional, deputado pela província de Goiás, membro do Conselho de D. Pedro II, diretor, em Pernambuco, da Caixa Filial do Banco do Brasil, autor de memórias econômicas e políticas, tradutor de Byron, Lamartine, La Fontaine e Ésquilo.

Além de ser uma relíquia do Império, esse homem circunspecto mantinha amizade com Patrocínio. O grande orador popular ficou exasperado. Exigiu uma explicação de Rouéde. Este lançou a culpa em Guimarães Passos. E assim cada qual ia transferindo a responsabilidade. Ao chegar a vez de Bilac,

ele teve de confessar a autoria da brincadeira, protestando contra a parasitagem dos que exploravam o seu trabalho (JORGE, 1992, pp.130-1).

O caso, além de ser cômico, suscita algumas questões interessantes sobre a prática tradutória. Traduzir pode se tornar uma tarefa morosa, que exige certa disciplina de quem a exerce. Quando a autoria do tradutor não é valorizada, a tradução acaba sendo vista apenas por uma ótica meramente instrumental e pragmática. A remuneração paga não possibilitava aos autores se dedicarem somente a esse ofício. Segundo José Paulo Paes (1990, p.25), “é somente no século XX, sobretudo a partir dos anos 30, que começa a se criar no Brasil as condições mínimas, de ordem material e social, possibilitadoras do exercício da tradução literária como atividade profissional, ainda que as mais das vezes subsidiária”. Monteiro Lobato, citado por Paes (ibidem, pp.26-7), afirma:

“O povo que não possui tradutores torna-se povo fechado, pobre, indigente” [Lobato] queixava-se do descaso desse “incomensurável paquiderme de mil cérebros e orelhas a que chamamos público”, o qual “nunca tem o menor pensamento para o mártir que estupidamente se sacrifica para que ele possa ler em língua sua uma obra-prima gerada em idioma estrangeiro”.

Antes do tempo de Lobato, figuras como o Barão de Paranapiacaba publicavam suas traduções não porque já existia um mercado pelo qual poderiam granjear um retorno financeiro imediato, mas por uma espécie de diletantismo, como uma atividade paralela às de subsistência. E isso não ocorria apenas aos tradutores. O próprio Dom Pedro II havia patrocinado algumas das obras dos poetas românticos brasileiros da segunda metade do século XIX, como por exemplo, *A Confederação dos Tamoios*, de José Gonçalves de Magalhães, obra que envolveu o Imperador numa querela literária com José de Alencar (ABRANTES, 1978, p.85).

Em sua brincadeira, Olavo Bilac cita o nome do tradutor que doravante estará no foco dessa seção: João Cardoso de Menezes e Souza, o Barão de Paranapiacaba, nascido na cidade de Santos, em 25 de abril de 1827, e falecido no Rio de Janeiro, em 2 de fevereiro de 1915, aos 87 anos.

João Cardoso ingressou na Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo em 1844, com a idade de 16 anos. Embora a crítica o considerasse um “mediocre tradutor de Lamartine e La Fontaine e responsável por uma horrenda modernização e simplificação de *Os Lusíadas*” (PAES, 1990, p.18), algum talento poético viu nele o professor e diretor da Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo, José

Maria de Avellar Brotero, pois, sabendo que o Imperador Dom Pedro II faria uma visita à Academia, fez o seguinte convite a João Cardoso:

- Prepare-se para amanhã, ao meio dia, na ocasião em que o Imperador estiver de visita na Academia, ir beijar-lhe a mão e saudá-lo com poesia de sua lavra. Não quero objeções – acrescentou o bom velho, que sempre o acolhia gracejando. Vá brilhar, porque sei que o pode, querendo. Até amanhã, meu menino! (ABRANTES, 1978, p.63)

Chegando o dia marcado, João Cardoso viu-se diante do Imperador do Brasil, que se encontrava sentado em um trono improvisado. O jovem começou a recitar o seu poema com voz trêmula de emoção, mas pouco a pouco foi se firmando. Tendo terminado a leitura de seu poema, João Cardoso se inclinou, e ia se retirar, mas:

O Imperador, chamando-o, pediu-lhe o papel, em que escrevera os versos.
 - É um borrão informe, Senhor! – disse-lhe João Cardoso. Permita-me Vossa Magestade que eu o passe a limpo.
 - Não – replicou-lhe o Imperador, estendendo a mão e sorrindo; - dê-me assim mesmo como está!
 Depois das homenagens que lhe prestaram no dia 3 de março, D.Pedro voltou à Academia nos dias 6 e 9 para assistir aos exames dos alunos, o que era de seu agrado, com ares de professor indulgente (ABRANTES, 1978, pp.65-6).

Depois desse evento, João Cardoso conseguiu recitar outro poema para o Imperador no Teatro do Largo do Colégio, depois de vencer a oposição dos oficiais encarregados de fiscalizar o espetáculo que Dom Pedro II estava assistindo (ibidem, p.67). Demoraria muito tempo para os dois se encontrarem novamente.

Em 1848, João Cardoso forma-se Bacharel em direito e, aprovado em concurso, assume um cargo de professor de História e Geografia em Taubaté, interior de São Paulo. Em certa ocasião, o deputado Bernardo de Souza Franco disse-lhe que esperava encontrar-lhe na vida pública. João Cardoso respondeu-lhe que julgava bem se contentar com seu cargo de professor em Taubaté. Souza Franco retruca-lhe: “Qual! Tenha fé. É muito limitado o horizonte em que vive. Até o Rio de Janeiro!” (ibidem, p.78). Passados alguns anos, em 1852, João Cardoso de Menezes pede uma licença de três meses e se dirige ao Rio de Janeiro, então centro do Brasil, e nunca mais reassume seu cargo de professor.

Sustentando-se como advogado, em 1853 tenta se aproximar novamente do Imperador, conseguindo, por fim, entregar-lhe um exemplar de seu primeiro livro de poesias, *Harpa Gmedora*. Dom Pedro II diz ao vê-lo novamente: “Já o havia conhecido. Lembro-me, perfeitamente, de seus recitativos, de um dos quais conservo o

borrão” (ibidem, p.81); desde esse dia, como não voltasse ao Paço de São Cristovão, João Cardoso somente via o Imperador nos teatros, sem lhe atrair a atenção. Mas essa situação mudaria devido a um artigo que João Cardoso de Menezes publicaria no *Correio Mercantil*, acerca do pregador católico Monte Alverne.

Frei Francisco do Monte Alverne era professor de Filosofia e Retórica. Tendo ficado cego em 1836, afastou-se da cadeira de Filosofia e do púlpito por dezoito anos, vivendo recluso em uma cela solitária do Convento de Santo Antônio. Em 1854, Dom Pedro II pediu-lhe que pregasse na Capela Imperial, provavelmente impressionado com a publicação das suas obras oratórias no ano anterior (CANDIDO & CASTELLO, 1973, pp.234-5). Também por ordem de Dom Pedro II, o eloquente pregador recebera uma cadeira estofada que pertencera ao Padre Anchieta (ABRANTES, 1978, p.83). João Cardoso de Menezes conseguiu um lugar na Capela Imperial para ouvir o tão esperado sermão. Em suas palavras:

O que foi esse sermão só pode dizê-lo quem ouviu Monte Alverne, ao vacilante clarão dos círios sagrados, em arrebatamento sublime, gesticulação enérgica, olhar como que imergido no horizonte do Infinito, e voz, que parecia um eco de outro mundo, proferir aquelas palavras: “É tarde. É muito tarde”. Calafrio elétrico correu pelas veias do auditório, que, mudo nem pestanejava (ABRANTES, 1978, p.82).

Na tarde de 20 de outubro de 1854, João Cardoso entregou um artigo que escrevera sobre o sermão para o *Correio Mercantil*. Esse artigo granjeou bastante sucesso na época e por muitos anos fez parte de um livro de leitura escolar. O próprio Monte Alverne não demorou em visitá-lo, agradecendo-lhe, comovido (ibidem, p.83); também Dom Pedro II provavelmente lera o artigo.

Passados dois anos, em 1856, foi publicado a *Confederação dos Tamoios*, do poeta Gonçalves de Magalhães, obra patrocinada pelo Imperador. José de Alencar foi um dos primeiros leitores do poema e fez duras críticas em oito cartas publicadas no *Diário do Rio*, sob o pseudônimo de “Ig”, tirado das primeiras letras do nome Iguaçu, uma das personagens do poema. Araújo Porto Alegre logo procurou rebatê-lo por meio das colunas do *Correio da Tarde*, utilizando o pseudônimo “O Amigo do Poeta”. Por último, o próprio Imperador resolveu entrar na polêmica, sob o pseudônimo de “Outro Amigo do Poeta”, publicando uma defesa do poema no *Jornal do Comércio*; defesa essa só mais tarde identificada, quando o Dr. Manoel Barata descobriu o manuscrito, o qual presenteou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Mas os esforços de Dom Pedro II em defesa do poema não se resumiram a esse manuscrito. O Imperador também

enviou o médico do palácio, Dr. Tomás Gomes dos Santos, para encontrar João Cardoso de Menezes. O médico estava portando um exemplar de a *Confederação dos Tamoios*, e disse ao futuro barão:

Sabe o que é isto? – foi perguntando a João Cardoso. É um exemplar da “Confederação dos Tamoios”, que o Imperador lhe manda para que o leia e se habilite a defender o nosso amigo Magalhães dos ataques injustificáveis que o Alencar e não sei quem mais estão fazendo a este belo poema, de predileção imperial. Eu não sabia que o senhor era apreciado a este ponto pelo homem. Ele mesmo disse-me que só o senhor podia ser o general triunfante desta guerra! Aí deixo o livro. Sei que não se recusará à incumbência, pois é prova de alto valor, que liga a seu talento e à sua proficiência o chefe de Estado (ABRANTES, 1978, p.86).

Nesta época, João Cardoso estava ligado por laços de amizade a José de Alencar, inclusive sendo um dos primeiros leitores de *Iracema* (ibidem, p.86). Por isso se desculpou e mandou avisar o Imperador que não poderia ajudar nessa empreitada. Depois Dom Pedro II louvou o ato de lealdade de João Cardoso (ibidem, p.86). Naquele mesmo ano o nome de João Cardoso foi lembrado para um importante cargo público. Depois da nomeação, Cardoso de Menezes se dirigiu ao palácio para agradecer pessoalmente a Dom Pedro. O Imperador fez uma alusão à “infecundidade da musa” de seu visitante, que, segundo supunha o próprio João Cardoso, iria ficar completamente esterilizada pela papelada do cargo que assumira (ibidem, p.87).

Depois de João Cardoso de Menezes ocupar sucessivos cargos no governo, Dom Pedro II concede-lhe o título de Barão, em 1883:

DOM PEDRO, por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, faço saber aos que esta CARTA virem que, querendo distinguir e honrar o Sr. João Cardoso de Menezes e Souza, hei por bem fazer-lhe mercê do título de Barão de Paranapiacaba. E quero e mando que o dito dr. João Cardoso de Menezes e Souza d’aqui em diante se chame Barão de Paranapiacaba e que o referido título goze de todas as honras, privilégios, isenções, liberdades e franquezas, que hão e têm e de que usam e sempre usaram os barões e que de direito lhe pertencerem. E por firmeza de tudo o que dito é lhe mandei dar esta Carta por mim assinada, a qual será selada com as Armas Imperiais.
Dada no Palácio do RIO DE JANEIRO, em 8 de maio de mil oitocentos e oitenta e três, sexagésimo primeiro da Independência e do Império (apud ABRANTES, 1978, pp.118-9).

Já que tratamos de alguns pontos importantes da biografia do Barão, passaremos a discorrer sobre as duas versões poéticas do *Prometeu Acorrentado* de sua autoria.

Não se pode negar a grande importância do ensaio de Haroldo de Campos “O Prometeu dos Barões” (1997) para o estudo da recepção dos Clássicos em nosso país.

Segundo Paula da Cunha Corrêa, esse ensaio resgata uma importante linhagem de tradução de tragédia grega no Brasil (CORRÊA, 1999, p.173). Em seu texto, Haroldo procura reabilitar tanto o Barão de Paranapiacaba quanto o Barão de Ramiz, considerando a tradução deste último “muito mais decidida e cabalmente na vertente ‘transcriadora’ inaugurada entre nós por Odorico Mendes” (CAMPOS, 1997, p.249). Mas acerca das versões de Paranapiacaba, Haroldo afirma:

Do *Prometheus Desmótes*, deu-nos Cardoso de Menezes dois “traslados”. Um deles, em versos rimados, é um equívoco, um malogro. O outro, que terá aparentemente servido de base aos baldados e titubeantes esforços de rima do primeiro citado, está vazado em versos brancos (soltos), com predominância do decassílabo. Este oferece, por vezes, surpreendentes soluções, que devem ser garimpadas em meio a outros tantos trechos malsucedidos [...] (CAMPOS, 1997, p.237).

Em seu ensaio, Haroldo de Campos faz uma seleção de passagens da versão em versos brancos que considerava de maior qualidade, e afirma que as soluções dessa versão “devem ser garimpadas em meio a outros tantos trechos malsucedidos”. Quanto à outra versão, Haroldo afirma que ela é “um equívoco, um malogro”.²⁰

Em outra perspectiva, pretende-se na presente seção evidenciar alguns aspectos que consideramos relevantes na versão poética em que o Barão de Paranapiacaba emprega as rimas na maioria das falas²¹.

Em entrevista dada a TV Unicamp, para o *Programa Diálogo sem Fronteira*, Trajano Vieira disse ao entrevistador Pedro Paulo Funari²²:

²⁰ Haroldo de Campos publicou um número significativo de textos sobre tradução “que se somam num conjunto denso e coerente acerca do assunto” (TÁPIA, 2013, p.XI). Para não correremos o risco de sermos reducionistas em relação ao seu pensamento ou, por outro lado, nos estendermos demais numa longa digressão ao refletirmos acerca de sua teoria, optou-se por apresentar o que estudamos sobre o assunto ao final da presente dissertação, como anexo. O objetivo é expor algumas das teses defendidas por Haroldo sobre tradução poética, encontradas em alguns de seus outros escritos, visando dessa forma entender os possíveis motivos pelos quais o eminente poeta e tradutor não apreciara a versão em que o Barão de Paranapiacaba emprega as rimas na maioria das falas.

²¹ A. Mauricéa Filho cotejou a versão em que Paranapiacaba emprega as rimas com os respectivos versos da versão de Ramiz Galvão e também com a versão portuguesa de Bazílio Teles (1972, pp.248-63). No início da análise, logo após citar as traduções para os versos 1-2 do *Prometeu*, Mauricéa Filho escreve: “Rápido exame bastaria para nos sugerir qual dos três é o melhor...Os heptassílabos do Barão de Paranapiacaba não se exibem à altura de seu talento de escol e invulgar erudição. Poeticamente fracos, até mesmo em face da ação dramática com que Ésquilo começa a enormidade de sua tragédia! Já Ramiz indiscutivelmente supera, com a majestosa simplicidade dos seus decassílabos, onde se entrelaçam o ritmo, a métrica, a elegância e a pureza vernácula” (p.254). Em outro ponto, o autor também assevera: “Ao traduzir o verso das *As cegas Esperanças* o Barão de Paranapiacaba usou este: *dei à cega Esperança entre eles moradia!* No confronto pertence a Ramiz a palma: *as cegas Esperanças inspirei-lhes!*” (p.258, grifo do autor).

Se você me permite fazer uma analogia; eu recentemente revi um programa no youtube de um grande pianista que eu admiro muito, já no final de sua vida, o Arthur Rubinstein. E perguntavam ao Rubinstein se ele estava a par dos novos pianistas. Ele respondeu: “Bem, eu tenho ouvido aqui e ali, e o que tem me impressionado é o seguinte: eles possuem uma técnica formidável, mas eu me pergunto e gostaria de perguntar a alguns deles quando é que eles vão fazer a música soar”. Ou seja, não basta conhecimento da língua grega para se traduzir de uma forma razoável. De fato, em nossa tradição e em outros países o peso da filologia mais convencional foi muito forte, e foi muito difícil romper com essa tradição. Então, houve de fato nas traduções clássicas do repertório grego uma forte preocupação, digamos, com o aspecto normativo da linguagem. Mas um tradutor, na minha opinião, que se interesse por poesia deve estar atento a esse segundo aspecto. Eu pelo menos procuro estar, e procuro ensinar meus alunos. Isso depende de um convívio com a poesia. Não só com a poesia de língua grega, mas também com outros tipos de poesia. Quanto maior for o repertório, melhor para o tradutor.

Sabemos que Paranapiacaba era um versificador, exercitava-se numa poética apreciada no Brasil durante a segunda metade do século XIX (CANDIDO & CASTELLO, 1973). Também era um homem de convívio íntimo com a literatura. É o que mostram as suas traduções de La Fontaine, Byron e Larmatine²³. Diante disso, seria interessante perguntar-nos se ele conseguiu, pelo menos alguma vez, fazer “a música soar” ou não em sua “malograda” versão do *Prometeu*.

Segundo M.Said Ali (2006, pp.125-26):

Na Europa da Idade Média compunham-se poesias vernáculas caracterizadas ora pela aliteração (rima de consoantes iniciais), ora pela assonância, ora pela rima final. No século XIV vigorava por toda a parte somente essa última forma, menos na Espanha, onde a assonância resistiu ainda durante bastante tempo. O gosto pelos estudos humanistas fez crer a alguns poetas que o ideal da métrica estaria nos antigos versos latinos. Não há rimas em Horácio, nem em Virgílio. Logo, condenavam eles tal escravidão. Invertiam esses anseios de independência a ordem cronológica. Os latinos não usaram, isto é, intencionalmente, nem podiam discutir coisa de invenção posterior. Fascinados pelos modelos clássicos, os renovadores da poesia moderna trataram de libertá-la das cadeias entregando-a - ilusão não rara na vida humana - a nova espécie de cativo. Compuseram versos sem rima, submetidos à métrica quantitativa dos antigos. Chegaram a criar, diz notável conhecedor, portentos de fealdade.

Sabe-se que Dom Pedro II era um profundo conhecedor dos clássicos greco-latinos. Ele sabia que na poesia antiga não havia rimas e que o sistema poético era bastante diverso à poética das línguas neolatinas. Por outro lado, não era raro o Imperador desafiar Paranapiacaba a “glosar” alguns de seus próprios sonetos. O desafio

²²Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PSOftFgIxM>>, vídeo publicado em 03/04/2012.

²³ Ver página 15, nota 1.

consistia em Paranapiacaba criar estrofes que finalizavam com os versos de Dom Pedro II (PARANAPIACABA, 1907, pp.218-22). Como visto, o Imperador também solicitou uma versão poética do *Prometeu* a Ramiz Galvão, que não era poeta, mas renomado filólogo humanista. Este não se atreveu a empreender uma versão completamente em rimas, mas arriscou-se a fazê-las nos cantos corais. Quem sabe se tal decisão não foi fruto de uma espécie de desafio lançado pelo Imperador, ou de um cotejo feito posteriormente entre sua própria tradução com as versões de Paranapiacaba?²⁴

O fato é que traduzir um texto clássico, valendo-se dos recursos poéticos das línguas neolatinas, como a rima, não é uma empreitada fácil, arriscada mesmo nos primórdios do movimento romântico do Brasil. Paranapiacaba afirmou: “Entre nós é a primeira tentativa. Variei o metro, conforme o caracter do personagem, que fala” (PARANAPIACABA, 1907, p.XII). Diante disso, vale evocar o que dissera Trajano Vieira na entrevista já citada:

De uma forma geral, eu acho que agente como tradutor deve assumir riscos. Mesmo que o resultado não possa ser o mais adequado no final, mas o gesto corajoso me parece ser mais interessante do que uma atitude submissa.

O gesto de Paranapiacaba foi corajoso, quase batendo às portas da temeridade. Como visto, ele publicou duas traduções de sua autoria, distintas, da mesma tragédia grega no mesmo livro! Isso nunca mais se repetiu na história das traduções do *Prometeu Acorrentado* no Brasil. Tal decisão de João Cardoso de Menezes de certa forma dessacralizou o original, mostrando às claras que não existe uma correspondência una e definitiva entre a língua de origem e a língua de chegada. No prefácio escrito para seu livro, Lafayette Rodrigues Pereira escreve (manteremos a ortografia do original de 1907): “certamente, não se poderia exigir do preclaro tradutor, que vasasse literalmente no metro portuguez o metro grego. São radicalmente diferentes as lingoas e cada um tem seo systema de metrificação” (PARANAPIACABA, 1907, p.XIII).

Como já mencionado, a primeira versão apresentada em seu livro é a que emprega as rimas na maioria das falas, logo seguida pela versão na qual predominam os decassílabos soltos. Haroldo de Campos afirma que talvez a versão em decassílabos soltos tenha “servido de base aos baldados e titubeantes esforços de rima da outra versão” (CAMPOS, 1997, p.237). Porém, nas duas versões, as falas do Coro das

²⁴ No prefácio escrito para sua tradução do *Prometeu acorrentado*, Ramiz Galvão nos informa que havia lido as versões de Paranapiacaba antes de publicar a sua própria tradução.

Oceaninas são rimadas em heptassílabos. Se a versão em que predominam os decassílabos soltos tivesse servido como base para a outra, era de se esperar que não houvesse mudanças substanciais nas falas das Oceaninas nas duas versões, visto que foram compostas com o mesmo número de sílabas poéticas e valendo-se da rima. Mas não é isso o que ocorre, como pode-se notar a seguir:

Versão na qual as rimas predominam e que a métrica varia de acordo com o personagem que fala (citam-se falas do Coro a seguir)	Versão na qual predominam os decassílabos soltos, mas em trechos que o Barão também emprega os heptassílabos rimados (somente nas falas do Coro)
<p>Foi sábio e sábio emérito Aquele, a quem lembrou Esta discreta máxima E aos homens a ensinou:</p> <p>É casamento próspero O feito entre os iguais. Quem vive só dos renditos De ofícios manuais,</p> <p>Nunca procure cônjuge, Na classe da opulência, Nem da orgulhosa em títulos De nobre descendência.</p>	<p>Sábio foi, sábio eminente, Quem primeiro formulou Este conceito na mente E em palavras o explicou</p> <p>É o melhor dos casamentos O que se faz entre iguais. Quem vive dos rudimentos De trabalhos manuais;</p> <p>Não busque aliança na classe, Soberba pela riqueza, E fuja, igualmente, a enlace Co'os que pompeiam nobreza.</p>

Quadro I. As versões de *Paranapiacaba* para os versos 887-93 do original (fala do Coro).

<p>[...]</p> <p>Diverso alvitre inspira-nos, Honesto e convinhável ; O, que lembraste, é péssimo, Covarde, intolerável.</p> <p>Pois tu nos dás estímulo A infame proceder! Havemos ser partícipes</p>	<p>[...]</p> <p>Dá-me conselho aceitável E serás obedecido É, de todo, intolerável O que me tens dirigido.</p> <p>Estranho o teu sentimento! Covarde nunca serei. Seja qual for seu tormento,</p>
---	---

Do que ele padecer.	Com ele o compartirei.
Fundo, a traição esqualida	Dos vis traidores a peste,
A muito, aborrecemos;	Experiente, aborreço;
Nem peste deletéria	Nem coisa, que eu mais deteste,
Como ela conhecemos	Em minha vida conheço.

Quadro II. As versões de Paranapiacaba para os versos 1063-9 do original (fala do Coro).

Enquanto cogitávamos sobre essa questão, Alessandra Fraguas, historiadora e Pesquisadora do Museu Imperial, informou-nos sobre a existência de uma carta escrita por Paranapiacaba à Princesa Isabel em 9 de setembro de 1905, na qual afirma que a versão em que as rimas predominam foi a primeira a ser realizada por Paranapiacaba (Maço 204 – Doc. 9329 - Museu Imperial/Ibram/Ministério da Cidadania). O trecho em que Paranapiacaba fala sobre suas versões poéticas é o seguinte²⁵:

Em 8brº. de 1889, ao despedir-me de S. Magestade o Imperador D. Pedro 2º. , na Tijuca, deu-me S. Magestade, por letra sua, uma versão em prosa da tragedia de Eschylo “Prometheu encadeado” encarregando-me de a trasladar para verso portuguez. Tractei logo de adquirir as versões e os commentarios, que d’aquella obra prima existem em varias linguas e encetei e levei a cabo, com o maior esmero, a traducção d’ella. Ha cerca de 8 annos publicou o Jornal do Commercio a versão da scena, em que figura Prometheu, nos confins da Scythia, pª. onde é conduzido pela Força e pela Violencia, acompanhadas de Vulcano, que o acorrenta ao rochedo. Precedia a essa publicação uma carta minha ao Conselheiro Lafayette, rogando-lhe prefaciasse o livro,[...] A pedido do mesmo Lafayette, fiz outra versão da tragedia em verso livre (menos os côros, que são sempre rimados).

D’essas duas versões tem apparecido longos trechos na imprensa e notadamente nos almanaques do Garnier .

Diante desse importante dado, doravante a versão na qual Paranapiacaba emprega as rimas na maioria das falas será chamada de “primeira versão” ao longo do presente texto.

Antônio Candido e J. Aderado de Castelo transcrevem na íntegra o prefácio do livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia. Esse texto é praticamente um manifesto do movimento romântico em sua primeira fase no Brasil. Quanto à dicção romântica, Gonçalves de Magalhães afirma: “Quanto à forma, isto é, a construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as ideias como elas se apresentam, para não destruir o acento de inspiração

²⁵ A ortografia original foi mantida.

[...]”(CANDIDO & CASTELLO, 1973, p.264). Mesmo assim, a rima e a contagem de sílabas poéticas eram recursos rítmicos e melódicos que os poetas românticos não tinham pejo de usá-las quando contribuíam para expressar uma ideia e criar certo efeito sonoro. No caso da primeira versão poética do Barão, as rimas empregadas parecem atrapalhar a carga dramática da tragédia em algumas passagens. No diálogo irado entre Hermes e Prometeu, por exemplo, a utilização das rimas não foi benéfica. Embora a citada passagem não chegue a ser um *agon* à maneira de Eurípides, nada obstante, é um dos diálogos mais rápidos da tragédia no original, e as rimas feitas pelo Barão infelizmente quebraram-lhe o ritmo. Contudo, será que o uso da rima e da métrica contribuiu positivamente em alguma outra passagem?

O Barão de Paranapiacaba não variou o número de sílabas poéticas apenas para distinguir um personagem do outro, mas também varia o metro para um mesmo personagem, dependendo da situação ou do interlocutor com quem entabula o diálogo. Segundo Mark Griffith, existe uma alternância de metros básicos no original grego, o que foi importante para fornecer certa variação de tom e humor para uma tragédia tão estática em seu enredo (GRIFFITH, 1997, pp.21-2). Segundo o mesmo autor, os personagens no texto original costumam conversar em jambos, mas nas entradas e saídas de alguns personagens mudanças de metros ocorrem (anapesto, vv.284-97, 561-5) e em outros momentos, metros líricos, como no caso de Io (vv.575-89). Desta forma, o Barão de Paranapiacaba estaria refletindo uma característica semelhante a do original. Quando Io entra agitada em cena, por exemplo, se expressa em versos hendecassílabos (onze sílabas poéticas): “Que sítio me surge? Por quem habitado?”. Numa estrofe, a partir do verso 575 no original grego, Paranapiacaba faz com que Io se expresse em versos eneassílabos (nove sílabas):

Solta a avena, de cérea juntura,
Melodia, que ao sono convida.
Quando deve durar a tortura

Quando conversa com Prometeu, às vezes Io se expressa em versos dodecassílabos:

Io
Quem foi, que te cravou aqui sobre o rochedo? (dodecassílabo)
Prometeu

O decreto de Jove e de Vulcano a mão. (dodecassílabo)

Io

Que atentado atraíu tão grave punição? (dodecassílabo)

Prometeu

Para ser compreendido eu disse o necessário. (dodecassílabo)²⁶

Manuel Bandeira (1997, p.542) afirma que o metro de onze sílabas, também chamado de *arte maior*, pode favorecer um ritmo dinâmico e ao mesmo tempo marcado, “pelo que foi preferido por Gonçalves Dias em alguns de seus poemas indianistas de feição épica”, como se pode ver a seguir:

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

I-juca Pirama, de Gonçalves Dias.

Veja-se, na passagem destacada, o ordenamento regular da posição das tônicas ao longo dos versos: “Condão de prodígios, de glória e terror!” (˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ –).²⁷

²⁶ Os versos citados são alexandrinos.

²⁷ É preciso fazer algumas considerações acerca do emprego dos símbolos “˘” e “–” nas apreciações que se seguirão e sobre as diferenças entre a metrificação grega e a portuguesa no que se refere à construção do ritmo dentro do verso. O estudo da metrificação grega pode ser dividido em prosódia, métrica e estrófica. A prosódia estuda os aspectos sonoros na pronúncia das sílabas que constituem a palavra dentro do verso. Os símbolos usados para assinalar o tempo e o modo de pronúncia das sílabas são “˘” (breve) = 1 tempo ou *mora* (*chrónos*) e “–” (longa) = 2 tempos ou *morae*, existindo elevações e descensos na acentuação das sílabas durante a pronúncia, o que não parece ocorrer na versificação portuguesa. Apesar da diferença, utilizam-se os mesmos nomes dos pés rítmicos gregos em língua portuguesa (ex: dátilo – ˘ –, anapesto: ˘ ˘ –), sendo que o símbolo “–” é usado para marcar as “sílabas tônicas” em língua portuguesa, em vez de “longas”, e “˘” as “sílabas átonas” em vez de “breves”. Por outro lado, Olavo Bilac, em seu *Tratado de Versificação*, afirma que é possível constatar que se demora mais tempo na pronúncia das sílabas tônicas em língua portuguesa do que na pronúncia das sílabas átonas. Bilac escreve (1905, p.44): “O *accento* predominante ou a pausa numa palavra é aquella *syllaba* em que parecemos insistir, assinalando-a. [...] A demora na *syllaba*, isto é, no *accento* é o que determina a pausa. [...] O som mais ou menos aberto da vogal não influe sobre o *accento*; a demora é, na pronúncia, o que o caracteriza. Exemplo: - em *tampa*, o *accento* está na primeira, onde mais nos demoramos, e o onde o som é talvez mais frouxo”. Nesse aspecto, pode-se ver certa correspondência entre a língua grega e a portuguesa no emprego dos símbolos “–” (dois tempos, *morae*) e “˘” (um tempo, *mora*). Outro ponto interessante é que em língua grega todas as sílabas são contadas na escansão do verso. Em contrapartida, em língua portuguesa, as sílabas são contadas até a última sílaba tônica do verso. Tal sistema de escansão, também usado no idioma francês, foi introduzido em nossa língua por Antônio Feliciano de Castilho no seu *Tratado de metrificação portuguesa*. Antes dele, contavam-se todas as sílabas do verso que terminava com palavra paroxítona, não se contava a última sílaba do verso terminado com palavra proparoxítona, e considerava-se incompleto o verso que terminava com palavra oxítona, pelo que contava como duas a última sílaba. M. Said Ali tentou restaurar tal sistema, mas, ao que

Paranapiacaba opta por esse mesmo metro na passagem na qual Io narra o assédio que sofreu de Zeus, seguido por sua expulsão da casa paterna e o início de sua marcha maldita. Talvez o Barão entendera que as possibilidades rítmicas do hendecassílabo poderiam evocar a agitação de Io (também é o mesmo metro utilizado quando Io entra em cena). Nesse sentido, haveria nessa passagem uma relação harmônica entre forma e sentido, algo que é perseguido numa tradução criativa:

O rei seus correios mandou em mensagens
A Pytho e Dodona. Queria informar-se
Por quais pensamentos, ações, ou linguagem,
Podia agradável aos Deuses tornar-se.

Voltaram os núncios, trazendo, somente,
Respostas ambíguas, de duplo sentido.
Até que, da parte do Nume vidente,
Oráculo claro lhe foi transmitido.

Em termos expressos, eu fui condenada,
A ser expelida da pátria e do lar,
E, entregue a mim mesma, correndo, agitada,
Por terras longínquas, sem peias, vagar.

[...]

E logo, de formas e mente mudando,
Munida de pontas fiquei, desde então,
Sentindo, contínuo, pungir-me o nefando
Acúleo acerado de um bravo tавão.

Em saltos violentos, às doidas, furente,
De Lerna à colina, fugida, fui ter.
No sítio, onde mana, perene, a nascente
Cencreia, de linfa suave a beber.

Mas Argos, o filho da Terra, o vaqueiro
De inúmeros olhos e d'alma feroz,
Expiando-me os passos, com golpe certo
Dos fixos olhares seguia-me após.

Sucesso imprevisto, de súbito veio
Privá-lo da vida. Mas eu (desgraçada)!
De plagas em plagas, sem pausa, vagueio,

parece, sem muito sucesso (BANDEIRA, 1997, p.6). Quando for necessário escandir um verso em nosso estudo, empregaremos o sistema introduzido por Castilho.

De látego infesto de Juno açoitada.

Veja-se a seguir o esquema escolhido por Paranapiacaba na ordenação das sílabas tônicas e átonas ao longo dos versos:

Voltaram os núncios, trazendo, somente,	(˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ –)
Respostas ambíguas, de duplo sentido.	(˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ –)
Até que, da parte do Nume vidente,	(˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ –)
Oráculo claro lhe foi transmitido.	(˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ – ˘ ˘ –)

Diante do que foi analisado, parece-nos que pelo menos na passagem em que Io narra sua história, o Barão de Paranapiacaba conseguiu fazer “a música soar”.

1.4. Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz

Esse doutor da lexicologia
que amava os gregos nos originais,
e com Platão decerto se entendia,
e conversava coisas imortais...

Esse de cuja a vida bem-fadada
é justo se dizer sinceramente
que foi tão longa quanto devotada
à sua Pátria como à sua gente...

Esse ilustre Varão de nossa raça,
ilustre pelo espírito perfeito,
e a fé cristã e a têmpera sem jaça
e a paixão da Justiça e do Direito,

bem que merece que de sul a norte
o coração de todo brasileiro
exclame num soluço verdadeiro
a dor de sua morte.²⁸

Benjamin Franklin Ramiz Galvão, nascido em 16 de junho de 1846 em Rio Pardo (hoje Ramiz Galvão), no Rio Grande do Sul; falecido em 9 de março de 1938, ano em que completaria 92 anos de idade. Seu pai, João Galvão, morre em 1852, tendo

²⁸J. Pereira da Silva, em homenagem a Ramiz Galvão, in *Revista da Academia de Letras*, vol.55, ano 30, pp.75-76, apud Mauricéa Filho, 1972.

Ramiz apenas 6 anos de idade. Sua mãe, Joana Ramiz Galvão muda-se para o Rio de Janeiro com seu filho. Nessa época, Ramiz começa a frequentar a escola pública Custódio Mafra. Completa seus estudos primários numa escola mantida pela Sociedade Amantes da Instrução, onde recebeu as primeiras lições de Latim do professor Inocêncio de Drummond. Nessa escola, Ramiz Galvão recebeu o 1º prêmio por aplicação aos estudos, em 1855, ano em que também foi admitido como aluno gratuito do Colégio Pedro II (MAURICÉA FILHO, 1972, pp.4-6). Em 1861, Ramiz recebe o diploma de Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II, e prepara-se para o ingresso na Faculdade de Medicina, que era a carreira escolhida pelo jovem. Em 3 de dezembro de 1868 forma-se médico, e é escolhido para ser o orador da turma. Estava presente naquela cerimônia, entre diversas outras autoridades, o Imperador Dom Pedro II.

Com apenas 19 anos de idade Ramiz Galvão escreve o livro “O Púlpito no Brasil”, no qual divide a oratória sacra brasileira em distintos períodos a partir do século XVI até chegar ao seu contemporâneo Francisco José de Carvalho, mais conhecido como Monte Alverne, já mencionado na presente dissertação. Em 1869, Ramiz Galvão exerceu funções de médico no Exército. Nos hospitais militares de Armação e de Andaraí, atendeu feridos advindos da Guerra do Paraguai (MAURICÉA FILHO, 1972, p.34); nessa época foi convidado para substituir seus mestres Schiefer e Cônego Pinheiro, respectivamente nas disciplinas de Grego e Retórica do Colégio Pedro II (ibidem, p.37), além de ser indicado pelo próprio Imperador para ser o Diretor da Biblioteca Nacional. O Decreto Imperial nomeando-o tem a data de 14 de dezembro de 1870 (MAURICÉA FILHO, 1972, p.102). Além disso, Ramiz foi professor na Faculdade de Medicina em 1881. No ano de 1882, Ramiz deixa a cadeira que lecionava na Faculdade de Medicina, bem como a direção da Biblioteca Nacional, para se tornar preceptor dos netos do Imperador, levando sete anos a ensiná-los, até o banimento da família imperial (ibidem, p.46). Existe um rascunho a lápis de uma carta que Ramiz Galvão escreveu a Dom Luiz, neto de Dom Pedro II, que estava vivendo no exílio. Esse rascunho está depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O seguinte trecho da carta foi transcrito por Mauricéa Filho (1972, pp.47-8):

Tenho firme esperança que aí se hão de acentuar os bons predicados que o senhor sempre revelou, enquanto tive ocasião de ser seu mestre: o amor ao trabalho, o rigoroso cumprimento do dever, o culto da Verdade e da Justiça. Estude muito e aprimore o coração. Os frutos deste trabalho e deste aperfeiçoamento, colhe-os-á mais tarde com toda a segurança, não digo já como Príncipe brasileiro, porque a vontade soberana do povo entendeu

chegado o momento de mudar a forma do nosso Governo, mas como particular e como homem. [...] Se ainda se lembra do entusiasmo e do amor com que lhe ensinei, e se me julga digno de sua estima, apesar de me haver feito sincero e leal servidor da República, escreva-me dando notícia do que faz, do que vence e do que espera vencer. Quando estudar sociologia, saberá que a forma republicana é a mais perfeita e a que pode realizar o ideal dos povos. [...] O que fez, portanto, o Brasil, à imitação dos seus irmãos americanos, o que fazemos todos nós, aceitando de coração as consequências do golpe de 15 de novembro, emprestando o nosso concurso à consolidação da República, é um ato de patriotismo. Se alguma coisa há que admirar em tudo isso, é a heroicidade com que sacrificamos os afetos por amor do Bem geral. Certo, pois, de que o seu Preceptor cumpriu e cumpre o seu dever, confio que o estimará e lhe dará sempre o gozo inefável de suas cartas. Mil saudades ao bom e simpático Dom Pedro e ao meigo Totônio. Beije-os a ambos por mim, abraçe-os muitas e muitas vezes, e não esqueça seu velho amigo. (Assinado: Doutor – 1890).

No livro *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*, volume X, 1922, dirigido por Laudelino Freire, encontra-se o seguinte testemunho de Ramiz Galvão acerca de sua tradução do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo²⁹:

Em 1888 d. Pedro II, nosso ilustre e saudoso imperador, confiando-me a tradução literal em prosa, que fizera, do *Prometeu* de Eschylo, pediu-me que tentasse pô-la em verso. Sem pretensão alguma a poeta e pouco afeito a exercícos deste genero, quis corresponder entretanto ao honroso convite e pus mãos à obra, fazendo particular empenho em cingir-me ao texto grego com a maior exacção.

Não foi pequeno o Labor.

Em dias do anno seguinte conclui a rude tarefa e tive a fortuna de ler parte desta traducção ao venerando monarca, que me fez algumas observações judiciosas, pugnando sempre pela versão literal.

Esta absoluta fidelidade sabem todos o quanto é difficil em obras de tal natureza. Fiz, porém, o possível para dar conta à missão, calcando quase verso sobre verso e não raro sacrificando sem duvida a belleza do estilo. Baste dizer que esta traducção está feita em 1084 versos, quando o original grego conta com 1093.

Não deixei, por justificavel escrupulo, de cotejar meu trabalho com varias outras versões do grande tragico, e particularmente me prestaram auxilio em algumas passagens a traducção latina de Ahrens e a francesa de Leconte de Lisle, que são ambas fidelíssimas. Ainda por ultimo fiz este mesmo cotejo com as bellas e esmeradas versões em verso portuguez, da lavra do meu eminente e caro patricio, o Sr. barão de Paranapiacaba, cujo recente livro é um attestado de talento e erudição. De todas ellas algum fruto colhi por vezes, mas a todas antepus invariavelmente o religioso respeito ao original grego, que estudei e procurei interpretar com amor. Não tem este trabalho, já se vê, outro merito; publico-o vinte annos depois, como homenagem á memória do illustre cultor de letras, que me honrou com sua estima desde os primeiros dias da minha mocidade, e de quem guardo a mais respeitosa e grata recordação, como amigo e brasileiro.

B.F. Ramiz Galvão

Asylo Golçalves d'Araujo, 3 de junho de 1909.

²⁹ Mantemos a ortografia original da obra consultada, a qual fotografamos na Faculdade de Direito da USP.

Dessa versão de Ramiz Galvão, destacamos os seguintes decassílabos. Trata-se da tradução dos versos 454-8, pertencentes a uma das falas de Prometeu:

Nenhum indício tinham nem do inverno,
da flórea primavera, nem do estio
frutuoso; mas inscientes procediam
em tudo, até que lhes mostrei dos astros
o nascer e os ocasos pouco certos.

Numa produção poética, o ritmo pode ser construído por meio da reiteração de vários elementos, como, por exemplo, o número fixo de sílabas poéticas, a posição regular das sílabas tônicas, aliteraões e assonâncias. Tais recursos funcionam como que combinaões de diferentes “acordes” ao longo dos versos, dando musicalidade ao texto. Ramiz afirmou que não tinha “pretensão alguma a poeta” e que era “pouco afeito a exercícios deste gênero”. Mas veja-se o emprego das assonâncias e aliteraões por Ramiz Galvão em seus versos:

- 1) Nenhum indício tinham **nem** do inverno,
da flórea primavera, **nem** do estio
frutuoso; mas inscientes procediam
em tudo, até que lhes mostrei dos astros
o nascer e os ocasos pouco certos.
- 2) Nenhum indício **tinham** nem do **in**verno,
da flórea primavera, nem do estio
frutuoso; mas **ins**cientes procediam
em tudo, até que lhes mostrei dos astros
o nascer e os ocasos pouco certos.
- 3) Nenhum indício tinham nem do inverno,
da flórea primavera, nem do **estio**
- 4) Nenhum indício **tinham** nem do inverno,
da flórea primavera, nem do estio
frutuoso; mas inscientes proced**iam**
- 5) em tudo, até que lhes mostrei **dos astros**
o nascer e **os ocasos** pouco certos.

Como visto, Ramiz Galvão afirmou que seu maior critério era o “religioso respeito ao original grego”. Mesmo assim, Ramiz procurou dar certa regularidade à sua tradução valendo-se de um metro muito apreciado em língua portuguesa, o

decassílabo³⁰. Para o coro, embora o metro não seja tão regular quanto nas falas de Prometeu, Ramiz utilizou as rimas:

Sábio era, prudente, (a)
 quem disse, quem primeiro concebeu na mente, (a)
 que só a aliança igual traz bem que dure; (b)
 nos paços enervados da riqueza, (c)
 nos altivos solares da nobreza (c)
 o humilde artista esposa não procure. (b)

Mais um exemplo:

Sempre audaz, desabrido, (a)
 Não te curvas vencido (a)
 ao acerbo infortúnio! (b)
 Fere-me o coração pungente, (c)
 Temendo por teu fado. (d)
 Quando verás findado (d)
 Teu sofrer inclemente? (c)
 Pois é de áspero caráter, intratável, (e)
 esse filho de Cronos, indomável. (e)

Ramiz ainda teve a sensibilidade de não utilizar esse recurso poético no ponto alto do drama, quando Hermes exorta o coro a fugir. Se o eminente filólogo brasileiro tivesse utilizado as rimas nesse momento, provavelmente a carga dramática da passagem seria atenuada:

[...] profere, aconselha o que eu possa (a)
 convencida fazer; a teu discurso (b)
 escutar meus ouvidos se recusam. (c)
 Como podes à infâmia incitar-me? (d)
 Co' ele quero sofrer o destino: (e)
 os traidores a odiar aprendi, (f)
 nem há delito (g)
 dentre todos, que eu mais abomine. (h)

Diante dos exemplos analisados na presente seção, pode-se dizer que Ramiz Galvão, professor de Grego e Retórica do Colégio Pedro II, correspondeu com maestria ao honroso convite feito pelo Imperador.

1.5. J.B. de Mello e Souza

João Batista de Mello e Souza (1888-1969), formado Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II em 1905, era irmão mais velho do engenheiro civil Júlio

³⁰ A. Mauricéa Filho afirma: “Ramiz emprega este decassílabo à moda Bilaqueana: *preciosa prenda aos homens outorgaste!* Basta ter ouvido afeito à música da Poesia” (1972, p.258).

César Mello e Souza (1895-1974), mais conhecido pelo pseudônimo de Malba Tahan, o autor do livro *O Homem que calculava*. J. B. de Mello e Souza tornou-se professor de História Universal do Colégio Pedro II em 1926 (SANTOS, 2009, p.135). Também se dedicou à literatura e ao jornalismo. Dentre suas obras, destacam-se: *Histórias do Rio Paraíba*, *Majupira* (1938), *Meninos de Queluz* (1949) e *Histórias famosas do velho mundo e estudantes do meu tempo* (1958). Sabia falar e escrever em Esperanto, língua criada por Lejzeu Ludwik Zamenhof. Lejzeu “defendia que o Esperanto deveria ser a segunda língua de cada povo”, facilitando o diálogo mundial e a resolução de conflitos (ibidem, p.136). J.B. de Mello e Souza representou o Brasil em importante congresso mundial de Esperanto. Fernando Segismundo, ex-aluno de Mello e Souza, faz a seguinte descrição de seu antigo professor:

Fui aluno de João Batista no Externato do Colégio Pedro II, para onde se transferira. Alto, forte e alegre, comunicava-se paternalmente com os educandos. Suas preleções patenteavam elevado fundo moral. Missionário, presença, valor. Não se lhe percebia ambiguidade ou segredo: era franco, extrovertido, espontâneo. Hábil em motivar a turma, tinha sempre um fato divertido a transmitir, uma narrativa envolvendo heróis ou mulheres exemplares, como Cornélia, mãe dos Gracos. A mitologia Greco-romana, a crença no Brasil, os libertadores da América-Bolívar e José Bonifácio à frente, citações de Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio, Catão, Rui e Padre Vieira, tudo lhe valia para atrair-nos ao estudo da História, fortalecendo-nos o senso patriótico e a conduta moral. Irradiar conhecimentos, brunir caracteres constituiu missão de que jamais abdicou. Construtor de almas, - assim poderíamos sintetizar-lhe a personalidade (apud SANTOS, 2009, p.137).

Outro aluno, Geraldo Pinto Vieira, dá o seguinte testemunho acerca de Mello e Souza: “O João Batista de Mello e Souza foi um grande humanista. Era um homem que conhecia de tudo: Latim, Grego, Esperanto, Música, etc” (ibidem, p.138). Essas informações são muito importantes, visto que no livro no qual está sua tradução do *Prometeu Acorrentado* de 1950 não encontramos indicações claras se a sua versão fora feita a partir do original grego ou não.

Mello, bem como Dom Pedro II e o Barão de Paranapiacaba, usa os nomes romanos para as divindades gregas. Ele não explica o porquê de tal escolha. Paranapiacaba, por exemplo, em sua primeira nota, afirma que: “Os Deuses têm a nomenclatura romana, que é a mais conhecida” (PARANAPIACABA, 1907, p.139). Odorico Mendes toma a mesma decisão em suas traduções da *Ilíada* e *Odisseia*. Em contrapartida, Ramiz Galvão (professor de Grego no Colégio Pedro II na época do

Imperador) não segue essa tendência presente entre os primeiros tradutores brasileiros dos Clássicos.

Pascale Casanova, em seu livro *A República Mundial das Letras*, discorre como a tradição humanista advinda da Renascença influenciara fortissimamente os escritores e tradutores do século XIX:

O latim acumula com o grego, reintroduzido pelos eruditos humanistas, a quase totalidade do capital literário e, mais amplamente, cultural então existente; mas também a língua da qual Roma e a instituição religiosa inteira detêm o monopólio, o papa estando investido da autoridade dupla [...] a do *sacerdotium* - as coisas da fé -, mas também a do *studium* - isto é, tudo o que se refere ao saber, ao estudo e às coisas intelectuais.[...] Por isso é possível compreender o empreendimento humanista, pelo menos parte dele, como uma tentativa dos “leigos”, em luta contra os clérigos latinizantes, de criar uma autonomia intelectual e reapropriar-se, contra o uso escolástico do latim, da herança latina laicizada. Explicitando claramente a natureza de sua luta, os humanistas opõem dessa forma ao latim “bárbaro” dos clérigos escolásticos o refinamento de sua prática recuperada do latim “ciceroniano”. [...] O humanismo europeu é também uma das primeiras formas de emancipação dos letrados da ascendência e da dominação da Igreja (CASANOVA, 2002, p.69, grifo da autora).

Embora J.B. de Mello e Souza não explicita claramente quais os princípios que regeram seu trabalho de tradução, por outro lado revela algo sobre a sua leitura do *Prometeu Acorrentado* em prefácio:

Como nas demais peças do grande trágico eleusiano, as personagens do “Prometeu Acorrentado” são vítimas, impotentes, da fatalidade inexorável. O anúncio, porém, de um futuro melhor, uma brisa de esperança, perpassa, afinal, para conforto dos que sofrem os males do destino. Prometeu seria libertado ao cabo de longo tempo de suplício. O “Prometeu Acorrentado” é o primeiro episódio de uma magestosa trilogia, da qual se perderam as outras partes. Perda lamentável, sem dúvida, pois não nos permite conhecer toda a significação moral dessa tragédia, em que se vê o deus supremo perseguir atrozmente a um nume tutelar dos míseros mortais, a um benfeitor da humanidade (1950, p.5).

Tratemos agora de algumas das características de sua tradução em prosa.

No original, Prometeu aconselha Io a não atravessar um determinado rio (versos 717-21). Dom Pedro II translitera o nome desse rio em sua tradução: “Chegarás ao rio Hybristes (violento) não falsamente chamado, o qual não atraveses; pois não é fácil de atravessar”. O nome desse rio advém da palavra grega *hýbris*, que, entre outras coisas, pode significar “desmedida”, sobretudo do ponto de vista moral (inclusive Jaa Torrano tende a traduzir essa palavra por “soberbia”). Torrano traduz da seguinte forma o trecho

supracitado: “Irás ao rio Soberbo, de não falso nome, / que não transporás, difícil de transpor”. É interessante notar o fato de que em 1950 J.B. de Mello e Souza já havia chegado a uma solução semelhante à de Torrano, traduzindo *Hybristés* por “Orgulhoso”: “Atingirás as margens do rio Orgulhoso, que não desmente o seu nome”.

Veja-se também a tradução de J.B. de Mello e Souza para os versos 780-1: “Escolhe, pois: ou sabes o que te resta a sofrer ainda, ou **o nome** de meu libertador” (grifo nosso). Trata-se das possibilidades de revelações do futuro que Prometeu deu à Io.

O fato curioso é que Prometeu não revela o nome de “Héracles” na tragédia, mas apenas dá as características desse descendente de Io. Teria sido um equívoco de Ésquilo prometer o nome do libertador e depois não o revelar? De modo nenhum. Pois no original grego não existe a palavra “nome” na passagem em questão. Literalmente, o texto esquiliano reza: “digo claro teus vindouros males ou quem há de me libertar”. Portanto, a tradução de J.B. de Mello e Souza cria um equívoco que não há no texto original de Ésquilo.

Em sentido lato, a tradução em prosa de Mello e Souza tende à paráfrase e à grandiloquência. Em contrapartida, a última fala de Prometeu (vv.1080-93) foi traduzida de forma muito sucinta:

Com efeito, não foi uma ameaça, apenas: a terra põe-se a tremer...O Soturno ronco já se faz ouvir...turbilhões de poeira se erguem...todos os furacões desencadeados parece que estão contra mim! Contra mim, é que Júpiter desfecha tão horrendo cataclismo. Ó minha augusta mãe: ó tu, divino éter que cercais o universo de luz eterna...vede que injustos tormentos me fazem sofrer!

Compare-se o trecho citado com a tradução feita por Dom Pedro II para a mesma passagem:

E de fato, e não mais por palavras balança-se a terra: reboa o eco rugidor do trovão; brilham as espirais ardentes do relâmpago, e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sopros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de opostos furacões, e são abalados juntamente ar e mar. Tais ímpetos contra mim vem manifestamente de Júpiter para meterem medo. Ó nume de minha mãe, ó ar que volve a luz comum de todos, vês quão injustamente soffro.

Apesar dos pontos problemáticos mencionados, pode-se dizer que a tradução de J.B. de Mello e Souza de 1950 deve ser considerada um marco na história da tradução do *Prometeu Acorrentado* no Brasil, pois ela retoma a tradição iniciada por Dom Pedro II, Paranapiacaba e Ramiz Galvão. Se não contarmos a reedição da tradução de Ramiz Galvão em 1922, mas apenas a publicação original de 1909, o *Prometeu* ficou sem ter

uma nova tradução por no mínimo 40 anos. Com sua tradução, J.B. de Mello e Souza quebrou esse grande silêncio. Sua tradução do *Prometeu Acorrentado* é a que teve o maior número de reedições até agora (1964, 1966, 1969, 1970, 1998, 2001, 2002, 2005)³¹.

1.6. Jaime Bruna

O professor Jaime Bruna nasceu no dia 15 de setembro de 1910. Seu nome consta no Sistema USP (banco de dados da Universidade de São Paulo) com vínculo inicial em 25 de janeiro de 1934, que é a data da fundação da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), criada como o polo central da Universidade de São Paulo (USP). No entanto, não é possível verificar qual era o vínculo naquela altura: se ele ingressou como aluno de graduação ou em outra condição de pesquisador. A sua contratação ocorreu em 1965, na condição de instrutor da cadeira de Língua e Literatura Latina. Ele se aposentou em 1980 como professor assistente doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Jaime faleceu em 19 de setembro de 1988, quatro dias depois de completar 78 anos de idade. Essas foram as informações que encontramos na ficha do Departamento Pessoal da FFLCH-USP.

Devido a uma “epifânica” coincidência, descobrimos que o professor de Língua e Literatura Grega da USP, Jaa Torrano, em seu tempo de graduando no curso de Letras da FFLCH, pegava carona no carro da então professora da USP Aída Costa. O professor Jaime Bruna também ia de carona no carro de Aída, e, segundo Torrano, Bruna descia na chamada “Praça da Paineira” (Hoje o nome oficial da praça é Jorge de Lima, esquina da Av. Vital Brasil com a Av. Valdemar Ferreira, bairro Butantã, São Paulo, SP). Havia uma única paineira nesse local. Torrano conta que numa destas caronas, foi comentado que a Prefeitura derrubaria a paineira. Houve um princípio de revolta por parte de alguns estudantes e moradores da região, que se mobilizaram contra. Jaime, ouvindo isso, exclamou: “Vai dar paina para mangas!”, o que revela, ao menos, senso de humor.

Em conversa com o Prof. Antonio da Silveira Mendonça (professor de latim aposentado da USP), descobrimos que Jaime fora bancário antes de se dedicar ao ensino e às letras clássicas. Jaime Bruna “era bastante íntegro e metódico em seu trabalho”, comentou o professor Mendonça.

³¹ Atualmente a editora Martin Claret tem reimpresso essa tradução, talvez por causa das facilidades ligadas aos Direitos Autorais.

Embora desconhecido para muitos acadêmicos, Jaime Bruna foi bastante prolífero em sua prática tradutória. José Paulo Paes, em sua retrospectiva da prática tradutória no Brasil, menciona o nome de Bruna na seguinte passagem:

Quanto a traduções contemporâneas de textos clássicos em verso e prosa, mencionem-se as realizadas por Carlos Alberto Nunes, Jaime Bruna, Mário da Gama Kury, José Cavalcanti de Sousa, Tassilo Orfeu Spalding, Almeida Cousin etc. (PAES, 1990, p.31).

Em nossa opinião, o projeto tradutório de Bruna era traduzir pelo menos uma obra dos grandes escritores da Grécia e da Roma antiga (embora tenha traduzido mais de uma obra de autores de sua preferência). Jaime Traduziu: Platão, *Diálogos* (1945); Eurípides, *Hécuba* (1957); Sófocles, *Electra* (1960); Marco Aurélio, *Meditações* (1964); *Teatro Grego: Ésquilo/ Prometeu Acorrentado; Sófocles/ Rei Édipo; Eurípides/Hipólito; Aristófanes/Nuvens* (1964); Xenofonte, *A educação de Ciro* (1965); *Eloquência grega e latina*, trechos de Tucídides, Demóstenes, Salústio, Cícero, Lísias, Isócrates e Ésquines (1968); Platão, *Górgias ou a oratória* (1970); *Plauto: interprete de sentimentos populares* (1972); Lucretius, Carus, Titus, *Da Natureza* (1973); Homero, *Odisseia* (1976); Plautus, Titus e Maccius, *Comédias: O Cabo; Caruncho; Os Menecmos; Os Prisoneiros; O Soldado Fanfarrão* (1978); Epícuro, *Antologia de textos* (1981); *Poética Clássica: Aristóteles, Horácio e Longino* (1981).

Jaime não costuma falar de sua prática tradutória nas introduções de seus trabalhos. Quanto a Ésquilo, porém, o tradutor escreve:

Caracteriza a poesia de Ésquilo a amplidão; Aristófanes, sem embargo seu admirador, apelidou-o de “criador de precipícios”. Compraz-se em representar paixões violentas, em emitir pensamentos soberbos, ideias sombrias; sua religião é a do terror; sua moral, sofrer para aprender. A constante de sua obra se confina aos conceitos de “hybris” – a insolência, o crime, o pecado – “ate” o castigo fatal provocado pela “hybris”. Seus coros são muito desenvolvidos e a ação é pouca. Um grande lírico, cujo meio de expressão foi a tragédia (BRUNA, 1964, p.11).

Bruna não faz uma tradução literal do *Prometeu Acorrentado*. A impressão é que, em certas passagens, Jaime procura entender o sentido geral do texto e, a partir disso, não tem receio em criar algo para tentar comunicar bem o que os personagens envolvidos estariam sentindo no momento da ação. Veja-se a seguir uma das falas de Hefesto traduzida por ele: “Ai! Prometeu, gemo baixinho por teus sofrimentos”, enquanto Dom Pedro II verte a mesma fala da seguinte forma: “Ai, ai, Prometeu, gemo

com tuas desgraças”. Também é possível que o leitor tenha certa dificuldade com o léxico escolhido em algumas passagens de sua tradução: “[...] infeliz de mim, porém, para gáudio dos inimigos, sofro como grimpa ao sabor dos ventos”, e ainda: “Responda a essa mofina”. Embora sua tradução seja em prosa, em alguns trechos Bruna alcança efeitos sonoros interessantes: “Destino! Destino! Sinto arrepios ao ver as desventuras de **Io**” (grifo nosso, marcando assonância).

Excetuando-se a curta menção feita por José Paulo Paes, citada nessa seção, não encontramos nenhuma outra referência ao trabalho tradutório de Jaime Bruna, embora ele tivesse sido um incansável tradutor, como demonstra muito bem o grande número de suas traduções.

1.7. Napoleão Lopes Filho

Infelizmente, não conseguimos muitas informações biográficas acerca de Napoleão Lopes Filho além das partilhadas por ele mesmo na introdução de sua tradução do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo (1967), publicada na Coleção Diálogo da Ribalta (Editora Vozes). Entre as traduções publicadas pela coleção, encontram-se a *Antígone* de Sófocles, com tradução de Guilherme de Almeida e *A Máquina Infernal* de Jean Cocteau, com tradução de Manuel Bandeira. Essa coleção traz muitas traduções que foram encenadas no Brasil, o que nos faz acreditar que Napoleão Lopes Filho esteja de alguma forma ligado ao teatro e que sua tradução fora concebida para a encenação. Essa hipótese ganha força quando lemos a seguinte advertência encontrada na contracapa do seu livro: “Esta peça não poderá ser representada sem licença da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais”. No final de seu texto introdutório, o autor também escreve: “Napoleão Lopes Filho/ Cidade do Salvador, 1959”. Tal informação é bastante sugestiva, pois encontramos um registro na enciclopédia Itaú Cultural de que em 1959, no Teatro Guarany, em Salvador, foi encenada a peça *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, com tradução de Gilda de Mello e Adaptação de Benedito de Corsi. No elenco da peça encontramos o nome de “Napoleão Lopes Filho”. Se for a mesma pessoa, nosso tradutor também era um ator. Ainda em sua introdução, Lopes Filho escreve:

Regeu-nos neste trabalho o critério de que o verso é intraduzível e de que a poesia, quando é autêntica, pode passar livremente de um a outro idioma, levando o que tem de essencial – a sua presença (1967, p.65).

Tais afirmações nos parecem um tanto quanto contraditórias, pois se o verso é “intraduzível”, como a poesia, mesmo sendo “autêntica”, poderia “passar livremente de um a outro idioma”? Napoleão não explica.

Além de sua tradução do *Prometeu Acorrentado*, Napoleão nos apresenta a tradução de *As Suplicantes*, de Ésquilo, e a tradução do ensaio “Ésquilo como poeta das ideias”, de Gilbert Murray. Vale mencionar também o seguinte levantamento feito por Napoleão Lopes Filho das edições dos originais gregos de Ésquilo:

A edição *princeps* das tragédias de Ésquilo data de 1517 e foi impressa em Veneza nas oficinas de Aldus Manutius. Essa publicação se ressentia de ter unificado uma parte das “Coéforas” com o “Agamenon”, falha grave que foi reparada por Vettori, quarenta anos depois, quando veio a lume a edição francesa de Henri Estienne. Três anos mais tarde, Canter, em edição cuidada e conhecida pelo nome de Anvers, apurou ainda mais o texto, reaproximando-o do original manuscrito. A edição inglesa, feita sob a responsabilidade de Lord Stanley data de 1663, e somente um século depois, na sua edição de Haia, Cornelius Paw reuniu aos escólios anteriormente achegados por Stanley, as notas de Robortel, de Turnède, de Henry Estienne e de Canter, publicação essa feita no ano de 1745, em dois volumes. Apesar de todos esses trabalhos resultarem de estudos e pesquisas em torno do teatro grego, com o cuidado e o apuro dos eruditos, as edições Schültz, em três volumes reuniram todos os textos conhecidos de Ésquilo e é reputada como a melhor, tendo aparecido em Halle, nos anos de 1782 e seguintes (LOPES FILHO, 1967, p.66).

A edição de Stanley, citada por Lopes Filho, também é mencionada em carta escrita pelo Barão de Paranapiacaba à Princesa Isabel (manter-se-á a ortografia original na citação):

Falta-me, para elemento de consulta, a traducção de Thomaz Stanley, edição de Londres (do seculo 17) com o texto grego de um lado e do outro o latino.

Depois de alguns annos de inutil pesquisa por todas as livrarias da Europa, foi descoberta essa obra (a melhor que ha sobre Eschylo) na bibliotheca de Napoles pelo Dor Alambary Luz, que ahi fez extrahir copias da versão latina de Prometheu e suas respectivas notas e m'as remetteu.

O texto original grego editado por Stanley não foi remetido ao Barão de Paranapiacaba, mas apenas a versão latina encontrada no mesmo livro. Não encontramos nenhuma menção feita por Dom Pedro II acerca de qual edição do texto grego utilizara para fazer sua tradução em prosa. Contudo, é possível que a edição de Christian Gottfried Schültz tenha sido utilizada pelo Imperador, também citada por Napoleão Lopes Filho: “as edições Schültz, em três volumes reuniram todos os textos conhecidos de Ésquilo e é reputada como a melhor, tendo aparecido em Halle, nos anos

de 1782 e seguintes”. Em sua tradução em prosa, Dom Pedro II faz a marcação dos trechos que estavam corrompidos na edição que consultara (marcação com “X”):

Doce é estendêr longa vida por confiadas esperanças, nutrindo a alma de brilhantes alegrias; mas horroriso-me, observando porque infinitos * <↑soffrimentos> [és atorm]entado. <x x x x x> Não temendo Jupiter, honras demasiadamente os mortaes, Prometheu, por tua propria vontade. <↑Strophe 2^a>³² Eia! Que ingrata gratidão, oh amigo; dize: onde auxilio? Que socôrro dos ephemerous? Não observaste a importante fraqueza semelhante a um sonho, <↑com>[*] que a dos mortaes x x x cega geração está algemada? Os conselhos dos mortaes <↑nunca>[*] preferem á ordem estabelecida por Jupiter

Trata-se da tradução de um trecho do segundo estásimo da tragédia. Na edição de Stanley publicada em 1809, não há a indicação de corrupção na passagem citada:

Figura 24. Trecho dos versos 536-54 do *Prometeu Acorrentado*, edição de Thomas Stanley (1809), *Aeschylus tragoediae quae supersunt*, digitalizada pela Universidade de Cambridge em 2010.

Mas a edição de Schültz traz as indicações de corrupção indicadas por Dom Pedro II (há de se lembrar que a tradução de Dom Pedro II é de 1871)³³:

³² A indicação do início da estrofe 2^a foi feita por meio de linhas ascendentes no manuscrito, partindo dentre as palavras “vontade” e “eia”, nas quais é escrito “(Strophe 2^a)”, como uma espécie de correção feita pelo autor.

³³ A edição de Schültz que tivemos acesso é a de 1809, embora Napoleão Lopes Filho afirme que existe uma mais antiga, a de 1782.

Figura 25. Trecho referente aos versos 536-50 do *Prometeu Acorrentado*, edição de Christian Gottfried Schütz, *Aeschyli tragoediae quae supersunt ac deperditarum fragmenta*, também de 1809.

Textos estabelecidos modernamente, como o de Paul Mazon (1953) e Mark Griffith (1997), não trazem a marcação de corrupção no verso 550, como o faz Christian Gottfried Schütz. É claro que Dom Pedro II poderia ter usado edições anteriores às de Schütz e Stanley. Apesar disso, levando-se em conta que a edição de Schütz era “reputada como a melhor” (LOPES FILHO, 1967, p.66), sendo anterior a tradução Imperial, e tendo marcações de corrupção semelhantes, é possível que Dom Pedro II tenha se valido dela para fazer sua tradução em prosa.

Edições modernas do original grego, como a de Griffith, por exemplo, não costumam trazer um levantamento das edições anteriores, sobretudo das mais antigas. Pensando nisso, devemos reconhecer que as indicações feitas pelo tradutor Napoleão Lopes Filho foram bastante úteis para termos algum conhecimento acerca das edições do texto original do *Prometeu Acorrentado* empreendidas nos séculos XVIII e XIX ³⁴. Ao final de sua bibliografia, Lopes Filho ainda escreve:

³⁴ A edição de Thomas Stanley de (1809), *Aeschyli tragoediae quae supersunt*, digitalizada pela Universidade de Cambridge em 2010, contém os originais gregos das tragédias *Prometeu acorrentado* e

Para a presente tradução tomamos os textos de Paul Mazon, “Eschyle”, Société d’Edition “Les Belles Lettres” acima citado. Bem como o texto castelhano impresso por Pedro Henrique Ureña da Editorial Losada, S.A., Buenos Aires, 1941, que se deve a uma tradução direta do grego de autoria de Fernando Segundo Brieve de Salvatierra (LOPES FILHO, 1967, p.103).

Embora seja uma tradução em prosa, a versão de Napoleão Lopes Filho não recorre geralmente à paráfrase. Ele opta também pelos nomes gregos das divindades em vez dos advindos da tradição latina. Em sua tradução, Lopes Filho distingue as partes cantadas do coro das partes faladas, escrevendo-as em itálico. Embora não declare abertamente, parece ser possível que Napoleão Lopes Filho conhecesse a língua grega, pois se observa certa literalidade em sua tradução.

À guisa de exemplo, veja-se o seguinte trecho de sua tradução:

Hermes

Essas são palavras e razões que só é possível ouvir de mentecaptos. Que coisa falta à tua demência? Porventura fosses melhor tratado se acalmariam os teus furores? Ao menos vós, que vos condoeis de suas misérias, afastai-vos deste lugar imediatamente. O horrendo rugir do trovão vos deixaria atônitas.

Coro

Dize-me e aconselha-me qualquer outra coisa e serás obedecido, mas as palavras que pronunciastes não as posso tolerar. Como? Mandas que renda culto à covardia? Nos males que há de padecer quero tomar parte com ele, pois aprendi a odiar aos traidores e não há vileza que mais me repugne do que essa.

1.8. Mário da Gama Kury

Segundo Adriane da Silva Duarte (2016, pp.52-3):

Mário da Gama Kury (1922, Sena Madureira/AC) é um dos mais produtivos tradutores do grego antigo [...]. Advogado, trabalhou por 30 anos na Vale, enquanto, em paralelo, estudava grego por conta própria e dava início às primeiras traduções. Com a aposentadoria, em 1976, dedicou-se integralmente à atividade, vertendo todo o teatro grego, tragédias e comédias [...], e o principal da historiografia, as obras monumentais de Heródoto,

suplicantes, com tradução e notas em latim do próprio Stanley, reunidos pelo erudito do século XIX, Samuel Butler (1774-1839). O fac-símile digitalizado da edição de Christian Gottfried Schütz, *Aeschyli tragoediae quae supersunt ac deperditarum fragmenta*, também de 1809, entre tantos e-books vendidos no aplicativo Play Livros, é disponibilizado gratuitamente aos seus usuários, como uma espécie de “brinde”.

Tucídides e Políbio, além de Aristóteles e Diógenes Laécio, editadas pela UNB.

Quando se estudam as traduções brasileiras do *Prometeu Acorrentado*, é fácil notar que os tradutores não costumam falar do seu *modus operandi*, talvez encorajados por seus editores a não revelar o segredo do prodigioso ofício de verter um texto estrangeiro, reescrevendo-o em língua portuguesa como o faria seu próprio autor se tivesse domínio de nossa língua, mas sem deixar de ser estrangeiro:

Verter um poema do grego, por exemplo, ou de qualquer outro idioma, é, teoricamente pelo menos, reescrevê-lo em português como o faria seu próprio autor, se tivesse domínio operativo de nossa língua, mas sem, no entanto, deixar de ser grego (PAES, 1990, p.93).

Mário da Gama Kury, por sua vez, escreve algumas linhas revelando-nos algo sobre sua prática tradutória:

Embora evitando uma linguagem empolada, procuramos manter em português a grandiosidade também verbal que a própria peça tem no original, decorrência lógica da condição divina dos personagens.

Para nossa tradução servimo-nos principalmente do texto editado por Gilbert Murray (KURY, 1993, p.12).

Quando o tradutor explicita alguns de seus critérios, como fez Kury, o crítico literário pode se valer deles para apreciar e julgar a tradução. E de fato, Mario da Gama Kury procura evitar a “linguagem empolada”, sem deixar sua tradução coloquial demais. Veja-se, por exemplo, a tradução da última fala de Prometeu:

Mas, eis os fatos, não simples palavras;
a terra treme, e também repercute
em seus abismos a voz do trovão;
em sinuosidades abrasadas
já resplandece o raio; um ciclone
volteia e forma turbilhões de pó;
os sopros do ar lúcido se lançam
uns contra os outros e se digladiam;
os ventos já estão em plena guerra
o céu já se confunde com o mar.
Eis a rajada que, para espantar-me,
vem decididamente contra mim,
mandada por Zeus todo-poderoso.
Ah! Minha majestosa mãe, e o Éter
Que faz girar ao redor deste mundo
a luz oferecida a todos nós!
Vedes a iniquidade que me atinge?

Ésquilo escreveu a fala citada de Prometeu em 14 versos, Gama Kury a verteu em 17. Nota-se, portanto, que Mário da Gama Kury não tende à literalidade.

No trecho supracitado, vale a pena destacar o belo verso “os ventos já estão em plena guerra” (◡ – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ –), trata-se de um decassílabo em pentâmetro iâmbico, um tipo de métrica que une as características de um verso heróico (marcação nas sexta e décima sílabas) e as de um sáfico (marcação na quarta, oitava e décima sílabas). Também nota-se um ordenamento interessante na posição das sílabas tônicas nesses outros dois versos: “a terra treme, e também repercute / em seus abismos a voz do trovão” (◡ – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ –) / (◡ – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ – ◡ –).

A grande quantidade de traduções feitas por Mário da Gama Kury denota o imenso apreço que ele devota à cultura e à literatura gregas. Não se conformando em usufruir sozinho das qualidades dos textos clássicos, Kury esforçou-se diligentemente para despertar interesse semelhante em outros leitores. Sua importância para a história da tradução no Brasil é grande. O número de reedições de sua tradução do *Prometeu Acorrentado* (1993, 1998, 1999, 2004, 2009) só é inferior ao de J.B. de Mello e Souza.

1.9. Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves

Por ser uma tradução com um número escasso de exemplares encontrados, e ainda levando-se em conta que a encontramos apenas na universidade que a publicou originalmente (Araraquara: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1977), é de se supor que a tradução feita por Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves era destinada principalmente aos alunos de grego em Araraquara. Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves são professoras aposentadas da Unesp, embora Moura Neves ainda esteja em plena atividade aos 88 anos de idade (no tempo que a presente seção foi redigida), lecionando como voluntária no Programa de Pós-graduação da Unesp, além de trabalhar na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Maria Helena de Moura Neves foi aluna de Daisi Malhadas.

Embora o livro traga uma interessante introdução e úteis notas de rodapé, não se encontra nele a explicitação dos princípios que nortearam o trabalho de tradução e nem a indicação de quais trechos Malhadas traduziu ou Moura Neves. Além das duas autoras, o livro apresenta como colaboradores Aldo Bellagamba Colesanti, Leila Curi Rodrigues Olivi, Maria Nazareth Guimarães Cardoso e Marisa Giannecchini Gonçalves

de Souza. Também não é informado como cada uma dessas pessoas contribui no trabalho.

Diante desses dados, parece que as autoras não deram tanta ênfase ao aspecto autoral da tradução em questão, e a dicção de cada uma delas não é facilmente perceptível ao longo do texto.

No artigo “O Espetáculo na Tragédia” (1993), Daisi Malhadas apresenta a tradução de um trecho da última fala de Prometeu (p.56). Esse trecho é idêntico à mesma passagem encontrada na tradução de 1977, ainda que não faça referência direta à obra no corpo do texto e nem nas “Referências”. Será que a passagem foi traduzida especificamente por Malhadas em 1977? Não se sabe. Veja-se a seguir o trecho mencionado:

Eis que com fatos, não mais com palavras,
a terra é sacudida,
a voz subterrânea do trovão, em torno,
ruge, os ziguezagues do relâmpago
brilham em chamas, um turbilhão remoinha
a poeira, lançam-se os sopros
dos ventos todos, uns contra os outros:
a guerra de lufadas contrárias está declarada,
confunde-se o céu com o mar.
Eis que contra mim uma rajada, por vontade de Zeus,
para amedrontar, avança sob a vista de todos.

No trecho destacado, percebe-se que o número de sílabas poéticas varia para cada verso. Tal decisão não parece ter sido tomada visando realçar um determinado efeito poético, mas sim para se permitir a transmissão do sentido sem a restrição que o número fixo de sílabas poéticas poderia ocasionar. Tem-se a impressão de que uma correspondência numérica dos termos com o original não é procurada a todo custo, e por isso não proliferam os neologismos no trecho citado. Desta forma, o português não é, por assim dizer, forçado a se tornar mais “helenizado”. Em contrapartida, percebe-se que em certos trechos uma proximidade numérica e sonora dos termos com o texto de partida parece ser mais perseguida. Não nos esqueçamos que a tradução foi feita por pelo menos duas tradutoras, e tais diferenças, embora sejam sutis, talvez sejam como que digitais de cada uma delas. No seguinte trecho, por exemplo, percebe-se uma

correspondência maior com o original no que se refere ao som e ao número das palavras em cada verso:

1.Χθονὸς μὲν ἐς τηλουρὸν ἤκομεν πέδον, 2.Σκύθην ἐς οἶμον, ἄβατον εἰς ἐρημίαν. 3.Ἦφαιστε, σοὶ δὲ χρὴ μέλειν ἐπιστολὰς 4.ἃς σοι πατὴρ ἐφείτο, τόνδε πρὸς πέτραις 5.ὑψηλοκρήμυνοις τὸν λεωργὸν ὀχμάσαι 6.ἄδμαντίνων δεσμῶν ἐν ἀρρήκτοις πέδαις.	1.Aqui estamos em solo de longínqua terra, 2.o país cita, um deserto sem vivalma. 3.Hefesto, a ti compete cumprir as ordens 4.que teu pai ditou: sobre penedos 5.de alcantis agrestes, este celerado prender 6.em infrangíveis elos de grilhões de aço.
---	--

Quadro III. Análise comparativa entre original e tradução.

Do verso 3 ao 6 a posição dos termos é praticamente idêntica ao original. Veja-se, por exemplo, a posição de Ἦφαιστε e “Hefesto”, σοὶ e “a ti”, χρὴ μέλειν e “compete cumprir”, ἐπιστολὰς e “ordens” no terceiro verso. Se no primeiro verso não há uma correspondência idêntica na posição dos termos, por outro lado, uma interessante semelhança sonora é alcançada. Χθονὸς (“solo”), por exemplo, é a primeira palavra do primeiro verso, mas sua tradução, “solo”, é a quarta palavra na versão brasileira. Apesar disso, a consonte velar “q” de “**aqui**” (primeira palavra na tradução) encontra certa ressonância com a também consoante velar “X” de Χθονὸς (primeira palavra do original). Veja-se também a correspondência sonora entre μὲν ἐς τηλουρὸν e “**estamos em solo**”.

A tradução do *Prometeu Acorrentado* não foi o único projeto no qual Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves trabalharam juntas. Pode-se destacar também o primeiro Dicionário de Grego Clássico-Português feito por helenistas brasileiros, organizado por Malhadas, Moura Neves e Maria Celeste Consolin Dezotti (publicado pela editora Ateliê Editorial). Ao ser perguntada pela Folha de São Paulo se o conhecimento do grego é imprescindível para estudar filosofia ou literatura, Daisi Malhadas respondeu:

Perguntam-me para que estudar o grego desde que comecei a estudá-lo. Eu procurava justificativas, como ser uma das origens da língua portuguesa, da filosofia, uma literatura da qual se originam gêneros atuais... Atualmente digo que o grego não é produto de supermercado. Não vou procurar uma fórmula, para que serve. O grego tem a beleza da arte, é importante em si.³⁵

³⁵ “Para ler Platão no original”. Folha de São Paulo, caderno MAIS!, edição de 25 de fevereiro de 2007.

1.10. O Tradutor Anônimo

Em nossa busca por traduções brasileiras do *Prometeu Acorrentado*, encontramos um livro com traduções de três tragédias gregas e uma comédia; a saber: *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, *Antígona* de Sófocles, *Medéia* de Eurípedes, e *As vespas* de Aristófanes. O livro não traz nenhuma indicação de quem teria sido o tradutor ou tradutores dessas obras gregas. O Título do livro é: *Teatro Grego/ Os grandes clássicos*. Foi publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1980. Na contracapa do livro está escrito: “Esta edição é reservada ao círculo de amigos de OTTO PIERRE EDITORES, LTDA”.

É difícil assegurar se a mencionada edição de 1980 é uma compilação de traduções brasileiras anteriormente publicadas ou não. Antes da tradução do *Prometeu Acorrentado* empreendida pelo Tradutor Anônimo, foram publicadas as traduções de Daisy Malhadas e Maria Helena de Moura Neves (1977), de Mário da Gama Kury (1968), de Napoleão Lopes Filho (1967), de Jaime Bruna (1964), J.B. de Mello e Souza (1950), de Ramiz Galvão (1909) e as versões do Barão de Paranapiacaba (1907). A tradução de Dom Pedro II nunca foi publicada, e por isso dificilmente poderia ser plagiada. Entre todas essas traduções, a de J.B. de Mello e Souza é a que possuiu o maior número de reedições (pelo menos quatro antes de 1980). Mesmo assim, a última fala de Prometeu foi traduzida de forma muito resumida na versão de Mello e Souza. Caso a tradução de 1980 do Tradutor Anônimo fosse um plágio da tradução de J.B. de Mello e Souza, provavelmente existiriam rastros do plágio nessa última fala. Mas não é isso o que acontece, como se pode averiguar a seguir:

Prometeu

Com efeito, não foi uma ameaça, apenas: a terra põe-se a tremer...O soturno ronco já se faz ouvir... Turbilhões de poeira se erguem...todos os furacões desencadeados parece que estão contra mim! Contra mim, é que Jupiter desfecha tão horrendo cataclismo. Ó minha algusta mãe: ó tu, divino éter que cercas o universo de luz eterna...vede que injustos tormentos me fazem sofrer! (J.B. de Mello e Souza)

Prometeu

Às palavras seguiram-se os atos. A Terra vacila, e o trovão ruge surdamente nas suas profundidades; em ziguezagues inflamados estalam os raios no ar e o furioso céu levanta o pó em torvelinhos. Os ventos precipitam-se uns contra os outros; abriu-se entre eles a contenda, e o ar e o mar confundem-se. Eis a força desencadeada, lançada com certeza contra mim pela mão de Zeus, para infundir-me medo. Oh! Majestade de minha mãe! Ó éter, que fazes girar ao

redor do mundo a luz que nos alumia, a todos, contemplem as iniquidades que tenho de padecer! (O Tradutor Anônimo)

Mas outras três traduções vertem a mesma fala de Prometeu de forma semelhante à do Tradutor Anônimo em alguns aspectos. Uma é anterior, e a outra é posterior à tradução publicada pela OTTO PIERRE EDITORES, LTDA:

Ó éter, que fazes girar ao redor do mundo a luz que nos alumia, a todos, contemplem as iniquidades que tenho de padecer! (O Tradutor Anônimo, 1980)

[...] e o Éter / que faz girar ao redor deste mundo/ a luz oferecida a todos nós!/ Vedes a iniquidade que me atinge? (Mário da Gama Kury, 1968)

Éter, que fazes rodar ao redor do mundo a luz comum a todos, vede o tratamento ultrajante que me afligem? (Alberto Guzik, 1982).

Veja-se agora o texto original (vv.1091-3)

[...] ὃ πάντων
αἰθὴρ κοινὸν φάος εἰλίσσων,
ἐσορᾷς μ' ὥς ἔκδικα πάσχω³⁶.

A tradução literal da passagem supracitada seria algo como: “Ó Éter que volves a luz comum de todos. Vês quão injustamente soffro”³⁷. Portanto, não existe a palavra “mundo” no original grego, embora tal palavra possa ser subentendida a partir da expressão “ao redor de” (εἰλίσσων), e isso é feito nas três traduções brasileiras anteriormente citadas. Nos trechos supracitados, pode-se notar ainda que o começo da fala de Prometeu na tradução de Mário da Gama Kury parece ser diferente das outras duas:

“Mas, eis os fatos, não simples palavras” (Mário da Gama Kury)

“Às palavras seguiram-se os atos” (O Tradutor Anônimo)

“Os atos se seguem às palavras” (Alberto Guzik)

³⁶ Passagem transcrita igualmente nas edições de Staley (1809), Shultz (1809), Paul Mazon (1953), e Mark Griffith (1997).

³⁷ Tradução literal de Dom Pedro II, com exceção da palavra “Éter”, vertida por “ar” pelo Imperador.

O texto original correspondente a esse trecho é o seguinte (v. 1080): καὶ μὴν ἔργῳ κοῦκέτι μύθῳ. A tradução literal desse verso seria algo como: “E de fato, e não mais por palavra”.³⁸ Portanto, não há o verbo “seguir” no original grego.

Seria difícil o Tradutor Anônimo plagiar em 1980 uma tradução que ainda não havia sido publicada, ou seja, a de Alberto Guzik, de 1982 (a não ser que os dois autores fossem conhecidos e tivessem acesso mútuo aos originais ainda não publicados, o que parece ser improvável, ou ainda que se tratasse do mesmo autor, isto é, o próprio Alberto Guzik, algo que nos parece inverossímil). Por outro lado, não acreditamos que Guzik tenha plagiado a tradução do Tradutor Anônimo. A tradução deste não foi publicada em larga escala, mas reservada a um “círculo de amigos de OTTO PIERRE EDITORES, LTDA”, não era um livro que circulava em profusão. Por isso, supomos que elas tenham uma influência comum além do texto original grego, talvez uma tradução estrangeira do *Prometeu Acorrentado*.

Conta-se que em meio ao panteão grego, os atenienses contruíram um altar com a seguinte inscrição: “Ao deus desconhecido” (*agnóstoi theôî*). No caso presente, o exemplo ateniense nos inspira a não privar o Tradutor Desconhecido de um lugar no rol das versões brasileiras do *Prometeu Acorrentado* em nosso trabalho.

1.11. Alberto Guzik

Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural, Alberto Guzik (1944 - 2010) foi um autor e ator de peças teatrais. Envolveu-se com a atividade teatral desde os 5 anos, quando ingressou no Teatro Escola São Paulo, grupo orientado por Tatiana Belinky e Júlio Gouvêa, participando do elenco de *Peter Pan*, em 1949. Formou-se em direito pela Mackenzie, mas nunca exerceu a profissão. Também cursou a Escola de Arte Dramática (EAD), que concluiu em 1966. Alberto Guzik foi crítico de teatro da *Isto É*, de 1978 a 1981. Desde 1984, colaborou com o Caderno 2 de *O Estado de S. Paulo*. Mestre em teatro pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA/USP, defendeu em 1982 a dissertação *TBC: Crônica de Um Sonho*. Em 1995, Alberto publica o romance *Um Risco de Vida*, indicado ao Prêmio Jabuti. Como dramaturgo estréia com a peça *Um Deus Cruel*, em 1997.

Alberto Guzik fez parte de uma equipe de tradutores sob a direção de J. Guinsburg, na qual contribuiu com a tradução dos livros *A tragédia Grega*, de Albin

³⁸ Tradução de Dom Pedro II.

Lesky (1971); *Fim do povo judeu?* de Georges Friedmann (1969) e *Rei de Carne e Osso*, de Mosché Schamir (1971).

Não existem referências claras se Alberto traduziu o *Prometeu Acorrentado* a partir do original grego, e também em nenhuma das biografias encontradas foi mencionado que ele estudara essa língua. Enviamos uma mensagem para seu blog, visando encontrar alguma pista a esse respeito. Aimar Labaki, depois de consultar a dramaturga Maria Adelaide do Amaral, respondeu-nos que provavelmente Alberto fizera sua tradução do inglês ou do francês. Isso daria força à hipótese apresentada na seção anterior de que O Tradutor Desconhecido e Alberto Guzik teriam consultado a mesma tradução estrangeira do *Prometeu* para fazerem suas respectivas traduções em português.

Existem várias indicações de cena ao longo de sua tradução, o que nos faz pensar que Guzik vislumbrava a possibilidade de sua tradução ser encenada. Sua prosa é fluente, conseguindo expressar bem a tenacidade de Prometeu: “Faças o que fizeres, não conseguirás fazer perecer o deus que eu sou”. Outras vezes vale-se da ambiguidade dos termos, para potencializar a dramaticidade: “Ele, deus, desejou unir a esta mortal e fez dela a vagabunda que podes ver”.

Guzik também faz um uso bastante peculiar das interjeições:

Io
 Aaah! As convulsões voltam a se apoderar de mim e o delírio que transporta
 minha alma queima e inflama.
 [...]
 Hermes
 Parece não querer dizer nada do que deseja meu pai.
 Prometeu
 Ooh! Mas claro! Vista minha dívida para com ele, eu deveria lhe pagar com
 meu reconhecimento, não é mesmo?

Sendo um homem do teatro, Guzik se dispôs a traduzir uma obra daquele que fora considerado o “pai da tragédia”. Talvez ao traduzi-la, esse importante dramaturgo brasileiro refletiu mais atentamente sobre a origem do gênero de arte a que tanto se dedicou: o drama.

1.12. Jaa Torrano

Em março de 1971, José Antonio Alves Torrano (Jaa Torrano) chegara a São Paulo para iniciar seus estudos de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo:

Eu estava desempregado e incerto a respeito de que fazer e de como me manter sozinho, longe de minha família, na imensa, erma e solitária cidade de São Paulo. [...] Quando ainda morava em Catanduva, fiz uma esforçada e malsucedida tentativa de estudar grego clássico sozinho, com os livros tomados às bibliotecas do colégio e da prefeitura (TORRANO, 2006, p.4).

O Prof. Antonio da Silveira Mendonça, professor de latim aposentado da USP, guarda algumas lembranças daquele jovem aluno da USP:

Como a maioria de nós, Torrano chegou à USP de bolsos vazios. Teve que trabalhar enquanto estudava. Se eu não me engano, ele trabalhou em uma repartição do Estado. Mesmo assim, ele não se descurava dos estudos. Era extremamente esforçado. Também me lembro que o Torrano tinha um profundo respeito e admiração pelo seu professor de Grego. O nome desse professor era Cavalcante.

Sobre o professor Cavalcante, Jaa Torrano escreve em seu *Memorial*:

No segundo semestre de 1971, convidado por uma colega mais experiente, fui assistir como ouvinte as aulas do curso sobre os filósofos pré-socráticos ministrado pelo Prof. Dr. José Cavalcante de Souza no Dept. de Filosofia. A colega mais experiente me disse: “Observa como os olhos dele brilham, quando ele explica as palavras dos versos ou dos fragmentos”. Era verdade. Também fiquei encantado com as aulas do Prof. Cavalcante, decorei os versos de Parmênides e os fragmentos de Heráclito, recitava-os repetidas vezes em silêncio ou em voz alta, lia e refletia sobre os enigmas da língua e do pensamento gregos assinalados pelo professor e desafiados em suas aulas. A meu ver, na figura algo socrática do Prof. Cavalcante, tanto durante suas aulas quanto fora delas, brilhava a magnificência do simples (TORRANO, 2006, p.5).

A concepção que o Prof. Cavalcante tinha sobre tradução teve um grande impacto sobre a poética tradutória de seu aluno:

A tradução para o professor Cavalcante estava a serviço da hermenêutica de documentos literários e, portanto, o âmbito da tradução é o da interdisciplinaridade entre História, Filosofia e Poesia (TORRANO apud MALTA, 2015, p.186).

Para Torrano, essa busca hermenêutica de um entendimento mais acurado do texto antigo por meio da tradução encontrou um eco expressivo nos famosos “parágrafos metodológicos” de Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*, 1.20-22). Nesses parágrafos, o famoso historiador grego utiliza a palavra “acribia” (rigor,

exatidão), afirmando que, em seu trabalho, a busca pela exatidão no relato dos fatos prevaleceria sobre o agrado que pudesse despertar em seus leitores. Da mesma forma, parece que a preocupação maior no trabalho tradutório de Torrano é a busca pela exatidão dos termos originais. Isso é perceptível, por exemplo, no próprio título de sua tradução de 2009: *Prometeu Cadeeiro*, como ele mesmo explica:

O nome “desmótes” é formado do mesmo tema de *desmá* e do sufixo de nome de agente *-tes*. Com esses elementos, o sentido originário desse nome é “o encadeador” e aponta a competência técnica que faz de Prometeu um Deus congênere (*syggenés*, cf. Pr. 14 e 39) de Hefesto, a saber, a arte metalúrgica, com que se fabricam cadeias e todos os meios de encadear e de prender. *Desmótes*, portanto, significa “o senhor das cadeias”. [...] Ao dar título a esta tragédia, cujo tema central é a privação de poderes e a passividade em que se vê encadeado e imobilizado o Titã ao ser excluído de toda participação em Zeus, o nome *Desmótes* sofre uma mutação de sentido, e adquire o sentido passivo que figura nos títulos das traduções tradicionais: “Prometeu encadeado”, ou “acorrentado”, ou “agrilhado” etc. Para indicar essa mutação e ambiguidade do título, é necessário um nome de fabricante de cadeias que tenha essa duplicidade de sentido ativo e passivo. Em dois textos diversos, numa página de *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos e no verbete do *Grande e Novíssimo Dicionário de Língua Portuguesa* de Laudelino Freire, pode-se verificar que a palavra “cadeeiro” tem essa duplicidade de sentido (TORRANO, 2009, pp. 327-8).

Essa busca por exatidão (“acribia”) não tem sido um caminho fácil para Torrano, como ele mesmo afirma em entrevista dada a André Malta:

[...] mas este ideal estilístico de precisão, concisão e simplicidade ainda me parece ora uma perene aspiração ora a miragem de uma perene aspiração. Sob esse aspecto, o pior foi a tradução de *Prometeu Prisioneiro*, publicada em 1985, pelo seguinte motivo: além de todas as exigências impostas pelos ideais estilísticos de precisão, clareza e acribia poética, havia uma inacreditável exigência extraordinária de manter no ponto de chegada vernáculo – tanto quanto possível – a mesma ordem das palavras que do ponto de partida helênico. Não atribuo esse disparate ao meu professor, mas a uma brincadeira de Hermes com a minha admiração, amizade e estima por meu professor, quando percebi a piscada de Hermes refiz a tradução; a que dei o novo título *Prometeu Cadeeiro* (MALTA, 2015, p.187).

Veja-se a seguir algumas comparações entre as duas traduções:

ὃ δῖος αἰθὴρ καὶ ταχύπτεροι πνοαί,
ποταμῶν τε πηγαί, ποντίων τε κυμάτων
ἀνήριθμον γέλασμα, παμμήτορ τε γῆ,
καὶ τὸν πανόπτην κύκλον ἡλίου καλῶ.
ἴδεσθέ μ' οἷα πρὸς θεῶν πάσχω θεός.
(vv.89-92, grifo nosso)

Ó divino *Aithér*, velozes alados ventos,
fontes de rios, das marinas ondas,
inúmero riso, omnimãe Terra,
e o omnividente círculo do Sol invoco.
Vede-me o que dos Deuses padeço Deus.
(*Prometeu Prisioneiro*, 1985)

Ó divino Fulgor e velozes alados ventos
e fontes de rios e número brilho
de ondas marinhas e Terra mãe de todos,
e invoco o onividente círculo do sol.
Vede-me que dos Deuses padeço Deus.
(*Prometeu Cadeeiro*, 2009, grifo nosso)

Na tradução de 2009, nota-se que Torrano procura reproduzir a sequência de conjunções presentes no original grego (καὶ...τε...τε...τε). Ele não fizera isso em sua tradução de 1985. Esse recurso dá um tom mais declamatório e melódico à tradução de 2009, como se ela tivesse sido pensada não só para ser lida em silêncio. Como visto, Torrano contara que em seu tempo de estudante decorava versos de Parmênides e fragmentos de Heráclito, os quais recitava “repetidas vezes em silêncio ou em voz alta”. Diante disso, não nos parece improvável que Torrano faça o mesmo com suas traduções. Embora a versão de 2009 não possua um número fixo de sílabas poéticas para todos os versos, é possível perceber certo cuidado por parte de Torrano em relação à sonoridade de seu texto. E de fato, para M. Said Ali:

Ritmo é o que nos impressiona quer a vista, quer o ouvido, pela sua repetição frequente com intervalos regulares. Condição essencial deste conceito é que os nossos sentidos possam perceber com facilidade a reiteração. [...] Os olhos notam ritmo no andamento do pêndulo, na marcha de um batalhão, e não o percebem na carreira veloz nem no rastejar. [...] Produzem no ouvido a sensação do ritmo reiterações superiores a 30 por minuto e inferiores a 140 (ALI, 2006, p.29-30)

Embora o perfil de tradutor de Torrano não nos permita imaginar que ele fique tamborilando na mesa, contando sílabas poéticas, enquanto escreve suas traduções, já tivemos, por outro lado, a ventura de ouvi-lo lendo alguns trechos de suas traduções das tragédias de Eurípides. A impressão que tivemos é que há certa regularidade no ritmo de seus versos durante a leitura. Veja-se, por exemplo, como os hendecassílabos prevalecem em sua dicção no trecho a seguir:

1.Ó divino Fulgor e velozes alados ventos	(14 sílabas poéticas)
2.e fontes de rios e inúmero brilho	(Hendecassílabo)
3.de ondas marinhas e Terra mãe de todos,	(Hendecassílabo)
4.e invoco o onividente círculo do Sol.	(Dodecassílabo)
5.Vede-me que dos Deuses padeço Deus.	(Hendecassílabo)
(Prometeu Cadeeiro, 2009)	

Percebe-se um número maior de neologismos em *Prometeu Prisioneiro* (1985) em comparação com *Prometeu Cadeeiro* (2009): “rectivolente”, “marimúrmeres”, “altíngremes”, “omnimãe”, “largífluos”. Mas existem elementos no trabalho de Torrano que não mudam com o passar dos anos. São como marcas que, em conjunto, possibilitam distinguir suas traduções das outras, mesmo que não estivessem assinadas. Uma delas é o fato de que Torrano não traduz – talvez movido pelo seu princípio de “acribia” – nenhuma das interjeições gregas.

A língua grega possui uma grande variedade de interjeições, quase sempre traduzidas simplesmente por “Ai!”. Torrano, por sua vez, apenas lhes translitera. Sobre esse ponto, ele escreveu em nota para sua tradução da *Medeia* de Eurípides (1991):

Gritos de dor, de alegria ou de espanto não se traduzem. Mantivemos as interjeições tão peculiares à tragédia tais e quais, apenas transliterando-as, por supormos que o sentido geral do contexto e da situação baste para libertar-hes toda a carga emotiva e valor afetivo (TORRANO, 1991, p.25)

Outra característica notável, e sempre utilizada por Torrano em suas traduções de tragédia grega é escrever as palavras “deus” e “deuses”, “deusa” e “deusas” com a inicial em letra maiúscula. Dentre todas as versões brasileiras do *Prometeu Acorrentado*, somente o Barão de Paranapiacaba e Torrano fazem isso. Se olharmos além das traduções do *Prometeu*, Haroldo de Campos também empregou tal recurso em sua tradução da *Ilíada*. Veja-se a seguir:

A ira, **Deusa**, celebra do peleio Aquiles,
o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas
trouxe, e incontáveis almas arrojou no Hades
de valentes, de heróis, espólio para os cães,
pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus;
desde que por primeiro a discórdia apartou
o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.
Que **Deus**, posto entre ambos, provocou a rixa?

Por outro lado, veja-se a proposta de Carlos Alberto Nunes para a mesma passagem:

Canta-me a cólera – **ó deusa** – funesta do Aquileu Pelida
 causa que foi de os aquivos sofrerem trabalhos sem conta
 e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos
 e esclarecidos ficando eles próprios aos cães atirados
 e como pasto das aves. Cumpriu-se de Zeus o desígnio
 desde o princípio em que os dois em discórdia ficaram cindidos:
 o de Atreu filho senhor de guerreiros e Aquileu divino.
 Qual dentre os **deuses** eternos foi a causa de que eles brigassem?

Por fim, aquele jovem que chegou de bolsos vazios na USP, atualmente completou mais de 40 anos como professor de Língua e Literatura Grega na mesma universidade onde se formou, além de ser um dos mais prolíferos tradutores brasileiros. Ele “criou uma forma muito particular de transposição, segundo a qual verter é fonte e fim da atividade de interpretação” (MALTA, 2015, p185).

1.13. Trajano Vieira

Segundo a Professora de Língua e Literatura Grega da USP Adriane da Silva Duarte (2016, p.52):

Trajano Vieira também fez seus estudos na USP e hoje é professor no IEL [Intituto de Estudos da Linguagem] /Unicamp. Sua atividade acadêmica é indissociável de seu projeto tradutório. Colaborador de Haroldo de Campos na transcrição da *Iliada*, de cuja poética se aproxima, verteu a *Odisseia* (SP: Editora 34, 2011), obra que fez juz ao prêmio Jabuti de tradução em 2012. Tem se dedicado à tradução do teatro grego, sempre procurando soluções poéticas variadas.

Devemos reconhecer que o livro *Três Tragédias Gregas* (1997), organizado por Trajano Vieira (no qual está o ensaio “O Prometeu dos barões” de Haroldo de Campos), e o texto apresentado por Adriane da Silva Duarte na XVI Jornada de Estudos da Antiguidade, “Em Bom Português: a tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil” (CEIA, UFF, publicado em 2016), foram os principais catalizadores da presente pesquisa.

Duarte (2016) faz um apanhado geral dos nomes significativos para a história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. Entre essas figuras é mencionado o nome de Dom Pedro II. O texto também informa que o Imperador solicitara aos barões a

realização de versões poéticas a partir de sua tradução em prosa. Na época em que lemos o texto, em 2016, já conhecíamos o papel de Dom Pedro II como patrocinador das letras e das artes no Segundo Império, mas não sabíamos que ele próprio se dedicava à prática tradutória e que tinha traduzido o *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo. Por meio da bibliografia encontrada no texto de Duarte, chegamos ao livro *Três Tragédias Gregas*, na esperança de encontrarmos a tradução em prosa de Dom Pedro II na íntegra. Embora não haja nenhuma transcrição ou análise da tradução em prosa de Dom Pedro II nessas duas produções acadêmicas, seríamos injustos se não mencionássemos a importância que tiveram o texto de Adriane da Silva Duarte e o livro organizado por Trajano Vieira, despertando-nos o interesse para esse tema. Olhando para trás, percebemos que sem essas duas produções provavelmente a presente dissertação não existiria.

Em entrevista dada a Pedro Paulo Funari (*Programa Diálogo sem Fronteira*, 2012), Trajano Vieira afirma que a “tradução criativa não se coloca diante do original de maneira submissa. [...] O tradutor aceita o desafio de dialogar com o original”. É interessante essa afirmação de Vieira. A tradução criativa não é um monólogo, no qual apenas o autor original se revela. Isso fica evidente no seguinte trecho de sua “transcrição” da tragédia *Prometeu Acorrentado*:

Prometeu
Adora, adula, invoca sempre o rei.
Não vale para mim nenhum **vintém**.
Que ele vigore em seu fugaz império.
No Olimpo, seu poder será efêmero.
Já posso ver o **leva-e-traz** de Zeus,
moleque-de-recado do tirano.
Creio que traz consigo alguma nova.

Embora expressem bem o desprezo que Prometeu estava sentindo por Hermes no momento da fala, as palavras em negrito (“vintém”, “leva-e-traz” e “moleque-de-recado”) são pouco convencionais em traduções dos clássicos gregos. Trajano, em seu diálogo com o texto original, alude a expressões proverbiais famosas em português, como nesses versos de sua tradução do *Ájax*: “Quem te viu, infeliz, e quem te vê;/ digno de pranto até dos inimigos”, ou nesta fala de Menelau: “Bato na mesma tecla: não o enterres”. A voz moderna de Trajano aqui é explícita, pois evidentemente entre os gregos antigos não existiam calculadoras, máquinas de escrever ou piano para se bater

“na mesma tecla”. Ainda no trecho supracitado do *Prometeu*, é possível notar as seguintes aliterações e assonâncias:

Adora, **a**dula, **i**nvoca sempre o rei.
Não vale para **mim** nenhum **vintém**

Nota-se também a intencionalidade poética do tradutor por meio da regularidade do número das sílabas poéticas:

Adora, adula, invoca sempre o rei. (Decassílabo)
Não vale para mim nenhum vintém. (Decassílabo)
Que ele vigore em seu fugaz império. (Decassílabo)
No Olimpo, seu poder será efêmero. (Decassílabo)
Já posso ver o leva-e-traz de Zeus, (Decassílabo)
Moleque-de-recado do tirano. (Decassílabo)
Creio que traz consigo alguma nova. (Decassílabo)

Veja-se outra passagem interessante de sua tradução:

Me cansas. Não sou onda para entrar
no teu embalo. Deixo tudo claro:
Zeus não me atemoriza como à fêmea.
Não peço que me livre das algemas
como a mulher que estende palmas súplices.
Não fui explícito? Eu detesto Júpiter!

Na tradução literal de Dom Pedro II, encontra-se a mesma passagem vertida da seguinte forma:

Debalde me importunas, como uma onda, convencendo-me. Nunca te entre
na cabeça que eu aterrado pelo designio de Júpiter me tornarei mulheril, e
suplicarei, com elevações femininas de mãos, ao grandemente odiado que me
solte destas cadeias; estou inteiramente longe disto.

Cotejando-se a solução de Trajano Vieira com a versão do Imperador, a proposta “transcriadora” de Vieira se torna ainda mais evidente: “Me cansas. Não sou onda para entrar / no teu embalo”.

Em sentido lato, os tradutores brasileiros têm optado por escolher ou os nomes gregos das divindades ou os da tradição latina. Vieira, por seu turno, opta por utilizar as duas tradições na passagem citada, visando alcançar uma criativa rima soante (rima de vogais):

Me cansas. Não sou onda para entrar
no teu embalo. Deixo tudo claro:
Zeus não me atemoriza como à fêmea.

Não peço que me livre das algemas
 como a mulher que estende palmas **súplices**.
 Não fui **explícito**? Eu detesto **Júpiter!**

Nota-se ainda a confluência de sons encontrada entre as palavras “súplices” e “explícito”:

como a mulher que estende palmas **súplices**.
 Não fui **explícito**? Eu detesto Júpiter!

E a rima soante e interna encontrada no segundo verso da passagem citada:

Me cansas. Não sou onda para entrar
 no teu **embalo**. Deixo tudo **claro**:

A sequência de três proparoxítonas, intercaladas por duas palavras entre elas, cria um efeito interessante, como se Prometeu estivesse “cuspindo” as palavras cheio de ódio:

como a mulher que estende palmas **súplices**.
 Não fui **explícito**? Eu detesto **Júpiter!**

Vale a pena ainda citar a última fala de Prometeu. Trajano Veira, visando expressar adequadamente a carga emotiva do Titã diante da portentosa fúria de Zeus, opta por um metro mais curto (octossílabo), fazendo com que a fala do titã se torne ainda mais acelerada:

Cala a palavra. Fala o ato:
 a terra toda treme, rouco
 o ronco do trovão ecoa,
 relâmpagos acendem tranças
 de fogo, o remoinho roda
 a poeira, rajadas irrompem
 e encenam uma guerra aérea.
 Céu no mar: confusão extrema.
 É Zeus o autor dessa intempérie,
 Quer abater-me de pavor.
 Mãe venerável, Éter, luz,
 Moldura móvel do universo,
 Contempla minha pena injusta!

Para finalizar a presente seção, cita-se a seguir mais um trecho da entrevista já mencionada de Trajano Vieira:

De uma forma geral, acho que a gente como tradutor deve assumir riscos. Mesmo que o resultado não seja o mais adequado no final. Mas o gesto corajoso me parece ser mais interessante do que uma atitude submissa. É pelo menos assim que eu penso. [...] Para mim, a tradução está ligada à satisfação. Eu jamais conseguiria traduzir um texto sob encomenda, até gostaria, mas eu não consigo. Só consigo traduzir textos que despertem, num certo momento de leitura, a minha atenção para algo, e a partir dali eu começo a traduzir.

Conclusão

Mauri Furlan afirma que a tradução é “histórica e reflete uma concepção histórica da linguagem, e, portanto, mutável através dos tempos” (2015, p.247). O exemplo das versões brasileiras do *Prometeu Acorrentado* parece confirmar tal afirmação. Não há versões idênticas, nem mesmo entre duas traduções empreendidas pelo mesmo autor, como nos casos de Paranapiacaba e Jaa Torrano. Também os exemplos citados parecem indicar que devemos ter cuidado em ver as versões poéticas do Barão de Paranapiacaba unicamente como a “tradução de Dom Pedro II em versos”. A leitura da tragédia diverge em pontos importantes, como, por exemplo, a questão da cumplicidade entre Oceano e Prometeu. Nas versões de Paranapiacaba, Oceano é cúmplice de Prometeu apenas no sentido de se condoer com a situação do Titã encadeado, mas nas traduções de Dom Pedro II e Ramiz Galvão, a leitura parece sugerir que Oceano participara de alguma forma dos planos de Prometeu para socorrer a humanidade, mas saiu ileso. Portanto, se as versões de Paranapiacaba fossem apenas adaptações da tradução em prosa de Dom Pedro II, elas dificilmente difeririam na leitura dessa passagem. Uma análise mais detalhada da tradução Imperial e das versões poéticas de Paranapiacaba, como a empreendida no próximo capítulo, parece também fortalecer essa tese.

A tradução de J. B. de Mello e Souza é a que possui o maior número de edições: nove no total, se contarmos também a edição original (1950, 1964, 1966, 1969, 1970, 1998, 2001, 2002, 2005). Ela retoma a tradição começada pelos barões e Dom Pedro II depois de quatro décadas sem que o *Prometeu* fosse novamente traduzido.

Contando com as reedições, as décadas de 60 e a de 90 do século passado foram as que nos deram o maior número de publicações do *Prometeu Acorrentado*, sete para

cada uma delas³⁹. Coincidência ou não, foi justamente na década de 60 que ocorreu o golpe militar no Brasil, iniciando um período de ditadura que só terminaria no final da década de 80. Isso parece indicar certa tendência pela qual a famosa tragédia de Ésquilo foi lida e interpretada⁴⁰.

Dom Pedro II manifestou o desejo de traduzir o *Prometeu Acorrentado* enquanto estava envolvido na longa e cruenta Guerra do Paraguai. Talvez o choque entre uma monarquia constitucional e uma ditadura em efetiva expansão tenha suscitado no Imperador o interesse por essa tragédia grega. Como se sabe, Dom Pedro II era um inegável incentivador das letras e das artes, e não seria difícil para ele se identificar com Prometeu, que afirma em uma passagem da tragédia: “Em poucas palavras aprende tudo de uma vez; todas as artes proviram aos mortais de Prometeu” (tradução de Dom Pedro II). No entanto, a leitura proposta por Jaa Torrano nos chama atenção para a possibilidade de que Ésquilo não pretendesse encenar uma espécie de manifesto contra a tirania, mas instigar uma interessante e complexa reflexão sobre a soberania de Zeus.

³⁹ Década de 60: J. B de Mello e Souza (1964, 1966, 1969), Jaime Bruna (1964, 1968), Napoleão Lopes Filho (1967) e Mário da Gama Kury (1968). Década de 90: Mário da Gama Kury (1993, 1998, 1999), Trajano Vieira (1997), Jaime Bruna (1996), J.B. de Mello e Souza (1998) e Ramiz Galvão (1997).

⁴⁰ Segundo Daisi Malhadas (1988, p.105): “Com uma certa regularidade, particularmente a partir da década de sessenta, tem havido, no Brasil, montagens de peças gregas do século V a.C”. Entre as encenações modernas ocorridas no período, pode-se destacar: *Édipo Rei*, em 1967, dirigida por Flávio Rangel, com Paulo Autran no papel de Édipo; *Electra*, em 1965, direção de Antônio Abujana; *Prometeu Acorrentado*, em 1969, direção de Emílio Di Biasi. Em 1975, “tivemos uma das mais expressivas criações inspirada na tragédia *Medeia* de Eurípides: *A Gota d’água* do dramaturgo e diretor de teatro Paulo Pontes e de Francisco Buarque de Holanda, famoso compositor de música popular brasileira, tratado mais comumente pelo cognome de Chico Buarque”(ibidem, p.109). No ano de 1979 houve mais uma encenação do *Prometeu Acorrentado*, desta vez sob a direção de Ivan Albuquerque.

CAPÍTULO 2 – Análise da tradução de Dom Pedro II e de suas versões poéticas

No artigo “Em busca da tradição perdida”, Paula da Cunha Corrêa, professora de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, coteja trechos de três traduções brasileiras do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo. Os autores das traduções analisadas por Corrêa são Ramiz Galvão, João Cardoso de Menezes e Trajano Vieira. Dentre as duas versões de Paranapiacaba, Paula da Cunha Corrêa analisa a versão na qual predominam os decassílabos soltos. No presente capítulo, a tradução em prosa de Dom Pedro II e a versão poética na qual o Barão de Paranapiacaba emprega as rimas serão observadas em confronto com a versão em que predominam os decassílabos soltos, evocando-se muitas vezes as considerações feitas por Corrêa em seu artigo. A proposta nos parece vantajosa pelos seguintes motivos:

- 1) Corrêa faz uma análise cuidadosa, baseando-se em estudos filológicos de autores como Chantraine (1954), Griffith (1983) e M.L West (1990)⁴¹. Prudentemente, a professora e pesquisadora uspiana comenta:

Fazer crítica de tradução é tarefa ingrata na qual é possível cometer as mais graves injustiças. Pois se o bom tradutor está sempre sacrificando uma passagem ou um aspecto do texto para compensá-lo de outra forma, ou em outro lugar, a lente do crítico pode incidir justamente sobre seus versos menos felizes ou, ao contrário, apenas pinçar os melhores para favorecê-lo (CORRÊA, 1999, p.175).

- 2) Como Corrêa não tinha D.Pedro II em mente, valendo-se de seus comentários acerca das soluções oferecidas pelas traduções de Trajano Vieira, Ramiz Galvão e João Cardozo de Menezes, pode-se alcançar um escopo maior com a inclusão da versão de D. Pedro II e da outra versão do Barão de Paranapiacaba.

Na análise proposta, seguir-se-á a ordem encontrada no artigo de Corrêa quanto às citações dos textos gregos e dos seus posicionamentos frente às traduções analisadas. Levando-se em conta que as versões do Barão de Paranapiacaba e a de Ramiz Galvão

⁴¹ Além da contribuição dada por Chantraine em seu artigo “A propos de l'adverbe ionien λμῖως, λέως”, cita-se a contribuição de M.L West em *Studies in Aeschylus*, Stuttgart, 1990.

foram incentivadas por Dom Pedro II, dar-se-á ênfase a elas nas citações, as quais serão seguidas pelos comentários de Corrêa e pelos trechos correspondentes da tradução em prosa de D. Pedro II e da outra versão poética de Paranapiacaba.

2.1. Primeira rodada de leitura

Principiemos a análise proposta pela primeira passagem do *Prometeu Acorrentado* citado no artigo *Em busca da tradição perdida*, de Paula da Cunha Corrêa:

Ἦφαιστε, σοὶ δὲ χρὴ μέλειν ἐπιστολὰς
 ἃς σοι πατὴρ ἔφεῖτο, τόνδε πρὸς πέτραις
 ὑψηλοκρήμνοις τὸν λεωργὸν ὀχμάσαι
 ἀδαμαντίνων δεσμῶν ἐν ἀρρήκτοις πέδαις (vv.3-6).

O filólogo brasileiro, Ramiz Galvão, lê a passagem da seguinte forma:

Das ordens de teu pai, Hefesto, cuida,
 e o criminoso prende às escarpadas
 rochas co' algemas de aço, que não quebrem.

O Barão de Paranapiacaba, por sua vez, traduz os mesmos versos nestes termos:

Tempo é de dar execução às ordens,
 Que o Pai te impôs, Vulcano. Neste abrupto
 Alcantil prende em rede inquebrantável,
 De adamantinos vínculos formada,
 Este amotinador do povo [...].

Eis o comentário de Corrêa para as versões apresentadas:

Na primeira caracterização de Prometeu, o Poder o chama de criminoso (v.5 *leōrgós*). É impressionante que o Barão de Ramiz, no final do século passado, tenha chegado à mesma solução que Chantraine, em 1954, obteve após estudar esse termo importante e tão difícil. Segundo Chantraine, *leōrgós* é derivado de *leîos*, que significa liso, o que foi aplanado, reduzido a pó e, portanto, destruído. Hesíquio (III 31.96) glosa *leōrgós* por malfeitor, espertalhão e homicida e, segundo Pólux (III.134), nas *Memorabilia* (I.3.9) de Xenofonte, é uma palavra grosseira, chula. Esse termo injurioso, mas “sem valor jurídico”, serviu como “um dos diversos substitutos de *kakōûrgos*” e, seguindo o seu modelo, designa um “malfeitor” que é capaz de

tudo. Ao citar o fragmento 177 W de Arquíloco e esses dois versos do *Prometeu* (vv.4-5), Chantraine traduziu o termo por “criminoso”, assim como o fizeram Ramiz Galvão e Trajano Vieira⁴² (CORRÊA, 1999, p.176).

Tratando-se da solução de Paranapiacaba, Corrêa afirma:

O Barão de Paranapiacaba, por sua vez, verte *leōrgós* por ‘amotinador do povo’. A expressão, além de ser longa, especifica o crime de Prometeu que, no epíteto original, permanece indeterminado (ibidem, p.176).

O interessante é que a mesma solução de Paranapiacaba é também encontrada na tradução de Napoleão Lopes Filho. Napoleão afirmou que também consultara um “texto castelhano impresso por Pedro Henrique Ureña da Editorial Losada, S.A., Buenos Aires, 1941, que se deve a uma tradução direta do grego de autoria de Fernando Segundo Brieva de Salvatierra” (LOPES FILHO, 1967, p.103). A tradução de Salvatierra, por sua vez, foi publicada em 1880, e, como se sabe, João Cardoso de Menezes publicou suas versões poéticas em 1907. Será que o Barão também teria consultado a tradução de Salvatierra enquanto fazia suas versões poéticas? A tradução de “*leōrgós*” por “amotinador do povo”, feita tanto por Paranapiacaba quanto por Napoleão Lopes Filho, pode indicar uma influência comum. A solução de Lopes Filho para o trecho comentado por Corrêa é a seguinte:

A ti, pois, Hefestos, importa dar cumprimento às ordens do Pai: amarrar este **agitador do povo** no alto precipício destas rochas [...] (grifo nosso).

E de fato, a influência de Salvatierra na tradução de Paranapiacaba pode ser atestada pela seguinte nota escrita pelo Barão em seu livro de 1907:

Salvatierra diz que *leorgòn* quer dizer “alborotador do povo”, baseando a sua interpretação na rigorosa etimologia do termo, “que actúa sobre o povo e o move” “tomando a palavra *actúa* em sentido indiferente e não á boa ou má parte”. O Escholiasta e Suidas dão a esta palavra cinco significados diversos (PARANAPIACABA, 1907, p.141).⁴³

⁴² Deves cumprir à risca, Hefesto, o édito
paterno: aprisionar o criminoso
com fortes cabos de aço no rochedo íngreme.

(Trajano Vieira)

⁴³ A ortografia original foi mantida na citação. Vale lembrar que a análise do termo por Chantraine é de 1954. A etimologia de “*leōrgós*” na acepção de “alborotador do povo” era possível na época em que os barões fizeram suas versões, embora hoje desacreditada.

Veja-se a seguir as duas versões de Paranapiacaba em confronto. Doravante, chamar-se-á a versão que emprega rimas e não analisada por Corrêa de “versão 1”, pois foi a primeira versão composta por João Cardoso de Menezes, como demonstrado no Capítulo 1⁴⁴. A versão analisada por Paula Corrêa, a que emprega os decassílabos soltos, será denominada “versão 2”:

Versão 1:	Versão 2:
Vulcano! É tempo! Executa	Tempo é de dar execução às ordens,
Ordens, que o Pai quis impor.	Que o Pai te impôs, Vulcano. Neste abrupto
Nesta penedia abrupta	Alcantil prende em rede inquebrantável,
Prega este audaz malfeitor	De adamantinos vínculos formada,
	Este amotinador do povo [...].
Em forte, indomável trama	
De liames adamantinos	
Intrinca-o bem [...]	

Quadro IV. Cotejo das versões poéticas do Barão de Paranapiacaba para os versos 3-6 do original.

Nota-se que a versão 1 harmoniza-se mais com o comentário de Corrêa, isto é, Paranapiacaba traduziu o termo “leōrgós” por “malfeitor”, palavra com significado mais próximo ao de “criminoso”, acepção esta empregada tanto por Ramiz Galvão como por Trajano Vieira. É perceptível também que a exigência de rima autoimposta por Paranapiacaba deixou a versão 1 mais prolixa do que a versão 2. Como visto no Capítulo 1, o original grego possui 1093 versos, e a versão 1 de Paranapiacaba conta com 1410 versos (317 versos a mais que o original). A versão 2, por sua vez, conta com 1338 versos, perfazendo 245 versos a mais do que o texto grego. A tradução de Ramiz Galvão, por outro lado, possui 1084 versos, 9 versos a menos que o original.

Como será que a versão em prosa de Dom Pedro II se sairia diante do comentário de Corrêa? Veja-se a seguir o trecho que Pedro de Alcântara traduziu:

Vulcano, cumpre cuidares das ordens, que te deu o Pai de ligar este **malfeitor** aos rochedos alcantilados com algemas infrangíveis de vínculos de aço. (grifo nosso)

⁴⁴ Ver página 60 da presente dissertação.

D. Pedro II bem como Paranapiacaba (versão 1) vertem *leōrgós* como “malfeitor”. Mesmo assim, existem mais divergências que convergências na escolha das expressões no restante da passagem em questão. Se Paranapiacaba traduz “ἀδαμαντίνων δεσμῶν ἐν ἀρρήκτοις πέδαις” por “ídomável trama de liames adamantinos” (versão 1) e “rede inquebrantável, de adamantinos vínculos formada” (versão 2), Dom Pedro II, por sua vez, traduz: “com algemas infrangíveis de vínculos de aço”. É importante salientar que o Barão procurou uma correspondência sonora maior com o termo grego “ἀδαμαντίνων”, vertendo-o por “adamantinos” em suas duas versões poéticas.

Como já mencionado na Introdução da presente dissertação, Alessandra Fraguas, historiadora e pesquisadora do Museu Imperial, informou-nos acerca da existência de uma versão preliminar feita por Dom Pedro II da tradução em prosa que transcrevemos no presente trabalho. Esse “esboço” está depositado no Museu Imperial, localizado no Rio de Janeiro (Maço 37 – Doc. 1057 – B, de Dom Pedro II – Ensaio sobre Prometeu Acorrentado/ Museu Imperial/ Ibram/ Ministério da Cidadania).

Diante dessa inusitada descoberta, também poderemos cotejar trechos das duas versões Imperiais ao longo desse capítulo, algo não vislumbrado no início de nossa pesquisa.

Nos momentos em que a tradução em prosa de Dom Pedro II (Doc.4695-A, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) for cotejada com a versão depositada no Museu Imperial (Doc. 1057 – B), as citações dos respectivos manuscritos serão feitas levando-se em conta os critérios expostos na Introdução desta dissertação, sobretudo no que se refere ao uso dos sinais diacríticos. Por meio de tais sinais, a transcrição indicará as rasuras feitas no processo de redação. Segundo Daros (2019, p.199), “é a análise das rasuras que permite reconstruir a cronologia das diversas versões e vislumbrar o encadeamento do processo criativo”. Tendo isso em mente, veja-se a seguir o cotejo das versões feitas por Dom Pedro II da passagem do *Prometeu Acorrentado* analisada até aqui. Marcaremos as palavras idênticas nas duas versões em negrito:

Versão final:

Vulcano, cumpre cuidares das ordens, que te deu o pae de ligar este malfeitôr aos rochedos alcantilados com algemas infrangíveis de **vinculos** de aço. (Doc. 4695-A/ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

Versão preliminar:

Oh **Vulcano cumpre cuidares das ordens que te deu** (déra) **o pae de ligar a este**, ao **malfeitor, aos rochedos** cheios de precipícios, em prisões indestructíveis de ferreos **vinculos**. (Maço 37 – Doc. 1057 – Museu Imperial/ Ibram/ Ministério da Cidadania)⁴⁵

Nota-se por meio do cotejo que a versão preliminar se mostra mais prolixa. Também o Imperador registra a dúvida sobre qual tempo verbal iria utilizar: “deu (dera)”. Além disso, tem-se a impressão de que a versão final é mais fluente e mais elegante em sua sonoridade. Diante de tais nuanças, seria interessante questionar em que consiste tal impressão suscitada pela versão final do Imperador.

Guilherme de Almeida, em “A poesia d’*Os Sertões*”⁴⁶ afirma que “Poesia não é apenas verso. Antes e acima da medida está o Ritmo, que é, como Deus, primeiro. Poesia é, essencialmente, Ritmo no sentir, no pensar e no dizer” (CAMPOS & ALMEIDA, 2010, p.60). Em seu artigo, Almeida apresenta elementos presentes na prosa de Euclides da Cunha que indicariam uma intencionalidade poética nas linhas d’*Os Sertões*. Exímio poeta, Guilherme de Almeida consegue perceber vários decassílabos na prosa de Euclides, afirmando que: “É notável a preferência de Euclides pelo verso decassílabo. Há nisso, certo, uma imposição atávica, pois que essa, de dez sílabas, é a medida nobre do verso português: a pauta uniforme d’*Os Lusíadas*” (CAMPOS & ALMEIDA, 2010, p.59). E ainda:

⁴⁵ Diferentemente da versão depositada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a versão do Museu Imperial não traz a data de sua redação, mas devido às características de esboço, é muito provável que ela seja anterior à versão depositada no IHGB. Supõe-se que a versão do Museu Imperial foi redigida no final do ano de 1870 e começo de 1871. As páginas dessa provável versão preliminar apresentam um estágio maior de deterioração provocado pelo tempo em comparação com a versão de abril de 1971, depositada no IHGB. Também a versão do Museu Imperial apresenta um número maior de rasuras e emendas feitas pelo Imperador, o que a torna bastante interessante. Nota-se que a caligrafia é a mesma nos dois documentos, mas na versão do Museu Imperial a redação é mais descuidada, fazendo com que se tenha um número maior de palavras ilegíveis.

⁴⁶ Artigo publicado originalmente no *Diário de S.Paulo*, em 18 de agosto de 1946, e reimpresso novamente em 2010 juntamente com o artigo *Transertões*, de Augusto de Campos, sob a organização de Marcelo Tápia. Ambos os artigos tratam da poesia existente na prosa de Euclides da Cunha em *Os Sertões*.

Tão dominante é em Euclides, como em todo grande poeta, essa necessidade técnica da chave de ouro, que a derradeira linha d’*Os Sertões*, a última d’ “A Luta”, contém, na macabra descrição do cadáver do Conselheiro, um dos mais belos alexandrinos, jamais compostos em nossas letras, pela profundidade do fundo e pela formosura da forma este verso magistral:

As linhas essenciais do crime e da loucura (CAMPOS & ALMEIDA, 2010, p.60).

Antes de ler o artigo de Guilherme de Almeida, o poeta e tradutor Augusto de Campos também chega a conclusões semelhantes. Em sua pesquisa particular, consegue encontrar mais de 500 decassílabos em *Os Sertões*. Depois de tomar conhecimento da publicação de Almeida, Campos se impressiona com o fato de que muitos dos decassílabos encontrados por Guilherme também foram encontrados por ele. Talvez essa convergência de resultados seja um forte indício de que, de fato, Euclídes da Cunha intencionava suscitar um efeito estético em seus leitores em vez de unicamente narrar os fatos da guerra. Augusto de Campos escreve:

Qual o sentido dessa perquirição textual e desses exercícios de estilo, que põem a nós os extratos poéticos de *Os Sertões*? Não é, por certo, querer, ingenuamente, converter em poesia a prosa de Euclides, num torneio artificioso de alquimia verbal. O que se pretende é demonstrar o quanto as estruturas poéticas – no seu adensamento rítmico, plástico e sonoro – contribuíram para dar ao texto o “tonus” peculiar que é de seu livro, naqueles precisamente em que ele se revela mais original e persuasivo, recorreu Euclides aos métodos da poesia – o que, é claro, não se restringe à adoção de ritmos e metros, embora estes intervenham com significativa parcela para essa caracterização, mas também no emprego de condensadas figuras de linguagem – metáforas, metonímias, antíteses -, tudo convergindo para transformar o discurso meramente didático ou expositivo e dar-lhe a configuração sensível e diferencial que eleva o repórter de Canudos às alturas de um notável criador literário (CAMPOS & ALMEIDA, 2010, p.30).

Como já comentado, Joseph Arthur de Gobineau instava Dom Pedro II a fazer a tradução do *Prometeu Acorrentado* em versos. O Imperador não atendera ao pedido do diplomata francês. Apesar disso, sabe-se que Pedro de Alcântara era um versificador experiente, e por isso deduz-se que sua recusa não fora motivada por incompetência poética. Paranapiacaba, por exemplo, cita o seguinte soneto escrito por Dom Pedro II no exílio (a ortografia original será mantida):

ASPIRAÇÃO

Deos, que os orbes regulas, esplendentes,
Em numero e medida ponderados,
Nelles abrigo dás aos desterrados,
Que se vão suspirosos e plangentes.

Assim, dos céos ás vastidões silentes
 Ergo os meos pobres olhos fatigados.
 Indagando, em que mundos apartados
 Lenitivo á saudade nos consentes.

Breve, Senhor, do carcere d'argilla
 Hei de evolar-me, murmurando ansioso
 Timida prece: digna-te de ouvil-a.

Põe-me ao pé do Cruzeiro majestoso,
 Que no antarctico céu vivo scintilla,
 Fitando sempre o meo Brasil saudoso!
 (PARANAPIACABA, 1907, p.247)

Sua habilidade em versejar também foi demonstrada em suas traduções, como a que fez de alguns cantos da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, ou nos seguintes versos da sua tradução de *Cinco de maio*, poema de Alessandro Manzoni, que tem como tema a morte de Napoleão Bonaparte⁴⁷:

Morreo e, qual marmóreo,
 Solto o postremo alento,
 O corpo jaz, exanime,
 Orpham d'um tal portento;
 Assim surpresa, attonita
 A terra co' a nova está.

 Muda, pensando na ultima
 Hora do homem fatal,
 Nem sabe si tão celebre,
 Planta de pé mortal
 Seo pó, de sangue avido,
 Inda pisar virá.

Será que o convívio íntimo do Imperador com a poesia refletiu-se de alguma forma em sua tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado*? Será que, assim como no

⁴⁷ Também citado por Paranapiacaba (1907, p. 244).

caso de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, existiriam alguns versos ocultos em sua tradução da antiga tragédia de Ésquilo?

Não seria uma empreitada impossível reorganizar um texto em prosa em versos com números de sílabas poéticas relativamente semelhantes. Mas escandir uma linha de prosa não é o bastante para se comprovar que nela subjazem versos poéticos. O ritmo em poesia, afirmou Guilherme de Almeida, tem a primazia, é “como Deus”.

Geralmente em língua portuguesa, o ritmo é marcado num poema por meio de unidades regulares como rima, aliterações, assonâncias e sílabas tônicas. No trecho visto da versão final de Dom Pedro II, por exemplo, pode-se notar algo interessante, se reconfigurarmos sua prosa nos seguintes versos, respeitando a ordem das palavras e não trucando as mesmas para se alcançar um mesmo número de sílabas poéticas em cada verso, o que seria algo arbitrário (vale a pena ressaltar que o esquema proposto a seguir é apenas um entre outras possibilidades):

1. Vulcano, cumpre cuidares	Heptassílabo (◡ – ◡ – ◡ ◡ –)
2. das ordens, que te deu o pai	Octossílabo (◡ – ◡ ◡ ◡ – ◡ –)
3. de ligar este malfeitor	Octossílabo (◡ ◡ – – ◡ ◡ ◡ –)
4. Aos rochedos alcantilados	Octossílabo (◡ ◡ – ◡ ◡ ◡ ◡ –)
5. com algemas infrangíveis	Heptassílabo (◡ ◡ – ◡ ◡ ◡ –)
6. de vínculos de aço.	Pentassílabo (◡ – ◡ ◡ –)

Veja-se, por exemplo, que os versos 3, 4, e 5 começam com pés anapestos e terminam de forma semelhante: (◡ / ◡ / – / – / ◡ / ◡ / ◡ / –) (◡ / ◡ / – / ◡ / ◡ / ◡ / ◡ / –) (◡ / ◡ / – / ◡ / ◡ / ◡ / –), e os versos 1, 2 e 6 começam com jambos: (◡ / – / ◡ / – / ◡ / ◡ / –) (◡ / – / ◡ / ◡ / ◡ / – / ◡ / –) (◡ / – / ◡ / ◡ / –), sendo que os versos 1 e 6, além de começarem com o mesmo pé, também terminam com anapesto. Fazendo o mesmo exercício com a versão preliminar da tradução em prosa de Dom Pedro II, percebe-se que não se alcança um resultado mais harmônico do que o conseguido com a versão final do Imperador, embora seja possível dispor a prosa em versos com números de sílabas poéticas relativamente semelhantes.

1. Ó vulcano cumpre cuidares	Octossílabo (– ◡ – ◡ – ◡ ◡ –)
2. das ordens que te deu (dera)	Heptassílabo (◡ – ◡ ◡ ◡ –)
3. o Pai de ligar a este,	Heptassílabo (◡ – ◡ ◡ – ◡ –)
4. ao malfeitor, aos rochedos	Heptassílabo (◡ ◡ ◡ – ◡ ◡ –)
5. cheios de precipícios,	Pentassílabo (– ◡ ◡ ◡ –)

6.em prisões indestrutíveis

Heptassílabo (◡ ◡ – ◡ ◡ ◡ –)

7. de férreos vínculos.

Tetrassílabo (◡ – ◡ –)

A impressão é de que as posições das sílabas tônicas e átonas são mais aleatórias na versão preliminar, o que não contribui para a construção da melopeia no texto (POUND, 1977, p.63), como se pode averiguar a seguir:

Versão Final:

(◡ – ◡ – ◡ ◡ –) (◡ – ◡ ◡ ◡ – ◡ –) (◡ ◡ – – ◡ ◡ ◡ –) (◡ ◡ – ◡ ◡ ◡ ◡ –) (◡ ◡ – ◡ ◡ ◡ –) (◡ – ◡ ◡ –).

Versão preliminar:

(– ◡ – ◡ – ◡ ◡ –) (◡ – ◡ ◡ ◡ –) (◡ – ◡ ◡ – ◡ –) (◡ ◡ – ◡ ◡ –) (– ◡ ◡ –) (◡ ◡ – ◡ ◡ –) (◡ – ◡ –).

Ao longo deste capítulo, tentaremos também evidenciar os elementos presentes na prosa do Imperador que parecem indicar a intencionalidade na construção de efeitos sonoros em sua versão final do *Prometeu Acorrentado*. Por ora, coteja-se a seguir a versão final de Dom Pedro II com as versões poéticas do Barão de Paranapiacaba. As palavras e as expressões convergentes com a tradução do Imperador serão marcadas em negrito:

Dom Pedro II	Paranapiacaba (versão 1)	Paranapiacaba (versão 2)
Vulcano , cumpre cuidares, das ordens que te deu o Pai de ligar este malfeitor aos rochedos alcantilados com algemas infrangíveis de vínculos de aço.	1. Vulcano! É tempo! Executa 2. Ordens, que o Pai quis impor 3.Nesta penedia abrupta 4.Prega este audaz malfeitor . 5.Em forte, indomável trama 6.De liames adamantinos	1.Tempo é de dar execução às ordens , 2. Que o Pai te impôs, Vulcano . Neste [abrupto 4.Alcantil prende em rede [inquebrantável, 5.De adamantinos vínculos formada, [Este amotinador do povo [...].

Quadro V. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.3-6).

Como se pode notar, pouca é a correspondência entre as versões poéticas de Paranapiacaba e a tradução em prosa de Dom Pedro II. Se entre as versões em prosa do Imperador a correspondência é de 17 palavras, excetuando-se os artigos e as preposições, entre a tradução Imperial (versão final) e as versões do Barão a correspondência é de apenas 5 palavras.

2.2. Segunda rodada de leitura

Passemos aos outros versos analisados por Paula da Cunha Corrêa.

ἐγὼ δ' ἄτολμός εἰμι συγγενῇ θεὸν
δῆσαι βίᾳ φάραγγι πρὸς δυσχειμέρῳ. (vv.14-5)

Ramiz Galvão:

Falta-me contudo o ânimo de atá-lo,
um deus parente, à rocha procelosa.

Barão de Paranapiacaba:

Agora, quanto a mim...sinto faltar-me
Coragem de fincar nessa quebrada,
Que algente bruma intolerável torna,
Um Deus, parente meu. Mas o Destino[...].

Corrêa comenta:

Destaca-se, mais uma vez, a linguagem clara e direta de Trajano⁴⁸, concisa como a de Ramiz. Em “precipício...parente”, a aliteração (συγγενῇ...φάραγγι) é reconfigurada, mas perde-se a qualificação da escarpa como sendo *dyskheîmeros* (“procelosa” em Ramiz, e parafraseada por Paranapiacaba em “que algente bruma intolerável torna”). Por outro lado, é preferível a versão de *átolmos* como “falta de coragem”, presente em Paranapiacaba e Trajano, à arcaizante solução de Ramiz (“falta de ânimo”) (CORRÊA, 1999, p.177).

À luz do comentário citado, veja-se as respectivas traduções de D.Pedro II e Barão de Paranapiacaba (versão 1), a começar pela do Imperador (versão final):

Sou tímido para encadear com violência um deus parente ao despenhadeiro hibernoso.

D.Pedro II traduz o adjetivo *dyskheîmeros* (invernal) por “hibernoso” e consegue verter *átolmos* por uma única palavra, “tímido”, que é justamente alguém em que falta a coragem.

⁴⁸ Trajano Vieira:

Pregar no precipício um deus parente
exige uma coragem que eu não tenho.

Compara-se a seguir as duas versões do Imperador, marcando-se em negrito as palavras convergentes:

Versão final:

Sou tímido para encadear com violência **um deus parente** ao despenhadeiro **hibernoso**.

Versão preliminar:

Sou tímido para encadear <↑á força> **um** /ilegível/ **deus parente** no alcantilado vale **hibernoso**.

Neste ponto, seria profícuo também cotejar a versão final do Imperador com as versões poéticas da lavra de Paranapiacaba. Marcar-se-á também em negrito as palavras que coincidem com a versão final de Dom Pedro II.

<p>Dom Pedro II</p> <p>Sou tímido para encadear com violência um deus parente ao despenhadeiro hibernoso.</p>	<p>Paranapiacaba (versão 1)</p> <p>E a mim falece coragem</p> <p>De nesta algente quebrada</p> <p>A um Deus de minha [linhagem</p> <p>Prender em teia cerrada.</p>	<p>Paranapiacaba (versão 2)</p> <p>Agora, quanto a mim...sinto [faltar-me</p> <p>Coragem de fincar nessa [quebrada,</p> <p>Que algente bruma [intolerável torna,</p> <p>Um Deus parente meu.[...]</p>
--	---	---

Quadro VI. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.14-5).

Observa-se que a escolha vocabular é bastante diversa entre Paranapiacaba e Dom Pedro II. Apenas as palavras “deus” e “parente” coincidem. Ainda assim, “deus” é escrito com inicial maiúscula nas versões de Paranapiacaba, e o Imperador faz o inverso em sua tradução. Outro ponto interessante é que apenas D.Pedro II, entre os tradutores analisados, traduz a palavra *βίᾱ* em seu uso adverbial, “com violência” (versão final) e “à força” (versão preliminar): *δησαι βίᾱ φάραγγι πρὸς δυσχειμέρω*: “encadear com violência ao despenhadeiro hibernoso”.

2.3. Terceira rodada

ἄκοντά σ' ἄκων δυσλύτοις χαλκεύμασι
 προσπασσαλεύσω τῷδ' ἀπανθρώπῳ πάγῳ
 ἴν' οὔτε φωνὴν οὔτε του μορφὴν βροτῶν
 ὄψει, σταθευτὸς δ' ἡλίου φοίβῃ φλογὶ
 χροιάς ἀμείψεις ἄνθος. ἀσμένῳ δέ σοι
 ἢ ποικιλείμων νύξ ἀποκρύψει φάος,

(vv.19-24)

Ramiz Galvão:

pregar-te-ei nesta rocha desabrida,
 onde não vejas voz nem forma humana,
 a tez mimosa fanará; ansioso
 pela noite de estrelas recamada.

Barão de Paranapiacaba:

Em nós de bronze, indissolúveis,
 - A meu e teu pesar -, eu vou pregar-te.
 Aqui nunca hás de ouvir mortal acento,
 Nem face de homem ver; antes, crestado,
 Lento, pelas do sol ferventes chamas,
 Perderás, dia a dia, a flor da pele.
 Há de a noite, por ti sempre almejada,
 Sumir o dia no estrelado manto.

Corrêa comenta:

Novamente os versos de Paranapiacaba são quase prosaicos quando comparados com os de Ramiz e Trajano⁴⁹, e o acréscimo desnecessário de expressões adverbiais, inexistentes no texto original (“lento”, “nunca”, “dia a dia”), torna exacerbada a já forte carga de emoção da passagem. Nota-se também um cochilo de Ramiz Galvão, que deixou de traduzir um verso

49

contra nós dois, o bronze indissolúvel
 te imobiliza no penedo inóspito
 de onde não vês nem voz nem cor humana.
 O sol aceso troca a flor da pele
 queimada. Para teu alívio, a noite
 encobre o lume com seu manto rútilo.

(Trajano Vieira)

inteiro. Há outras lições para o verso 19, como por exemplo, a presente na edição de West. Mas poderia Ramiz estar trabalhando com um texto no qual o verso simplesmente não constasse? O “bronze indissolúvel” de Trajano recupera, de forma enxuta, a boa solução de Paranapiacaba e, no verso seguinte, “penedo inóspito” reproduz a aliteração grega [ἀπανθρώπων πάγῳ], vertendo o adjetivo *apanthrōpoi* com maior precisão do que o “desabrida” de Ramiz.[...] Quanto à última frase desse excerto, mais sonora e precisa é a solução de Trajano, que não empalidece nem vulgariza a imagem original. Pois a “noite” não é “recamada de estrelas” (Ramiz), nem se trata de um “manto estrelado” (Paranapiacaba). Os trajes da noite são *poikíloi* (“variegados”, “bordados”, “multifacetados”: é antes um “manto rútilo” que a veste (CORRÊA, 1999, p.178).

Tendo em mente o comentário de Paula Corrêa, leia-se a seguir a tradução em prosa do Imperador e a versão 1 de Paranapiacaba, iniciando novamente pela de D. Pedro (versão final):

[...] constrangido pregar-te-ei constrangido com cadeias indissolúveis neste monte inóspito, onde nem voz nem figura de homem verás; mas queimado lentamente pela chama brilhante do sol perderás o mimo da cor. A ti alegrado a noite de **manto variegado** ocultará a luz, e o sol dissipará de novo a geada matutina” (grifo nosso).

Segue, abaixo, a solução de Paranapiacaba para a mesma passagem (versão 1):

Neste vão, sem treita humana,
Muito a meu e teu pesar,
Por injunção soberana
Vou, em seguida, cravar.

Não verás humano rosto,
Nem voz mortal ouvirás;
Ao queimor do sol exposto,
A flôr da tez perderás.

A noite, que, sempre ansioso,
Estarás por ver surgir,
Há de o dia luminoso
No véu de estrelas sumir;

Segundo o comentário de Paula da Cunha Corrêa, “Os trajes da noite são *poikíloi* (‘variegados’, ‘bordados’, ‘multifacetados’: é antes um ‘manto rútilo’ que a veste)” (CORREA, 1999, p.178). Diante desse comentário, D.Pedro II fez uma boa

escolha: “ [...] a noite de *manto variegado* ocultará a luz” (grifo nosso). Infelizmente, o manuscrito da versão preliminar está deteriorado no trecho em questão, mas algo do processo criativo do Imperador pode ser notado se cotejarmos a versão final com o que ainda permanece legível na versão preliminar. Para isso, novamente se utilizará transcrições diplomáticas. Como de praxe, marcar-se-á em negrito as palavras coincidentes:

Versão final:

... **constrangido pregar-te-ei constrangido** com cadêas **indissolúveis** n’este <↑monte> **inhospito**, onde **nem voz nem** figura de **homem** verás; mas **queimado lentamente** pela chamma **brilhante** <↑do> **sol perderás** o mimo da **côr**. A **ti** alegrado a noite de manto varie[fl.2]gado occultará a luz, e o sol dissipará de n’ovo a geada matutina. Porem **sempre te atormentará** o pesar do mal presente; **pois quem** deve livrar-te **não nasceu ainda**.

Versão preliminar:

...<↑constrangido>[*] **te pregarei constrangido** com bronzes **indissolúveis** no **monte inhospito**.<↑Onde> [~~para que~~] não <↑sentirás> [~~te sintas~~] **nem voz, nem** forma de **homem**, **queimado lentamente** pela {...}ma **brilhante** do **sol perderás** a beleza da **côr**. A **ti** cont{...} de {.....}[fl.2] te a ti **sempre te atormentará; pois * quem** de {...} alliviar-te **não nasceu ainda**.

Apesar de algumas diferenças pontuais, a correspondência é muito grande entre as duas versões. Salta à vista que a versão preliminar possui mais emendas do que a final, como era de se esperar. Na versão final, por exemplo, Dom Pedro II opta por colocar o pronome em mesóclise (“pregar-te-ei”) em vez de “te pregarei” (versão preliminar), “cadeias indissolúveis” em lugar de “bronzes indissolúveis”, “figura de homem” substituindo “forma de homem”, “mimo da cor” em vez de “beleza da cor” e “livrar-te” substituindo “aliviar-te”. A expressão grega: “ἄkovτά σ’ ἄκων” apresenta um interessante desafio aos tradutores: como expressar em língua portuguesa os simultâneos e, ao mesmo tempo, diversos constrangimentos de Hefesto e Prometheu (o constrangimento de quem executa e o de quem padece) sem soar estranho? Trajano Vieira apresenta uma solução interessante: “contra nós dois, o bronze indissolúvel te imobiliza”. Nota-se, na tradução de Vieira, a projeção da culpa do ato de prender Prometeu a um objeto inanimado, no caso, “o bronze indissolúvel”, sujeito do período na tradução de Vieira. Em contrapartida, Hefesto é o agente no original grego: “eu

cravarei” (προσπασσαλεύσω). Dom Pedro II traduz: “[...]constrangido pregar-te-ei constrangido com cadeias indissolúveis” (versão final) e “constrangido te pregarei constrangido com bronzes indissolúveis” (versão preliminar). Na versão 2, Parapiapiacaba verte: “[...] a meu e teu pesar, eu vou pregar-te.”. Na versão 1, encontra-se: “ Muito a meu e teu pesar,/ Por injunção soberana/ Vou, em seguida, cravar” .

Percebe-se a grande correspondência entre as duas versões em prosa de Dom Pedro II na passagem citada. O que dizer então das versões poéticas do Barão de Parapiapiacaba? Veja-se a seguir:

Dom Pedro II (versão final)	Barão de Parapiapiacaba (versão 1):	Parapiapiacaba (versão 2)
[...] constrangido pregar-te-ei constrangido com cadeias indissolúveis neste monte inóspito, onde nem voz nem figura de homem verás ; mas queimado lentamente pela chama brilhante do sol perderás o mimo da cor. A ti alegrado a noite de manto variegado ocultará a luz, e o sol dissipará de novo a geada matutina” .	Neste vão, sem treita humana, Muito a meu e teu pesar, Por injunção soberana Vou, em seguida, cravar. Não verás humano rosto, Nem voz mortal ouvirás; Ao queimor do sol exposto, A flôr da tez perderás . A noite , que, sempre ansioso, Estarás por ver surgir, Há de o dia luminoso No véu de estrelas sumir;	A meu e teu pesar, eu vou [pregar-te] . Aqui nunca hás de ouvir mortal [acento, Nem face de homem ver; antes, [crestado, Lento, pelas do sol ferventes [chamas, Perderás , dia a dia, a flor da [pele. Há de a noite , por ti sempre [almejada, Sumir o dia no estrelado [manto;

Quadro VII. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Parapiapiacaba (original, vv.19-24.)

Excetuando-se os artigos e as preposições, na versão 1 de Parapiapiacaba, encontram-se apenas 6 palavras que também foram usadas por Dom Pedro II. Na versão 2, o número é de 9 palavras, embora a palavra “chama” esteja no plural na versão do Barão. Já entre as versões em prosa do Imperador, a correspondência é de 27 palavras, excetuando-se os artigos e preposições, e mesmo havendo uma grande lacuna causada pela deterioração do manuscrito da versão preliminar.

2.4. Quarta rodada

ἀδαμαντίνου νῦν σφηνὸς αὐθάδη γνάθον
στέρνων διαμπὰξ πασσάλευ' ἐρρωμένως.

(vv.64-5)

Ramiz Galvão:

Agora enterra-lhe, por sobre os peitos,

Da cunha de aço os arrogantes dentes.

Barão de Paranapiacaba (versão 2):

O dente ousado dessa cunha d'aço

Embebe, em cheio, por seu peito adentro.

Eis o comentário de Corrêa:

Prometeu recebe, nos versos 436, 964, 1012, 1034 e 1037, a mesma adjetivação aqui conferida ao “dente” da cunha que irá feri-lo. Como ele, o aço é *authádes*, isto é, “refratário”, “obstinado” ou “sem remorso”. A atitude de espírito atribuída ao aço, já humanizado por meio da metáfora (“mandíbula”), transparece de forma mais clara nos versos dos barões (“arrogantes dentes”, “dente ousado”). Por outro lado, o verbo “encravar”, empregado por Trajano⁵⁰, significa exatamente (como o grego *passaléuo*) afixar, prender como/ ou com um “cravo” (pássalos) (CORRÊA, 1999, p.178).

A seguir as respectivas versões de Dom Pedro II:

Versão final:

Agora forte enterra atravez dos peitos os dentes arrogantes da cunha de aço.

Versão preliminar:

{...}ora prega <↑fortemente> [*] <↑ a boca> [~~em fio presunçoso~~] (~~que se~~
~~empraz~~ – isso {...} <↑com> [~~de~~] férrea cunha <↑ passando por cima> [~~atravez~~]
dos peitos.

⁵⁰ Trajano Vieira:

No meio do seu peito encrava agora

O dente afiado desta cunha de aço.

A grande quantidade de rasuras e correções presentes na versão preliminar revela que o Imperador repensou bastante a passagem em questão. Valeu o esforço. Um efeito sonoro interessante é alcançado em sua versão final, como se pode observar, por exemplo, dividindo-se o período em dois versos hendecassílabos:

1. Agora forte enterra através dos peitos
2. os dentes arrogantes da cunha de aço

O primeiro verso apresenta o seguinte esquema rítmico: ♀ – ♀ – ♀ – ♀ ♀ – ♀ – ,
e o segundo: ♀ – ♀ ♀ ♀ – ♀ ♀ – ♀ – .

Veja-se a seguir a versão 1 de Paranapiacaba em confronto com a versão 2, e também com a versão final de Dom Pedro II.

Dom Pedro II	Paranapiacaba (versão 1):	Barão de Paranapiacaba (versão 2):
Agora forte enterra através dos peitos os dentes arrogantes da cunha de aço .	D'essa cunha d'aço o corte -Fundo- Embebe-lhe no peito .	O dente ousado dessa [cunha d'aço Embebe, em cheio, por [seu peito adentro.

Quadro VIII. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e as versões de Paranapiacaba (original, vv.64-5).

Se abonarmos o fato de que a palavra “peito” está no singular nas versões de Paranapiacaba e no plural na do Imperador, encontram-se 3 palavras convergentes na primeira versão e 4 na segunda (a palavra “dente” também apresenta diferença de número). Por outro lado, veja-se a tradução de Ramiz Galvão em confronto com a versão de Dom Pedro II:

Dom Pedro II	Ramiz Galvão:
Agora forte enterra através dos peitos os dentes arrogantes da cunha de aço .	Agora enterra-lhe , por sobre os [peitos, Da cunha de aço os arrogantes [dentes.

Quadro IX. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e a versão de Ramiz Galvão (original, vv.64-5).

As traduções de Ramiz Galvão e a D. Pedro II se mostram bastante semelhantes nesse trecho. Ramiz traduz: “Agora enterra-lhe, por sobre os peitos/ da cunha de aço os arrogantes dentes”; e Dom Pedro: “Agora forte enterra atravez dos peitos os dentes arrogantes da cunha de aço”. A humanização da cunha pelo emprego da palavra *authádes* (“obstinado”, “sem remorso”), presente na versão 2 de Paranapiacaba, e nesse ponto elogiada por Correa: “O dente *ousado* dessa cunha d’aço/ Embebe, em cheio, por seu peito adentro” (grifo nosso), é perdida na versão 1: “D’essa cunha d’aço o corte/ - Fundo- Embebe-lhe no peito”. Harmonizando-se ao comentário de Paula da Cunha Corrêa, o Imperador traduz: “arrogantes dentes”. Como visto, Ramiz, a quem Dom Pedro II também confiou o encargo de fazer uma versão poética a partir de sua tradução em prosa, repete a mesma expressão em sua versão.

2.5. Quinta e última rodada

ὦ δῖος αἰθήρ καὶ ταχύπτεροι πνοαί,
ποταμῶν τε πηγαί, ποντίων τε κυμάτων
ἀνήριθμον γέλασμα, παμμήτορ τε γῆ,
καὶ τὸν πανόπτην κύκλον ἡλίου καλῶ.

(vv.88-91)

Ramiz Galvão:

Éter divino, alados prestos ventos,
Fontes dos rios, ondular das vagas.
Terra – mãe comum, sol omnividente,
Eu vos invoco!

Barão de Paranapiacaba (versão 2):

Ó Éter divinal; auras velozes;
Mananciais dos rios; vós, ó risos
Inumeráveis de marinhas ondas;
Ó Terra, mãe universal; ó disco
Do sol omnividente! Aqui me tendes!

O comentário de Paula Corrêa para a passagem citada é:

Ao inverter a ordem dos dois primeiros elementos invocados (aparentemente por questões métricas), Trajano⁵¹ sacrifica a composição em anel (“priamel”), uma figura comum na poesia grega arcaica. Se acompanharmos, no texto grego, a sequência das invocações, notamos que Prometeu dirige-se primeiro ao elemento mais alto, o Éter, depois aos ventos, às águas e à terra, antes de voltar ao sol. Ao “disco” do sol (v.91) e ao seu trajeto circular, corresponde a figura traçada pela enumeração. Verter *dîos aithér* por “ar divino”, em vez de “Éter divino” ou “divinal”, também acarreta dificuldades porque, além de “ar” e “Éter” serem coisas distintas, dada a sua colocação entre vírgulas após “ventos” (e não coordenado, como no original), é fácil confundi-lo com um apostrofo (CORRÊA, 1999, p.179).

Paula da Cunha Corrêa também escreve a seguinte nota:

Segundo Griffith, na épica arcaica o Éter é “o espaço entre terra e céu, ou o próprio céu”. Veja, porém, G.S.Kirk, J.E.Raven, e M.Schofield em *The Presocratic Philosophers* (Cambridge, 1983, p. 9), que citam Homero, Hesíodo e Xenófanos para a distinção entre *aér* e *aithér*: o primeiro é o “ar” da parte inferior do céu (céu e terra), “enquanto a parte superior (chamada às vezes de *ouranós*) é o Éter, o ar superior que é brilhante e pode ser concebido como fogo” (ibidem, p.179).

Talvez por isso Jaa Torrano, à guisa de exemplo, translitera *aithér* em sua tradução de 1985, e verte o mesmo termo por “Fulgor” em sua tradução de 2009:

Ó divino *Aithér*, velozes alados ventos
fontes de rios, das marinas ondas,
inúmero riso, omnimãe Terra,
e o omnividente círculo do Sol invoco.
Vede-me o que dos Deuses padeço Deus.
(*Prometeu Prisioneiro*, 1985)

Ó divino Fulgor e velozes alados ventos
e fontes dos rios e inúmero brilho
de ondas marinhas e Terra mãe de todos,
e invoco o onividente círculo do Sol.
Vede-me que dos Deuses padeço Deus.

⁵¹ Trajano Vieira:

Ventos alivelozes, ar divino,
Fontes dos rios, inúmeros sorrisos
de ondas salinas, Terra, mãe-de-todos,
eu vos invoco e ao sol, visão total
no disco[...].

(Prometeu Cadeeiro, 2009)

Dom Pedro II, assim como, Trajano Vieira, opta por traduzir o termo grego *aithér* por “ar”, algo não abonado pelo comentário de Corrêa. Contudo, a transcrição diplomática da versão final da tradução em prosa revela que o termo “ar” foi uma substituição feita posteriormente pelo Imperador:

<↑Oh ar divino>[*], e ventos de azas velozes, e fontes dos rios, e ondulações innumeráveis das ondas marinhas; e terra; mãe universal, e disco omnividente do sol; a vós invoco; vede-me quanto eu deus soffro dos deuses.

A expressão “Oh ar divino” foi escrita sobre algo que foi riscado e que está ilegível no manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Felizmente, com a descoberta dos esboços dessa tradução, é possível saber como o Imperador havia traduzido *aithér* antes da correção citada. Veja-se a seguir:

Ether de Jupiter, ventos de azas rápidas, <↑fontes>[*] dos rios, innumerável ondulação (inumeráveis ondulações) das ondas marinhas. Terra mãe universal, e invoco o circulo (o disco) omnividente do sol: olhae-me, deus soffro taes cousas da parte dos deuses.

Dom Pedro II substituiu a expressão “Ether de Jupiter” por “Oh ar divino”.

Se por um lado, a tradução da palavra grega “aithér” não foi adequada na versão final de Dom Pedro, segundo o comentário de Corrêa, por outro, essa mesma versão reproduz outro aspecto presente no original grego e que foi desconsiderado por todos os outros tradutores brasileiros (exceto Jaa Torrano, com sua versão de 2009): a coordenação por meio da reinteração da conjunção “e”, dando à tradução um tom mais declamatório:

ὁ δῖος αἰθήρ καὶ ταχύπτεροι πνοαί,
ποταμῶν τε πηγαί, ποντίων τε κυμάτων
ἀνήριθμον γέλασμα, παμμήτορ τε γῆ,
καὶ τὸν πανόπτην κύκλον ἡλίου καλῶ.

<↑Oh ar divino>[*], e ventos de azas velozes, e fontes dos rios, e ondulações innumeráveis das ondas marinhas; e terra; mãe universal, e disco omnividente do sol; a vós invoco; vede-me quanto eu deus soffro dos deuses.

A passagem começa com três pés trocaicos (– ◡), seguidos por três datílicos (– ◡ ◡), que dão lugar a dois pés que lembram o peônio grego (– ◡ ◡ ◡); em seguida o ritmo retorna aos três pés datílicos (– ◡ ◡). Passa-se então para um movimento interessante: dois pés trocaicos intercalados com dois “peônios”, e seguidos por um datílico (– ◡ / – ◡ ◡ ◡ / – ◡ / – ◡ ◡ ◡ / – ◡ ◡); é Prometeu bradando “ terra; mãe universal, e disco onividente do...”. Em seguida, temos uma sequência de três pés trocaicos (– ◡ – ◡ – ◡) antes de um admirável decassílabo heróico, que é a *chave de ouro*: “vede-me quanto eu deus sofro dos deuses” (– ◡ ◡ – ◡ – ◡ ◡ –). Difícilmente escapa aos ouvidos a melopeia desse trecho.

Veja-se agora a versão 1 do Barão de Paranapiacaba ao lado da versão final do Imperador. Marca-se em negrito as palavras que coincidem:

Barão de Paranapiacaba: Ó Ether divinal; ó ventos d’asa promta; Ó fontes fluviais; risos do mar, sem conta; Ó Terra genetriz, de cujo seio ingente Tudo brota; do sol ó disco onividente! Ouvi-me a invocação! Eu peço que vejais Quantas dores impõem a um Nume os Imortais.	Dom Pedro II: Ó ar divino, e ventos de asas velozes, e fontes dos rios, e ondulações inumeráveis das ondas marinhas; e terra ; mãe universal, e disco onividente do sol ; a vós invoco; vede-me quanto eu deus sofro dos deuses.
--	---

Quadro X. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e a versão 1 de Paranapiacaba (original, vv.88-91).

Apenas 6 palavras coincidem. Será que algo semelhante ocorre ao cotejar-se a versão 2 com a tradução em prosa de Dom Pedro?

Barão de Paranapiacaba Ó Éter divinal; auras velozes ; Mananciais dos rios ; vós, ó risos Inumeráveis das marinhas ondas ; Ó Terra, mãe universal ; ó disco Do Sol onividente! Aqui me tendes! Vede que dor a um Deus infligem Deuses!	Dom Pedro II Ó ar divino, e ventos de asas velozes , e fontes dos rios , e ondulações inumeráveis das ondas marinhas ; e terra ; mãe universal , e disco onividente do sol ; a vós invoco; vede -me quanto eu deus sofro dos deuses .
--	---

Quadro XI. Cotejo entre a tradução de Dom Pedro II e a versão 2 de Paranapiacaba (original, vv.88-91).

Desta vez encontram-se quatorze palavras idênticas. Embora a correspondência seja ainda pequena, a versão 2 de Paranapiacaba se mostrou mais próxima da tradução

em prosa de Dom Pedro II do que a primeira nos trechos analisados. Sabemos pela carta escrita pelo Barão à Princesa Isabel que a versão 2 foi feita a pedido de Lafayette Rodrigues Pereira. Será que Lafayette também sugeriu ao Barão que procurasse uma proximidade maior com a tradução em prosa do Imperador? Infelizmente, a carta enviada à Princesa não nos dá mais detalhes a esse respeito.

Paula da Cunha Corrêa termina seu artigo com as seguintes palavras:

No final, entre perdas e ganhos, após confrontar essa pequena amostra dos versos de Trajano e dos barões, seria muito difícil se tivéssemos que escolher entre eles, como Dioniso no concurso cômico de poetas trágicos nas *Rãs*. Os finalistas provavelmente seriam Ramiz e Trajano, ora a balança pende para um, ora para o outro. Mas daí, entre esses dois, faço minhas as palavras do deus (Aristófanes, *As Rãs*, vv.1411-13):

Queridos são, e não irei julgá-los.

Odiosa a nenhum dos dois serei:

pois um tenho por sábio, o outro me agrada. (CORREA, 1999, p.179).

A disputa é dura. Mas em vista do que foi analisado, parece-nos que Dom Pedro II não ficaria atrás.

Conclusão

Como se pode observar pelos exemplos elencados ao longo do presente capítulo, as versões poéticas e a tradução em prosa de Dom Pedro II são obras distintas, e por isso seus méritos e deméritos não podem ser associados indistintamente umas as outras. Tal conclusão poderá ser ainda mais fortalecida pela leitura completa das transcrições integrais dessas obras presentes nos capítulos finais da presente dissertação.

Depois da análise empreendida, é possível supor que a tradução de Dom Pedro II serviu como um estímulo ao trabalho de Paranapiacaba em vez de servir-lhe propriamente como um paradigma a ser imitado. O cotejo entre as versões revelou que quase sempre o Barão seguiu o seu próprio caminho. Mesmo em notas preparadas para a sua versão 1, quando citava uma versão literal, não era a de Dom Pedro II. Veja-se, por exemplo, a nota 111 escrita por Paranapiacaba:

Litteralmente: De sua horrenda guela expedia um sibilo de morte; de seus olhos dardejava, como o raio, um fogo de górgone.

Já a tradução literal de Dom Pedro II para a mesma passagem é: “ soprando exterminio pelas medonhas queixadas: fulminava dos olhos gorgoneo lampejo [...]”. Apenas a palavra “olhos” é coincidente.

Se a palavra “trasladação”, encontrada no título do livro do Barão, for entendida como apenas “adaptação” poética da tradução em prosa de Dom Pedro II (*Prometeu Acorrentado*, original de Eschylo. *Vertido litteralmente para o portuguez por Dom Pedro II, Imperador do Brasil*; **trasladação** poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba, grifo nosso), tal título induzirá a um erro de entendimento, pois nenhuma das versões poéticas é, por assim dizer, “Dom Pedro II em versos”.

Embora Dom Pedro II não tivesse atendido a solicitação do diplomata Joseph Arthur de Gobineau de empreender uma tradução em versos, percebe-se na análise realizada que o Imperador não descurou da sonoridade de sua tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado*. Se a primeira versão lembra traduções escolares que visam apenas o aprendizado de uma língua estrangeira; a versão final, por sua vez, revela um tratamento mais acurado quanto à sonoridade do texto, valendo-se de assonâncias, aliteraões e criando padrões interessantes com as posições das sílabas tônicas ao longo dos períodos. Veja-se, por exemplo, os efeitos sonoros produzidos pela sequência “**revolvem**”, “**ventos**” e “**revolta**”, na última fala de Prometeu (vv.1080-93), ou as combinações “**revolvem o pó**” e “**revolta de opostos**”, ou ainda a rima interna “ **ar** e **mar**” no seguinte trecho “[...] e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sopros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de opostos furacões, e são abalados ar e mar” (tradução de Dom Pedro II para os versos 1084-88 do texto grego).

Em suma: Dom Pedro II não foi prosaico ao realizar sua tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, que, até onde se sabe, é a primeira tradução dessa tragédia grega feita no Brasil, o que, por si só, lhe assegura um lugar de destaque na longa cadeia das versões dessa peça em nosso idioma⁵².

⁵² Ver Conclusão Geral da presente dissertação (p.273), logo após as transcrições da tradução do Imperador e das versões poéticas de Paranapiacaba.

SEGUNDA PARTE:**TRANSCRIÇÕES**

CAPÍTULO 3 - Transcrição da tradução em prosa de Dom Pedro II

[fl.1]Prometheu encadêado⁵³

de Eschylo

A Força; a Violencia; Vulcàno; Prometheu

A Força

Chegamos a terra remota, á região Scythia; a ermo despovoado. Vulcano, cumpre cuidares das ordens, que te deu o pae de ligar este malfeitor aos rochedos alcantilados com algemas infrangiveis de vinculos de aço. Tua chamma com effeito; o brilho do fogo util a todas as artes deu-o aos mortaes, tendo o furtado. Na verdade cumpre que expie para com os deuses tal peccado, para que aprenda a venerar o podêr de Jupiter, e desista de habitos philanthropicos.

Vulcàno

Força, e Violencia, o mandado de Jupiter teve cumprimento de vossa parte, e nada mais resta. Sou timido para encadêar com violencia um deus parente ao despenhadeiro hibernoso. Mas em todo o caso a necessidade d'isto deve dar-me audacia; pois descurar as ordens do pae é grave. Filho profundamente pensadôr da recta conselheira Themis, constrangido pregar-te-ei constrangido com cadêas indissolveis n'este<↑monte> inhospito, onde nem voz nem fígura de homem verás; mas queimado lentamente pela chamma brilhante <↑do> sol perderás o mimo da còr. A ti alegrado a noite de manto varie[fl.2]gado occultará a luz, e o sol dissipará de nõvo a geada matutina. Porem sempre te atormentará o pesar do mal presente; pois quem deve livrar-te não nasceu ainda. Isto colheste de teus habitos philanthropicos; pois, qual deus, não temendo a colera dos deuses, deste aos mortaes honras alem do justo. Por cuja causa guardarás este ingrato rochêdo em pé; insomne; não curvando o joelho, e voltarás muitas lamentações, e gemidos inuteis; porque o animo de Jupiter é difficilmente flexivel. Rigoroso é quem recentemente governa.

Força

⁵³ A numeração das páginas parece ter sido feita a lápis no manuscrito, a marcação é feita de forma alternada (se uma página possui a numeração, a próxima, não). No entanto a página 7 do manuscrito foi erroneamente marcada como página "6". O equívoco persiste até o final do manuscrito, cuja a última página é marcada como "46", sendo que há 47 páginas de tradução. Não sabemos quem fez a marcação.

Faça-se. Porque tardas, e te compadecees, em vão? Porque não odías o deus mais inimigo dos deuses, que deu traiçoeiramente teu privilegio aos mortaes?

Vulcano⁵⁴

O parentesco é na ver<↑d>[a]de muito forte assim como a familiaridade.

Força

Concordo; mas desattendèr ás palavras do pae como é possível? Não temes isto mais?

Vulcano

Tu sempre desapiedada e cheia de audacia.

[fl.3]

Força

De nada vale deploral-o; não faze pois cousas, que nada aproveitão.

Vulcano

Oh muito odiado trabalho manual.

Força

Porque o odías? Pois, dizendo a verdade, não é a arte a causa dos males presentes.

Vulcano

A outrem conviria cabèr ella por sorte.

Força

Tudo foi feito para os deuses, excepto imperarem⁵⁵; pois ninguém é livre, salvo Jupiter.

Vulcano

⁵⁴Daqui por diante, o acento da palavra “Vulcàno” só será empregado novamente na página 26 do manuscrito.

⁵⁵No manuscrito, o trecho: “(...) para os deuses, excepto imperarem” é sublinhado. Também entre as linhas dessa fala, D.Pedro II redige o seguinte comentário: “(excepto para os deuses o imperarem – isto é – tudo custou trabalho, excepto imperarem os deuses, pois somente Jupiter é livre (não obedece; impera) (Qual a melhor interpretação?)”.

Sei-o, e nada tenho que contradizer a isto.

Força

Não te apressarás pois a circundal-o de cadeàs para que a ti tergiversante não
<↑veja>[*] o pae?

Vulcano

E já á mão se podem vèr os elos.

Força

Tomando-os emtorno das mãos bate com o malho com grande força; finca-os
nas pedras.

[fl.4]

Vulcano

Está feito, e não dura este trabalho.

Força

Bate mais; aperta; de nenhum modo alarga; pois é astuto para achar sahidas
mesmo de cousas sem remedio.

Vulcano

O braço já foi fixado inabalavelmente.

Força

E agora liga est'outro firmemente, para que o astuto saiba que é mais obtuso que
Jupiter.

Vulcano

Excepto este, ninguém justamente se houvera queixado de mim.

Força

Agora forte enterra atravez dos peitos os dentes arrogantes da cunha de aço.

Vulcano

Ai, ai, Prometheu, gemo com tuas desgraças.

Força

De novo hesitas, e gemes com os inimigos de Jupiter? Que não te compadeças de ti um dia.

[fl.5]

Vulcano

Vês um espectáculo horrível de vêr.

Força

Vejo-o, conseguindo o que é justo; mas lança os vinculos axillares em torno das costellas.

Vulcano

É necessario fazel-o; não m'o ordenes demais

Força

Ordenarei certamente, e incitarei com gritos alem d'isso. Anda para baixo, e aperta com anneis as pernas á força.

Vulcano

E fez-se o trabalho sem grande custo.

Força

Agora finca fortemente as algemas dos pés; pois que o censor de tuas obras é severo.

Vulcano

A tua linguagem falla cousas semelhantes á tua forma.

Força

Sè molle; mas a minha insolencia e crueza d'indole não m'<↑exprobes>[*].

Vulcano

Vamo-nos; pois tem rèdes nos membros

[fl. 6]

Força

Procede agora aqui indolen<↑te>te[m], e, furtando os privilegios dos deuses, dá-os aos ephemerios. Que valem os mortaes para te aliviarem d'estes trabalhos? Os deuses

te chamão com o pseudonymo de Prometheu (previdente); quando tu mesmo precisas d'um Prometheu de modo a te desembaraçares d'estes artefactos.

Prometheu

<↑Oh ar divino>[*], e ventos de azas velozes, e fontes dos rios, e ondulações innumeraveis das ondas marinhas; e terra; mãe universal, e disco omnividente do sol; a vós invoco; vede-me quanto eu deus soffro dos deuses. Vêde por quaes ignominias vexado luctarei, infindos annos. O nòvo reguladòr dos felizes inventou por causa de mim este vinculo aviltante. Ai, ai! Lamento o soffrimento presente, e o superveniente. De que modo cumpre que um dia surja o termo d'estes males? Comtudo que digo? Sei de antemão claramente tudo o que deve vir; nenhum soffrimento chegar-me-á inesperado. É preciso supportar da melhor mente a sorte destinada, reconhecendo que a força da necessidade é invencivel. Mas nem calar, nem não calar me é possivel esta sorte, porque, dando privilegios aos mortaes, estou subjugado por estes supplicios. Pesquiso a origem furtiva do fògo [fl.6 (7)]⁵⁶ occulta na ferula, a qual foi para os mortaes mestra de todas as artes e grande auxilio. Cumpro estes castigos das culpas, estando a ceu descoberto pregado com cadêas. Ah! Ah! Ai! Ai! Que rumòr, que cheiro imperceptivel voou até mim? Divino; mortal, ou mixto? Veio ao cimo do rochedo algum expectadòr de meus males, ou querendo o que? Vêde-me deus infeliz encadeado, inimigo de Jupiter, incorrendo no odio de todos os deuses, que frenquentão o palacio de Jupiter, por causa de amizade demasiada aos mortaes. Ai! Ai! Que rumorejar de voadores ouço, de nòvo, perto? O <↑ar sussurra>[*] com as ligeiras vibrações das azas. Tudo o que se aproxima é para mim atemorizadòr.

Chòro (Strophe 1ª)

Nada temas; pois este bando amigo de azas<↑com rapidas porfías>[*]<↓elevou-se a> este rochèdo, apênas convencendo as paternas vontades. Auras velozes me conduziram; porque o echo do tinido do ferro penetrou o recesso dos antros; expelliu de mim o veneravel pudòr, e descalça precipitei-me no carro alado.

Prometheu

⁵⁶ Página 7 do manuscrito, erroneamente marcada como página “6”. O equívoco persiste até o final do manuscrito, marcando a última página como “46”, sendo que há 47 páginas de tradução. Doravante, colocaremos a numeração correta entre parênteses.

Ai! Ai! Ai! Ai! Prole da fecunda Tethys; filhas do pae Oceano, que circunvolve toda a terra com insomne fluxo, olhae, observa com que cadêa ligado supportarei não invejavel sentinella no cume dos rochêdos d'este precipicio.

[fl.8]

Chòro (antistrophe 1ª)

Vejo-o, Prometheu; uma nevoa temivel cheia de lagrimas precipitou-se sobre meus olhos, observando eu teu corpo mirrando-se pregado nos rochêdos com estes ferreos flagellos; pois novos <↑timoneiros>[*]⁵⁷ regem o Olympos, e com leis novas impera Jove illegitimamente; destroe agora o que era antes veneravel.

Prometheu

<↑Prouvera>[Oxalá]⁵⁸ me houvesse arremessado para baixo da terra e Orco recebedor dos mortos; para o Tartaro immenso, tendo me lançado crueis e indissoluveis cadêas, de modo que nem deus nem outro qualquer se regozijasse d'isto. Agora desgraçado; dos ventos ludibrio soffro o que alegra os inimigos.

Chòro (Strophe 2ª)

Qual dos deuses de coração assim endurecido a quem isto agráde? Quem não partilha a dor de teus males, excepto Jupiter? Elle irosamente tendo se posto de animo inflexivel doma a celeste progenie, nem cessará, antes que ou sacie o coração, ou alguém por qualquer artificio se tenha apossado do governo difficil de tomar.

Prometheu

Certamente o governador dos felizes ainda terá necessidade de mim, maltratado embora por fortes algêmas, para eu lhe [fl.8 (9)] manifestar o novo trama⁵⁹ pelo qual sceptro e honras lhe serão roubados. Nem me abrandará com os mellifluos incantamentos da persuasão, nem aterrado por graves ameaças denunciá-lo-ei, antes que me tenha soltado das crueis cadêas e reparado esta ignominia.

⁵⁷ Ver página 23, nota.

⁵⁸ A palavra "Oxalá" está sublinhada no manuscrito, e logo acima está escrita a palavra "prouvera", com tinta diferente. Ao contrário das outras ocorrências, não houve rasura, o que indica dúvida.

⁵⁹ Palavra normalmente feminina; no entanto, o dicionário Houaiss anota a ocorrência desse termo também como um substantivo masculino, no sentido de "conluio", "maquinação".

Chòro (Antistrophe 2^a)

Na verdade audaz nada te dobras aos males acerbos, e demasiadamente livre fallas. Terròr profundo abalou-me o animo; pois temi, quanto ao teu destino, o como cumpra chegares a vèr o termo d'estes trabalhos; porquanto o filho de Saturno tem caracter inexoravel e coração inflexivel.

Prometheu

Sei que Jupiter é aspero, julgando a seu bel-prazèr; comtudo será um dia de animo brando; quando fòr de certo modo ferido; abatendo a indomavel colera voltará ainda anciòso á concordia, e a amizade commigo anciòso.

Chòro

Revela tudo, e dize-nos em que crime surpreh[en<↑den>d]o-te Jupiter assim te maltrata ignominiosa e acerbamente. Conta-nos se nada te<↑+>⁶⁰ offende na narração.

Prometheu

Na verdade é doloroso para [mim <↑o que tenho de> referir *];<↑mas> doloroso calar; em todos os casos desgraçado. Logo que os <↓celicolas>~~habitantes do ceu~~ [fl.10] se deixaram <↑dominar> pela cólera, e a discordia suscitou de entre elles; querendo uns derrubar Saturno do throno, sem duvida para que Jupiter imperasse; outros anhelando o contrario; que Jupiter jamais * governasse os deuses, então, aconselhando eu o melhor, não <↑pude convencèr>[*] os Titães; filhos do Ceu e da Terra; mas, desprezando os meios brandos em seus violentos pensamentos, julgarão haver de governar sem custo; á força. Não <↑somente> uma *vez *minha mãe Themis e a Terra; forma unica de muitos nomes, predissera-me como se ratificaria o futuro; que nem por força, nem por violencia <↑cumpriria>, mas por dolo <↑os que>[*] <↑se tornassem> [superiores] vencèrem <↑+>⁶¹[.] <A mim quando dizia taes cousas com palavras não se dignaram de

⁶⁰Entre “te” e “ofende” está um sinal “+” (adição ou cruz?) feito em tonalidade de tinta diferente. A cruz costuma indicar passagens corrompidas nos manuscritos. Mas não parece o caso aqui em vista do grego.

⁶¹Acima do ponto final há uma cruz (ou adição) aparentemente marcada a lápis. No entanto, antes do ponto final, temos a palavra “vencèrem”, e acima dela há outro sinal, um círculo com uma cruz dentro. No começo da página do manuscrito onde está escrita a passagem em questão [fl.10], há um sinal idêntico ao que fora escrito sobre a palavra “vencèrem”. Perto desse sinal está escrito: “faltam aqui dous versos”. Esses dois versos foram escritos mais à esquerda desse sinal: “A mim quando dizia taes cousas com palavras/ não se dignaram de nada attender totalmente”. Portanto, o sinal no corpo do texto se trata de uma chamada, e a cruz acima do ponto final talvez indique que é depois dele que os versos esquecidos na tradução devem ser lidos. Por isso os incluímos no corpo do texto.

nada attender totalmente⁶² . Do que então se apresentava parecia-me ser o mais acertado, tomando commigo minha mãe, auxiliar de boa vontade a Jupiter que o queria. Por meus conselhos o abysmo do Tartaro profundamente negro esconde o ancião Saturno com seus alliados. De tal sorte por mim ajudado o Senhor dos deuses com estes duros trabalhos recompensou-me. Ha na verdade como este achaque na soberania de não confiar nos amigos. Já que perguntaes porque motivo me maltrata, explical-o-ei. Logo que se assentou no throno paterno, immediatamente distribuiu recompensas pelos ~~hab~~ celicolas; a cada um sua, e regulou o governo. Mas em nenhuma conta teve os miseros mortaes; porem <↑dezejava>[*~~queria~~], destruindo toda a geração, crear nova. E a isto ninguem resistiu, [fl.10 (11)]excepto eu. Eu porem atrevi-me; livre os mortaes de irem aniquilados para o Orco. Pelo que *sou vergado por estas desgraças dolorosas de soffrèr; tristes de vèr. Tendo compaixão dos mortaes,* não fui achado digno de obtèl-a; mas desapiedadamente assim fui castigado; espectaculo deshonnoso para Jupiter.

Chòro

De coração de ferro e feito de pedra é quem, oh Prometheu, não partilha teus soffrimentos; não dezejava eu pois tèt visto estas cousas, e, tendo as visto, foi o coração angustiado.

Prometheu

E na verdade para os amigos *triste sou eu de vèr.

Chòro

Por ventura não foste mais longe do que <↑isto>[*]?

Prometheu

Impedi os mortaes de prevèr o * destino.

Chòro

Que remedio achando d'este mal?

Prometheu

⁶² Ver nota anterior.

<↑Estabeleci>[*] n'elles cegas esperanças.

Chòro

Esta grande vantagem doaste aos mortaes

Prometheu

[fl.12]

Alem d'isso dei-lhes o fògo

Chòro

Pois ephemeròs possuem <↑agora> o fogo chamejante?!

Prometheu

Pelo qual conhecerão muitas artes.

Chòro

Por taes crimes pois maltrata-te Jupiter, nem abrandas os males? Nem ha para ti termo assentado do soffrimento?

Prometheu

Nenhum outro senão quando áquelle praza

Chòro

Como porem lhe aprazará? Que esperança? Não vès que delinquiste? Como delinquiste não me é agradável dizer; e para ti é dør; mas deixemos estas cousas; procura pois qualquer libertação do soffrimento.

Prometheu

Facil é quem tem o pé fóra das desgraças aconselhar e <↑admoestar>[*] o afflicto; mas eu sabia tudo isto; voluntaria; voluntariamente delinqui; não negarei: favorecendo os mortaes acarretei-me os trabalhos. Comtudo não pensava havèr de mirrar-me com taes trabalhos sobre alcantilados rochèdos, cabendo-me este monte <↑terno>[*] sem visinhos. Não lamenteis comtudo as desgraças presentes; mas

<↑vindas>[*] á terra [fl.12(13)] <↑ouvi> [*] a sorte, que s'aproxima⁶³, afim de que tudo saibaes até o fim. Crede-me; crede; compadecei-vos de quem soffre agora. Do mesmo modo, certamente, a desgraça vagando liga-se ora a um, ora a outro.

Chòro

Não clamaste isto a <↑pessoas que não quizessem (ouvir)>[*], Prometheu. E já com] pé ligeiro deixando a séde velozmente impellida, e o puro <↑ar>[*] passagem <dos aligeros>[*], chego * a este solo fragòso, desejo ouvir inteiramente os teus trabalhos.

Oceàno

Chego a ti, Prometheu, tendo percorrido o termo de longo caminho, governando este aligero de rapido voo pela vontade sem freio. Condòo-me de tua sorte, sabè-o, pois a isto, julgo, me obriga o parentesco, e, parentesco á parte, a ninguem daria maior quinhão do que a ti. Conhecerás porem quão verdadeiras são estas cousas, nem que é de mim fallar agradavelmente com leviandade. Vamos pois, indica em que cumpre socorrer-te; pois nunca dirás que ha para ti amigo mais firme que o Oceàno.

Prometheu

Ah! <↑Que cousa?>⁶⁴[Tambem tu] vieste expectadòr de meus trabalhos? Como ousastes, deixando a corrente, que <↑tira de ti> [*] o nome, e os antros nativos cobertos de pedra, vir á terra, mãe do ferro? Por ventura [fl.14] chegaste para observares minha sorte, e partilhares meus males? Vè o espectaculo; o amigo de Jupiter; quem com elle estabeleceu a soberania, sob que desgraças sou por elle vergado.

Oceàno

Vejo-o, Prometheu, e quero na verdade, aconselhar-te melhor, embora a quem é astuciòso. Conhece-te a ti mesmo, e muda para novos habitos; pois tambem novo é o soberàno entre os deuses. Se arremessas palavras tão asperas e aguçadas, talvez logo te ouça Jupiter, mesmo assentando-se muito mais alto, de modo que a amargura actual <dos males>[*] ~~dos soffrimentos~~ parèça ser divertimento. Mas, oh infeliz, perde a colera

⁶³ O sinal “+” foi marcado acima dessa palavra no manuscrito.

⁶⁴ O trecho “Que cousa” foi escrito logo acima da palavra “também”; seu lugar na frase é indicado por meio de traço. Nota-se também o sinal (+), em outra cor, com o qual provavelmente o autor marcava onde, em revisão, deveria inserir algo.

que tens; procura a libertação d'estes soffrimentos. Talvez pareça-te dizêr cousas antiquadas; comtudo tal é a recompensa d'uma lingua demasiadamente arrogante. Tu porem não és humilde, nem cedés aos males; mas queres ajuntar outros aos actuaes. Portanto, servindo-te de mim, <como>[*] mestre, não darás ponta- pés na espóra, vendo que impera um monarcha severo e irresponsavel. E agora vou-me, e tentarei se posso livrar-te d'estes trabalhos. Tu aquieta-te, e não falla intemperantemente. Acaso não sabes perfeitamente, sendo tão prudente, que é infligido castigo á lingua insensata?

[fl.14 (15)]

Prometheu

Invejo-te; porque ficas isento de crime, tendo tudo partilhado e visado commigo. Mas agora desiste, nem te importes; pois de nenhum modo o convencerás; porquanto é inexoravel. Examina bem tu mesmo se nada soffres com a viagem.

Oceàno

Na verdade muito melhor aconselhas os outros que a ti proprio, e reconheço-o pelas obras e não pelas palavras. De nenhum modo faças retrocedêr a mim, que venho apressado; pois glorió-me; glorió-me de havêr Jupiter de concedêr-me o dom de libertar-te d'estes trabalhos.

Prometheu

Louvo-te por isso, e jamais deixarei de louvar-te. Não poupas diligencia; comtudo * nada faças; pois, nada aproveitando-me, debalde trabalharás, ainda que trabalhar queiras; mas aquieta-te conservando-te afastado; porquanto, se eu sou infeliz não quizera por esta causa que tocassem desgraças a muitos.<↑Oceano>⁶⁵[Não] certamente; pois que me atormentão os destinos do irmão Atlante, que está nas regiões occidentaes, sustentando nos hombros a columna do ceu e da terra; peso difficil de suportar. <↑Condoi-me> [vendo o] terrigena habitante dos antros Cilicios; monstro funesto; o violento Typhão de cem cabeças *, subjugando os outros à força, o qual rebelou-se [fl.16] contra todos os deuses, soprando exterminio pelas medonhas queixadas: fulminava dos olhos gorgoneo lampêjo, como se destruira á força a soberania de Jupiter. Mas veio a elle o dardo insomne de Jupiter; o cadente raio,

⁶⁵ Ver nota 69.

expirando chammas, que abateu as arrogantes jactancias; pois, ferido nas proprias entranhas, foi o vigor incinerado, e fulminado, e, agora; corpo inerte, e estirado, jaz, perto de estreito maritimo, comprimido sob as raizes do Etna. Nos altos cumes assentado forja Vulcano massas incandescentes, d'onde jorrarão um dia rios de fôgo, devorando com ferozes queixos as campinas da Sicilia de bellos fructos. Typhão vomitará essa biles com os ardentes dardos d'inextinguivel ignivomo <↑+>[turbilhão]⁶⁶; Carbonisado embora pelo raio de [Jupiter.] <↑Prometheu>⁶⁷Tu não és inexperiente, nem precisas de mim, como mestre; salva-te a ti mesmo como souberes. Eu supportarei o presente destino até que o animo de Jupiter * cesse da colera.

Oceàno

Pois não [sabes]<↑isto>, Prometheu, que as fallas são medicos de alma doente?

Prometheu

Se alguém <↑acalmar>[*] o coração opportunamente, e não reprimir á força a paixão intumescente.

Oceàno

[fl.16(17)]

Mas no interessar-se, e ousal-o que damno vès existir? Ensina-m'ô.

Prometheu

Trabalho inutil, e stultice de <animo>[~~espírito~~] leviano.

⁶⁶Acima de “turbilhão” encontra-se o sinal de adição.

⁶⁷ A palavra “Prometheu” foi escrita no espaço interlinear entre as palavras “Jupiter” e “Tu”. Num primeiro momento, pensamos que o Imperador estava apenas indicando ao leitor que a longa fala de Prometeu continuava (vv.340-76), tínhamos em mente o texto original editado por Mark Griffith (1997). No entanto, Brunno V.G.Vieira, Professor de Letras Clássicas da UNESP e um dos arguidores da presente pesquisa, chamou a atenção para esse detalhe. Posteriormente consultamos a edição de 1809 do texto original grego empeendida por Christian Gottfried Schültz, e constatamos que a disposição das falas difere da edição de Griffith. A edição de Schültz tem a seguinte disposição: Prometeu: vv. 340-46; Oceano: vv.347-72; Prometeu: vv.373-6. A edição de Thomas Stanley (1809) possui a mesma disposição de Schültz para a passagem em questão. A palavra “Prometheu”, escrita no espaço interlinear, destaca um trecho idêntico ao da fala de Prometeu editada por Schültz e Stanley. Logo acima do início da tradução para o verso 347, o Imperador escreveu no espaço interlinear a palavra “Oceano”[fl.15] (p.133), mas riscou-a. Se levarmos em conta esses dois acréscimos, a tradução fica com a mesma disposição das edições de Schültz e Stanley para os versos 340-76. O interessante é que na versão preliminar da tradução em prosa, guardada no Museu Imperial, não há esses dois acréscimos, o que nos faz pensar que Dom Pedro II estava trabalhando com mais de uma edição do texto original. Eis a tradução dos versos 373-6 no manuscrito do Museu Imperial: “Tu não inexperiente não precisas de mim como mestre: salva-te a ti * como * sabes. Eu sofrerei a sorte presente até que o espirito de Jupiter tenha descansado da colera”.

Oceàno

Deixa-me padecèr d'esta molestia; pois que é <↑+>[vantajòssissimo]⁶⁸ que quem pensa sensatamente não o pareça

Prometheu

Esta culpa parecerá sèr minha.

Oceàno

Teu discurso reenvia-me para casa.

Prometheu

Não te lance ao odio a compaixão de mim.

Oceano⁶⁹

Porventura de quem assenta-se recentemente na sede onnipotente?

Prometheu

Guarda-te d'elle, que jamais seu coração seja irritado.

Oceàno

Tua desgraça, Prometheu, é minha mestra.

Prometheu

Vae-te; apressa-te, <↑conserva>[*] tua actual resolução.

Oceàno

[fl. 18]

Disseste-o a quem tem pressa; pois o aligero quadrupede roça com as azas o caminho plàno do ar contente por tèr de dobrar o joelho nos estabulos <↑domesticos>[*].

⁶⁸ Há uma cruz ou adição marcada a grafite acima dessa palavra.

⁶⁹ Aqui o acento foi esquecido.

Chòro (Strophe 1^a)⁷⁰

Deploro-te * pela sorte pernicioso, Prometheu, e molhei as faces com humidas fontes, derramando de ternos olhos uma corrente gotejando lagrimas; pois Jupiter, ordenando estas cousas desapiedadamente por leis suas, mostra <↑aos>[*] deuses de outrora a haste orgulhosa.

(antistrophe 1^a)

Já toda a região resou lamentavelmente, e tua magnifica e antiga dignidade deplorão, e quantos mortaes habitão o vizinho solo da sacra Asia * condoem-se de tuas desgraças dignas de altos gemidos,

(Strophe 2^a)

e as virgens habitantes da terra da Colchida, impavidas nos combates, e a <↑horda>[*] Scytha, que occupa o lugar extremo da terra emtòrno * do paúl Meotide,

(antistrophe 2^a)

e a flòr marcial da Arábia, e os que habitão⁷¹ aldèa cheia de precipicios perto do Caucaso; chusma bellicosa, fremente com agudas hastes.

[fl.18 (19)]

(Epodo)

Somente outro vi antes subjugado <↑em>[~~por~~]ferreos trabalhos pelos flagellos dos deuses; Atlante, que sempre um esforço immenso; o solido polo celeste sustenta nas costas. Muge o marulho do mar chocando-se; geme o abysmo; * o negro fundo da região do Orco sub-freme, e as fontes dos rios sacro-fluentes deplorão a lamentavel dòr.

Prometheu

<↑De nenhum modo>[* julgueis] que por pertinacia ou insolencia me cale; mas o desgosto <↑devora>[~~dilacera~~]-me o coração, vendo-me assim ultrajado. Comtudo quem senão eu distribuiu privilegios por todos estes novos deuses? Calo-o porem; já que o diria a vós que o sabeis. Ouvi a desgraça, que houve para os mortaes; como a elles estupidos antes <↑fiz>[*] prudentes e dotados de intelligencia; mas dil-o-ei, não tendo exprobação para os homens; porem expondo a benevolencia das cousas que dei. Na verdade os que d'antes vião debalde vião, os que ouvião não ouvião, mas semelhantes ás

⁷⁰ Havia uma linha de texto abaixo da palavra “chòro” que foi totalmente riscada, em sua maior parte está ilegível. Lê-se, contudo, algumas palavras, “lamento”, na primeira posição, “perniciosa”, e a última, “Prometheu”.

⁷¹ O trecho: “da Arabia, e os que habitão” foi sublinhado no manuscrito, e logo acima dele foi escrito entre parênteses: “(de Aryas, que habita?)”, sem indicação de inclusão.

formas dos sonhos, por muito tempo, tudo <↑confusão>[*] ao acaso; nem conhecião as casas de tijòlo expostas ao sol; nem carpinteria; mas habitavão encovados, como as * pequènas formigas, nas profundezas não assoalhadas dos antros. Não havia para elles limite de inverno; nem de florida primavera; nem de fructifero estío; mas tudo fazião [fl.20] sem sciencia, até que lhes mostrei os nascimentos dos astros, e os occasos difficeis de notar. E inventei-lhes a numeração, a mais excelente das doutrinas, e os arranjos das letras, e a memoria; mãe das musas; artífice de todas as cousas. Jungi [primeiro ao jugo os animaes], <↑tornando-se escravos da corda>⁷²<↑e, para que>[*] com os corpos fossem * substitutos aos mortaes nos maiores trabalhos, sujeitei ao carro os cavallos doces <↑de rédea> [*], ornamento da molleza excessivamente rica. Ninguém senão⁷³ eu inventei esses vehiculos undivagos de azas de linho. Descobrimos taes inventos para os mortaes, * infeliz não tenho eu proprio artificio, com que me <↑livre>[*] da desgraça actual.

Chòro

Soffres affrontosa desgraça; aberras privado da razão; mas, como mau medico, cahindo doente, desanimas, e não podes achar com que remedios sejas curavel.

Prometheu

Ouvindo-me o resto, mais admirarás as artes e cousas uteis que excogitei. O que é o mais importante; se alguém cahisse doente não havia nenhum remedio;* nem de comèr; nem de untar; nem de bebèr; mas definhavão por falta de remedios, antes que eu lhes mostrasse as misturas dos saudaveis remedios, com que expellem de si todas as molestias.

[fl.20 (21)]

Institui muitos modos de adivinhação, e primeiro e distingi o q⁷⁴ dos sònhos deve sèr * sònho verdadeiro; expliquei-lhes os agouros vocaes difficeis de entendèr, e os accidentaes dos caminhos, e defini exactamente * o vò das aves de unhas recurvadas; quaes as favoraveis por natureza; quaes as sinistras; que comida tem cada uma, que inimizades, amòres e reuniões entre ellas; e a lisura das entranhas, e com que

⁷² O trecho “tornando-se escravos da corda” foi escrito logo acima do trecho “primeiro ao jugo os animaes”; seu lugar na frase é indicado por meio de traço. Depois da palavra “animaes”, o trecho “e para que” foi escrito logo acima de algo que fora riscado e está ilegível.

⁷³ O autor esqueceu de colocar o til na palavra “senão”.

⁷⁴ O autor anota “q” com um til no manuscrito. É a abreviação da palavra “que”. Recurso bastante comum na época do Imperador e recorrente em seu manuscrito.

còr sejião do prazèr para os celicolas, e a bella forma variegada do fel, e do lobulo do figado. Queimando membros cobertos de gordura, e um comprido lombo, guiei os mortaes na difficil arte de adivinhar, e revelei os signaes igneos d'antes caliginosos. Taes, na verdade, estas cousas; mas quem diria ter descoberto antes o <↑cobre>[*] ; o ferro; a prata, e o ouro; recursos occultos aos homens embaixo da terra? Ninguem; perfeitamente o sei, a não querèr palrar em vão. Em poucas palavras aprende tudo d'uma vez; todas as artes provirão aos mortaes de Prometheu.

Chòro

Não soccòrras os mortaes alem do que convem; nem te descuides de ti desgraçado; pois que tenho boas esperanças de que, um dia, sòlto d'essas cadèas, não sèjas menos poderòso que Jupiter

Prometheu

[fl.22]

Prometheu

Ainda não está fadado que <↑de tal maneira>[~~assim~~] ratifique isto a Parca, que tudo perfaz; mas vergado sob infinitas desgraças, e calamidades, assim livrar-me-ei, a final, das cadèas. A arte é muito mais fraca do que a fatalidade.

Chòro

Quem é o timoneiro da fatalidade?

Prometheu

As triformes Parcas, e as memoriosas Furias

Chòro

Pois Jupiter é mais fraco do que ellas?

Prometheu

Certamente; não evitaria o fadado.

Chòro

Que ha pois fatal para Jupiter senão imperar?

Prometheu

Jamais o saberias, nem me rogues.

Chòro

É porventura alguma cousa <↑veneranda>[*] o que occultas?

Prometheu

Lembrae-vos de outro discurso;* proferir este de nenhum modo é opportuno; mas deve-se occultal-o o mais possivel, pois, reservando-o, evito cadêas affrontosas e calamidades.

[fl.22 (23)]

Chòro (Strophe 1ª)

Jamais quem rege tudo; Jupiter opponha seu podèr á minha vontade! Nem tarde <↑eu> em approximar-me dos deuses com os * banquetes <↑rituaes> de bois sacrificados, junto ao curso incessante do pae Oceàno; nem delinqua por palavras: mas fique-me isto, e jamais se desvanèça

(antistrophe 1ª)

Doce é estendèr longa vida por confiadas esperanças, nutrindo a alma de brilhantes alegrias; mas horroriso-me, observando porque infinitos * <↑soffrimentos> [és atorm]entado. <x x x x x>⁷⁵ Não temendo Jupiter, honras demasiadamente os mortaes, Prometheu, por tua propria vontade. <↑Strophe 2ª>⁷⁶ Eia! Que ingrata gratidão, oh amigo; dize: onde auxilio? Que socòrro dos ephemerous? Não observaste a importante fraqueza semelhante a um sonho, <↑com>[*] que a dos mortaes x x x⁷⁷ cega geração está algemada? Os conselhos dos mortaes <↑nunca>[*] preferem á ordem estabelecida por Jupiter

(antistrophe 2ª)

Aprendi-o, <↑observando>[*] tua misera sorte, Prometheu. Diverso voou para mim este e aquelle canto, quando, emtòrno do banho e de teu leito, com alegria

⁷⁵ Logo após a esse ponto, encontra-se um traço ascendente sobre o qual está marcado “x x x x x”, indicando que o texto original nessa passagem está corrompido. Ver pp.75-7 da presente dissertação.

⁷⁶ A indicação do o início da estrofe 2ª foi feita por meio de linhas ascendentes, partindo dentre as palavras “vontade” e “eia”, nas quais é escrito “(Strophe 2ª)”, como uma espécie de correção feita pelo autor.

⁷⁷ Marcação feita no corpo do texto. Ver nota 78.

cantava o hymeneu, na ocasião, que, persuadindo * com as dadas esposalias minha irmã paterna; Hesione, levaste-a como esposa, socia de leito

[fl.24]

Io

Que terra? Que geração? Quem direi ser este que eu vejo exposto às intemperies encadeado aos rochedos? De que delicto te faz perecer o castigo? Mostra-me em que parte da terra vago. <↑Ah! Ah! Ai! Ai!>[Novamente ferra-me]* infeliz um tавão; imagem do terrigena Argos. Afasta, terra; tenho medo, o boieiro <↑de numerosos olhos que me observa>[* ~~infinitos~~]. Elle anda, tendo olho doloso, e * morto não o esconde a terra; mas, escapando d'entre os que estão debaixo da terra, caça-me desgraçada, e faz-me vagar famelica pela marítima areia⁷⁸.

(Strophe)

A canna <↑melodiosa>[~~sonora~~] ligada com cêra resôa um canto soporífero. Ai; ai; ah! Onde; ah! Onde; me levão as longinquas peregrinações? Em q, a final, <oh ↑Saturnio>[*] filho; em que, a final, achando-me delinquente, prendeste-me n'estas desgraças? Ai; ai! Assim me atormentas infeliz delirante com o medo das ferroadas do tавão? Queima-me com fogo, ou esconde-me na terra, ou dá-me como pasto de feras marinhas; não me rejeites as preces, oh rei! <↑Bastante>[*] me <↑forçaram a exercício>[* multivagas] peregrinações, nem tenho onde aprenda como evite as desgraças. Ouves a voz da virgem bovicornuta?

Prometheu

Como não ouvirei a donzella pungida pelo tавão; a filha d'Inacho, [fl.24 (25)]que abraza de amor o coração de Jupiter; e agora odiosa a Juno <↑é>[*] forçada ao exercício de intermináveis carreiras?

Io (antistrophe)

Porque pronuncias <↑tu> o nome de meu pae? Dize a mim infeliz quem és; quem portanto falla a mim, oh misera, assim verdadeiramente desgraçada, nomeando <↑o mal>[*] proveniente dos deuses, que me consome, pungindo-me com furioso ferrão. Ai; ai! Vim em rapido curso impellida pelos famelicos flagellos dos saltos; (vim

⁷⁸ “arèa” = “areia”(forma atualizada).

em rapido curso esfomeada e aos saltos) domada pelos designios rancorosos de Juno. Quaes dos infelizes; quaes; ai; ai! soffrem como eu? Mas aponta-me claramente: que me resta, ou não me cumpre padecèr? Indica-me o remedio do mal, se o conheces. Falla; explica-o á virgem desaventuradamente vagabunda.

Prometheu

Claramente dir-te-ei tudo o que desejas sabèr, não enredando enigmas; porem singelo discurso, como é justo abrir a bocca <↑com>[*] amigos. Vès Prometheu; o dadòr do fogo aos mortaes.

Io

Oh tu que revelaste aos mortaes o bem commum, desgraçado Prometheu, em castigo de que padeces isto?

Prometheu

Ainda ha pouco deixei de lamentar meus males.

[fl.26]

Io

Não me concederias essa graça?

Prometheu

Dize; que pedes? Pois tudo saberias de mim.

Io

Revela-me quem te ligou a este precipicio?

Prometheu

A resolução de Jupiter, e a mão de Vulcão.

Io

Mas de que delictos soffres a pena?

Prometheu

Tão somente isto posso explicar-te

Io

E, além d'isto, mostra-me o termo de minha peregrinação, e qual o tempo para a infeliz

Prometheu

Melhor é para ti ignorar-o que sabê-lo

Io

Não me escondas o que * tenho de sofrer

Prometeu

Mas não te recuso este favôr

Io

Porque hesitas então em dizer-me tudo?

[fl.26 (27)]

Prometheu

Não há nenhuma recusa; porem receio perturbar teu espirito

Io

Não cuides <↑mais> de mim; pois é me agradável

Prometheu

Pois dezejas, cumpre dizê-lo; ouve então

Chòro

Ainda não; concede-me também parte do prazer. Indaguemos primeiro o mal d'ella, contando * ella mesma sua sorte * cheia de odios; do resto das infelicidades seja informada por ti.

Prometheu

É teu cuidado, <↑Io,>fazèr a estas o favòr, em todo o caso, e por serem irmãs de teu pae, visto que chorar e deplorar as desgraças ali onde <↑alguem> hade obtèr lagrimas dos ouvintes vale a demora.

Io

Não sei como desobedecèr-vos; por claro discurso sabereis tudo o que dezejaes; posto que [me envergonhe de dizèr<↑d’onde sobrevierão a mim desaventurada>⁷⁹ a calami]dade proveniente dos deuses, e a * mudança de forma. Visões nocturnas, frequentando sempre meus aposentos virginaes, exhortavão-me com suaves palavras: oh felicissima donzella, porq⁸⁰ te conservas muito tempo virgem; sendo-te permittido alcan⁸¹[fl.28] o maior casamento? Pois Jupiter está abrasado por ti pelo dardo dos desejos, e quer gozar Cypris contigo; mas tu, oh moça, não recuses o leito de Jupiter; porem sahe para o fertil prado de Lerna, e os * rebanhos e * abegoarias de teu pae; afim de que a vista de Jupiter descanse dos desejos. Todas as noites era dominada por taes sònhos até que ousei referir a meu pae os sònhos nocturnos. Elle enviou a Delphos e a Dodona numerosos consultantes do oraculo, para que <↑soubesse>[*] como, <↑obrando, ou> fallando, *cumpria *fazer * cousas agradaveis aos celicolas. *Voltavão annunciando oraculos ambiguos; obscuros, e expressos por modo difficil d’ entendèr. Em fim um vaticinio evidente chegou a Inacho, claramente <↑recomendando>[*], e dizendo que me expelisse de casa, e <↑mesmo>[*] da patria, para abandonada eu vagar até as regiões extremas da terra. E se eu não quizesse viria de Jupiter o flammigero raio, que tudo anniquilaria. Persuadido por estes oraculos de Apollo (do Ambiguo), contra vontade expelliu e excluiu-me de casa contra minha vontade; mas o freio de Jupiter forçou-o a fazèr isto. Minha forma e meu espirito erão logo mudados; cornigera pois, como vèdes; picada por um tavão de aguda bocca pulava com furiosos saltos para o arròio de agradavel bebida de Cenchrea e a fonte de Lerna: o terrigena boieiro; d’inflexi[fl.28 (29)]vel rancòr; Argos <↑segue>, observando com <↑numerosos>[innumero] olhos, as minhas pégadas.* Sorte imprevista e subita privou-o de vivèr; eu porem picada pelo tavão sou impellida de terra em terra pelo flagello divino. Ouves o que se fez; se tens porem que dizer do resto dos males, declara-o, nem,

⁷⁹ O trecho “d’onde sobrevierão a mim desaventurada” foi escrito logo acima do trecho “me envergonhe de dizer a calami-(...)”; seu lugar na frase é indicado por meio de traço.

⁸⁰ Abreviação encontrada no manuscrito, há um til logo acima da letra “q”.

⁸¹ A página 27 termina com “alcan(...)”, mas a sílaba “çar” não foi escrita na próxima página.

compadecendo-te, me consoles com falsas palavras; pois é o mais vergonhoso dos defeitos proferir discursos artificiosos.

Chòro

Ai; ai! <↑Pára;>[ai] de mim! Jamais; jamais julguei que * estranhos discursos viessem a meus ouvidos, nem que ~~desgraças~~ tão <↑tristes> de vèr e insupportaveis desgraças; expiações e horròres gelassem minha alma com farpão de dous gumes. Ai; ai! Destino; destino; arrepiei-me, observando a sorte de Io.

<↑Prometheu

Gemes antes do tempo e estás cheia de mèdo. Espera até que * conheças também o resto.

Chòro

Dize; explica. Doce é para os q soffrem sabèr d'antemão claramte o resto da dòr>⁸².

Prometheu

[Já alcançaste de mim facilmente] <↑vosso>[*] dezejo; pois dezejastes sabèr d'esta primeiramente sua desgraça, narrando-a ella mesma. Ouvi agora o resto dos males que <↑a> esta mòça * cumpre soffrèr por causa de Juno, e tu, sangue de Inacho, lanças no espirito * minhas palavras, para que saibas o termo do caminho. Primeiramente, voltando-te dáqui para o levantar do sol, anda para campos não lavrados; mas chegarás aos Sythas nomadas, que habitão elevados [fl.30] sobre carros bem providos de rodas tectos entrelaçados, pendendo-lhes arcos, que atirão longe. Não ~~chegando~~ avisinhar-se d'elles; mas aproximando * os pés das fragosas praias fluctisonantes atravessar a região. Á mão esquèrda morão os Chalybes ferreiros, de que cumpre acautelares-te; pois são ferozes e inaccessiveis aos estranhos. Chegarás ao rio Hybristes (violento) não falsamente chamado, o qual não atravesses; pois não é facil de atravessar, * antes que chegues ao proprio Caucaso; o mais alto dos montes, onde o rio jorra o impeto <↑mesmo>[*] do cume. Cumpre que, atravessando os cumes visinhos

⁸²Todo o texto em <...> foi escrito em letras pequeninas acima da fala de Prometeu: "Já alcançastes de mim facilmente..."

dos astros, ande a viagem para o meio dia, onde chegarás ao povo das Amazonas, que odía os homens, as quaes habitarão um dia Themiscyra, junto ao Thermodonte, onde está o aspero queixo Salmydessio inhospito aos nautas; <↑madrasta>[*] dos navios. Ellas mesmas te guiarão, e com o maior prazèr. Chegarás ao isthmo Cimmerio nas proprias portas apertadas do paúl, * deixando o qual, cumpre que intrepidamente atraveses os canaes Meoticos. Será para sempre grande * entre os mortaes a fama de tua passagem, e chamar-se-á com o sobrenome de ~~Bosphore~~ Bosporos(Bosphoro), e, deixando o solo da Europa, chegarás ao continente Asiatico. Não vos parece sèr o senhor dos deuses em tudo [fl.30 (31)] igualmente violento? Pois, dezejando esse deus tèr commercio com esta mortal, a lançou n'estas peregrinações. Cruel pretendente de tuas bôdas alcançaste, oh moça! Pois as palavras que ouviste agora nem no proemio te pareção estar

Io

Ai de mim; de mim! Ai; ai!

Prometheu

Tu clamas de novo e gemes; que farás quando souberes os restantes males?

Chòro

Pois dirás a esta o resto das infelicidades?

Prometheu

<↑Pelago>[*], na verdade, tempestuòso de <↑fatal>[*] calamidade.

Io

Que lucro é para mim vivér⁸³, e, pelo contrario, não me atirei depressa d'este rochèdo escarpado, de modo que precipitada sobre o solo me libertasse d'estes trabalhos? Pois é melhor morrèr d'uma vez do que penar todos os dias.

Prometheu

⁸³ Palavra acentuada conforme o manuscrito. De acordo com outros exemplos observados, o correto seria “vivèr”.

Sem duvida difficilmente supportarias meus soffrimentos, a mim não é fadado morrèr; pois [seria]<↑para mim> a libertação * das infelicidades. Agora não se me apresenta nenhum termo das desgraças, antes que Jupiter decaia do podèr.

[fl.32]

Io

Hade, acaso, um dia, Jupiter decahir do mando?

Prometheu

Regozijar-te-ias, penso-o, vendo essa desgraça.

Io

E como não, eu que padeço por causa de Jupiter?

Prometheu

* De ti depende sabèr isto como devendo sèr na verdade

Io

Por quem será <↑espoliado>[*] do regio sceptro?

Prometheu

Elle mesmo por <↑seus>[*] estultos <↑designos>[*].

Io

De que modo? Explica, se não ha risco.

Prometheu

Fará tal casamento, de que um dia se doerá.

Io

Divino ou humano? Se é licito, dize-o.

Prometheu

Porque qual? Não é licito dizèl-o.

Io

Acaso<↑será>[*] derribado do thròno pela espòsa?

[fl.32 (33)]

Prometheu

Ella parirá um filho mais forte do que o pae.

Io

Não ha para elle recurso d'este destino?

Prometheu

Não certamente antes que eu seja sòlto das cadèas.

Io

Quem te hade comtudo soltar, não querendo Jupiter?

Prometheu

Cumpre que seja um de teus descendentes.

Io

Que dizes? Por ventura um filho meu te libertará dos males?

Prometheu

<↑Sem duvida um>[Um] terceiro em geração depois de outras dez gerações.

Io

Este vaticinio não é de facil conjectura.

Prometheu

Tambem não desejes * <↑sabèr teus>[proprios] trabalhos.

Io

Offerecendo-me a dadiva não m'a a negues depois.

Prometheu

Com um de dous discursos te favorecerei.

Io

[fl.34]

Quaes? Dize, e dá-me a escolha.

Prometheu

Concedo. Escolhe: ou te direi claramente o resto de teus trabalhos, ou quem hade libertar-me.

Chòro

D'estes favòres queiras fazèr um a esta; outro a mim; nem desprezes minhas palavras. Declara-lhe a restante peregrinação, e a mim o libetadòr; pois dezejo isto.

Prometheu

Visto que o desejaes ardentemente, não me recusarei a declarar tudo o que quereis. A ti primeiro, Io, referirei a muita agitada peregrinação, que tu <↑deves gravar>[*] nas tabuas commemorativas do espirito. Quando tenhas atravessado a corrente; limite dos continentes, para o brilhante oriente visitado pelo sol x x x x⁸⁴ tendo atravessado o bramido do mar, até que chegues aos campos gorgoneos de Cisthenes, onde habitão as Phorcides; trez donzellas anciaãs, com forma de cysne, possuindo um olho commum e um dente, a quem * nem o sol olha com seus raios, nem a nocturna lua. Perto estão suas trez irmãs, as aligeras; anguicomas Gorgones aos mortaes odiosas, que nenhum mortal encarando conservará o espirito vital. Digo-te isto por cautela. Ouve porem outro penòso spectaculo; pois guarda-te dos cães mudos de guelas pontudas [fl.34 (35)] de Jupiter; os * gryphos e do exercito equestre monocular dos Arimaspos, que habitão junto á corrente auriflua; ao rio de Plutão. Não te approximes d'estes; mas irás a terra longinqua, a um povo negro, que habita perto das fontes do sol, onde está o rio Ethiope. Caminha cêrca das margens d'este até que chegues * á queda, onde dos montes Byblinos o Nilo lança a * corrente veneranda e bòa de bebèr. Este te

⁸⁴ Marcação de lacuna no texto original grego consultado pelo Imperador e também encontrada na edição de Christian Gottfried Schültz, de 1809 (verso 797).

encaminhará para a terra triangular Nilotica, onde está fadado a ti, Io, e a teus filhos fundar remota colonia. Se alguma d'estas cousas [é <para ti>⁸⁵ embara]çosa, e difficil d'entendêr, repete-a e sabe-a claramente; ha para mim maior lazêr do que quero.

Chòro

Se algum resto ou <↑omittido>[*] da funesta peregrinação tens de declarar a esta, dize-o; mas, se tudo disseste, então faze-nos <↑tambem> [o favor], que pedimos, do qual te lembrás sem duvida.

Prometheu

Ella ouviu todo o termo da viagem. Mas, para que saiba não me ter ouvido, em vão, direi o que soffreu antes de vir cá, dando este proprio testemunho de minhas palavras. *Omittirei a maior abundancia de palavras, e vou mesmo ao termo de tuas peregrinações. Depois que vieste aos campos Molossos e á alcantilada Dodone, onde estão o oraculo e a séde [fl.36] de Jupiter Thesproto, e o prodigio incrível; os carvalhos fallantes, pelos quaes <↑clara>[*] e nada ambigualmente foste saudada como devendo sêr illustre espôsa de Jupiter, se qualquer d'estas cousas te lisongêa, d'ahi * pungida pelo tãvão, ao longo do caminho junto ao mar, chegaste ao grande gòlpho de Rhea, d'onde és agitada por cursos retrogados. Em tempo vindouro essa ensêda marítima será chamada Ionia, como lembrança de <↑2>[tua] viagem [para]<↑todos> <↑1>[os] mortaes.⁸⁶ São Provas são estas de ~~que~~ como meu espirito vê mais do que o aparente. O resto direi igualmente a vós e a ella, voltando ás proprias pégadas das palavras de antes. É Canopo a cidade extrema da região, junto á propria bocca do Nilo e ao cómor. Ahi Jupiter tornar-te-á racional, acariciando-te com placida mão, e tocando-te somente. Parirás o negro Epapho (epaphan = acariciar, tocar de leve) sobrenòme proveniente da geração de Jupiter, o qual se apossará de tudo quanto rega o latiflúo Nilo. A quinta geração d'elle composta de cincoenta donzellas voltará, não o querendo, para Argos, fugindo do casamento consaguineo dos primos paternos; mas elles com o espirito * fortemente agitado, como gaviões não muito afastados das pombas, virão

⁸⁵ O trecho “para ti” foi escrito logo acima do trecho “é embaraçosa”; seu lugar na frase é indicado por meio de traço.

⁸⁶ O trecho “de tua viagem para os mortaes” foi sublinhado no manuscrito. Também o número 2 foi escrito acima da palavra “tua”, e o número 1 escrito acima do artigo plural “os”. A palavra “todos” foi escrita acima do trecho sublinhado; seu lugar na frase é indicado por meio de traço. Seria para propor inversão na ordem (lembrança “para todos os mortaes” “de tua viagem”)?

caçando nupcias não caçaveis; um deus lhes invejará os corpos. A Pelasgia os receberá com feminina matança domados por audacia nocturna vigilante; pois cada mu[fl.36 (37)]lher privará da vida cada homem, enterrando <↑na>[*] garganta a espada de dous gumes. Tal viesse Venus sobre meus inimigos. A paixão abrandará uma só das donzellas, de modo a não matar seu companheiro de leito; mas se <↑confundir-se-lhe-á>[*] o juízo; resolverá uma de duas: ouvir-se chamar fraca antes do que sanguinaria. Esta parirá <↑em Argos> geração real. É preciso grande discurso para explicar estas cousas claramente. D'esta linhagem nascerá o audaz illustre pelo arco, o qual me livrará d'estes trabalhos. Tal oraculo me expoz minha * mãe anciaã; a Titanide Themis. Como e onde é preciso muito tempo para dizêl-o, e nada lucrarás sabendo-o.

Io

Ai; ai! <↑De nòvo>[*] me abrasão profundamente violenta d'òr e phreneticos delirios, e * do tавão me punge o ferrão ardente. Na verdade, o coração abala de mèdo as entranhas; os olhos volvem-se em espiral, e sou impellida fóra do curso pelo influxo insensato da raiva, não podendo com a lingua; palavras confusas porem dão d'encontro ás ondas da triste fatalidade. <↑Chóro (Strophe)>⁸⁷. Certamente sabio; certamente sabio era quem primeiro concebeu na mente e * dissertou com a lingua que muito prefere o casar com os da propria igualha, e nem dos enervados pela [fl.38] riqueza, nem dos engrandecidos pela linhagem deverá apaixonar-se o mercenario.

(antistrophe)

Jamais; jamais, oh Parcas, me x x x⁸⁸ vejaes companheira de leito de Jupiter, nem unindo-me a qualquer * espòso do ceu; pois temo a virgindade inimiga dos varões, vendo Io grandemente atormentada pelas acerbos peregrinações de Juno.

(epodo)

Quanto a mim não receio; porque um casamento igual não é temivel; mas não me olhe a paixão dos deuses mais poderosos; * olhar inevitavel. Guerra esta não guerreavel; facil em difficuldades; nem sei que será de mim; pois não vejo como fugir do designio de Jupiter. | <↑Prometheu>⁸⁹[Na verdade] ainda um dia Jupiter, pensando

⁸⁷ O trecho “Chòro (strophe)” foi escrito logo acima das palavras “fatalidade” e “certamente”; seu lugar no texto foi indicado por meio de traço. Aqui não pulou linha para indicar mudança de fala.

⁸⁸ Marcação feita pelo autor indicando corrupção no texto original grego.

⁸⁹ Essa palavra foi escrita logo acima do trecho “na verdade”. Há um traço vertical depois da palavra “Jupiter” indicando que começaria a fala de Prometeu.

embora cousas arrogantes, será humilde; tal casamento prepara-se a contrahir, que o derribará [anniquilado <↑do governo e> do] thròno. Então do pae Saturno já se cumprirá inteiramente o que imprecava, cahindo do antigo thròno. O desvíio d'estes males nenhum dos deuses, excepto eu, poderia mostrar claramente.

Sei isto, e de que modo. Por isso <↑3>[<↑destemido>] [*] <↑1>[assente-se] <↑2>[<↑agora>]⁹⁰, fiado nos sublimes estrondos, brandindo nas mãos ignisomo dardo. <↑Nada porem>[*] o ajudarão estas cousas para não cahirem <↑deshonrosamente> [ruínas não] sustentadas. Tal antagonista [fl.38 (39)] prepara elle para si mesmo; monstro difficillimo de combater, que achará fogo mais poderòso que o raio; estrondo forte excedente ao trovão, e desfará o ~~flagelo~~ maritimo tridente; flagello abaladòr da terra; a haste de Neptuno. Dando d'encontro a esta desgraça, aprenderá quanto distão o imperar e o servir

Chòro

Tu vociferas, na verdade, o que desejas contra Jupiter.

Prometheu

O que hade succedèr, e, alem d'isto, quero, digo eu.

Chòro

E cumpre aguardar que alguém governe a Jupiter?

Prometheu

E * suportará trabalhos mais intoleraveis do que estes

Chòro

Como porem não <↑receias> [*] proferindo essas palavras?

Prometheu

Porque temeria eu, a quem não é fadado morrèr?

⁹⁰ A passagem foi transcrita tal qual estava no manuscrito. No entanto, outra possível leitura foi indicada por meio de números escritos logo acima de algumas palavras “destemido”(3), “assente-se”(1) e “agora”(2), ou seja, “(...) assenta-se agora destemido”. As palavras “destemido”, “assente-se” e “agora” foram sublinhadas no manuscrito.

Chòro

Mas te daria trabalho mais doloròso do que este.

Prometheu

Faça-o elle pois, tudo é aguardado por mim.

[fl.40]

Chòro

Os que * adorão Adrastea (a providencia dos pagãos) são sabios.

Prometheu

Venera; invoca; lisongèa quem ainda agora impera. Jupiter importa-me menos do que nada. Obre; impere n'este curto tempo como queira; pois não governará os deuses muito tempo. Vejo porem o mensageiro de Jupiter; o ministro do novo senhòr: em todo o caso veio annunciar cousa nova.

Mercurio

A ti astucioso; acerbamente sobremodo acerbo, que peccas contra os deuses, dando * honras aos ephemeròs, chamo ladrão do fògo; o pae ordena que digas quaes as nupcias, de que blazonas, e por cuja causa aquelle decahirá do <↑podèr>[*]. E estas cousas comtudo nada ambigualmente; mas uma por uma, expõe, nem me <↑tragas>[*], Prometheu, caminhos duplos; pois vès * Jupiter não abrandar-se com taes cousas. |⁹¹<↑Prometheu> Grandiloquo e [cheio de soberba]* é o discurso como de creado dos deuses, e novos governaes de nòvo, e julgaes habitar castellos isentos de tristeza. Não sei <↑eu> [que] dous senhores cahiram d'elles? Observarei (cahir) o terceiro, que impera agora, celerrima e vergonhosissimamente. Acaso te parêço <↑receiar-me>[*], ou tremèr de mèdo dos novos deuses? Mui[fl.40 (41)]to e de todo longe estou (do mèdo). Tu pelo caminho, porque vieste, retrocede depressa; pois nada saberás do que me interrogas.

Mercurio

⁹¹ Neste ponto há um traço vertical separando a fala de Mercúrio da fala de Prometeu, que estavam unidas. A palavra “Pormeteu” foi escrita logo acima do trecho: “cheio de soberba” para indicar que a fala é de Prometeu. Indicação do próprio Imperador.

Todavia d'antes com <↑taes>[*]arrogancias<↑appontaste a>[*] estas desgraças.

Prometheu

Por teu serviço, sabe-o tu claramente, não trocaria eu minha desgraça. Julgo pois melhor servir esta pedra do que sêr mensageiro fiel do pae Jupiter. Cumpre tratar assim com arrogancia os arrogantes.

Mercurio

Pareces deleitar-te com as cousas presentes

Prometheu

Deleito-me? Assim visse eu meus amigos⁹² deleitando-se, e entre elles te nomêo

Mercurio

Acaso pois m'imputas alguma cousa em tuas infelicidades?

Prometheu

Em uma palavra odío todos os deuses; quantos beneficiados me fazem mal injustamente

Mercurio

[fl.42]

Ouço-te enlouquecido por não pequena molestia

Prometheu

Adoecêsse eu, se doença é odiar os inimigos

Mercurio

Não serias supportavel, se fosses feliz.

⁹² O correto seria "inimigos"; provavelmente um equívoco cometido pelo autor enquanto passava à limpo sua tradução. Ver verso 973 do *Prometeu Acorrentado*.

Prometheu

Ai *!

Mercurio

Esta palavra Jupiter não conhece

Prometheu

Mas o tempo envelhecendo tudo ensina

Mercurio

E contudo ainda não sabes sèr ~~previdente~~ assizado

Prometheu

Do contrario não te estaria fallando; a um creado.

Mercurio

Nada pareces dizer do que o pae dezèja.

Prometheu

E então dar-lhe-ia graças como seu obrigado.

Mercurio

Tens escarnecido de mim, como se eu fosse <↑um> menino

Prometheu

Por ventura não és um menino e ainda mais desassizado [fl.42 (43)] do que este, se esperas sabèr alguma cousa de mim? Não ha tortura, nem [artificio, <↑com que Jupiter>⁹³ me provoque] a declarar essas cousas, antes que os funestos vinculos sejam sòltos. Por isso arremesse a chamma abraza-dòra; * confunda-se e abale-se tudo com a neve branco-alada, e os trovões subterraneos; que nada d'isso me dobrará a que diga por quem cumpre decahir ele do governo.

⁹³O trecho “com que Jupiter” foi escrito logo acima das palavras “artificio” e “provoque”; seu lugar na frase é indicado por meio de traço.

Mercurio

Considera <↑agora>[*] se isto * parece <proveitòso>[*] para ti

Prometheu

Já * foi visto e resolvido de ha muito

Mercurio

Ousa, oh insensato, ousa uma vez pensar rectamente, <↑conforme>[*] as presentes desgraças.

Prometheu

Debalde me importunas, como <↑uma onda, convencendo-me>[*] Nunca te entre na cabeça que eu aterrado pelo designio de Jupiter * me tornarei mulheril, e supplicarei, com elevações femininas de mãos, ao grandemente odiado que me solte d'estas cadêas; estou inteiramente longe d'isto

Mercurio

Parece-me fallar debalde, fallando embora muito; * pois nada abrandarás, nem amollecérás o coração com as [fl.44] preces; porem, mordendo o bocado do freio, como pòldro * recentemente domado, forcêjas e combate contra as rédeas. Comtudo orgulhas-te de fraco expediente; porque a audacia *de quem não pensa bem vale menos do que nada. Olha pois, se não * fores convencido por minhas palavras, que tempestade e escarcéo de males cahirá inevitavel sobre ti: primeiramente o pae despedaçará este fragòso despenhadeiro com o trovão, e a fulminea chamma, e esconderá o teu corpo, e o petreo seio te trará. Tendo se completado grande espaço de tempo, verás novamente á luz; mas o cão volatil de Jupiter; a cruenta aguia, dilacerará <↑avidamente>[*] grande pedaço de teu corpo; *conviva que, não convidado, vem todos os dias, e devorar-te-á o fígado; negra comida. Não esperes o termo d'este soffrimento antes que appareça <↑um>[algun] dos deuses successòr de teus trabalhos, * que queira ir ao inferno não allumiado, e á * escura profundidade do Tartaro. Portanto resolve; pois que não é uma van jactancia; porem um dicto muito serio; <↑visto q>[*] a bocca de Jupiter não sabe mentir; mas cumpre a palavra. Examina bem e reflecte, nem julgues jamais a audacia melhor que a prudencia.

Chòro

[fl.44 (45)]

Na verdade Mercurio não parece dizèr cousas inopportunas; pois te exhorta a <↑que>, depondo a audacia, procures a sabia prudencia. Cede; pois a um sabio vergonhoso é errar.

Prometheu

Elle proclamou estes annuncios a mim que os sabia; mas não é indigno sèr um inimigo maltratado pelos inimigos. Por isso arremesse-se sobre mim a espiral de fògo de dous gumes, e o <↑ar>[*] seja revolvido pelo trovão e a tormenta dos ventos furiosos; sacuda o furacão a terra com as proprias raizes desde os alicerces, e com <↑aspero>[*] bramido confunda as ondas do mar e os cursos dos astros celestes, e precipite inteiramente meu corpo no negro Tartaro <↑levado> pelos irresistiveis turbilhões da fatalidade; <↑em todo o caso>[*] não me fará * morrèr *

Mercurio

Taes resoluções e palavras de mentecapto é preciso comtudo ouvir. Que * falta pois para elle desarraoar, se nada cede das infelizes manias? Mas vós, que vos compadeceis dos soffrimentos d'elle, afastae-vos rapidamente d'estes * lugares, para qualquer outro <↑afim>[*][fl.46] de que o horrendo mugido do trovão não ponha attonitos vossos espiritos.

Chòro

Dize, e aconselha-me outra cousa; pois que me seduziste com essas palavras de nenhum modo toleraveis. Como é que me ordenas praticar infamias? Com elle quero soffrèr o que fòr necessario; pois aprendi a aborrecèr os traidores, nem ha peste que mais me repugne do que esta

Mercurio

Mas recordae-vos do que predigo, e caçadas pelas desgraça não accuseis a sorte, nem digaes que Jupiter vos arremessou a uma infelicidade imprevista; não certamente; porem vós a vós mesmas; pois, sabendo-o, nem subita; nem occultamente sereis <↑envolvidas> por insensatez na immensa rède da desgraça.

Prometheu

E de facto, e não mais por palavras <↑balança-se>[*] a terra: rebòa o echo rugidør do trovão; brilhão as espiraes <↑ardentes>[*]do relampago, e os turbilhões revolvem o pó; rompem os sòpros de todos os ventos, suscitando entre si a revolta de oppostos furacões, e são abalados juntamente ar e mar. Taes impetos contra mim vem manifestamente de Jupiter para mettèrem mèdo. Oh nume de minha mãe, [fl.46 (47)] oh ar que volves a luz commum de todos, vès quão injustamente soffro.

14 de Abril de 1871

CAPÍTULO 4 - Transcrição da primeira versão poética feita pelo Barão de Paranapiacaba.

Á MEMORIA

DE

Dom Pedro II, do Brazil

*Saudade e admiração.*⁹⁴

⁹⁴ O livro publicado pelo Barão de Paranapiacaba em 1907 começa com a citada dedicatória, seguida por outra destinada à Princesa Isabel (reproduzida a seguir). Logo depois, encontram-se as correspondências trocadas entre Paranapiacaba e Lafayette Rodrigues Pereira, nas quais o Barão solicita a Lafayette que faça um prefácio ao seu livro e Lafayette aceita o convite (pp.IX-XIII). O prefácio escrito por Lafayette encontra-se depois das cartas (pp.IX-XIII). O livro divide-se em duas partes. Na primeira, encontram-se as duas versões poéticas de Paranapiacaba e suas notas explicativas (pp.49-165), precedidas por dois juízos críticos acerca do *Prometeu Acorrentado*, traduzidos pelo Barão: *Eschylo*, de A. e M. Croiset (pp.19-32); e *Juizo de Paul de Saint-Victor* (pp.33-48). Na segunda parte do livro encontra-se um texto no qual o Barão de Paranapiacaba narra sua convivência com o Imperador, desde o primeiro encontro até a partida do monarca para o exílio (pp.170-265). O livro encerra-se com um texto no qual o Barão traça uma visão panorâmica do teatro antigo e moderno (pp.267-333).

Á SERENISSIMA PRINCEZA

A Senhora Dona Izabel, a Redemptora

Veneração e lealdade

[fl.49] **PROMETHEU ACORRENTADO**⁹⁵

A FORÇA E VULCANO (KRATOS E HEPHAISTOS)

(A violencia (Bia) é personagem mudo)

A FORÇA

Chegámos do mundo ao termo,
Ao mais longiquo recesso
Da Terra Scythica; um ermo,
A humanos pés inaccessos.

Vulcano! É tempo! Executa
Ordens, que o Pae quis impôr.
Nesta penedia abrupta
Préga este audaz malfeitor.

Em forte, indomavel trama
De liames adamantinos
Intrinca-o bem; pois a chamma,
Exclusiva dos Divinos,

O fogo, teo dote e orgulho,
Que tanto á artes servio,
Tirando-o ao céo, por esbulho,
C'os homens o dividio.

D'esse peccado hoje o fere
A pena, afim de aprender
Qual convém que elle venere
De Jupiter o poder;

Sendo força renuncie

⁹⁵ A métrica varia conforme a personagem nessa versão poética feita pelo Barão de Paranapiacaba, a primeira a ser apresentada no livro de 1907. Página 49 na publicação original.

A sua philanthropia,
E nunca mais auxilie
A creatura de um dia.

[fl.50] VULCANO

Força e violencia! Cumpridas
Prescrições, que o Pae dictou
De estorvo algum sois tolhidas;
Vossa incumbencia findou;

E a mim fallece coragem
De nesta algente quebrada
A um Deos de minha linhagem
Prender em teia cerrada.

Mas dura Necessidade
A ousal-o obrigar-me vae;
Que é de summa gravidade
Desleixar ordens do Pae.

A ti, filho altipensante
De Themis, justa e sensata,
Por enleio flagellante
De nós, que ninguem desata,

Neste vão, sem treita humana,
Muito a meo e teo pesar,
Por injuncção soberana
Vou, em seguida, cravar.

Não verás humano rosto,
Nem voz mortal ouvirás;
Ao queimôr do sol exposto,
A flôr da tez perderás.

A noite, que, sempre ancioso,
 Estarás por ver surgir,
 Ha-de o dia luminoso
 No véo de estrelas sumir;

Crastino sol, novamente,
 Dissipar ha de a neblina,
 E enxugar, ao raio ardente,
 A geada matutina;

Sem que cesse de pungir-te
 Da angustia o acúleo profundo;
 Que ninguém, a redimir-te,
 Surgio ainda no mundo.

[fl.51] Pagaste aos homens tributo
 De affectos em profusão;
 E estás vendo qual o fructo
 De tanta dedicação,

Nume,- os Numes affrontaste;-
 Pois da terra aos moradores,
 Sem reserva, prodigaste
 Harto quinhão de favores.

Has-de, pois, nestes algares,
 Como guarda persistir,
 Sem os joelhos dobrares
 Firme, de pé, sem dormir.

Quanto a expansão dos tormentos
 Te irromper dos penetraes,
 Serão vãos os teos lamentos;

Inuteis serão teos ais.

Coração rígido e féro
 Tem dos Numes o Regente.
 De natureza, é severo,
 Todo o tyranno recente.

A FORÇA

Põe mãos á obra! Que esperas?
 Vamos! Acção instantanea!
 Debalde te commiseras;
 Tua emoção é frustranea.

Não execras este Nume,
 Odioso aos celestiaes,
 Que teo patrimonio, - o lume,
 (Traidor!) ha dado aos mortaes?

VULCANO

Podem sangue e convivencia
 Muito.

A FORÇA

Sim. Não é peor
 Tardar a Jove obediencia?
 Póde haver falta maior?

[fl.52] VULCANO

Oh! Sempre dureza e audacia!

A FORÇA

Nada pódes delle em pró.
 É vão e sem efficacia;
 Não lhe é remedio esse dó.

VULCANO (*olhando para as cadeias*)

D'arte minha ó fructo horrendo!

A FORÇA

Por que tal odio? Bofé!

De tudo, que estamos vendo,

Tua arte causa não é.

VULCANO

Houvesse a outrem cabido

Este cruel ministerio!

A FORÇA

Aos Immortaes concedido

Tudo foi, menos o imperio

Só Jove é livre.

VULCANO

Negal-o

Não ha, nem pôr contradictas.

A FORÇA

Tracta, pois, de vincual-o,

Antes do Pae vêr que hesitas.

VULCANO

Vê as algemas!

[fl.53] A FORÇA

Arrocha

Seos pulsos; vibrando o malho,

Crava-lhe as mãos nessa rocha.

VULCANO

Sim. E não foi vão trabalho.

A FORÇA

Mais forte! Estreita-lhe os braços
No mais comprimido arrocho.
Estica todos os laços;
Nenhum nó deixes a frouxo.

Podem ser por elle achadas
(Tão habil é)! soluções,
Ainda em desesperadas,
Perdidas situações.

VULCANO

Com irrompiveis cadeias
Este braço preso tem.

A FORÇA

Nas mesmas solidas peias
Prende-lhe o outro tambem.

- Sophista d'alta sciencia, -
Ensine-lhe este flagello
Que é de tarda intelligencia
Si com Jove em paralelo.

VULCANO

Ninguém, que em razão se firme,
Póde increpar-me as acções.
Este póde dirigir-me,
(Mais ninguém) exprobações.

Dessa cunha d' aço o córte,
 -Fundo, - embebe-lhe no peito.
 Vara-o com golpe bem forte;
 Não lhe amortegas o effeito.

VULCANO

Prometheu! Gemo contigo!

A FORÇA

Outra vez! Sinto deploras
 Quem é de Jove inimigo!
 Oxalá por ti não chores!

VULCANO

Oh! A que espetaculo infando
 Assisto!

A FORÇA

O que a lei condemna
 Estou a ver, expiando
 De seo crime a justa pena.
 Peitoraes põe-lhe ás axillas.

VULCANO

Sei. É fatal! Jove a mim
 Deo ordens. Devo cumpril-as.
 Não instes commigo assim.

A FORÇA

Hei-de instar, e á teo esforço
 Bradar, pois vejo que afrouxas.
 Ao rochedo une-lhe o dôrso
 E em aneis lhe adstringe as côxas.

VULCANO

Está feito e lésto.

[fl.55] A FORÇA

Aperta,
Rebatendo-os nos fuzis,
Os cravos dos pés. Alerta,
Tens fiscal de olhos subtis.

VULCANO

Qual teu rosto, é fera e audace
Tua lingua.

A FORÇA

Mostra fraqueza;
Mas não que lances em face
Minha inflexível rudeza.

VULCANO

Vamos, que o cinge uma rêde,

A FORÇA (*apostrophando a Prometheu*)

Desadóra! Furta o egregio
Fogo e aos homens leva, adrêde,
Dos Numes o privilegio!

Os ephemerous nem podem
Prestar-te o auxilio commum.
Neste lance não te acodem,
Pois seo valor é nenhum.

Os Immortaes accordaram
Em chamar-te Prometheu.
Falso nome te applicaram,

Que não quadra ao genio teo;

Pois precisas nesse transe

Que de um Prometheu te valhas,

Cujo sabio esforço alcance

Libertar-te d'essas malhas.

(Sahem Vulcano, a Força e a Violencia.)

[fl.56] PROMETHEU

Ó Ether divinal; ó ventos d'aza prompta;

Ó fontes fluviaes; risos do mar, sem conta;

Ó Terra genetriz, de cujo seio ingente

Tudo brota; do sol ó disco omnividente!

Ouvi-me a invocação! Eu peço que vejaes

Quantas dôres impoem a um Nume os Immortaes.

Vêde em que regiões, em vinculos tão sevos,

Condemnam-me a penar, por longa serie de évos!

Para mim ideiou o Chefe dos Ditosos

Este apparelho vil de ferros vergonhosos.

Ai! Choro o mal presente e o mal em perspectiva.

Suspiro pelo fim desta pena afflictiva.

Que digo? Vejo, claro, e com o olhar seguro

Quanto encerram de occulto as dobras do futuro!

Ai! Não ha para mim successo inopinado!

Não se foge ao Destino. E, pois, do melhor grado,

Eu devo submeter-me á Sorte irreparavel,

Porque Necessidade é força inexpugnavel.

Não quizera falar deste injusto supplicio;

Mas como calarei, si um grande beneficio

Tendo feito aos mortaes, em paga, ao jugo oppresso

Estou deste martyrio, intérmimo, indefesso!

Em férula guardei do fogo a fonte occulta.

O fogo mestre foi das artes e resulta

Delle para os mortaes mór commodo e proveito.

Por isso é que me vejo á tanta dôr sujeito,
 Á mercê da intemperie , em toda a acção tolhido,
 Fazendo expiação do crime commettido.
 Ai! ai! Que sons escuto e que vago perfume
 Se evola e sobe aqui !? É, porventura, um Nume?
 É mortal? Ou, talvez, é mixta creatura,
 Que vem presenciar esta rude tortura
 E quer, de perto, vêr meo hórrido castigo?
 Vêde: um Deos infeliz, de quem Jove é inimigo,
 Que os Numes tem hostis, e hostil quanto frequenta
 De Jupiter a régia. E tudo porque alenta
 Muito amor aos mortaes! Ai! Proximos já soam
 Os ruidos, que ouvi. São passaros que voam.
 Os ares, ao bater de azas, que se equilibram
 Em remigio subtil, harmoniosos vibram.
 Mofina condição; infausta sorte a minha!
 Infunde-me pavor quanto a mim se avizinha!

[fl.57] CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE 1

Socega! O bando aligero,
 Que do alto aqui desceo,
 Inteiro te é sympathico
 E amigo, Prometheu.

Mal á vontade explicita
 Do Pae venia extorquida,
 Porfiámos qual mais célere
 Seria na partida.

O pavoroso estrepito
 Dessas correntes d'aço
 Das grutas oceanicas

Foi restrugir no espaço.

De parte pondo estímulos
Do pejo; não calçadas,
Ao voador veículo
Subimos, apressadas.

Pelas do ethereo páramo
Plagas de azul, serenas.
Trouxe-nos brando zephyro
Sobre frouxel de pennas.

PROMETHEU

Vós, que nascidas sois de Thetis, a fecunda,
Tendo por genitor o Oceano, que circunda
A Terra com seo fluxo insomne, inextinguível,
Contemplai-me; eis-me aqui! Preso em rêde infrangível,
No vão de hispida fraga, unido á penedia,
Constrangem-me a ocupar o posto de vigia.

CORO DAS OCEANIDAS

ANTISTROPHE II

Vêmos, sentindo, subito,
Das palpebras á flôr,
Prenhe de ternas lagrimas
Vir nevoa de terror;

[fl.58] Porque teu corpo, em vinculos
Torpes, á rocha preso,
Vae definhando, tábido,
De tanta angustia ao peso.

Pilotos ha novissimos
No céo! Legisla injusto

Jove e extinguiu, tyrannico,
Quanto era, outr'ora, augusto.

PROMETHEU

Antes da Terra ao fundo, ao Orco, onde têm pouso
Mortos, ou na amplidão do Tartaro trevoso,
Pelo braço de Jove eu fosse arremessado,
De indesataveis nós no encerro emmaranhado!
Nesse caso, - ninguém, ou Nume, ou ser diverso, -
Jubilára, ao me ver em dissabor submerso.
Hoje; suspenso aqui, - ludibrio aos soltos ventos; -
Vejo Deoses hostis folgar c'os meos tormentos.

CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE II

Qual tem, dentre os Celicolas,
Tão duro coração,
Que, ao ver-te em tanta lastima,
Não sinta compaixão?

Só Jove. Sempre rabido,
Em nada quer ceder,
E á toda a Olympia génese
Impõe o seo poder.

Declinará da colera
Quando a vingança estanque,
Ou alguém, de assalto, o imperio,
Arduo a roubar, lhe arranque

PROMETHEU

Mão grado aos que me impoz, grilhões vituperosos,
Precisará de mim o Rei dos Venturosos,
Para, um dia, sustal-o em seo recente plano,

Que o deve derribar do solio soberano.
 Então não haverá blandícia, que me torça;
 Não me hão de intimidar ameaça, nem força;
 Só falarei, ao ter os vinculos partidos
 E após satisfação de ultrajes recebidos.

[fl.59] CORO DAS OCEANIDAS

ANTISTROPHE II

Sempre altivez! No cumulo
 Da angustia, em nada cedés!
 Falas, bem solto e impavido,
 E as expressões não medes!

Por teu destino incognito
 Toma-nos o terror.
 Quando no porto, incolume,
 Verás o termo á dor?

Jove, Saturnia sobole.
 É rispido, inflexível;
 Seo animo recondito
 Foi sempre incomprehensível.

PROMETHEU

Bem sei que Jove é duro, e, em lugar da justiça,
 Seo alvedrio põe; mas um dia, submissa
 A vontade há de ter e mostrará brandura,
 Quando por esse modo o fira a desventura.
 Nesse dia, depondo a furia pertinaz,
 Virá soldar commigo a desejada paz.

O CORO DAS OCEANIDAS

Revela tudo. Dize-nos
 Quando te succedeo;

Em que alto maleficio
Jupiter te colheo,

Que com iguaes opprobrios,
Acerbos, te angustia.
Fala alto, salvo o incommodo
De expôr tanta agonia.

PROMETHEU

Si dóe de caso taes fazer a narrativa,
Calal-os tambem pêza. Ingrata alternativa!
Quando, a primeira vez, os Deoses insurgidos
Foram pela Discordia em facções divididos,
Uns tentavam privar Saturno do poder,
E a Jove, filho seo, do céu ao throno erguer.
Os que partido infenso a Jupiter seguiam
Confiar-lhe do Olympo o mando não queriam.

[fl.60] Eu de alvitre melhor, não pude dos Titanes,
- Prole de Terra e Céu - , vencer planos inanes.
Surdos á deducção de claros argumentos,
Avêssos á doçura, altivos, violentos,
Intentaram lograr, á força, por surpresa,
Sua injustificada e temeraria empresa.
Que vezes minha mãe, Themis excelsa – a Terra,
Que varios nomes tem e uma só forma encerra, -
Do porvir descerrando os véos caliginosos,
Predissera que só por meios ardilosos
Caberia aos Titans a palma da victoria!
Recusaram ouvir-me a justa suasoria,
Tenazes, insistindo em seo louco projecto,
Sem me olharem, siquer, e com desdém completo.
Julguei que era melhor, naquella conjunctura,
De minha mãe ao lado, ir de Jove em procura.

(Pois de prestar-lhe auxilio era chegado o ensejo),
 E então realizar o delle e o meo desejo.
 Por mim, Saturno antigo e aquelles, que o seguiram,
 Na funda escuridão do Tartaro immergiram.
 Para remunerar serviços desta monta
 Dos Numes deo-me o Rei deste castigo a affronta!
 Por achaque usual, recusa a tyrannia
 De amigos a affeição e nelles não confia.
 Inqueris da razão por que elle assim me oprime
 De contumelia tanta. Eu vou dizel-o. Ouvi-me.
 Quando posse tomou e assente foi no solio,
 De que arredara o Pae, por odioso espolio,
 Depois que cada qual dos Numes quinhôu
 Com honras e mercês, o Estado organizou.
 Mas da raça, á quem dera o terreal dominio,
 Cabedal nenhum fez. Quiz votal-a exterminio,
 E outra nova crear. Nenhum Deos combatia
 A idéia subversiva. Eu tive essa ousadia;
 E os mortaes preservei de serem arrojados
 Do Averno á escuridão, por Jove fulminados.
 Por isso, agora, estou (aspecto miserando!)
 De incomportavel dôr sob a pressão penando.
 Immensa compaixão votei á humanidade,
 Sem obter para mim a minima piedade!
 Quanto a Jove, que leva um Nume a tal opprobrio,
 O estado, em que me põe, de aviltamento cobre-o.

O CORO DAS OCEANIDAS

Terá nativa tempera
 De ferro, ou pedra rija,
 Quem teo castigo insolito
 Contemple e não se afflija!

[fl.61] Tão misero espectaculo

Pudéssemos não vêr!
E hoje, que o vemos, punge-nos
De vivo desprazer!

PROMETHEU

Para os amigos sou, tão fraco e miseravel,
Vivo painel de dôr, á vista intoleravel.

O CORO DAS OCEANIDAS

Tendo da terra aos incolas
Tanto favorecido,
Certo, outros beneficios
Lhes tens distribuido.

PROMETHEU

Livre-os do terror, que infunde na hora da morte.

O CORO DAS OCEANIDAS

Que remedio servio de cura á mal tão forte?

PROMETHEU

Dei á cega esperança entre elles moradia.

O CORO DAS OCEANIDAS

Foi, na verdade, um dom de maxima valia!

PROMETHEU

E do fogo, por fim, tambem lhes fiz presente.

O CORO DAS OCEANIDAS

Pois que? Na posse estão do fogo resplendente?

PROMETHEU

E por meio do fogo, hão feito esses inventos
De artes, misteres mil, fecundos em proventos.

[fl.62] O CORO DAS OCEANIDAS

E, por crimes iguaes Jove te supplicia,
Sem que, de modo algum, te abrande essa agonia?
E um termo á tua dôr assignalou, siquer?

PROMETHEU

Nenhum. Tem de durar enquanto lhe aprouver.

O CORO DAS OCEANIDAS

E ha de aprazer-lhe? Dize-nos
Como abrandal-o esperas!
No teu erro gravissimo,
Acaso, não ponderas?

Por nossa parte pêza-nos
Dizer-te que has errado,
E não te causa jubilo
Ouvil-o, de teu lado.

Deixemos estas praticas.
Tracta de excogitar
O como essas artisticas
Malhas espedaçar.

PROMETHEU

Facil, quem o pé tem fóra da desventura
Afflige o que padece e inflige-lhe censura.
Nada disto ignorei; de tudo consciente,
Resolvi delinquir; tornei-me delinquente.
Não nego; acinte o fiz. Servindo a humana raça,
Contava provocar os golpes da desgraça.

Nunca julguei, porém, que purgaria o crime,
 Ligado á este alcantil, que o corpo me dirime,
 Adstricto á solidão deste monte intractavel.
 Oh! Não me lastimeis a sorte miseravel!
 É melhor que desçaes a mim nesta fragura
 E, de perto, escuteis a minha dôr futura.
 Piedosas, ora, ouvi; cercae de sympathia
 A victima infeliz, que geme na agonia.
 Anda solto o Infortunio; errante se desgarrá,
 E num tal vagueiar naquelle e neste esbarra.

[fl.63] O CORO DAS OCEANIDAS

Falas ás que, por habito,
 Te acodem, sempre, á voz.
 Descemos já do aerio
 Carro, com pé veloz.

O ether – que é dos passaros
 Dominio - atravessando,
 Eis-nos em baixo, o aspero,
 Fragoso chão pisando.

Promptas, em vôo rapido,
 Cuidamos de servir-te.
 Queremos todo o multiplo
 Duro soffrer ouvir-te.

(Apparece o Oceano, montado em um dragão alado).

OCEANO

Eis-me aqui, Prometheu, após vencido
 Longo percurso. Chego, conduzido
 Neste alado, que só vontade minha,
 Pelos ares, sem redeas, encaminha.

Leva-me o parentesco a lastimar-te.
 Mas do sangue as prisões pondo de parte,
 A ti, mais que a ninguém, tenho amizade.
 Sabes que sempre dei culto á verdade.
 Guardo á lisonja minha lingua extranha.
 Dessa tortura, de aflicção tamanha,
 De que modo o rigor posso lenir-te?
 Dize. E não possa alguém, um dia, ouvir-te
 Que mais firme que Oceano amigo houveste.

PROMETHEU

Que vejo! És tu? Tu mesmo aqui vieste,
 A ser espectador de minhas magoas!
 Abandonaste as correntias agoas
 Do nome teo, a gruta primitiva,
 Que a natureza abriu na rocha viva,
 Pela terra do ferro? Testemunha
 Mera vens ser da dôr, que me acabrunha,
 Ou, compassivo, lastimar-me? Vê-me:
 Que espectáculo! Assim Jupiter preme
 O amigo que com elle accorde em tudo,
 Lhe foi, para reinar, mão forte e escudo.

[fl.64] OCEANO

Vendo estou, Prometheu. Tens mente arguta
 Assás. No emtanto, um bom conselho escuta:
 Conhece-te. E tomar novos costumes;
 Pois tambem novo rei preside os Numes.
 Vibras exprobrações da lingua fera,
 Que si Jove as ouvir na erguida esphera,
 Irado, te imporá tão graves penas,
 Que as actuaes serão brinquedo, apenas.
 Oh desgraçado! Expelle o que no fundo
 Do coração fermentas de iracundo.

Vê como achar livrança dessas malhas.
 Crês que te digo estultas antigualhas!
 Falo assim, Prometheu, porque contemplo
 Em ti da lingoa sôlta o triste exemplo.
 Não te humildas; não cedés ás desgraças,
 E outras queres juntar ás que, hoje, passas!
 Dá que eu te guie e contra o mal precate.
 Não batas com o pé contra o acicate.
 Reina um monarcha, duro e refractario
 A contas, de poder discricionario.
 Não fales tão procaz; quêda-te inerte.
 Teo indulto a impetrar corro, solerte.
 Sabio demais, não vês que á intemperante
 Lingoa se impõe estímulo aviltante?

PROMETHEU

Acceita embora meos, pois tendo ousado
 Ter parte em minha dôr, foste poupado
 E immune estás. Não quero te incommodes,
 Por mim a interceder. Levar não podes
 A Jove persuasão. Toma contigo
 Tento! Espia em redor. Que algum perigo
 Por minha causa não te venha. Evita
 Possa custar-te caro esta visita.

OCEANO

Não segues os conselhos, tão sensatos
 Que dás. A prova tenho-a nos teos actos.
 Não falo em vão; livrar-te é meo empenho.
 Não cedo á reflexão, não me detenho.
 Lisonjeio-me, sim, de obter, em breve,
 Que Jove desta pena te releve.

Sou-te grato e o serei, constantemente.
Não pódes, mais energico e fervente,
De util me seres revelar o almejo.
Baldarás teos esforços. Antevejo,
Seguro, que será de nullo effeito
Quanto queiras tentar em meo proveito.
De risco a salvo quêda. O meu desastre
Outrem não vá ferir e após o arrastre.
Sim. Bem me afflige o quadro da miseria
De Atlante, meo irmão, que, em pé, na Hesperia,
Nos hombros libra (insupportavel cargo)!
De Terra e Céu columnas. Bem amargo
Me é lembrar o outro irmão, filho da Terra,
Ciliceo troglodita, - horror na guerra, -
Centifronte Typheo, Sempre invencivel,
Dominado por força irresistivel,
Rebelde aos Numes, sibilava a morte
Das tetras fauces. Quando a dextra forte
Contra o imperio de Jupiter erguia,
Fulminava ao chispar, que despendia
Do seo gorgóneo olhar. O vigilante
Dardo, - de Jove o raio chammejante,
Ruio e lhe abateo a vã jactancia.
No coração combusto da flammancia
Celeste - e apavorado do estrondoso
Trovão, - esse valor, tão poderoso,
Tombou, sem energia, aniquilado,
E como corpo vão jaz estirado
Junto do estreito e sob o Etna arfando;
Ao passo que no cimo está forjando
Vulcano as massas e fusões candentes.
Dalli, com estridôr, igneas torrentes
Jorrando, irão co'os brutos maxillares
Da Sicilia abraçar ferteis pomares.

Assim Typhêo, que o raio malferira,
 Ha de, ao resfolgo, espadanar a ira
 Em turbilhões de chammas, que no arrôjo,
 Vivo, inexhausto, expellirá do bôjo.
 Certo, a tua provada experiencia
 Dispensa meos conselhos e assistencia.
 Guarda-te, pois, do modo mais asado.
 No que me toca, seguirei meo fado.
 Té que se extinga a colera, que lavra
 No animo á Jove.

OCEANO

Sabes que a palavra,
 Prometheu, d'alma enferma é medicina?

[fl.66] PROMETHEU

Si alguém, a tempo, o coração domina,
 E, opportuno e prudente, o volve á calma,
 Sem que, á força, reprima os éstos d'alma.

OCEANO

Que mal faz ao tental-o, acautelado
 E audaz?

PROMETHEU

Estolidez, afan baldado!

OCEANO

Deixa que desse mal, ora, padeça.
 Paro o sabio é melhor que o não pareça.

PROMETHEU

Responsavel da culpa, commettida

Por ti, fora eu.

OCEANO

É dar-me a despedida
Falar assim.

PROMETHEU

Receio haja motivo
D'ódio em seres commigo compassivo.

OCEANO

Ódio? De quem? Daquelle que, recente,
Tomou posse do solio omnipotente?

PROMETHEU

Ai! Si lhe irritas o animo!

[fl.67] OCEANO

De ensino
Serve-me, Prometheu, o teu destino.

PROMETHEU

Adeos. Nesse bom senso persevera.

OCEANO

Dás pressa ao que á partida se accelera.
Meo quadrupede alado, costumeiro
De curvar o joelho em seo caseiro
Redil, sacode as azas desdobradas,
Que do ether puro roçam as camadas.

CORO DAS OCEANIDAS

ESTROFE I

O Teo destino tragico
 Carpimos, compungidas.
 As lagrimas affluem-nos
 Faceis, enternecidas,

E, iguaes a fontes humidas,
 Nos sulcam o semblante.
 Jove, que, em seo arbitrio
 Faz timbre de arrogante,

Ao sceptro seo, despotico,
 Preme os antigos Numes.

ANTISTROPHE I

Já nestes vastos sitios
 Ressoam ais, queixumes.

Quantos na terra proxima
 Da Asia sagrada moram,
 Tuas passadas glorias
 E as de irmãos teos deploram!

[fl.68] ESTROPHE II

Choram-te as virgens Colchidas,
 Intrepidas na guerra,
 E os Scythas, da Meótida,
 Sita em confins da Terra.

ANTISTROPHE II

Chora-te o escol dos Arabes,
 - Marcial, lanceira cohorte, -
 E os que mantém no Caucaso
 O seo roqueiro forte.

EPODO

Outro, que da titanica
 Raça ligado eu vi
 Em laços incansaveis
 Soffrer, antes de ti,

Atlante foi, que o symbolo
 É do maior esforço,
 Pois que do pólo ao carrego
 Geme o seo forte dorso.

Muge, a seos pés, o pelago,
 Fervendo; o abysmo freme;
 Até nas furnas infimas,
 O inferno todo treme.

As fontes sacratissimas
 Das fluviaes correntes
 Manam, carpindo, murmures,
 Os males seos ingentes.

PROMETHEU

Si me nego a falar, não é por arrogante,
 Ou desdenhoso; não! Mas sinto que, incessante,
 Devoro o coração, ao ver-me envilecido
 Pelo horrendo flagello, á que estou submettido.
 E quem, a não ser eu, aos novos Deoses fez
 Partilha, em proporção, das honras e mercês?
 Lembro, apenas, o caso e delle mais não trato,
 Pois fôra repetir, a quem o sabe, um facto.
 O melhor é narrar os males differentes,
 Que vexavam, outr'ora, os miseros viventes.

[fl.69] Eram rudes, boçaes; dotei-os de prudencia
 E conscios os tornei da propria intelligencia.

Exprimindo-me assim, não é porque me queixe
 Delles; mas é mister que declarado deixe
 Que os beneficios meos em prol da humanidade
 Devidos foram só a impulsos de amizade.
 Olhavam, de principio, e ver não conseguiam;
 Applicavam o ouvido; em balde! Nada ouviam.
 Nelles era a noção confusa e mal distincta,
 Como as figuras vãs, que á mente o sonho pinta.
 Nem casa de tijolo, olhando ao sol, construíam;
 Nem de lavrar madeira a industria conheciam.
 Moravam, quaes subtis formigas, pressurosas,
 Em cavernas sem ar, humidas, tenebrosas.
 Não marcavam inicio e fim do inverno frio,
 Da flórida⁹⁶ estação, do fructuoso estio.
 Assim, sem reflexão, por seculos, viveram;
 Té, que minhas lições ouvindo, conheceram
 O instante, em que no céu os astros apparecem,
 E, aquelle, menos certo, em que no occaso descem.
 Tambem o achado fiz do Numero. Este invento
 Aos homens ha prestado o maximo provento,
 Disse como a junção das lettras se fazia;
 Formei-lhes a memoria, - a mãe da Poesia.
 Logrei domesticar bravias alimarias
 E do humano labôr tornei-as tributarias,
 Sujeitando-as ao jugo. As mais gravosas cargas
 Pesaram, desde então, dos brutos nasilhargas.
 Cavallos, animaes tão doces ao bridão,
 - Da faustosa opulencia o luxo, a ostentação, -
 Quem poz entre varaes? Carros, de azas de linho,
 Que sulcam, velozmente, o azul plaino marinho,
 Engenhei. E eu, que fiz, em bem da humanidade,
 Multiplas invenções de grande utilidade,

⁹⁶ Nota-se que em 1907 já se encontravam algumas palavras proparoxítonas acentuadas. Ver página 26 da presente dissertação.

Não posso descobrir, agora, ardil, ou traça,
Para me libertar de tão cruel desgraça.

O CORO DAS OCEANIDAS

Supplicio infando! Affligem-nos,
Sobejo, as maguas tuas!
Enfermas e, máo medico,
Na indecisão fluctuas.

Em teo turbado cerebro
Não pódes acertar
C'os adaptados simplices,
Que o mal devem curar.

[fl.70] PROMETHEU

Falta o mais. Pasmareis ouvindo, enumeradas,
As muitas invenções, uteis e variadas,
Das quaes hei sido autor. Aponto a mais saliente.
Faltavam medicina e auxilios ao doente,
- As poções, a dieta, o resguardo, as uncturas; -
Até que os instrui das plantas e misturas,
Que preservam do mal, que sustam seos progressos
E o curam. Ensinei tambem novos processos
De magia. Em visões, que em sonhos appareciam,
Distingui as reaes daquellas, que mentiam.
Expliquei os signaes pressagos das estradas.
Dos passaros, que teem a unhas encurvadas,
O vôo defini e dei seguro auspicio,
Declarando qual era infenso e qual propicio;
Por miúdo, apontei seos odios e affeições,
Seo usado alimento, encontros, reuniões,
Das visceras o liso e o matiz mais dilecto
Aos Deoses; revelei qual seja o bom aspecto
Do figado e do fel; o adiposo tecido

Das côxas lhes notei; seos rins tendo incendiado,
 Os arcanos abri da arte divinatoria,
 Tão difficil e escura, e ao mundo a fiz notoria.
 Do fogo, antes de alguém, aos olhos dos mortaes,
 Que eram cegos á luz, dei fulgidos signaes.
 O, que a terra guardava, altissimo thesouro,
 - Copia enorme de cobre e ferro e prata e ouro, -
 Achei. Si deste invento alguém se haja ufanado,
 De basofio e mendaz será por mim taxado.
 De Prometheu (darei, em conclusão de partes),
 Vieram dos mortaes ás mãos todas artes.

O CORO DAS OCEANIDAS

Não tractes dos ephemerous:
 De mais lhes foste amigo,
 Deixa de ser apathico
 Á dôr, a teu castigo.

Dize-me esperança intrinseca
 Que livre te hei de ver,
 Tendo com Jove identicas
 Honras e igual poder.

[fl.71] PROMETHEU

Assim, porém⁹⁷, não quer a Parca inevitavel.
 Por alta decisão do Fado inexoravel,
 Só depois de curtir innumerous flagellos,
 Partidos me serão desta cadeia os élos.
 Ante a Necessidade é mui fraca a Sciencia.

O CORO DAS OCEANIDAS

⁹⁷ No Manuscrito Imperial pode-se notar que palavras oxítonas terminadas em “em/ens” não são acentuadas. Em 1907 observam-se mudanças nesse sentido. Ver página 26 da presente dissertação.

Do timão do Destino a quem cabe a regencia?

PROMETHEU

Esse grande poder teem-no a Parca triforme,
E as Furias, de feliz memoria, que não dorme.

O CORO DAS OCEANIDAS

Em face do de Jove é seo poder mais forte?

PROMETHEU

O Deos fugir não póde ás ferreas leis da Sorte.

O CORO DAS OCEANIDAS

A Jove algo é fatal, sinão o eterno imperio?

PROMETHEU

Disto nada direi, nem que instes.

O CORO DAS OCEANIDAS

Que mysterio!

Sobre arcano sagrado, acaso, te pergunto?

PROMETHEU

Sim! Passemos além; deixemos este assumpto.
Reserval-o convém. Si o guardo impenetravel,
Livro-me de infortunio e viltá deploravel.

[fl.72] CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE I

Jámais dos mundos o Arbitro,
O grande Ordenador,
Sua vontade altissima
Á nossa queira oppôr.

Busquemos ter propícios
 Os Numes adorados,
 Pela usual frequencia
 A seos festins sagrados;

Dando-lhes cada victima,
 Que na hecatombe cahe,
 Junto das agoas turbidas
 Do Oceano, nosso pae.

Nada de offensa aos Superos
 Em actos e expressões.
 Sejam em nós continuas
 Tão puras intenções.

ANTISTROPHE I

Doce é vida longuissima,
 Si na esperanza a libras,
 Em alegrias lucidas
 D'alma banhando as fibras.

Por tua irreverencia
 Dos Numes ao Regente,
 Do coração no amago
 Nos côa horror ingente.

Fiado em teos designios,
 E, só de impulso teo,
 C'os homens foste prodigo
 Em dons, ó Prometheu.

ESTROPHE II

Que ingrato premio ás dadas!

Esperas, porventura,
Te seja escudo e auxilio
A humana creatura?

[fl.73] Não tens a consciencia
Dessa debilidade,
Que, qual somno lethargico,
Opprime a humanidade?

Jámais projecto, ou calculo
De homem prevaleceo
Contra o systema harmonico,
Que Jove prescreveo.

ANTISTROPHE II

Ferio-nos isto o espirito,
Vendo-te aqui penar.
Oh! que diversa musica,
Alegre, de exultar,

A que de entorno ao thalamo
E ao teu lavacro ouvias,
- Festivo epithalamio
De doces harmonias; -

Quando a irmã nossa, Hesione,
Aos dons nupciaes rendida,
Em marital consorcio
Por ti foi recebida!

(*Apparece Io.*)

IO

Que sitio me surge? Por quem habitado?
Quem és, que no saxeio, hyemal precipicio,

Por ferreas cadeias eu vejo ligado?
 Credor de tal pena qual foi o flagicio?
 Oh! Dize que plagas me acolhem, errante.
 Ai, ai, desgraçada! De novo, me afferra
 O d'Argos espectro, tавão lanscinante.
 Invade-me o susto. Afasta-m'o, ó Terra!
 De innumeros olhos vaqueiro diviso,
 Esperto, a fitar-me com a vista fallaz.
 De facto, a existencia perdeo, de improviso;
 No emtanto, seo corpo sepulto não jaz.
 Surgindo do Averno, por lei do Destino,
 Após minha treita, constante, caminha,
 E traz-me agitada, faminta, sem tino,
 Correndo a arenosa planicie marinha!

[fl.74]**ESTROPHE**

Sólta a avena, de cérea junctura,
 Melodia, que ao somno convida.
 Quanto deve durar a tortura
 Desta longa e cansada corrida?

Ó progenie Saturnia, de crimes,
 Porventura, culpada me achaste,
 Pois de tantas angustias me opprimes
 E a taes penas, sem dó, me avergaste?

Por que trazes, gemendo ao martyrio
 Do terror, que lhe infunde um insecto,
 A infeliz, em continuo delirio,
 Sem parada, sem paz e sem tecto?

Presta ouvidos, ó Rei, a meu rôgo!
 Ou em vida me manda enterrar,
 Ou lançar-me entre lingoas de fogo,

Ou nas garras dos monstros do mar!

Do multivago andar, sem descanso,
O exercicio forçado e violento
Exhaurio-me, e saber não alcanço
Qual o termo a tão agro tormento.

O CORO DAS OCEANIDAS

Da bicorne donzella escutas o gemido?

PROMETHEU

Como de Inacho á filha eu fecharei ouvidos?
Pois não hei de attender á juvenil donzella,
Que de um feroz tavão o estímulo flagella!
Io abraçou de amor o coração de Jove.
Juno, que odio lhe tem, perseguição lhe move,
Coagindo-a a gyrar, transviada e erradia,
Por toda a região em doida correria.

IO

ANTISTROPHE

Tu, que dás a meo pae o seo nome,
E designas, tambem, esse ultriz
E divino aguilhão, que consome
Minha vida, - quem és, infeliz?

[fl.75] Eu, faminta, a saltar, desvairada,
Perseguida por Juno, aqui vim.
Desgraçadas! qual⁹⁸ mais desgraçada
D'entre vós, do que a pobre de mim?

Dize á virgem, que vês, peregrina,
Que infortunios lhe guarda o porvir;

⁹⁸ Era de se esperar que a palavra começasse com letra maiúscula.

Prescrevendo, si a tens, medicina
Para as dôres sanar-lhe, ou lenir.

PROMETHEU

Quanto queres saber, com jubilo te digo,
Sem ambages e claro, e qual de amigo a amigo
É costume falar. Contemplas neste affôgo,
A lutar, Prometheu, que aos homens trouxe o fogo.

IO

Tu, - auxilio aos mortaes – por que tão crus tormentos
Padeces, Prometheu?

PROMETHEU

De ha pouco inda, aos lamentos
Por meo mal déra fim.

IO

Não pódes uma graça
Conceder-me?

PROMETHEU

É falar. O queres que eu faça?
Para satisfazer-te em dizer tudo accedo.

IO

Quem foi, que te cravou aqui sobre o rochedo?

PROMETHEU

O decreto de Jove e de Vulcano a mão.

IO

Que attentado attrahio tão grave punição?

[fl.76] PROMETHEU

Para ser comprehendido eu disse o necessario.

IO

Assignala, siquer, o fim de meo fadario.

PROMETHEU

Não sabel-o é melhor.

IO

Rogo-te não me escondas

O que tenho a passar e a tudo me respondas.

PROMETHEU

Está longe de mim serviço tal negar-te.

IO

Por que tardas, então?

PROMETHEU

Não ha, de minha parte,

Má vontade qualquer; mas receio em tua alma,

De todo, destruir a já turbada calma.

IO

Oh! não zeles de mim, mais do que eu mesma zélo.

PROMETHEU

Insistes? Falarei e tudo te revelo.

O CORO DAS OCEANIDAS

Por ora, não. Concede-nos

Parte no gozo ter.

Ouçamos d'ella a historia
De seo agro soffrer;

Quando, sabida a authentica
Exposição veráz,
Então dos passos ultimos
De seo porvir dirás.

[fl.77] PROMETHEU

Cumpre, ó Io, fazer o que ellas solicitam.
Além d'outras razões, que a seo favor militam,
São irmãs de teo Pae. Justa causa á demora
É para o narrador, que o fado seo deplora,
O vêr junto de si sympathico auditorio,
Em que o dó se traduz em lagrimas, notorio.

IO

Vou tudo contar-vos, cedendo á insistencia;
Si bem que me pêze dizer por que meio,
Mudando de forma, por diva influencia,
O siso turbou-me fatal devaneio.

Nos meos aposentos revolteava,
Em todas as noites, sonhada visão,
Que aos castos ouvidos, si os olhos cerrava,
Assim me dizia, com doce expressão:

“Por que virgindade tão longa conservas,
Tu, que entre as felizes a Sorte escolheo,
Si te é permittido gozar, sem reservas,
As inclytas glorias de augusto hymenêo?

Adora-te Jove. De amôr abrazado,
Farpão de desejo setteia-lhe o peito.

Quem é que repelle tão alto esposado?
Do Nume supremo não fujas ao leito.

Afasta-te, presto. Nos altos de Lerna
Tem Inacho apriscos e pastos bovinos.
Darás com a ausencia da casa paterna,
Descanso aos desejos dos olhos divinos.”

Ai! Todas as noites a voz repetia
Affagos, que eu tinha, por força, de ouvir.
Alfim, já cansada, cobrei ousadia
E fui do ocorrido meo pae instruir.

O rei seos correios mandou em mensagem
A Pytho e Dodôna. Queria informar-se
Por quaes pensamentos, acções, ou lingoagem,
Podia agradavel aos Deoses tornar-se.

Voltaram os nuncios, trazendo, somente,
Respostas ambiguas, de duplo sentido.
Até que, da parte do Nume vidente,
Oraculo claro lhe foi transmittido.

[fl.78] Em termos expressos, eu fui condemnada,
A ser expellida da patria e do lar,
E, entregue a mim mesma, correndo, agitada,
Por terras longinquas, sem peias, vagar.

Si em todas as partes não fosse cumprida
A ordem prescripta no tal vaticinio,
A nossa progenie seria extinguida,
Á olympica flamma do dardo fulmineo.

Á Loxias submisso, temendo ao mandado

E ao freio de Jove mostrar-se revel,
 Meo pae expulsou-me de casa, obrigado.
 Co'a filha innocente tornou-se cruel.

E logo, de fórmãs e mente mudando,
 Munida de pontas fiquei, desde então,
 Sentindo, continuo, pungir-me o nefando
 Acúleo acerado de um bravo tавão.

Em saltos violentos, ás doidas, furente,
 De Lerna á collina, fugida, fui ter,
 No sitio, onde mana, perenne, a nascente
 Cenchreia, de Lynpha suave ao beber.

Mas Argos, o filho da Terra, o vaqueiro
 De innumeros olhos e d'alma feroz,
 Espiando-me os passos, com golpe certo
 Dos fixos olhares seguia-me após.

Successo imprevisto, de subito veio
 Prival-o da vida. Mas eu (desgraçada)!
 De plagas em plagas, sem pausa, vagueio,
 De látego infesto de Juno açoitada.

Ahi está minha historia. Si sabes meos males
 Futuros, revela-os; e nem a piedade
 Te leve a attenuar-os. Exijo me fales,
 Extranho á lisonja, severa verdade.

O CORO DAS OCEANIDAS

Oh basta! Para! Cala-te;
 Suspende-te! Jámais
 Julgámos, filha de Inacho,
 Ouvir successos taes!

Que males e piaculos!
 Desgosto é contemplal-os,
 Ferindo mais a misera,
 Que tem de supportal-os.

[fl.79] E todos esses horridos,
 Funestos pesadumes
 Nos veem ferir, no intimo,
 Qual dardo de dous gumes.

Oh! Fado! Fado tetrico!
 De horror fica transido
 Nosso animo ante o barbaro
 Tormento, que has soffrido.

PROMETHEU

Mui de pressa o terror em vós se manifesta.
 Não choreis, de ante-mão. Esperae o que resta.

O CORO DAS OCEANIDAS

Fala. Ao que soffre ha balsamo
 Si sabe, prematuro,
 Ao certo, quantas magoas
 O esperam no futuro.

PROMETHEU

Quizestes que ella propria os males seos contasse.
 Concordei. Vou chegar, agora, ao desenlace.
 Falta as dôres narrar, que Juno, altiva, irosa,
 No porvir te reserva, ó virgem desditosa!
 Grava, ó Io, em tu'alma a minha narração.
 Por ella saberás quando tua excursão
 Ha de chegar ao fim. Deste lugar partindo,

Rumo constante ao sol, em recta, irás seguindo.
 Depois de atravessar por não aradas terras,
 Aos Scythas chegarás, uns nomades das serras,
 Que em muitas rodas teem os carros seos montados
 E dentro construcções de vimes entrançados,
 Onde fazem morada. Á gran distancia alcançam
 Mortiferos farpões, que de seos arcos lançam.
 Evita-os. Sege róta, ao longo dessas fragas,
 Onde quebram do mar as mugidoras vagas.
 Os Chálybes verás, do ferro forjadores.
 Cuida de lhes fugir. Mal junto delles fôres,
 Parte; é bando feroz e nada hospitaleiro,
 Que tracta brutalmente a todo o forasteiro.
 Quando os passos te embargue o Hybristes empolado,
 - Rio esse, a que não foi um falso nome dado, -
 Não lhe tentes correr o risco da passagem,
 Sinão quando, chegada á altissima paragem
 Do Caucaso, elle arroje a borbotante sanha,
 Irrrompendo em cachões das fontes da montanha.

[fl.80] Vencidos, afinal, os picos desses montes,
 Que, proximos do céu, erguem soberbas frentes,
 Descendo ao meio-dia, irás ás regiões
 De Amazonas viris, avessas a varões.
 Mais tarde em Themiscyra irão fixar morada,
 Do Thermodonte á borda e junto da queixada
 Do mar Salmydisseo, aos nauticos nefasta,
 E á toda a embarcação inhospita madrastra.
 Ellas, de boa mente, ir-te-hão de seu imperio
 A sahida mostrar. Vinda ao isthmo Cimmerio,
 Da Meotida á foz, avança e, com denodo,
 Do apertado canal tranpõe o espaço todo.
 Dahi te provirá e aos teos immensa gloria;
 Pois da passagem tua ha de guardar memoria
 O estreito, desde ahi, de Bosporo chamado.

Da Europa tendo assim as regiões deixado,
 Da Asia no solo estás. Não achaes, francamente,
 Que, procedendo assim, dos Deoses o Regente
 De violencia cruel, qual sempre, se revela?
 Sendo Nume, e esposar querendo essa donzella,
 Arrojou-a em corrida intérmina e sem norte!
 Que ruim próco te coube, oh misera, por sorte!
 Tudo quanto narrei de prologo não passa
 Do que o porvir te guarda, asperrima desgraça.

IO

Ai de mim!

PROMMETHEU

Outra vez, lastimosa, a gemer!
 Que será quando o resto houveres de saber!

O CORO DAS OCEANIDAS

Tens de lhe predizer, então, novas desditas?

PROMETHEU

Um tormentoso mar de dôres infinitas!

IO

Ai! Que acerbo existir! Quem póde dar-lhe apreço!
 Antes deste alcantil lançar-me, de arremesso,
 E, no auge de exaspêro, em arranco espontaneo,
 Tombando sobre a caute, espedaçar o craneo!
 É melhor perecer de um golpe violento,
 Que gemer, toda a vida, ao peso do tormento.

[fl.81] PROMETHEU

Quanto mais afflictivo o meo penar te fôra,
 Pois não posso morrer? Seria redemptora

Deste castigo a morte. É-me, porém, vedado
O saber qual será seo fim determinado,
Emquanto Jove empunhe as redeas do poder.

IO

E Jove cahirá? Póde isto succeder?

PROMETHEU

Apósto exultarás com essa queda, ó Io!

IO

Sim! pois⁹⁹ me tracta assim por seo méro alvedrio.

PROMETHEU

Has de vel-o. Eu te rasgo um porvindouro arcano.

IO

Quem deve desthronar dos Numes o tyranno?

PROMETHEU

Ha de a propria estulticia, um dia, derribal-o.

IO

Como? Diz, si não vês perigo em declaral-o.

PROMETHEU

Celebrando união, que lhe ha de ser penosa.

IO

É mortal, ou divina, a mulher, que elle esposa?

[fl.82] PROMETHEU

⁹⁹ Era de se esperar que a palavra começasse com letra maiúscula.

Debalde é perguntar. Dizel-o algo me véda.

IO

Dessa esposa virá de Jupiter a quéda?

PROMETHEU

Ella terá de Jove um filho, inda mais forte,
Que o Pae.

IO

Não póde Jove esquivar-se á tal sorte?

PROMETHEU

Não; salvo si eu, rompendo esses grilhões infames...

IO

E quem ha de quebrar tão solidos liames,
Si Jove o não permitta?

PROMETHEU

Ha de um teo descendente
Das injustas prisões livrar-me, fatalmente.

IO

Que escuto? Ha de salvar-te algum dentre os meos netos?

PROMETHEU

Após dez gerações de posteros directos,
A terceira o dará.

IO

O vaticinio é escuro!

PROMETHEU

Não procures saber teu horrído futuro.

[fl.83] IO

Da concedida graça, acaso, ora, recusas?

PROMETHEU

Duas revelações posso fazer; das duas

Cumpra uma preferir.

IO

Qual dellas ha de ser?

Permites-me que possa á escolha proceder?

PROMETHEU

Dou-te opção. Dize, pois: De ti queres que eu tracte,

Ou de quem deve ser o autor de meu resgate?

O CORO DAS OCEANIDAS

Sê-lhe agradável: Dize-lhe

Sua futura dôr,

E a nós os feito inclytos

Do teu libertador.

PROMETHEU

Não desejo furtar-me á vossa rogativa.

Primeiramente, ó Io, escuta a narrativa

De teu peregrinar, multivago e obrigado

E na memoria guarda o augurio meu gravado.

Deixa o canal, que extrema um do outro continente;

E, a rota encaminhando ao rumo do nascente,

Passa do mar o estrondo e, presto, chegarás

Á gorgónea campina, onde Cisthene jáz.

É nessa região que as Phorcidas habitam.

São tres virgens senis, que na canicie imitam

Cisnes. Em commum teem um só olho e um só dente.
 Não veem fugido sol, nem lua alvidenitente.
 De suas tres irmãs, - das Górgones aladas, -
 Odiosas aos mortaes, frontes angui-comadas,
 Perto a morada está. Quem lhes fita o semblante
 Morre, qual si o ferisse um raio fulminante.
 Acautela-te, pois. Terás odioso quadro
 Nos Griphos, esses cães de Jupiter - sem ladro -,
 De ponteagudo rostro. Afasta-te , ás carreiras.
 De Arimaspos verás as tribos cavalleiras.
 É gente de um só olho e móra junto ás bordas
 Do aurifero Plutão. Foge d'aquellas hordas.
 Alfim, a um povoado irás de negra gente,
 [fl.84] Junto ao berço do sol, em zona, onde a corrente
 Do rio da Ethiopia ao longo se dilata.
 Vae avante, a enfrentar a grande catarata.
 Cahe do Biblos o Nilo e a lympha veneravel
 Alli derrama, á flux, ao beber agradavel.
 Desce as margens do rio e pisa na planura,
 Que um triangulo exacto imita na figura.
 Quer o Fado que vás á esta plaga afastada
 Fundar uma colonia e nella ter morada,
 Adoptando-a por patria á tua descendencia.
 Si algo vos referi de obscura intelligencia,
 Ou que seja confuso, é só dizer-me o ponto;
 Que, bom grado, darei explicação, de prompto.
 Para tudo esplanar lazer tenho sobejo,
 Além do que é mister e mais do que desejo.

O CORO DAS OCEANIDAS

Si lapso de memoria
 Sobre Io has comettido,
 Suppre-o; depois, attende-nos,
 Benevolo, ao pedido.

PROMETHEU

Ella dos labios meos ouvio que serie nova
 De corridas terá. E, para dar-lhe a prova
 De que não falo em vão, direi quanto ha soffrido
 Té aqui. O augurio meo vereis assim cumprido.
 Muitos dos passos teos deixarei de parte,
 Afim de ás excursões o termo assignalar-te.
 Dos Molossos havendo atravessado a zona,
 Chegaste ás regiões excelsas de Dodôna,
 Onde o Thesprócio¹⁰⁰ Jove oraculo e sacrario
 Tem assente e onde ouviste (oh caso extraordinario!)
 Os carvalhos falar. O Deos, sem véo qualquer
 De ambages te saudou de Jupiter mulher.
 Ufanosa ficaste á honrosa predicção!
 Sentindo mais intenso o acúleo do tавão,
 Seguiste pela costa em teu percurso inquieto.
 De Rhéa foste ao mar; fizeste-lhe o trajecto.
 Em doido phrenesi, da dôr sob os assaltos,
 De lá retrocedeste, a furiosos saltos.
 Para sempre lembrar aquella travessia,
 Mar Ionio será chamada essa bacia.
 Documento assim dou que a minha intelligencia
 Vinga o tempo e possui o dom da presciencia.
 De minha narração volto agora á sequella,
 E, em commum, me dirijo a vós todas e á ella.
 Na areia, á foz do Nilo, e n'uma extremidade
 Do Egypto sita jaz de Canópo a cidade.
 [fl.85] Jove nesse lugar, - tocando-te de leve,
 Com delicada mão, - volver-te á calma deve.
 Negro filho haverás, Épapho nomeado,
 De modo original, por que ha de ser gerado

¹⁰⁰ Um caso de palavra paroxítone acentuada, terminada com ditongo. Ver página 26.

Nesse encontro com Jove. Elle naquella plaga,
 Que o Nilo caudaloso em sua enchente alaga,
 Ha de mésses colher na vastidão fecunda.
 Na quinta geração, desse filho oriunda,
 Cincoenta hão de voltar das tuas descendentes
 Para Argos, evitando os primos, pretendentes
 A esposal-as. De amor ardendo em chammass vivas,
 Todos elles irão no encalço ás fugitivas.
 Da enjeitada união na supplica insistindo,
 E quaes terçós, de perto a pombas persiguinto.
 Ha de dos corpos seos odio invejoso ter
 Um Nume; ha de a Pelasgia em si os receber,
 Depois que os dominar um Marte, que assassina,
 Armando para o golpe a dextra feminina.
 E a tudo presidindo uma audacia, que vela,
 Como, durante a noite, esperta sentinella.
 Ha de, levado a effeito o plano insidioso,
 Sorprhender e ferir cada mulher o esposo,
 Com gladio de duplo fio arrancando-lhe a vida.
 Que aos inimigos meos assim Venus aggrida!
 Amor enervará de uma dellas o peito.
 Para não degollar o esposo no seo leito.
 Ella preferirá, infiel á trama urdida,
 Arguição de fraqueza á macula homicida,
 A mãe esta será dos soberanos d' Argos.
 Para tudo explanar são mister contos largos.
 Só direi que virá desta extirpe selecta,
 O heróe, d'alta pericia em desferir a sétta,
 Que ha de, por seo valor, obter meo livramento,
 Pondo termo, de vez, a tal padecimento.
 Disse isso minha mãe Themis Titania. O mais
 Calo. Nem ha proveito algum em que o saibais.

Ai de mim! Outra vez, delirio atroz me assalta.
 Põe-me vertiginosa e o cerebro me exalta;
 Abraza-me, sem fogo, o espinho do tавão;
 Salta-me, de terror, com força, o coração
 E verbera-me o peito. O olhar vesgo me gira;
 Para longe me arroja o impeto da ira.
 Minha lingua em torpôr á fala se recusa;
 Vozes, que sólto á custo, em turbacão confusa,
 Tavam baldada luta, ás cegas e sem tino,
 C'os altos escarcéos de meo cruel destino!

(*sahe Io.*)

[fl.86] O CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE I

Foi sabio e sabio emerito
 Aquelle, á quem lembrou
 Esta discreta maxima
 E aos homens a ensinou:

É casamento próspero
 O feito entre os iguaes.
 Quem vive só dos redditos
 De officios manuaes,

Nunca procure conjuge
 Na classe da opulencia,
 Nem da orgulhosa em titulos
 De nobre descendencia.

ANTISTROPHE

Jámais possamos, Atropos,
 A um Nume nos unir,
 E nem de Jove, prónubas,

O thoro compartir.

De medo estamos tremulas,
Vendo Io, a virgem casta,
Soffrer de Juno a colera,
Que a curso infindo a arrasta.

EPODO

Iguaes a iguaes alliem-se;
E nunca os olhos seos
Repouse em nós, fitando-nos,
Algum mais alto Deos!

Sem que lutemos, vence-nos
A guerra; quem a faz
Força inexauriveis
Para a victoria traz.

Si uma de nós por Jupiter
Solicitada fôr,
Nenhuma resistencia
Ao Deos lhe é dado oppôr.

[fl.87] PROMETHEU

E, no emtanto, apezar da pertinaz vontade,
Jove deve chegar a termos de humildade;
Pois quer levar a effeito o enlance projectado,
Que motivo será de ver-se despojado
Do sceptro, ingloriamente. Ha de, então, de Saturno,
De quem Jove usurpou o imperio diuturno,
Cumprir-se a maldicção. Remover-lhe o perigo
Nenhum Deos poderá. Só eu tenho commigo
O remedio do mal e o segredo da cura.

Estadeie-se Jove em radiosa altura,
 Fiado no poder do raio igni-expirante,
 Que produz, ao tombar, fragor tonitroante.
 Armas taes não serão, porém, de valimento
 Para lhe attenuar da quéda o aviltamento.
 Prepara contra si tremendo antagonista,
 Que uma arma ha de empregar, á que ninguem resista:
 Um fogo, - invento seo, - mais que o raio damnoso,
 Cujo estrondo, vencendo o trovão fragoroso,
 Quebrará de Neptuno a haste de tres dentes,
 - O flagello do mar, que abala os continentes -.
 Saberá Jove, então, de propria experiencia,
 A distancia, que vae do mando á obediencia.

O CORO DAS OCEANIDAS

Predizes sobre Jove as cousas, que em desejo
 Ardes vel-o passar.

PROMETHEU

Nada disso. Prevejo
 Successos, que hão de ser, mais tarde, realidade,
 E que em factos quer vêr o aneio da vontade.

O CORO DAS OCEANIDAS

Que! Veremos Jove obedecer, vencido?

PROMOTHEU

E de pena, maior do que a minha, affligido.

[fl.88] O CORO DAS OCEANIDAS

Não receias dizer de Jove tanto mal?

PROMETHEU

Que posso recceiar? Sou, por sorte, immortal.

O CORO DAS OCEANIDAS

E si elle te impuzer castigo mais severo?

PROMETHEU

É livre de o fazer. De Jove tudo espero.

O CORO DAS OCEANIDAS

De Adastréia em presença é sabio quem se prostra.

PROMETHEU

Festejai quem governa e, humildes, dai-lhe mostra
De culto aduladôr. Jove, no meu, criterio,
Menos que nada val. Seo passageiro imperio
Lucte para manter; mas perca a velleidade
De sobre os Numes ter perpetua autoridade.
O andarilho do Olympo eu vejo. Que mensagem,
Da parte de seo Pae, me traz n'esta viagem?

MERCURIO

Alma de fél, espirito artiloso;
Réo ante os Numes do attentado odioso
De teres dado a seres de um só dia
Divina, reservada regalia;
Ladrão do fogo! Venho aqui, da parte
E por ordem do Pae, interpellar-te.
Qual o consorcio, que do Rei do Olympo
Ha de o Throno alluir? Põe toda a limpo
A verdade, de equivocos despida.
Poupa-me assim á terra outra descida.
Negando obediencia á seo mandado.
Não pódes desarmar a Jove irado.

[fl.89] PROMETHEU

Discorreste, grandiloquo e protervo,
 Como quem é dos Immortaes o servo.
 Reinaes d'hontem. De dôres e embaraços
 Isentos vos julgaes nos regios paços.
 Dous tyrannos já vi perder o imperio,
 E o terceiro, com grande vituperio
 Em breve, cahirá, tambem. Presumes
 Que eu tenha medo desses novos Numes?
 Quão longe disso estou! Vae-te, depressa;
 Já, já, por onde has vindo, ao céo regressa.
 Não dou explicações. Do que vieste
 Averiguar de mim, nada soubeste.

MERCURIO

Jazes, de pertinaz, d'este supplicio
 No porto.

PROMETHEU

Eu o prefiro a teo officio.
 Antes d'este rochedo o captiveiro,
 Que ser, qual és, do Pae vil mensageiro.
 Á insolente altivez, com que me insultas,
 Eu retalio assim.

MERCURIO

Creio que exultas
 Na cruciante dôr de teo castigo!

PROMETHEU

Que os inimigos meos (falo comigo)
 Rejubilem assim!

MERCURIO

Acaso crês
Que tive parte no teu mal, talvez?

PROMETHEU
Franco, - esses novos Deuses aborreço,
Pois me pagam com tanto menospreço
Os benefícios, que lhes fiz.

[fl.90] MERCURIO
Intensa
Loucura lavra em ti. Grave doença!

PROMETHEU
Si aborrecer tyrannos é loucura,
Desejo que meu mal não tenha cura.

MERCURIO
Si, livre das cadeias oppressôras,
Feliz te eu visse, intolerável fôras!

PROMETHEU (*gemendo*)
Ai!

MERCURIO
Tal palavra Jove não conhece.

PROMETHEU
O tempo, sem parar, nos envelhece,
E, dando experiência, ensina tudo.

MERCURIO
Não te ensinou, no entanto, a ser sisudo.

PROMETHEU

Não; pois de igual a igual falo a um criado!

MERCURIO

Que digo ao Pae?

PROMETHEU

De graças penhorado

Signaes de gratidão lhe devo e rendo!

[fl.91] MERCURIO

Qual a infante, me estás escarnecendo!

PROMETHEU

Não és mais que infantil na ingenuidade,
 Si acreditas, dobrando-me a vontade,
 Que eu te abra meos secretos pensamentos?
 Nem por meio de ardis, nem de tormentos,
 O tyranno dos Deoses me compelle
 A que fale, e os segredos lhe revele,
 Antes de eu ver aos pés, feitos pedaços,
 Os que me ligam, flagellantes laços.
 Vibre-me, embora, a chamma coruscante;
 De neve alados turbilhões levante;
 Faça tremer com horrido estampido
 O chão, do terremoto sacudido,
 E, tudo em confusão profunda immerso,
 Abale nas raizes o Universo:
 Não lhe descubro quem, por lei suprema
 Do Fado, ha de arrancar-lhe o diadema.

MERCURIO

Pésa dos actos teos o resultado!

PROMETHEU

Previ; de ha muito, está deliberado.

MERCURIO

Oh misero! Uma vez, serio, medita,
Na, que te afflige, insolita desdita.

PROMETHEU

Importuno! O discurso, em que divagas,
É qual si fosse dirigido ás vagas.
Por medo ter de Jove, oh! nunca esperes
Que eu, vestindo a fraqueza das mulheres,
E erguendo as mãos em supplicante gesto,
Implore a quem, de coração, detesto,
Me quebre estes grilhões. Em tal não penso.

[fl.92] MERCURIO

Falei debalde, bem que fosse extenso.
Não te abrandas, nem supplicas escutas.
Qual poldro mal domado em furia luctas
Contra as redeas e mordes o bocado.
Impando estás, de fôfo orgulho inflado;
Tiras de vão saber garbosa audacia.
Nada vale de um louco a pertinacia.
Olha: Si meos conselhos desprezares,
Que tropel infinito de pezares
Em ti desabará! Nenhum escudo
Frustra o golpe. Há de o Pae, antes de tudo,
Do raio á chamma e ao trom da trovoada,
Arrasar esta fraga alcantilada.
Ha de o granito n'um abraço estreito
Premer-te os membros sobre o ingrato leito.
Deves ser, afinal, restituído
Á luz do dia quando fôr volvido,
De seculos um tracto dilatado.
Então, voraz, de Jove o cão alado,

- A aguia sanguisedenta – ha de uma parte
 Do corpo em mil pedaços devorar-te.
 Conviva diario, que ninguem convida,
 Ha de ser de teo figado nutrida.
 Flagello curtirás, desta maneira,
 Até, que um Deos que succeder-te queira
 Na pena, desça ao Barathro sombrio
 E á torva margem do Tartareo rio.
 Reflecte bem. Não faço agora praça
 De phrases vãs. É séria esta ameaça.
 O assumpto é muito grave e transcendente.
 Cumpre Jove o que diz e nunca mente.
 O melhor parecer seguir procura;
 Nem pervicacia opponhas á cordura.

O CORO DAS OCEANIDAS

Mercurio tem proposito
 Na sua admoestação;
 Suggere-te a prudencia;
 Condemna a obstinação.

Segue a lição proficua,
 Que acaba de dictar.
 Não é de sabio pródigo
 No erro perseverar.

[fl.93] PROMETHEU

Quanto elle em brados repetio, agora,
 Tudo eu sabia, ponto a ponto. Embora!
 Ninguem extranha, ou fica desairado
 Quando pelo inimigo é maltratado.
 E, pois, que Jove sobre mim desfira
 A de dous gumes sinuosa espira;
 Ribombantes trovões, rabidos ventos,

Convulsem o ar a embates violentos;
 Nute a terra nos eixos abalada;
 O mar, em escarcéos, mugindo, invada
 A do giro sidereo azul esphera,
 E Jupiter, cedendo á lei severa
 Do Fado, arrojé o corpo meo no Averno.
 Não póde a morte dar-me. Eu sou eterno!

MERCURIO

Taes palavras, iguaes arrazoados,
 Só se podem ouvir dos tresloucados.
 Que lhe falta d'aqui para a demencia,
 Si ao furor não modera a violencia?
 E vós, que dó mostraes deste inditoso,
 Parti, antes que o ronco estrepitoso
 Do trovão, abalando este rochedo,
 N'alma vos cõe a turbação do medo.

O CORO DAS OCEANIDAS

Diverso alvitre inspira-nos,
 Honesto e convinhavel;
 O, que lembraste, é pessimo,
 Covarde, intoleravel.

Pois tu nos dás estimulo
 A infame proceder!
 Havemos ser participes
 Do que elle padecer.

Fundo, a traição esqualida
 Ha muito, aborrecemos;
 Nem peste deleteria
 Como ella conhecemos.

[fl.94] MERCURIO

Phrases lembraes, alhures proferidas
Por mim. Si fôrdes de uma dor feridas,
Deixae de attribuir o golpe ao Fado;
Nem digaes que, de modo inopinado,
Jupiter vos ferio. Tendo a certeza
Do mal, conscientes, claro, sem surpresa,
Colheo-vos pelos actos de loucura,
Na inextricavel rêde a Desventura.

PROMETHEU

Segue á palavra a acção. – Vacilla a Terra;
Rouco trovão nas visceras lhe berra;
A offuscante espiral rasga e chammeja;
Torvelinhando, o pó sobe e volteja;
Ventos soltos, soprando em rude estrondo,
Forçam, seos mutuos impetos opondo,
Tufões, uns contra os outros impellidos.
Ether e mar avisto, confundidos.
Jupiter, manifesto, rue, agora,
Sobre mim e quer ver si me apavora.
Augusto Nume; minha mãe divina!
Ether, onde a luz pura, que illumina
Tudo, flue, a girar na immensidade;
Vêde: Hostia sou de immensa iniquidade!

CAPÍTULO 5 – Transcrição da segunda versão poética feita pelo Barão de Paranapiacaba.

[fl.95] **PROMETHEU ACORRENTADO**

(Versão em que predomina o decassyllabo sôlto)

A FORÇA, A VIOLENCIA (KRATOS E BIA), VULCANO (HEPHAISTOS) E PROMETHEU.

(A violencia é personagem mudo).

A FORÇA

Somos chegados onde acaba a Terra,
 - Regiões da Scythia, - solidão remota,
 Virgem, té hoje, de pégada humana.
 Tempo é de dar execução ás ordens,
 Que o Pae te impoz, Vulcano. Neste abrupto
 Alcantil prende em rêde inquebrantavel,
 De adamantinos vinculos formada,
 Este amotinador do povo. Aos homens
 Deo em partilha, após o haver furtado,
 Teo mimo – o claro fogo, idoneo ás artes.
 Por isso, cumpre que de seo peccado
 O castigo suporte e, assim punido,
 Aprenda a respeitar de Jove o imperio,
 E cesse de ostentar philantropia.

VULCANO

Força e Violencia! As injuncções seguistes
 De Jove, e nada mais vos causa estorvo.
 Agora, quanto a mim... sinto faltar-me
 Coragem de fincar nesta quebrada,
 Que algente bruma intoleravel torna,

Um Deos, parente meo. Mas o Destino
 Á tão dura tarefa me constrange;
 Que é grave desleixar de Jove encargos.
 De Themis, recta e consultriz, ó filho,
 Altipensante! Neste algar, sem treita
 Humana, em nós de bronze, indissoluveis,
 - A meo e teo pezar, - eu vou pregar-te.
 Aqui nunca has de ouvir mortal accento,
 Nem face de homem ver; antes, crestado,
 Lento, pelas do sol ferventes chammas,
 Perderás, dia a dia, a flor da pelle.
 [fl.96] Ha de a noite, por ti sempre almejada,
 Sumir o dia no estrellado manto;
 Ha de, voltando, o sol seccar a geada,
 Sem que um momento aligeirado o peso
 Sintas á torva dor, que te acabrunha;
 Que inda ninguem nasceo para livrar-te.
 De amar tanto os mortaes ahi tens o fructo.
 Prodigando-lhes dons e regalias,
 - Deos, - affrontaste a colera dos Deoses.
 Por isso, - guarda d'esta rocha ingrata, -
 De pé, insomne e sem dobrar os joelhos,
 Has de em queixas inuteis consumir-te.
 Dotado é Jove de animo implacavel;
 Novo tyranno é, sempre, rigoroso.

A FORÇA

Age! Tardas e, em vão, te commiseras!
 Não execras o Deos, odioso aos Numes,
 Que deo, trêdo, aos mortaes teo privilegio?

VULCANO

Mui fortes são o sangue e a convivencia!

A FORÇA

Como has de retardar de Jove as ordens?

Não é mais de temer menosprezal-as?

VULCANO

Oh! Sempre audaz e á compaixão extranha!

A FORÇA

Que val piedade? Sentimento inutil!

O lamentar-lhe a dôr não é remedio!

VULCANO (*olhando para as cadeias*)

Primor de minhas mãos, como te odeio!

A FORÇA

Por que tal odio? A bem dizer, tua arte

Em nada causa foi do mal presente.

[fl.97] VULCANO

D'outro, que não de mim, fosse ella o dote!

A FORÇA

Tudo aos Deoses foi dado; unicamente

Não podem governar. A não ser Jove,

Não é livre ninguém.

VULCANO

Sim! Não contesto.

A FORÇA

E por que não n'ó enlaças de cadeias,

Antes que o Pae a hesitação te avenge?

VULCANO

Vê! Promptos são os argolões dos braços.

A FORÇA

Desce-lh'os pelas mãos. Crava-as na pedra.

Com toda a força descarrega o malho.

VULCANO

É obra de um momento e não frustranea.

A FORÇA

Mais forte! Bate; arrocha; nada affrouxes.

Póde, astuto qual é, achar sahida

Do que a não tem.

VULCANO

Involvem este braço

Indissolueis peias.

[fl.98] A FORÇA

Bem seguro,

Prende o outro em tão solidos liames.

Saiba que é seo talento de sophista

Mais tardo, que o de Jove.

VULCANO (*apontando para Prometheu*)

A não ser elle,

Outro não tem de mim razão de queixa.

A FORÇA

O dente ousado dessa cunha d' aço

Embebe, em cheio, por seo peito a dentro;

Golpea-o, rude!

VULCANO

Ai! Prometheu! Deploro
O teu supplicio!

A FORÇA

Inda outra vez tardança!
O inimigo de Jove a lastimares!
Olha a ti mesmo a lastimar não venhas!

VULCANO

Espectaculo vês, horrído aos olhos!

A FORÇA

Vejo applicar-se a um réo a justa pena.
Mette-lhe os peitoraes pelas axillas!

VULCANO

Sei que é fatal. Escusa de insistires.

A FORÇA

Não; e, inda mais, co'a a voz hei de incitar-te .
Do tronco abaixo, em fortes nós lhe adstringe
As pernas.

[fl.99] VULCANO

Concluido, e sem demora.

A FORÇA

Justa-lhe aos pés grilhões; rebita os cravos
Nos orificios dos fuzis. Cuidado!
Fiscal de fino olhar vela o que fazes.

VULCANO

Diz com tuas feições a lingua tua.

A FORÇA

Sê fraco, embora; porém não me increpes
A ingenita, inflexível aspereza.

VULCANO

Desçamos. Tem os membros n'uma rêde.

A FORÇA (apostrophando a Prometheu)

Pódes, d'hai, assoberbar os Numes;
E, usurpando, protervo, os dons divinos,
Entregal-os ás mãos da raça ephemera!
Esta valor não tem, que te libere
Deste afan! Prometheu chamam-te os Deoses.
Falso nome! A ti mesmo é necessario
Um Prometheu, para ensinar-te como
Soltar-te poderás desse artefacto.

(Sahem Vulcano, a Força e a Violencia)

PROMETHEU

Ó Ether divinal; auras velozes;
Mananciaes dos rios; vós, ó risos
Innumeraveis das marinhas ondas;
Ó terra, mãe universal; ó disco
Do Sol omnividente! Aqui me tendes!
Vêde que dôr a um Deos infligem Deoses!
Vêde em que regiões, acorrentado,
Tenho a gerar, indefinitos évos!

[fl.100] Para mim engenhou tão vis ligames

O Prytano recente dos Divinos.
Ai! Hoje e no porvir sempre a desdita!
Quando o termo virá deste piaculo?
Que digo? Claro, no futuro leio
Quanto ha de acontecer; nenhum successo
Me póde sobrevir, inesperado.

Cumpre que aceite, da melhor maneira,
 A sorte minha, como quem conhece
 Ser invencível o rigor do Fado.
 Não devêra falar de meos pezares;
 Mas, como hei de cerral-os no silencio,
 Si, por ter feito beneficio aos homens,
 Supporto, agora, preso á penedia,
 Deste supplicio, nunca visto, o julgo?
 Tomei, qual caçador, a mãe furtiva
 Do fogo; n'uma ferula guardei-a.
 E aos olhos dos mortaes mostrei seo brilho.
 E o fogo mestre foi das artes todas
 E o mór commodo e prestimo da vida!
 Eis-me aqui, a purgar esse delicto,
 Preso á esta rocha, exposto ás intemperies.
 Ai! Ai! Que rumorejo! Que invisível
 Perfume sobe a mim! De quem se evola?
 De um Deos, mortal, ou mixta creatura?
 Vem assistir aos tratos, que me applicam,
 Neste ermo cimo? Traz diverso intento?
 Vêde, aqui preso, um desditoso Nume,
 A quem Jove detesta; odioso aos Deoses
 E a tudo, que frequenta o atrio do Olympo,
 Só porque dos mortaes se mostra amigo.
 Ai! Vem perto o sonido! É de quem vâa!
 Doce remegio d'azas no ar cicla.
 Quanto se achega a mim pavor me infunde!

O CORO DAS OCEANIDAS

(Fala sempre o coryphêo)

ESTROPHE I

Não temas! Amigo é o bando
 Alado, que á esta eminencia

Vem ter; a custo abrandando
A paterna resistencia.

Neste coche, que deslisa
Pela azulada amplidão,
Cheguei nas azas da brisa,
Após rapida excursão.

[fl.101]Das rijas correntes d' aço
O estrepitoso tinir
Foi, além, do equoreo espaço
Nas furnas repercutir.

Presurosa, então, subindo
A este carro voador,
Descalça vim, transgredindo
O rubescente pudor.

PROMETHEU

Ai! Ai! Ó prole da fecunda Tethis;
Filhas do Oceano, cujo inquieto fluxo
A Terra circumvolve; - contempla-me:
Involto em élos, que jámais se rompem,
Deste excelso alcantil na cavidade
Forçada sentinella estou fazendo!

O CORO DAS OCEANIDAS

ANTISTROPHE I

Vejo, e ante a vista nublada
Sinto nuvem de terror,
Que, de lagrimas pejada,
Traduz minha intensa dôr;

Porque ao fragedo cosido

Por vergonhosa prisão,
Teo corpo, de dôr pungido,
Findará de inanição.

No Olympto ha nova regencia,
E Jove, arbitrario e injusto,
Proscreevo, com violencia,
Quanto era, d'antes, augusto.

PROMETHEU

Antes abaixo do amago da Terra,
No Orco trevoso, albergue dos finados,
Ou no Tartaro immenso me arrojasse,
Atado nestes nós, Jámais desdaveis.
Assim, nem Deos algum, nem outros seres,
Poderiam folgar, vendo-me em pena.
Hoje -, aos ventos ludibrio -, em dôr immerso,
Dou a inimigos meos perpetuo jubilo.

[fl.102] O CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE II

Qual dos Numes é dotado
De tão duro coração,
Que, ao ver-te assim flagellado,
Não revele compaixão?

Só Jove, que em paroxismo
De furia, que não declina,
Preme ao ferreo despotismo
De Urano a prole divina.

Brando será quando estanque
Sua vingança ficar,
Ou, de assalto, alguém lhe arranque

Poder, arduo a conquistar.

PROMETHEU

Bem que tão fortes e ultrajantes peias
 Me adstrinjam, ha de o Principe dos Deoses
 Ter precisão de mim, por que lhe indique
 O projecto, fatal á permanencia
 De seu poder. Ameaças ou blandicias,
 Sem que d'estes grilhões me solte os membros
 E da injuria me dê razão, - frustraneas
 Serão. – Só falarei, desaffrontado.

O CORO DAS OCEANIDAS

ANTISTROPHE II

És audaz e não te dobra
 O acerbo martyrio teo;
 Ha liberdade, de sobra,
 Em teo falar, Prometheu.

O teo destino futuro
 Apavorada me traz.
 Quando no porto, seguro,
 Á dôr o termo verás?

Coração rijo, implacavel,
 De Saturno o filho tem;
 Em seo animo intractavel
 Jámais penetrou ninguém.

[fl.103] PROMETHEU

Bem sei que Jove é rispido e sujeita
 Ao alvedrio seo toda a justiça;
 Mas ha de moderar o aspero genio,

Quando ferido fôr por esse modo.
 Então, a furia pertinaz calmada,
 Virá, commigo accorde no desejo,
 De amizade e união soldar os laços.

O CORO DAS OCEANIDAS

Si não te magôas, conta
 O que succedeo contigo;
 Por que foi que Jove a affronta
 Te irrogou deste castigo?

PROMETHEU

Pêza-me, certo, referir taes casos,
 E dóe calar. Acerba alternativa!
 Quando os Deoses em odio conflagrados,
 Pela primeira vez, se rebellaram,
 Logo a Discordia dominou seos animos.
 Uns pretendiam derrubar Saturno
 E a Jove pôr no throno; outros votavam
 Que Jámais fosse Jove o Rei do Olympto.
 Eu, que prudente alvitre suggerira,
 Desattendidos vi meos são conselhos
 Pelos Titans, da Terra e Céu oriundos.
 Petulantes, por indole, enjeitaram
 Os meios brandos, na illusoria crença
 De, á viva força, o imperio conquistarem,
 Sem astucia, sem plano e por surpresa.
 Que vezes minha mãe Themis – a Terra,
 (- Uma só fórma com diversos nomes -)
 Desvendando o porvir, me revelara
 Ser lei fatal que o vencedor o fosse
 Só por ardis, e sem recurso ás armas!
 Isto lhes ponderei e nem me olharam!
 Julguei melhor, de minha mãe seguido,

A Jove procurar, prestar-lhe auxilio,
 Attendendo, espontaneo, a seo desejo.
 Pelos esforços meos, o negro abysmo
 Do Tartaro sorveo nas profundezas
 O vetusto Saturno e seos proselytos.
 Dos Deoses o Primaz a taes serviços
 Correspondeo, impondo-me esta pena!

[fl.104] É Molestia, inherente á tyrannia,
 O não ter confiança em seos amigos.
 Perguntaste por que me ultraja. Escuta.
 Quando assentado no paterno solio,
 Talhou, em proporção, aos novos Deoses
 Honras, mercês, e organizou o imperio.
 Mas não fez cabedal da especie humana;
 Antes quiz destruil-a e nova raça
 Criar. Ninguem sahio a contrastal-o.
 Ousei-o eu só. A ephemera progenie
 Livrei de ir, de roldão, ás trevas do Orco,
 Fulminada. Por isso, hoje, me estorço
 Na incessante pressão deste flagello,
 Miserando ao que o vê, duro ao que o passa.
 Eu, que me apiedeí tanto dos homens,
 Credor de compaixão não fui julgado;
 E, punido sem dó, exhibo um quadro,
 Que é para Jove deshonoroso estygma.

O CORO DAS OCEANIDAS

De ferro, ou de pedra rija
 Forrado o peito ha de ser
 Daquelle, que não se afflija
 Com teo sévo padecer.

De tanta angustia prouvéra
 Que eu testemunha não fôra!

Mas vendo-a, me dilacera
Funda tristeza, opressora.

PROMETHEU

Sou na verdade, para meos amigos
Lastimavel de ver.

O CORO DAS OCEANIDAS

E não levaste
Teo favor aos mortaes inda mais longe?

PROMETHEU

Forrei-os ao terror da hora da morte.

O CORO DAS OCEANIDAS

Que remedio inventaste a mal tão grave?

[fl.105] PROMETHEU

Entre elles fiz morar cega esperança.

O CORO DAS OCEANIDAS

Presente de valor inestimavel!

PROMETHEU

Trouxe, tambem, a suas mãos o fogo.

O CORO DAS OCEANIDAS

Que! Do fogo esplendente estão na posse
Os entes de um só dia!

PROMETHEU

Oh! Sim e o fogo
Seo mestre ha sido em variadas artes.

O CORO DAS OCEANIDAS

Por delictos semelhantes
 É que Jove te crucia,
 E nem, siquer por instantes,
 Estas penas te allivia?

E não sabes qual a dura
 De teo padecer algoz?
 A tão medonha tortura
 Jove limite não pôz?

PROMETHEU

Nenhum. Terminará quando lhe apraza.

O CORO DAS OCEANIDAS

E ha de aprazer-lhe ? Olvidaste
 Que em culpa tens incidido;
 E que o dizer-te que erraste
 Me desgosta e te é dorido?

Deixemos, porém, de parte
 Este proposito ingrato,
 E procura libertar-te
 Das peias deste artefacto.

[fl.106] PROMETHEU

A quem não prendem do Infortunio as malhas
 Nada custa exprobar, severo, o afflicto.
 Tudo fiz voluntario e consciente.
 Quiz delinquir e o fiz, caso pensado.
 Não me era estranho que, valendo aos homens,
 Para mim preparava intensas magoas.
 Nunca, emtanto, esperei tão féro tracto,
 Macerado de encontro á rocha viva,

Nesta remota, inhabitavel fraga.
 Mas não lamentos meos presentes males!
 É melhor que, descendo a este rochedo,
 Ouças, de perto, todo o meo destino.
 Presta-me este serviço officioso.
 Condoe-te do infeliz, que vês em transes.
 Anda a Desgraça errante, sem parada;
 E, assim vagando, ora um, ora outro fere.

O CORO DAS OCEANIDAS

Falas a quem, sempre, accede,
 E obedece á tua voz.
 Do carro abandono a séde
 E desço com pé veloz.

Deslisando no ether puro,
 - Dos passaros travessia, -
 Eu já piso o sólo duro
 Da escabrosa penedia.

Com empenho verdadeiro,
 Vim teo desejo cumprir;
 Pois, o meo é – por inteiro,
 Teos males todos ouvir.

(Apparece Oceano no ar, cavalgando um dragão alado.)

OCEANO

Aqui estou, Prometheu; vim ter contigo,
 Longo caminho, rapido, vencendo,
 Neste alado veloz, que rejo e guio,
 Sem freio, e apenas da vontade á força.
 Penalisa-me, assaz, teo soffrimento,
 E o parentesco impelle-me a carpir-te.
 Mas, pondo ao lado os vinculos do sangue,

Ninguém tanta affeição, qual eu, te rende.
 Sabes quanta verdade ha nestas phrases.
 Nunca foi lisonjeira a lingua minha.
 Vamos! Indica o meio de acudir-te.
 E não dirás, em tempo algum, que houveste
 Outro amigo, mais firme que Oceano.

[fl.107] PROMETHEU

Que vejo! És tu! Tu mesmo aqui vieste,
 A ser espectador de meo tormento!
 Abandonaste o rio de teo nome,
 Grutas, que a natureza abriu na rocha,
 Por esta região, que é mãe do ferro?
 Só vens testemunhar meo triste estado,
 Ou, piedoso, compartilhar meos males?
 Olha de que baldão Jove nodôa
 Seo mais forte auxiliar na lucta ingente,
 Cuja victoria lhe manteve o throno!

OCEANO

Vendo estou, Prometheu. Mais que avisado
 És; escuta, porém, um bom conselho.
 Conhece-te; outros habitos adopta;
 Pois hoje novo Rei preside os Numes.
 Si exprobrações tão acres arremessas,
 Vociferando, póde ouvil-as Jupiter,
 Bem que do Olympo na mais alta séde.
 Sua colera, então, levada a extremo,
 Sevicias te imporá, de tal quilate,
 Que as de agora serão mero brinquedo.
 Dos seios d'alma, desgraçado, expelle
 Todo o levedo de iracundia e orgulho!
 Busca á teos males proximo remate.

Cres que te falo como velho estulto?
 Mas tu, ó Prometheu, és viva mostra
 Dos damnos, que produz lingua arrogante.
 Não dobras a cerviz ante as desditas
 E outras queres juntar ás que te avexam.
 Deixa, uma vez, assessorar-te e attende.
 Não batas com o pé de encontro á espora.
 Inclemente monarcha, hoje, governa.
 Irresponsavel, a ninguem dá contas.
 Parto já. Vou tractar de teo resgate.
 Fica inerte; não fales tão protervo.
 Fino de mais, qual és, acaso ignoras
 Que se inflige ferrete á lingua sôlta?

PROMETHEU

Dou-te os emboras, por te ver immune
 De pena e culpa; tu, que a mim ligado,
 Ousate tomar parte em minhas dôres.
 Quero, porém, o incommodo poupar-te
 [fl.108] De ires interceder por mim. É Jove
 De indole féra. Conseguir não pódes
 Leval-o á persuasão. Comtigo mesmo
 Toma cautela! Observa tudo em roda!
 Não te venha algum mal desta visita!

OCEANO

Melhor que a ti, os outros aconselhas;
 Os infortunios teos são disto a prova.
 Não queiras refrear-me ao zelo o impulso.
 Eu me ufaneio, sim, eu me ufaneio
 De alcançar para ti de Jove o indulto.

PROMETHEU

Louvo-te, grato, e sempre hei de louvar-te.

Não ha mostrar, mais vehemente, o anhelô
 De prestar-me um favor. Mas, infructifero
 Teo esforço verás. Quanto tentares
 Não me aproveitará! Quêda-te, isento
 De riscos. Infeliz, que sou, não quero
 Que minha desventura envolva os outros.
 Sim! Já bastante me atormenta a sorte
 De meo irmão Atlante, que, postado
 De pé, na extrema occidental da Hesperia,
 As columnas sustém do Céu, da Terra,
 Sobre as espaduas; (carga insupportavel!)
 Faz-me dó o terrigena, habitante
 Dos antros cilicêos, monstro da guerra,
 O impetuoso Tiphêo, de cem cabeças.
 De irresistivel força dominado,
 Revel aos Numes, sibilava o excidio
 Da tetra guela. Emquanto dava assalto
 Contra o poder de Jove e fulminava
 Dos olhos seos ao fulgurar gorgóneo,
 Vibrou-lhe o Pae o vigilante dardo,
 - O raio, que ao cahir, expira chammas –
 E abateo-lhe as farromas blasonantes.
 Nas mais intimas visceras ferido,
 Pávido do estridor tonitroante,
 Perdeo forças, cahindo incinerado.
 Hoje só delle resta um corpo inutil,
 Estirado do mar junto á angustura,
 Do Etna sob as raizes comprimido;
 Emquanto em cima tem Vulcano a forja
 E prepara fusões. Dalli, jorrando,
 Um dia, com fragôr, igneas torrentes,
 Queimarão nas mandibulas selvagens
 Os frugiferos valles da Sicilia.

[fl.109] Assim ha de Typhêo, mesmo combusto

Do ethereo fogo, evaporar os éstos,
 E, em ferventos rojões de inexauríveis
 Torvelins, vomitar chammass do bôjo.
 Tens longa experiencia e nem precisas
 Que eu me torne teo guia e conselheiro.
 Guarda-te, pois, da mais segura fôrma:
 Que ficarei cumprindo o meo fadario,
 Té que a ira deserte a alma de Jove.

OCEANO

Não sabes que da colera espumante
 As palavras são medico?

PROMETHEU

Si, a tempo,
 Alguem o coração nos pacifica,
 E sem que reprimir, á força, intente
 D'alma tumida os impetos.

OCEANO

Que damno
 Vês em tental-o, audaz e cauteloso?

PROMETHEU

Simplicidade vã, canseira inutil!

OCEANO

Permite-me enfermar de tal achaque!
 Lucra o sabio em passar por nescio, ás vezes.

PROMETHEU

Fôras autor da culpa, eu responsavel!

OCEANO

Vejo uma despedida em taes palavras!

[fl.110] PROMETHEU

Lastimando-me a sorte, odios provocas.

OCEANO

De quem? Daquelle, que, em recente data,
Tomou posse do solio onnipotente?

PROMETHEU

Ai misero de ti, si n'alma o irritas!

OCEANO

Tuas desgraças de licção me servem.

PROMETHEU

Vae presto! Insiste nos teos bons designios.

OCEANO

Dás pressa ao que a partida accelerava.
Meo quadrupede alado, impaciente
De dobrar o joelho em seo caseiro
Aprisco, as azas distendidas roça
Nas camadas azues do ethereo plaino.

O CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE I

Prometheu! Que dôr me causa
Teo destino miserando!
As lagrimas, que, sem pausa,
Dos olhos me estão manando,

Qual humida fonte, a fio,
Minhas faces vem regar.

Jupiter seu poderio
Vive, arrogante, a ostentar,

E humilha os antigos Numes
Á tyrannica oppressão.

[fl.111] **ANTISTROPHE I**

Sôa em lugubres queixumes
Esta vasta região.

Da vizinha Asia sagrada
Os incolas, compungidos,
Choram-te a gloria passada
E a de teos irmãos vencidos.

ESTROPHE II

Choram-te as, fortes na guerra,
Virgens de Colchos; - o Scytha,
Que n'um extremo da Terra,
Junto á Meotida habitada;

ANTISTROPHE II

O arabe escol guerreiro,
Fremente, de agudas lanças,
E que tem forte roqueiro
Do Caucaso em vizinhanças.

EPODO

De incansaveis nós ligado,
Um só dos Titans eu vi,
Pelos Deoses castigado,
Padecer, antes de ti.

Atlas foi. Quem tão valente

De tanto esforço capaz,
 Pois sobre o dórso gemente
 O Polo gravoso traz?

O pégo, fervendo, muge,
 A seos pés; a terra treme;
 O negro Averno restruge,
 E até nos recessos freme.

Todas as fontes sagradas
 Das correntes fluviaes
 Lamentam, angustiadas,
 Suas desgraças fataes.

[fl.112] PROMETHEU

Não de tédio, ou de orgulho é meo silencio.
 Mas eu devoro o coração, pensando
 Que sou exhibição de tanta viltá.
 Quem, sinão eu, por esses novos Deoses
 Talhou, proporcionaes, mercês e graças?
 Sobre este ponto nada mais ajunto;
 Seria expôr um facto aos que o conhecem.
 Ouve os males, que aos homens affligiam,
 E como, de boçaes, os fiz cordatos
 E scientes da própria intelligencia.
 Si assim falo, não é porque os censure;
 Lembro só que o que fiz em pról da raça
 É prova da affeição, que lhe consagro.
 Antigamente olhavam, sem que vissem;
 Inclínavam-se, á escuta, e nada ouviam.
 Como as figuras, que desenha o sonho,
 Tudo, por longo tempo, confundiram.
 Ás casas de tijolo, ao sol expostas,
 E ao lavrar da madeira extranhos eram.

Como gráceis formigas, diligentes,
 Tinham habitações de sob o sólo,
 No mais fundo de lobregas cavernas.
 Nem por algum signal differençavam
 O inverno da florida primavera,
 Ou do verão, em fructos abundante.
 Assim, sem reflexão, viveram, seculos;
 Até que o instante do nascer dos astros,
 E o, menos regular, de seos occasos
 Lhes dei a conhecer. Em seo proveito
 O numero inventei, - a mais proficua
 Das descobertas, que a sciencia illustram.
 Ensinei-lhes a ler, grupando as lettras.
 Formei-lhes a memoria – a mãe das Musas.
 Domesticando os animaes selvagens,
 Fil-os á sujeição dóceis. Pesaram
 De irracionaes no dorso as graves cargas,
 Que oneravam, té ahi, hombros humanos.
 Puz ao carro os frenigeros cavallos,
 - Trastes de luxo de faustosos ricos -.
 Vehiculos navaes, d'azas de linho,
 Sulcadores do mar, a mim se devem.
 E eu (desditoso!) autor de tanto invento
 Em bem dos homens, descobrir não posso
 Um, que logre partir estes liames!

[fl.113] O CORO DAS OCEANIDAS

Grave castigo padeces!
 Fluctuas, leso o juízo.
 Qual máo medico, adoecees,
 E és, no curar-te, indeciso.

Ao animo perturbado,
 Certamente, não te acode

O remedio apropriado,
Que, prompto, sanar-te póde.

PROMETHEU

Ouve o que falta, e pasmarás, sabendo
De quantas artes e misteres uteis
Fui inventor. O principal foi este:
Medicina nenhuma o enfermo tinha
No comer, no beber, na uncção do corpo;
De curativos definhava á mingoa;
Té que, graças a mim, noticia houveramos
Dos remedios e mixtos salutareis,
- Preservativo e cura das molestias.-
Aos presagios marquei processos novos;
Disse em que pontos as visões sonhadas
Reaes seriam; ás escuras phrases
Das predicções vocaes fixei sentido.
Dos accidentes, que em jornada occorrem,
Dei plena explicação ao viandante.
Mui por miudo, defini o vôo
Dos passaros de garras encurvadas,
Qual delles é propicio e qual sinistro;
Disse de que alimentos se nutriam,
Quaes seos odios, e amores, seos encontros;
Notei-lhes das entranhas a lisura,
Bem como a côr, que mais apraz aos Deoses;
Quaes da bile os aspectos favoraveis
E os do figado e o ádipo das côxas.
Seos rins queimando, descobri segredos
D'arte de adivinhar, que era difficil.
Do fogo occulto revelei o augurio,
Outr'ora nebuloso. Além de tudo,
As riquezas, que a terra nas entranhas
Guardava – o ferro, o bronze, a prata, o ouro -,

Qual outro, antes de mim, as desvelára?
 Quem se chamar tal gloria é temerario,
 Jactancioso. Em summa; as artes todas
 Por Prometheu hão vindo ás mãos dos homens.

[fl.114] O CORO DAS OCEANIDAS

Basta; dos homens não fales.
 Quinhoaste-os, amplamente,
 Tracta de ti. A teos males
 Não sejas indifferente.

Sinto em mim, tenho por certo
 Que ainda, um dia, te hei de ver,
 Destas cadeias liberto,
 Igual a Jove, em poder.

PROMETHEU

Isto não prouve á Parca poderosa.
 Pelo Destino decretado estava
 Que, só de longas provações ao cabo,
 Destas peias, alfim, solto me veja.
 Muito mais debeis são, por certo, as artes
 Do que a Fatalidade.

O CORO DAS OCEANIDAS

E a quem pertence
 Do Destino o timão reger!¹⁰¹

PROMETHEU

Á Parca
 Triforme e ás sempre mémores Erynnes.

¹⁰¹ Era de se esperar um ponto de interrogação.

O CORO DAS OCEANIDAS

É Jove menos forte, que o Destino?

PROMETHEU

Sim! não¹⁰² lhe foge ás leis irrecusaveis.

O CORO DAS OCEANIDAS

Para elle algo é fatal, além do imperio?

PROMETHEU

Não t'o direi, nem mesmo a instantes rogos.

[fl.115] O CORO DAS OCEANIDAS

É, de certo, bem grave o que me escondes?

PROMETHEU

Lembra outra cousa; descabida é esta.

Para mim é mister, quanto possivel,

Guardal-a occulta! Deste modo, evito

Mil infortunios e estes ferros quebro.

O CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE I

Não apraza á Potestade,

Que os mundos todos governa,

Oppôr á minha vontade

Sua vontade superna.

Seja meo constante fito

Manter os Numes propicios,

Fazendo, sempre, os do rito

¹⁰² A palavra começa com letra minúscula no livro.

Tributarios sacrificios;

Offertando-lhes, de plano,
As victimas immoladas
Junto ás do Padre Oceano
Correntes, sempre agitadas.

Que eu nunca aos Deoses aggrave
No intuito, ou na expressão;
Que, perpetua, em mim se agrave
Tão louvavel intenção!

ANTISTROPHE I

Doce é firmar longa vida
Sobre esperanças estaveis,
Conservando a alma nutrida
De jubilos ineffaveis!

Fundo horror minha alma sente
Por teo duro padecer!
Foste muito irreverente
Com Jove em teo proceder.

Nos teos planos confiado,
E só por impulso teo,
Aos homens has dispensado
Honras de mais, Prometheu.

[fl.116] ESTROPHE II

Que máo pago houveste disso!
Jugas que em teos dissabores
Te prestem algum serviço
Os terraqueos moradores?

Perdeste, acaso, a lembrança
 Da tibia imbecialidade,
 Que, de um somno á semelhança,
 Pésa sobre a humanidade?

Dos homens nunca os projectos
 Terão forças de inverter
 A ordem, que em seos decretos
 Quis Jupiter prescrever.

ANTISTROPHE II

Convenci-me disto, emquanto
 Teo supplicio contemplava.
 Quão diverso deste canto
 Era o que nos arroubava,

Quando, cercando-te o thoro
 E o lavacro, accordes todas,
 Entoavamos, em côro,
 Hymno festivo de bôdas,

Vendo Hesione, nascida
 Do Oceano, esposo aceitar-te,
 E, a teos presentes rendida,
 Em teo leito ser comparte!

(Apparece Io.)

IO

Que terra esta é? Que gente nella habita?
 E quem és tu, por vinculos atado
 Nesta rocha hybernal? Á que flagicio
 Serve de expiação tamanha pena?
 Dize-me á que região chego, agitada!
 Ai! Ai! Ai! Eis, de novo, me afferrôa

(Desditosa)! o tãvã, - o simulacro
 D' Argos, da Terra filho! Ó terra, afasta-o!
 Tenho medo! O pastor, de olhos innumeros,
 Me está fitando co'a dolosa vista.
 Bem que finado, não n' o esconde a terra;
 Volta do Inferno; segue-me as pisadas
 E arrasta-me a vagar, faminta, aos saltos,
 Pelas marinhas, arenosas praias.

[fl.117] **ESTROPHE**

Da avena de cêrea junctura a harmonia
 Ao somno convida.
 Té onde, na infinda, fatal correria,
 Serei impellida?

Saturnia progenie, qual foi o meo crime?
 Por que me condemna
 A colera tua e ao jugo me opprime
 De tão dura pena?

Por que n'um continuo terror, flagellante,
 Que arrasta á loucura,
 Me impões deste insano correr, incessante,
 A rude tortura?

Ou manda-me em chammas morrer abrazada,
 Ou viva enterrar.
 Ou,- pasto animado -, que eu seja lançada
 Ás féras do mar.
 Oh Rei! Dá-me ouvidos! Á angustia, que raia
 Meo animo enfermo,
 Modera os rigores. Siquer, assignala
 Qual seja seo termo!

O CORO DAS OCEANIDAS

A voz não ouves da bicornes virgem?

PROMETHEU

Como não hei de ouvir d'Inacho a filha,
 A moça virgem, do tãvão pungida?
 Ella inflammou de amor a alma Jove;
 E hoje, de Juno odiada, é compulsada
 Á correria longa e sem repouso.

IO

ANTISTROPHE

Donde soubeste de meo pae o nome?
 Como, infeliz,
 Conheces esta dôr, que me consome?
 Á triste o diz.

Quem te deo novas do divino açoite;
 Desse feroz
 Ferrão, que me caustica, dia e noite,
 Com furia atroz?
 [fl.118] Da colera de Juno perseguida,
 Aqui, por fim,
 Tresvariada, pela fome urgida,
 Saltando, vim.

Mais desditosa, dentre os desditosos,
 Quem póde haver?
 Diz-me, sem véos, os lances desastrosos,
 Que hei de soffrer,

Si allivio, ou cura tens á tão pesada,
 Fera agonia,
 Aponta-o, sem rebuço, á flagellada

Moça erradia.

PROMETHEU

Dizer-te vou o que saber desejas,
 Simples e claro, sem usar de enigmas,
 Qual de um amigo a outro. Em mim presente
 Tens Prometheu, que trouxe o fogo aos homens.

IO

Tu – auxilio commum da raça humana, -
 Tu, - Prometheu, por que razão padeces?

PROMETHEU

Pouco ha, findára a historia de meos males.

IO

Agora, a mim não te será possível
 Uma graça fazer?

PROMETHEU

Sim! Interroga;
 Eu te satisfarei.

IO

Quem te ha cravado
 Nesta rocha precipite?

PROMETHEU

O decreto
 De Jupiter e o braço de Vulcano.

[fl.119] IO

Que attentado é credor de tal castigo?

PROMETHEU

É bastante o que eu disse.

IO

Expõe, ao menos,
Todos os golpes, que o povir me guarda,
E qual deste correr o termo certo.

PROMETHEU

Não me inquiras. Mais val que tudo ignores.

IO

Do que tenho a passar nada me occultes.

PROMETHEU

Não me posso escusar a teu pedido.

IO

Por que tardas!

PROMETHEU

Não é por má vontade;
Sim porque temo o animo turbar-te.

IO

Oh ! Não zeles de mim mais do que eu zelo.

PROMETHEU

Insistes? Vou falar, expondo tudo!

[fl.120] O CORO DAS OCEANIDAS

Ainda não. Dá que me caiba
Uma parte do prazer.
Que dos labios della eu saiba

Quanto teve de soffrer;

De sua sorte funesta
 Sciente, depois de a ouvir.
 Narrarás o que lhe resta
 A padecer no porvir.

PROMETHEU

Cumpre attendel-as, Io. Além de tudo,
 São irmãs de teu pae. Quem não releva
 Tardança ao narrador dos proprios males,
 Si lagrimas de dó de seus ouvintes
 O acolhem?

IO

Sim. Não há como esquivar-me,
 Vou, claramente, relatar os casos,
 Que anciaes por saber, bem que me pêze
 Dizer a causa da procella horrenda,
 Por mão divina contra mim lançada
 E d'esta vil, transfigurada fôrma.
 Visões sonhadas, voltejando, á noite,
 Pelo meo aposento de donzella,
 Vinham, continuo, em seductoras phrases
 Dizer-me: “Ó tu, a mais feliz das virgens,
 Por que tão longa virgindade guardas,
 Se pódes contrahir consorcio augusto?
 Do farpão do desejo assetteado,
 Arde Jove por ti e almeja o instante
 De contigo fruir de Chypre os gozos.
 Teme o leito enjeitar do Pae dos Deoses!
 Vae! Da profunda Lerna em prados busca
 Os pascigos e estabulos paternos.
 Dá repouso aos desejos, que desperta

Tua presença nos divinos olhos.”
 Ai! de mim, desgraçada! Em cada noite
 Identica visão vinha assaltar-me,
 Té que, fazendo esforço de coragem,
 Fui a meo pae narrar aquelles sonhos.
 Nuncios elle expedio que, consultando
 O oraculo de Pytho e o de Dodôna,
 Conhecessem o que de grato aos Numes
 Lhe cumpria, por actos e palavras,
 Praticar. Ao regresso, os mensageiros

[fl.121] Só trouxeram respostas duvidosas,
 Não comprehensíveis, de expressões obscuras.
 Veio, alfim, vaticinio manifesto,
 Ordenando a meo pae, de modo explicito,
 Que do lar e da patria me expellisse;
 Mandando-me vagar, livre de laços,
 Té os longiquos terminos do mundo.
 Si fosse opposta resistencia ás ordens,
 Jove, arrojando o coruscante raio,
 Extinguiria, inteira, a nossa estirpe.
 Submisso á voz prophetica de Loxias,
 Meo pae mandou-me pôr fora de casa
 E prohibio-me que lhe entrasse as portas.
 Na ancia da dôr gemiam nossas almas;
 Jove, porém, á freio o subjugava,
 E era preciso obedecer á força.
 Turbou-se-me a razão; mudei de fórma
 E estas pontas na fronte me nasceram.
 Do acúleo de um tavão aguilhoadas,
 Atirei-me, de um salto furibundo,
 Á Cenchreia, de Lympha saborosa,
 Da collina de Lerna em verdes prados.
 Mas Argos, o terrigena vaqueiro,
 Sanhudo e máo, no encalço me seguia,

A espiar, por miudo, os meos vestígios.
 Inopinado e súbito successo
 Da existencia o privou. Eu, fustigada
 Do latego divino, em furia vago,
 De clima em clima. Ouviste tudo. Agora,
 Si conheces os meos futuros males,
 Dize-os; e nem a compaixão te induza
 A agradar-me com phrases mentirosas.
 É, no conceito meo, vicio ominoso
 Por lisonja tecer falaz discurso.

O CORO DAS OCEANIDAS

Oh! Basta! Cala-te! Pára!
 Jámais, jámais (ai de mim!)
 Pude suppôr que escutára
 Um caso, insolito assim!

Expições e pezadumes,
 Tristes de ver e cortir,
 Que, qual dardo de dous gumes,
 Me vem gelar e ferir!

Oh! Fado! Fado inclemente!
 De horror sinto-me transida
 Ao pensar na dôr pungente
 De tua cansada vida!

[fl.122] PROMETHEU

Teos ais e esse terror são prematuros.
 Gernerás com razão, sabendo o resto.

O CORO DAS OCEANIDAS

Fala! Ao triste, que padece,
 O tormento se modera,

Si, d'outro ouvindo-o, conhece
De ante-mão, o mal, que o espera.

PROMETHEU

Facil de mim houveste o que pediste,
Pois foi desejo teo ouvir, primeiro,
Dos proprios labios d'ella o que ha soffrido.
Falta narrar os transes, que esta virgem
A vindicta de Juno inda reserva.
Grava no coração minhas palavras,
De Inacho ó filha! Deverás, ouvindo-as,
De tuas excursões saber o termo.
Parte, com direcção ao sol nascente;
E, atravessando não lavrados campos,
Verás os Scythas, montanhezes nomadas.
Armados de farpões de longo alcance,
Habitam choças de trançados vimes,
Dentro de carros d'optima rodagem.
Passa e o caminho trilha, que se abeira
Das fragas, em que o mar gemente quebra.
Pela esquerda, á morada irás dos Chálybes,
Peritos Artesões do ferro. Evita-os;
Ferozes são e avessos á hospedagem.
Chegando á margem do empolgado Hybristos,
Rio, que o nome seo bem justifica,
Não queiras, desde logo, vadeal-o.
Só lhe farás, sem risco, a travessia
No Caucaso, o mais alto d'entre os montes.
Onde a caudal, com impeto, rebenta
Ampla, a ferver, das temporas da serra.
Salva as cumiadas, que do céu vizinham.
Fitando então, ao meio dia, o rumo,
Encontrarás as hordas de Amazonas,
Aveças a varões, e cuja séde

Themiscyra será – do Thermodonte
 Á foz, onde a maxilla se escancara
 Do mar Salmydessêo, infensa aos nautas
 E inhospita madrastra dos navios.

[fl.123] Hão de, ellas proprias, da melhor vontade,
 Prestadias, mostrar o teo caminho.
 Vinda, em seguida, ao isthmo dos Cimmerios,
 Junto ao cerrado estreito da Meótida,
 Transpõe-n’o, com arrojo. Ingente fama,
 Perpetua entre os mortaes, ha de provir-te
 Desse transito e Bosporo chamado
 O estreito. Tendo assim deixado a Europa,
 Do continente d’Asia ao sólo aportas.
 Não vos parece que o Reitor dos Deoses
 Em tudo manifesta igual violencia?
 Nume, querendo a esta mortal unir-se,
 Numa carreira intermina arrojou-a.
 Que ruim próco te coube, oh pobre virgem,
 Para contigo convolar a nupcias!
 Quanto narrei não passa de proemio
 Dos soffrimentos, que o porvir te guarda.

IO

Ai de mim!

PROMETHEU

Outra vez choras, suspiras?
 Que será quando o mais ter for notorio!

O CORO DAS OCEANIDAS

Pois tens de annunciar-lhe outras desgraças?

PROMETHEU

Sim! Um revôlto mar de horriveis dôres!

IO

Que monta este viver? Antes, de arranco,
 Deste rijo alcantil me arremessasse
 Ao chão de pedra e, nelle espedaçada,
 Me libertasse de miseria tanta!
 Mais val, de um golpe, violenta morte,
 Que existencia, arrastada em dôr sem termo.

PROMETHEU

Quanto, no meo lugar, te lamentáras,
 Pois o Destino me ha vedado a morte!
 Ella me fôra paz e livramento.
 Mas desta pena não terei resgate,
 Emquanto Jove não perder o imperio.

[fl.124] IO

E póde acontecer que, um dia, o perca?

PROMETHEU

Creio te fora grato o ver-lhe a quêda!

IO

E como não, si delle eu tanto soffro!

PROMETHEU

Isso ha de succeder. Dou-te a certeza.

IO

Quem o despojará do regio sceptro?

PROMETHEU

Elle a si proprio, por acções estultas.

IO

E como? Explica-o, não havendo risco.

PROMETHEU

Por um consorcio, fonte de amarguras.

IO

É com Deosa, ou mortal? Dize, si o podes.

PROMETHEU

Para que perguntal-o? Ha neste ponto
Mysterio e não me é dado descobril-o.

IO

Desthronado será por essa esposa?

[fl.125] PROMETHEU

Ella ha de dar o nascimento a um filho,
Mais forte do que o Pae.

IO

Não póde Jove
O desastre evitar?

PROMETHEU

Não lhe é possível;
A não ser que eu, liberto destas peias...

IO

Quem, Jupiter invito, ha que te livre?

PROMETHEU

É fatal seja alguém da prole tua.

IO

Que! Virá libertar-te um de meos filhos!

PROMETHEU

Após dez gerações, um da terceira
Seguinte geração ha de livrar-me.

IO

Difficil comprehensão a deste augurio?

PROMETHEU

Dos reveses por vir não mais indagues.

IO

Recusas-me o favor, já concedido?

[fl.126] PROMETHEU

Uma revelação posso fazer-te,
Escolhida entre duas.

IO

Das-me a escolha?

PROMETHEU

Sim. Tractarei dos males, que te aguardam,
Ou de quem deve resgatar-me, um dia.

CORO

Serve aos dous. A esta donzella
Prediz a futura dôr;
Em seguimento, revela
Quem será teo salvador.

PROMETHEU

Não quero ao rogo teo mostrar-me esquerdo,
 E tudo vou dizer. Primeiro, ó Io,
 Narrarei tuas multiplas corridas.
 Grava-as nas taboas memoraveis d'alma!
 Abandonando o estreito, que separa
 Os continentes, vae seguindo a rota
 Para o lado, em que o sol nasce, inflammado.
 Sem parar, o bramir do mar transpondo,
 Ás gorgóneas campinas, em Cisthene,
 Irás. No sitio as Phorcidas habitam.
 São tres virgens senis e cigniformes,
 Possuindo, em commum, um olho e um dente.
 Jámais as visitou do sol um raio
 E nem da argentea lua a luz serena.
 Suas irmãs, - as Górgones aligeras,
 Angui-comadas, aos mortaes funestas,
 Teem perto os lares. Quem lhes fita o aspecto
 O espirito vital, subito, perde.
 Aponto os riscos. Cabe-te evital-os.
 Outra sinistra, repulsiva imagem,
 Verás nos Gryphos, cães de Jove, mudos,
 De agudos rostos. Foge-os. Foge á turba
 De Arimaspos equestres, de um só olho,
 Que do aurifluo Plutão ribas occupam.

[fl.127] Á séde aportarás de um povo negro,
 Junto ao berço do sol, nas longes plagas,
 Por onde corre da Ethiopia o rio.
 Rasga passagem pelas margens d'elle,
 Té que enfrentes a grande catarata,
 Onde o Nilo, a tombar dos montes Biblos,
 Derrama sua lymphá veneranda
 E de grato sabor. Prosegue e alcança
 A terra, que um triangulo figura.
 Praz ao Fado, que em tão remota zona

Fundes uma colonia, onde te fixes
 E mores, Io, e a descendencia tua.
 Si em minha narrativa ha ponto obscuro,
 Ou de difficil comprehensão, indica-o;
 Que tudo a esclarecer, de prompto, acudo.
 Tempo hei, de sobra. Nem quizera tanto!

O CORO DAS OCEANIDAS

Si algo foi della omittido,
 Suppre o lapso da memoria.
 Após, cede a meo pedido;
 Relata-nos tua historia.

PROMETHEU

Do seo peregrinar futuro ouvio-me
 A exposição fiel. Vou dar-lhe a prova
 De que não falo em vão, narrando as dores,
 Que, antes de aqui parar, ha padecido.
 Serei succinto; pouparei palavras
 E ao termo irei de seo correr infrene.
 Tendo chegado aos campos dos Molossos,
 Em Dodôna elevada, onde se encontram
 De Jupiter Thesprócio altar e oraculo,
 E o carvalho que fala, (alto prodigio!)
 Saudou-te, claramente, a voz divina
 (Que lisonjeira saudação foi essa!)
 Qual de Jove futura, inclyta esposa!
 Picada do tavão, seguiste a costa;
 Ao mar de Rhéa foste e o transpuzeste.
 Arredou-te dalli o errante impulso.
 Para commemorar esse trajecto,
 Mar Ionio será denominado
 Pela posteridade aquelle golpho.
 Assim dá testemunho a mente minha

De que penetra além do que é visível.
 Atando, agora, á minha historia o fio,
 A ella, a ti, conjunctamente falo.

[fl.128] No extremo Egyto, em comoro de areia
 Fronteando do Nilo a embocadura,
 De Canópo a cidade é situada.
 Alli Jove, tocando-te de leve,
 E affagando-te a mão, blandicioso,
 Ha de acalmar-te o espirito agitado.
 Darás, mais tarde, á luz Épapho, o negro,
 Nome, que lembra as condições e modo
 Como ha de ser de Jupiter gerado.
 Elle semeará nas ferteis glebas,
 Que no vasto percurso o Nilo banha.
 Na quinta geração, dahi provinda,
 Para Argos voltarão cincoenta virgens,
 Fugindo ao casamento, pretendido
 Pelos primos paternos. Exaltados,
 Inda insistindo no enjeitado enlace
 (Que nunca houvesse de lhes vir á idéia),
 Seguindo irão no encalço as fugitivas,
 Quaes terçós, que, de perto, as pombas seguem.
 Um Deos ha de invejar os corpos delles
 E no gremio a Pelasgia recebel-os,
 Quando domados por um Marte fero,
 Que mata com a dextra das mulheres
 E por audacia, que durante a noite,
 Vigia, como esperta sentinella,
 Degollar cada esposa o seo marido,
 Levando-lhe á garganta o duplo corte
 De aguda espada e lhe arrancar a vida.
 Que Venus fira assim meos inimigos!
 Ha de amor ameigar uma das virgens,
 Para que não trucidie o companheiro.

Esta, hesitando no assassino plano,
 Preferirá ser fraca a ser cruenta.
 A mãe ella será dos reis argolicos.
 Para o assumpto é mister longo discurso.
 Basta dizer que desta regia sóbole.
 Deve provir o audacioso, illustre,
 Perito no atirar as saggitarias,
 Que me ha de libertar destas cadeias.
 Themis Titania, minha mãe, predisse-o.
 Como e quando será? É longa historia,
 E nada lucrarás em que a repita.

IO

Ai de mim! Ai de mim! Novo delirio
 Me lança em phrenesi, me abraza o cerebro;
 Queima-me do tавão, sem fogo, a púa;
 De terror agitado, em fortes golpes
 Do peito a arcada o coração verbera-me;
 Nas orbitas os olhos se retorcem;
 [fl.129] Longe de mim me arroja, impetuoso,
 O vento do furor. Não me obedece
 A lingua. Minhas vozes conturbadas
 Luctam, a esmo, em confusão, debalde,
 Co'as vagas de meo barbaro infortunio.
 (*Sahe Io.*)

O CORO DAS OCEANIDAS

ESTROPHE

Sabio foi, sabio eminente,
 Quem primeiro formulou
 Este conceito na mente
 E em palavras o explicou:
 É o melhor dos casamentos

O que se faz entre iguaes.
 Quem vive dos rendimentos
 De trabalhos manuaes;

Não busque alliança na classe,
 Soberba pela riqueza,
 E fuja, igualmente, á enlace
 Co'os que pompeiam nobreza.

Ó Parcas! De Jove o leito
 Nunca eu possa compartilhar,
 Nem jámais, por laço estreito,
 A um Nume qualquer me unir!

Tremo, ao ver a virgindade
 De Io, a varões tão hostil,
 Por Juno, sem piedade,
 Votada a corridas mil.

EPODO

Entre iguaes não temo alliança.
 Mas nunca nos olhos meos
 Fixe o olhar, - que não se alcança
 Evitar, - um alto Deos.

Guerra, em que a luta se exclue,
 E em que é nulla a resistencia;
 Pois o inimigo possue
 Recursos sem competencia.

Si um dia a Jove o desejo
 De distinguir-me acudir,
 Maneira nenhuma vejo
 De ao poder lhe resistir.

[fl.130] PROMETHEU

Mas, apesar de pertinaz orgulho,
 Inda humilde ha de Jupiter volver-se,
 Pois se prepara a contrahir consorcio,
 Que tem de o derribar, de modo inglorio,
 Do solio, arrebatando-lhe o dominio.
 Então ha de cumprir-se, inteiro e pleno,
 O anathema, lançado por Saturno,
 Quando o filho o expellio do antigo throno.
 Fuga á desastre tal nenhum dos Numes
 Conhece, a não ser eu; sei o remedio
 E sei tambem o modo de applical-o.
 Estadeie-se Jove nas alturas,
 Fiado no estampido pavoroso,
 Que retumba atravez da immensidade;
 Sacuda o raio ignivomo na dextra;
 Pois não terão valor taes aparelhos
 Para lhe attenuar o vilipendio
 Da quéda, e a perda do poder, sem volta.
 Agora mesmo contra si levanta
 Antagonista, de expugnar difficil,
 Que uma chamma inventou, melhor que o raio,
 E um fragor, qua ao trovão, de muito excede.
 Hão de taes armas reduzir a estilhas
 De Neptuno nas mãos esse tridente,
 Que o mar subleva, que sacode a terra.
 Naufrago sobre o escolho do Infortunio,
 Ha de saber qual a distancia
 Que entre mandar e obedecer existe.

O CORO DAS OCEANIDAS

Predizes contra Jove o que desejas

Lhe aconteça.

PROMETHEU

Refiro-me a successos,
Que hão de realizar-se e, que me aprazem
Ver, a seu tempo, em factos convertidos.

O CORO DAS OCEANIDAS

Que! Jupiter vencido e dominado!

PROMETHEU

E a supplicio, maior que o meo, sujeito.

[fl.131] O CORO DAS OCEANIDAS

E não receias proferir taes phrases?

PROMETHEU

Por que? Si o não morrer é meo destino?

O CORO DAS OCEANIDAS

E si elle te aggravar esses tormentos?

PROMETHEU

Que o faça. Tudo delle espero.

O CORO DAS OCEANIDAS

É sabio

Quem de Adastreia aos pés dobra os joelhos.

PROMETHEU

Submissa implora, adula a quem governa!
Menos que nada val Jove a meos olhos.
Como é desejo seu, no Olympo exerça
Ephemero poder; pois sobre os Deoses

Imperio não terá por longo tempo.
 Mas vejo alli o batedor de Jupiter,
 O fido servo do actual tyranno.
 Certo, vem transmittir-me ordens recentes.

MERCURIO

Alma de fel, sophista astucioso,
 De engenho, a mais não ser, agudo e fino,
 Que contra os Numes commetteste o crime
 De dar ao ser de um dia honras divinas!
 Ladrão do fogo, interpellar-te venho.
 Dize, pois manda o Pae, qual o consorcio,
 Que ha de ser causa, consoante o affirmas.
 De sua quéda do poder. Expõe-me,
 Livre de ambages, ponto a ponto, a historia.
 Dispensa-me o descer, de novo, á terra,
 Prometheu. Procedendo de outro modo,
 Não abrandas a Jupiter.

[fl.132] PROMETHEU

Grandiloquo

E cheio de arrogancia é teo discurso,
 Qual cabe dos celicolas ao servo.
 Novos, de ha pouco dominando, crêdes
 Que em vossa fortaleza estaes a salvo
 Da dôr. Cahir do throno dous tyrannos
 Vi e, em breve, hei de ver este terceiro,
 De modo ignominioso prosternado.
 Julgas talvez que hei medo aos novos Deoses?
 Quão longe estou de receial-os! Volta
 Já, pela mesma estrada e, sem que saibas
 Nada de quanto investigar vieste.

MERCURIO

Por fera obstinação, - desta miseria
Te arremessaste ao porto.

PROMETHEU

Este infortunio

Por teu officio permutar não quero.
Antes escravo ser deste penhasco,
Do que do Pae correio complascente.
Represalia é do teu este doesto.

MERCURIO

Pareces exultar com teu supplicio!

PROMETHEU

Quem? Eu? Pudesse ver meus inimigos
Deste modo exultar; tu como os outros.

MERCURIO

Crês que nos males teus hei tido parte?

PROMETHEU

Lhano a falar, execro os novos Deoses,
Que enchi de bens e, em troca, assim me affligem.

[fl.133] MERCURIO

Soffres grave molestia - , a da loucura!

PROMETHEU

Si é molestia odiar os inimigos,
Desejo se prolongue a que eu padeço.

MERCURIO

Quem, si foras feliz, te supportára?

PROMETHEU (*soltando um gemido*).

Ai!

MERCURIO

Jove desconhece essa palavra.

PROMETHEU

Traz o tempo a velhice e tudo ensina.

MERCURIO

Não te ensinou, comtudo, a ter bom senso.

PROMETHEU

Não; pois falando estou contigo, oh servo!

MERCURIO

Às perguntas do Pae não dás respostas?

PROMETHEU

Muito lhe devo, na verdade! Cabe-me
De minha gratidão mostrar-lhe provas.

MERCURIO

Qual de criança, estás de mim zombando?

[fl.134] PROMETHEU

Não és, acaso, menos que criança
No siso, si de mim obter pretendes
Revelação qualquer? Não logra Jove,
Por meio de artificio, ou de tortura,
Levar-me a desvendar-lhe o meo segredo,
Sem que elle destes ferros me desprenda!
Póde a candente chamma arremessar-me;
Confundir e abalar todo o Universo.

Com turbilhões de neve d'azas brancas,
 E ao troar dos estrondos subterraneos;
 Não ha dizer-lhe quem, por lei do Fado,
 Tem de privar-o do poder supremo.

MERCURIO

Medita! Em que aproveita a contumacia?

PROMETHEU

Tudo, ha muito, hei previsto e resolvido.

MERCURIO

Ousa, uma vez, siquer, ousa, insensato,
 Pensar, maduro, no teo mal presente.

PROMETHEU

Importunas-me, em vão. Teo suasorio
 É qual si fosse dirigido ás ondas,
 E nem possa acudir-te ao pensamento
 Que, aterrado de Jove ante os designios,
 Coração feminil revista e, erguendo,
 Como debil mulher, supplices palmas,
 Peça a quem aborreço em gráo supremo
 Destes grilhões me livre. Em tal não penso.

MERCURIO

Em vão falei, si bem demais falasse.
 Nada te abrandas; a rogos não attendes.
 Qual poldro, mal domado, o freio tascas,
 Forcejas, reluctando contra as redeas.
 Confiança orgulhosa depositas
 No impotente saber. Nada mais fraco,
 Que a pertinacia esteril da loucura.

[fl.135] Olha: Si as minhas suggestões desprezas,

Que vendaval, que oceano de infortunios
 Em ti vae desabar! Inevitavel
 Isto ha de ser. O Pae, antes de tudo,
 Dos trovões ao fragor, do raio á chamma,
 Destruirá este alcantil fragoso;
 Sob os escombros sumirá teo corpo,
 Estatelado em braços de granito.
 Tens de voltar á luz, após volvidos
 Longos évos. Então, a aguia cruenta,
 - Cão volatil de Jove, - em mil pedaços
 Ha de, voraz, atassalhar-te as carnes.
 Qual diario conviva, sem convite,
 Fará banquete com teo negro figado,
 - Único do festim manjar sangrento. –
 Não esperes o fim do atroz supplicio,
 Enquanto um Deos, que padecel-o queira
 Por ti, não desça ao Orco tenebroso,
 E á voragem do Tartaro profundo.
 Pensa. Não vejas ameaça inane
 No que te digo. É muito grave o assumpto.
 Nunca mentio de Jupiter a bocca;
 Cumpre o que diz. Reflecte, delibera;
 Nem á prudencia opponhas arrogancia.

O CORO DAS OCEANIDAS

Não parece impertinente
 De Mercurio a allocução;
 Pois te exhorta a ser prudente
 E a deixar a obstinação.

O seo conselho cordato
 Deves ouvir e acceitar.
 É vergonhoso ao sensato
 Na falta perseverar.

PROMETHEU

Eu conhecia os termos da embaixada,
 Que elle vociferou. Porém, que importa?
 Não produzem surpresa e nem deslustram
 Apôdos e desfeitas de inimigo.
 E, pois, que seja sobre mim vibrada
 A bi-partida, flammejante espira;
 Abalem o ether dos trovões o estrondo
 E o sibilante urrar dos soltos ventos;
 Medonho furacão sacuda a Terra,
 Desde a raiz, nos imos fundamentos;
 [fl.136] Equoreos escarcéos, mugindo, invadam
 Celestes plainos, onde os astros giram;
 E Jove, pelo vortice arrastado
 Da rigida, fatal Necessidade,
 Arroje o corpo meo no negro Tartaro:
 Em vão! Não tem poder de dar-me a morte.

MERCURIO

Taes palavras, iguaes arrazoados,
 Só se podem ouvir de um mentecapto.
 Eil-o que attinge as raias da loucura,
 Pois não doma ao furor a violencia.
 E vós, que do seo mal haveis piedade,
 Destes lugares afastai-vos, presto;
 Por que o trovão, que ahi vem, rugindo horrivel,
 Não vos transtorne de pavor a mente.

O CORO DAS OCEANIDAS

Dá-me conselho aceitavel,
 E serás obedecido.
 É, de todo, intoleravel
 O que me tens dirigido.

Estranho o teu sentimento!
 Cobarde nunca serei.
 Seja qual fôr o tormento,
 Com elle o compartirei.

Dos vis traidores a peste,
 Experiente, aborreço;
 Nem cousa, que eu mais deteste,
 Em minha vida conheço.

MERCURIO

Lembre-te, ao menos, que te dei o aviso.
 Nunca em transe de dôr digas que a Sorte
 Ou Jove, de improviso, te ha ferido,
 E sim: Eu mesma fui, do mal sciente,
 Nelle cahir, por falta de cautela,
 E não por laço armado, ou por surpresa.
 A humana insensatez nos prende ás malhas
 Da inextricavel rêde do Infortunio,
 De que jámais alguém logrou soltar-se.

[fl.137] PROMETHEU

Eis se cumpre a ameaça. A Terra nuta;
 Rouco trovão no bôjo lhe restruge;
 Rasga a espiral; a poeira torvelinha;
 Irrope, a soprar, todos os ventos,
 E, mutuamente, os impetos opondo,
 Forçam varios bulhões, que se abalroam;
 O Ether, combalido, ao mar confunde-se.
 Contra mim Jove, manifesto, rue,
 Violento, e quer ver se me apavora!

Oh! santo¹⁰³ amôr de minha mãe! Oh! Ether,
Em cujo seio a luz commum circula;
Vêde, a que me atormenta, injusta pena!

¹⁰³ A palavra começa com letra minúscula no livro.

CONCLUSÃO GERAL DA DISSERTAÇÃO

Dentre as centenas de tragédias gregas que vieram a lume na antiguidade, apenas 32 chegaram à posteridade. Desse número reduzido de “sobreviventes”, sete tragédias são atribuídas a Ésquilo. O *Prometeu Acorrentado* é uma delas.

As tragédias gregas do século V a.C foram compostas primeiramente para uma performance. Depois da encenação, textos das tragédias mais populares provavelmente circulavam para uma leitura privada, alguns desses textos eram mais confiáveis que outros (GRIFFITH, 1997, p.35; MAZON, 1953, p.X). No quarto século a.C, encenações de “velhas tragédias” do século V tornaram-se comuns em Atenas. Essas encenações foram aparentemente suscetíveis a desvios em relação ao texto original, tanto que um decreto foi aprovado exigindo que cópias oficiais das peças dos três grandes tragediógrafos fossem guardadas (Licurgo, 330 a.C), e proibindo os atores de se desviarem delas (GRIFFITH, 1997, pp.35-6, MAZON, 1953, p.XI). Isso indica que a proeminência de Ésquilo, Sófocles e Eurípides já ocorrera na antiguidade, e que esse fenômeno influenciara de certa forma na preservação de algumas de suas obras.

Não se sabe ao certo com que base os textos oficiais dos três grandes dramaturgos gregos foram escolhidos no século IV a.C, mas é supostamente deles que os estudiosos da Biblioteca de Alexandria, no final do terceiro e no início do segundo século a.C, estabeleceram os textos dos quais a tradição posterior provavelmente depende.

Os estudiosos de Alexandria conheciam cerca de nove títulos das tragédias de Ésquilo, e possuíam cerca de sete delas, entre as quais se encontrava o *Prometeu Acorrentado* (GRIFFITH, 1997, pp.36-7). Hoje contestada, a autoria de Ésquilo para o *Prometeu Acorrentado* nunca foi posta em dúvida na antiguidade.¹⁰⁴ Na presente

¹⁰⁴ Mark Griffith, em 1977, contestou a autoria de Ésquilo em seu livro *The authenticity of 'Prometheus Bound'* (Cambridge University), focando sua análise em questões métricas e escolha de vocabulário. M.L.West endossa a posição de Griffith em seu texto “The Prometheus Trilogy” (Oxford University, [1979] 2008), trazendo para a discussão a opinião de que uma peça como o “Prometeu Acorrentado” não poderia ser encenada num teatro com as proporções do Teatro de Dioniso, no século V a.C (proporções estas também sujeitas a muitas contestações entre os especialistas). Ainda em “The authorship of the Prometheus Trilogy, *Studies in Aeschylus*, Stuttgart, 1990, West afirma que o “Prometeu Acorrentado” é uma tragédia inorgânica e inconsistente com seus personagens e teologia; ela seria, por assim dizer, uma tragédia indigna do gênio de Ésquilo. Por outro lado, interessantes argumentos a favor da autoria de Ésquilo são encontrados no livro de Maria Pia Pattoni *L'autenticità del Prometeo Incatenato*, Pisa, 1987.

dissertação, seguimos a tradição milenar que considera Ésquilo o autor do *Prometeu Acorrentado*.

Atualmente é possível utilizar canetas esferográficas para redigir um manuscrito. Tais canetas possuem uma minúscula esfera localizada na ponta, a qual é completamente envolvida pela tinta, o que possibilita a distribuição constante e uniforme do traço. Dom Pedro II não possuía esse recurso quando redigiu sua tradução em prosa do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo, pois a primeira caneta esferográfica foi patenteada somente em 1930, por László Biró (STOYLES & PENTLAND, 2006). O instrumento gráfico utilizado pelo Imperador foi uma caneta bico de pena, a qual era embebida em tinteiro sempre que necessário. Quando a caneta era carregada, o traço do Imperador era mais espesso, como se pode notar na seguinte reprodução do manuscrito depositado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

Figura 26. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB).

À medida que Pedro II ia escrevendo, a tinta evidentemente diminuía, e seu traço tornava-se mais tênue:

Figura 27. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB).

Às vezes as correções interlineares eram feitas com um traço tênue, indicando que a mudança fora feita quase que imediatamente:

Figura 28. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB).

Outras vezes a correção se apresenta num traço mais espesso, parecendo indicar que a correção não fora feita de imediato. Veja-se a seguir a diferença de quantidade de tinta entre o texto e a sua posterior correção interlinear:

Figura 29. Imagem de trecho do manuscrito da tradução de Dom Pedro II (Doc.4695-A/ IHGB).

Estudar o Manuscrito Imperial é também ter a possibilidade de perceber os gestos de sua redação. Gestos que não mais existem; a não ser nas marcas deixadas no papel e nas hipóteses imagéticas que habitam a mente de um pesquisador. Na leitura do manuscrito, é possível ver, por meio da imaginação, Dom Pedro II fazendo uma pausa para embeber a sua caneta no tinteiro, e em seguida retomar seu trabalho de redação. Ter essa possibilidade é uma experiência de estudo privilegiada. Um termo que poderia ser evocado para tentar sintetizar a experiência vivenciada ao longo da presente pesquisa é “serendipidade”. Tal palavra se emprega geralmente para se referir a descobertas afortunadas feitas aparentemente por acaso.

De início, supúnhamos que já houvesse uma edição da tradução em prosa de Dom Pedro II e almejávamos apenas estudá-la e cotejá-la com outras traduções. Grande foi a surpresa, para não dizer “espanto”, ao percebermos que teríamos a possibilidade de transcrevê-la pela primeira vez e trazê-la a lume. Mas as descobertas afortunadas não terminaram aí. Como visto, com a publicação dos primeiros resultados da pesquisa, Alessandra Fraguas nos informou sobre a existência de uma versão preliminar, depositada no Museu Imperial, além de uma carta escrita pelo Barão de Paranapiacaba à Princesa Isabel em 9 de setembro de 1905, na qual informa mais detalhes sobre a obra que publicaria em 1907: “É esta, no meu conceito e nos meus amigos, a minha melhor produção”, afirma o Barão, e continua: “Como já estou muito velho, convém não

demorar a publicação”.¹⁰⁵ Tal declaração do Barão de Paranapiacaba tem algo de tocante e belo. Nela se revela a autoconsciência de João Cardoso de Menezes de que a morte se aproximava. Por isso mesmo revela o desejo de deixar mais uma marca no mundo, algo que de certa forma mantivesse a sua presença na história por meio da memória. Isso faz lembrar a leitura que Jacques Derrida faz de uma conhecida passagem de *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin:

Pois é a partir da história, não da natureza que é preciso finalmente circunscrever o domínio da vida. Assim nasce para o filósofo a tarefa (*Aufgabe*) de compreender toda vida natural a partir dessa vida, de mais vasta extensão, que é aquela da história (DERRIDA, 2006, p.32).

Graças ao texto de Haroldo de Campos, “O *Prometeu* dos Barões”, fomos capazes de perceber a importância do livro do Barão de Paranapiacaba para os estudos de recepção dos Clássicos no Brasil. Ter acesso, posteriormente, à declaração do Barão sobre o valor que ele próprio dava ao seu livro despertou-nos o sentimento de reverência, o que de certa forma nos empenhou ainda mais em nosso trabalho. Apesar dos acertos e desacertos das versões poéticas de João Cardoso de Menezes, elas representam o legado de um homem que teve o privilégio de conviver com o Imperador Dom Pedro II e que se valeu desse livro para que isso não se perdesse no esquecimento.

Sentimento semelhante moveu-nos a fazer o levantamento das versões brasileiras do *Prometeu Acorrentado* de Ésquilo. A USP é um importante centro de estudo e de tradução de obras clássicas. Seria incoerente que aquele que estuda e acompanha de perto a tarefa desafiadora e árdua que é traduzir obras clássicas não lhe desse a devida atenção. O que não é lembrado, como já dito, perece. O esforço daqueles que doaram parte de seu tempo de vida para que o *Prometeu Acorrentado* permanecesse vivo em seu tempo não poderia ser desprezado numa pesquisa como a nossa. Muitos dos tradutores citados em nosso trabalho estão mortos, mas o fruto de sua reflexão e trabalho tradutório ainda existe. Tais obras, ao serem consideradas e lembradas, têm o potencial de influenciar futuras traduções. Por meio de suas versões, os tradutores de certa forma ainda vivem e agem.

¹⁰⁵ I-POB- Maço 204 – Doc. 9329 - Carta de João Cardoso de Menezes e Souza, Barão de Paranapiacaba, a D. Isabel, condessa d'Eu. Assinada e datada, Rio [de Janeiro], 09/09/1905. Museu Imperial/Ibram/Ministério da Cidadania, reproduzida integralmente e anexada à dissertação.

No início da presente dissertação foram levantadas algumas questões que, em nosso entendimento, podem ser respondidas de forma mais segura depois da pesquisa empreendida:

O livro *Prometheu Acorrentado*, original de Eschylo. Vertido litteralmente para o portuguez por Dom Pedro II, Imperador do Brasil; transladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba, Imprensa Nacional, 1907, poderia ser considerado um dos poucos livros de tradução do Imperador Dom Pedro II publicados até então?

O livro não contém a tradução em prosa de Dom Pedro II do *Prometeu Acorrentado*, e sim as versões poéticas do Barão de Paranapiacaba, embora o Barão cite a tradução empreendida pelo Imperador do poema *Cinque maggio* (“Cinco de maio”), de Alessandro Manzoni (pp.244-6), enquanto narrava fatos de sua convivência com Dom Pedro II. Paranapiacaba também cita alguns poemas de autoria do Imperador (“À Imperatriz”, p.246-7; “Aspiração”, p.247; “Grande Povo!”, p.247-8; “No Brasil brilhou sempre o mês de maio”, p.218). O livro, embora faça uma grande homenagem a Dom Pedro II, focaliza mais as versões poéticas do Barão em vez da prática tradutória do Imperador e sua tradução da antiga tragédia grega. É, sobretudo, um livro de traduções e escritos do Barão de Paranapiacaba¹⁰⁶.

Até que ponto as versões de Paranapiacaba estão ligadas semanticamente à tradução do Imperador? Será que os méritos ou os pontos fracos das versões poéticas do Barão de Paranapiacaba podem ser atribuídos também à tradução em prosa de Dom Pedro II?

Notou-se por meio da análise empreendida que Paranapiacaba seguiu o seu próprio caminho, empreendendo mais um trabalho paralelo do que propriamente uma adaptação. Apesar de o Imperador e Paranapiacaba utilizarem os nomes latinos para as divindades gregas, a palavra “Jove”, usada frequentemente nas versões poéticas de Paranapiacaba para se referir a Zeus, é utilizada apenas uma vez no Manuscrito Imperial (oitava página do manuscrito)¹⁰⁷. A escolha dos vocábulos empregados é bastante

¹⁰⁶ Para mais detalhes, ver página 158, nota.

¹⁰⁷ “(...) pois novos timoneiros regem o Olympo, e com leis novas impera Jove ilegítimamente; destroe agora o que era antes veneravel”.

diversa entre eles. Além disso, a leitura da tragédia também difere quanto ao papel de Oceano no mito de Prometeu. São obras distintas, e demandam análises diferenciadas. Seria equivocado considerar as versões poéticas de *Paranapiacaba* como a “tradução de Dom Pedro II em versos”.

Entendemos que a maior influência que a tradução em prosa de Pedro II exerceu sobre as versões poéticas de *Paranapiacaba* foi o estímulo. Se Dom Pedro II não tivesse encarregado o Barão para fazer as versões poéticas em língua portuguesa, talvez *Paranapiacaba* nunca tivesse se interessado pelo *Prometeu Acorrentado*. Mesmo assim, é estranho o fato de que o Barão não tenha citado uma única passagem da tradução em prosa do Imperador em seu livro. Mesmo quando cita uma versão literal em nota, não é a de Dom Pedro II que João Cardoso de Menezes apresenta. Como entender, por um lado, tamanha admiração de *Paranapiacaba* ao Imperador, e, por outro, tanta relutância em citar passagens da tradução em prosa de quem tanto admirou?

Temos uma hipótese.

Alguns dos poemas e traduções de Dom Pedro II foram publicados em 1889, no livro *Poesias (Originais e traduções)*, como homenagem de seus netos. Essa mesma obra foi reeditada em 1932 pelo republicano Medeiros e Albuquerque, autor do Hino da República. Segundo Daros (2019, pp.207-10), tal publicação, além de possuir erros não presentes na edição original, traz um prefácio no qual Medeiros e Albuquerque vilipendia Dom Pedro II nos seguintes termos:

Ele sempre foi (podem vê-lo) integralmente péssimo: deficiência de ideias, imperfeição técnica [...] O que se sabe é que ele não tinha nenhuma daquelas qualidades. E foi exatamente por isso, que se viu muito justamente deposto. Os aduladores excessivos de sua memória esquecem-se de que, para exaltá-lo, precisam deprimir o Brasil (1932, pp.7, 20 apud DAROS 2019, p.296).

Diante de tais palavras, Romeu Porto Daros (2019, p.298) afirma:

No entanto, o que o prefácio desse escritor e político não consegue ocultar é que, por trás da cruzada para reduzir a qualidade poética e intelectual do homem Pedro de Alcântara, se dissimulava a verdadeira razão de sua crítica: apagar da memória da nação o governante Dom Pedro II e o seu regime.

Se em 1932 a competência literária e intelectual de Dom Pedro II eram atacadas de tal forma pelo republicano Medeiros e Albuquerque, o que dizer, então, do cenário político da república ainda recente no ano de 1907, ano em que o livro do Barão de *Paranapiacaba* foi publicado? Desconfiamos que a tradução de “Cinco de maio” e os

poemas do Imperador citados pelo Barão já eram de conhecimento público antes de publicar o seu livro, e por isso não temeu citá-los. Será que o Barão, mesmo querendo homenagear Dom Pedro II, receava publicar a inédita tradução em prosa ou até mesmo citar trechos dela temendo dar um pretexto aos caluniadores do Imperador? É de se desconfiar que sim. Sobretudo se atentarmos para as declarações supracitadas de Medeiros e Albuquerque, e a seguinte declaração do Barão de Paranapiacaba sobre Dom Pedro II, em carta a Lafayette Rodrigues Pereira, escrita em 10 de outubro de 1899, e reproduzida em seu livro: “Assignalarei ahi factos, que servirão para accentuar as feições daquela physionomia moral, injustamente desfiguradas por alguns” (1907, p.XI).

Na carta escrita à Princesa Isabel, João Cardoso de Menezes afirma que “o livro dará um bello volume de 500 páginas”. Também diz à Princesa que: “Como esse trabalho é uma homenagem á memoria do nosso Monarcha e Pai, expansiva como ainda ninguém a fez, entendi que não devia editar sem licença de Vossa Magestade”. No entanto, o livro, em vez das 500 páginas mencionadas na carta, foi publicado com 333 páginas. Será que a publicação da tradução em prosa do Imperador fazia parte do projeto original de Paranapiacaba? Será que a Princesa Isabel teria respondido ao Barão orientando-o a não publicar a tradução inédita de seu pai receando que inimigos políticos vilipendiasssem a memória do Imperador por meio de análises literárias tendenciosas? É claro que a redução de páginas poderia ter ocorrido por outros motivos, como a economia de custos para a publicação, por exemplo. Mesmo assim, desconfiamos que a estranha relutância de Paranapiacaba em publicar a tradução em prosa ou trechos dela pode estar ligada a uma tentativa de se evitar ataques contra a imagem do falecido monarca.

Discordando da opinião de Medeiros e Albuquerque, a análise feita da tradução em prosa de Dom Pedro II (capítulo 2) evidenciou elementos que apontam para a competência do Imperador, tanto do ponto de vista filológico quanto estético. Ao longo de nossa pesquisa, percebemos que Dom Pedro II procurava uma proximidade com o original tanto na forma quanto no sentido em suas traduções. Quando isso não era possível, o Imperador dava preferência ao sentido das palavras, via tradução literal, como Ramiz Galvão afirmou em prefácio à versão que fizera do *Prometeu Acorrentado*. Embora Pedro de Alcântara possuísse notável competência poética, parece que seus interesses filológicos e hermenêuticos prevaleciam em sua prática tradutória.

Expressões como “eu não quis melhorar Dante na minha tradução” ou “eu teria mais respeito a Dante” ou ainda “seria melhor traduzir com a simplicidade do original”, escritas por Dom Pedro II (apud DAROS, 2019, pp.234-5) parecem indicar que o perfil de tradutor do Imperador não era, por assim dizer, o de um “transpoetizador luciferino”, valendo-se de expressões comuns a Haroldo de Campos (2013, pp. 17; 153-4).¹⁰⁸

Por fim, reafirmamos que a “história da tradução de Literatura Grega no Brasil ainda está para ser escrita” (DUARTE, 2016), e não temos a pretensão de escrevê-la sozinhos, pois “um mínimo de honestidade nos afasta de empresas que não podemos realizar” (RAMOS, 2008, p.63). Mesmo assim, entendemos que, realizando a transcrição completa da tradução em prosa de Dom Pedro II e das versões poéticas de Paranapiacaba, estamos dando mais um pequeno passo rumo ao atendimento dessa grande demanda nos estudos da recepção e tradução dos clássicos no Brasil. Mesmo que seja uma marcha longa e árdua, como o caminho para Santiago de Compostela, ter a possibilidade de dar alguma contribuição nesse sentido foi algo intelectualmente enriquecedor. Foi de fato um *Buen camino!*

¹⁰⁸ Para mais detalhes sobre o que entendemos acerca da poética tradutória de Haroldo de Campos, veja-se o texto “Haroldo de Campos: um luciferino tradutor brasileiro” (p.289), anexado à dissertação.

ANEXOS

Carta do Barão de Paranapiacaba à Princesa Isabel

[fl.1]¹⁰⁹

Senhora!

Rio, 9 de Setembro de 1905

Releve-me Vossa Magestade a ousadia de dirigir-lhe estas linhas por mão de minha mulher, pois me é difficilimo escrever.

Em 8brº. de 1889, ao despedir-me de S. Magestade o Imperador D.Pedro 2º. , na Tijuca, deu-me S.Magestade, por letra sua, uma versão em prosa da tragedia de Eschylo “Prometheu encadeado” encarregando-me de a trasladar para verso portuguez. Tractei logo de adquirir as versões e os com- [fl.2] mentarios, que d’aquella obra prima existem em varias linguas e incetei¹¹⁰ e levei a cabo, com o maior esmero, a traducção d’ella.

Ha cerca de 8 annos publicou o Jornal do Commercio a versão da scena, em que figura Prometheu, nos confins da Scythia, p^a. onde é conduzido pela Força e pela Violencia, acompanhadas de Vulcano, que o acorrenta ao rochedo. Precedia a essa publicação uma carta minha ao Conselheiro Lafayette, rogando-lhe prefaciasse o livro, que teria prologos meus, narrando um d’elles as minhas relações com Sua Magestade desde que, em Fevevereiro[fl.3] de 1846, o saudei com uma poesia em S.Paulo, até que D’elle me separei no Palacio de Itamaraty; em 8brº de 1889, contendo os outros prologos a vida de Eschylo, critica de suas obras e a comparação do teatro antigo com o moderno. Figurava tambem na referida publicação a resposta do Lafayette aceitando a incumbencia de escrever o prologo.

A pedido do mesmo Lafayette, fiz outra versão da tragedia em verso livre (menos os córos, que são sempre rimados).

D’essas duas versões tem apparecido longos trechos na imprensa e notadamente nos almanaques do Garnier . [fl.4] Falta-me, para elemento de consulta, a traducção de

¹⁰⁹I-POB- Maço 204 – Doc. 9329 - Carta de João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba, a D. Isabel, condessa d’Eu. Assinada e datada, Rio [de Janeiro], 09/09/1905. Museu Imperial/Ibram/Ministério da Cidadania.

¹¹⁰ Era de se esperar “encetei”.

Thomaz Stanley, edição de Londres (do século 17) com o texto grego de um lado e do outro o latino.

Depois de alguns annos de inutil pesquisa por todas as livrarias da Europa, foi descoberta essa obra (a melhor que ha sobre Eschylo) na bibliotheca de Napoles pelo Dor Alambary Luz, que ahi fez extrahir copias da versão latina de Prometheu e suas respectivas notas e m'as remetteu. Tenho já modificado para melhor a traducção pelo texto de Stanley, achando-se promptas os originaes para serem [fl.5] levados ao prélo.

O livro dará um bello volume de 500 paginas, mais ou menos. E esta, no meu conceito e nos de meus amigos, a minha melhor producção. Como já estou muito velho, convém não demorar a publicação, que pretendo saia bem escoimada de erros.

A biographia de S. M. o Imperador será a mais completa possivel, regulando-se pelo estylo do panegyrico, que a respeito d'esse grande e saudoso vulto pronunciei, entre estrondosas palmas, no Instituto Historico e de que tomo a liberdade de offerecer a Vossa Magestade [fl.6] alguns exemplares.

Como esse trabalho é uma homenagem á memoria do nosso Monarcha e Pai¹¹¹, expansiva como ainda ninguem a fez, entendi que não o devia editar sem licença de Vossa Magestade.

Em todo o caso, vai ser já publicado o livro, salvo ordem em contrario de Vossa Magestade, cujas altas virtudes, que são as mesmas do seu inovidavel Pai, são objecto de meu culto.

Imploro a Vossa Magestade venia para dedicar-lhe essa versão, rogando a Vossa Magestade se digne dar-me parte de sua resolução, à que me [fl.7] curvarei com respeito e acatamento, que devo e sempre tributei ás deliberações da Immortal Senhora, symbolo immaculado da Monarchia, á que me tenho conservado fiel e á cuja memoria morrerei abraçado.

Subcrevo me submisso
De Vossa Magestade
o mais humilde súbdito
Barão d. Paranapiacaba¹¹²

¹¹¹ Era de se esperar a grafia “pae” em vez de “pai”.

¹¹² Nesse ponto a caligrafia muda, pois é o próprio Paranapiacaba que assina.

**Prefácio escrito por Lafayette Rodrigues Pereira a pedido do Barão de
Paranapiacaba¹¹³**

[fl.13]

O *Prometheu*, de Eschylo, é um dos productos mais admiraveis do genio antigo. Tomou o poeta para assumpto de sua tragedia a lenda mythologica.

A lenda era uma creação da phantasia popular dos Gregos das primitivas éras, preciosa pela grandeza do pensamento e pela profundidade da significação, altamente humana.

Eschilo¹¹⁴, submetteu-a aos processos do seo genio, vasou-a em moldes severos, simplificou-a, condensou-a em uma summa poderosa e deo-lhe a unidade rigorosa e inflexivel de acção, de tempo e lugar, - unidade, que mais tarde, Aristoteles elevou á cathegoria de uma das regras fundamentaes do *Drama*.

A coragem indomavel e a obstinação feroz do Titan, a altivez diante do soberano do Olympto, o desdém e a impassibilidade, com que supporta as torturas, que lhe são infligidas, a consciencia da obra, que consummou e que motivou a perseguição, de que é victima, a elevação e a altura dos pensamentos, que o poeta lhe attribue, a eloquencia da colera e indignação, que irrompem de suas palavras, a realidade de vida de todas as figuras, o desenlace da acção, rapido como o raio, que a determina, são sublimidades, primores e excellencias, que teem arrancado gritos de admiração aos criticos de todas as idades.

[fl.14]

Todas as outras figuras da tragedia, as quaes, na realidade, não teem outro destino sinão o de fazer sobresahir a personalidade grandiosa do Titan, falam a lingua, que lhes convém no desenvolvimento da acção.

O côro das Oceanidas e Io teem accents e modulações que, pela candura, pela ingenuidade e pelo tom doce e suave, lembram, como observa um critico, as encantadoras estrophes de Sapho. Ao ler essas bellas passagens, póde-se dizer de

¹¹³ PARANAPIACABA, 1907, pp.XIII-XVI. Mantemos a ortografia original.

¹¹⁴ Foi transcrito tal qual está no livro. O correto, para a época, seria “Eschylo”, e não “Eschilo”, como foi publicado nesse trecho do prefácio. Mais adiante, encontra-se no livro a mesma palavra com a grafia correta.

Eschylo o que um critico antigo disse de Thucydides, a proposito da descrição das bellezas da Attica: - “Aqui o leão sorrio”.

A critica do *Prometheu* está feita. Homens da maior competencia, de um bom gosto apurado e de erudição vastissima, estudaram-no sob todos os aspectos. Nada resta a accrescentar. E, pois, só direi da traducção.

Traduzir para uma lingoa viva um monumento antiquissimo, talhado numa lingoa morta, como o *Prometheu*, de Eschylo, é tarefa ardua, e porventura, difficillima.

É preciso, antes de tudo, entender o texto, apoderar-se, com vigor e clareza, do pensamento directo e intencional do poeta - pensamento envolto nas dobras e circumvoluções de uma lingoa, cheia de obscuridades.

Nesta parte importantissima do trabalho acha o traductor auxiliares de primeira ordem. Uma legião de humanistas, de todos os seculos, cavaram o texto e, por meio de analyses profundas e á força de sagacidade e de erudição, conseguiram arrancar da lettra morta os segredos, que ella encerra.

Na interpretação, porém, do texto ha discordancia de opiniões entre os mais competentes. Tem o traductor, sem duvida, o direito de preferir a que lhe parecer mais razoavel e de suggerir, segundo suas forças, a intelligencia, que se lhe afigura a verdadeira ou mais proxima da verdade. Não é só isso. Cada época tem sua atmosphéra¹¹⁵ intellectual, - um *composito* de pensamentos, de ideias, de juizos, de crenças, de phantasias, de superstições, de modos de ver, que dominam o espirito humano no momento, e que penetram e se infiltram inconscientemente nos productos do tempo.

Esta infiltração se faz pelas *nuanças* do vocabulario e pela construcção e geito da phrase.

[fl.15]

O traductor, tanto quanto é possível, deve esforçar-se para que a sua versão espelhe aquella atmosphéra¹¹⁶.

Mas é isso de suprema, sinão de invencivel difficuldade. A atmosphaera intellectual extinguiu-se com o seo tempo e o traductor vive num outro seculo, debaixo de outras idéias¹¹⁷ e de outra civilização.

¹¹⁵ Mais adiante, a mesma palavra foi publicada sem o acento.

¹¹⁶ Na página anterior, a mesma palavra foi publicada com acento.

¹¹⁷ Em trecho anterior do mesmo prefácio, a mesma palavra foi publicada sem o acento.

Isso explica a razão por que nenhuma traducção de texto antigo é reputada definitiva. Cada seculo tem seo modo de traduzir. Cada geração de traductores esforça-se por descobrir pensamentos e intenções que, a seu ver, escaparam aos seus predecessores. Um critico observa que Tacito só foi bem entendido depois das scenas da Revolução Franceza. E por que? Porque essas scenas tinham, a certos respeitos, grandes analogias com as scenas descriptas pelo grande historiador.

Um monumento litterario antigo póde ser comparado aos productos da natureza: cada geração de chimicos os estuda e cada geração descobre novas propriedades. E as difficuldades recrescem, quando a traducção é de verso para verso, ainda mesmo quando o verso é em lingua viva.

No verso ha dous elementos, que se reúnem e se fundem para formar-o - a expressão e o pensamento.

O pensamento póde ser, com maior ou menor fidelidade, passado de uma lingua para outra.

Mas a expressão, a construcção metrica das palavras, o rythmo? Não; cada lingua tem vocabulos de uma significação especialissima, á que não correspondem, com perfeita justeza, tem vocabulos de outra - peculiaridades, elegancias, modos de dizer, idiotismos, singularidades de construcção, litteralmente intraduziveis.

Podem-se achar palavras e phrases mais ou menos equivalentes: é o que fazem os bons traductores. Mas, na realidade, o verso que traduz, não é o verso traduzido: - traduz-se o pensamento; mas, por via de regra, não se traduz o verso.

Tomem-se as melhores traducções de Virgilio nas linguas vivas. A interpretação do pensamento é, em geral, fiel; mas nenhuma dellas reproduz o hexametro latino na sua construcção, na sua combinação de palavras, no seo rythmo, no seo systema de harmonia.

Por exemplo este verso:

Sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt,

[fl.16]

Leio-o traduzido em versos portuguezes, francezes, hespanhóes, italianos e inglezes: interpretam o pensamento mais ou menos, segundo o sentido, que lhe deram os humanistas; mas o verso da traducção, de ordinario, nem remotamente dá ideia da estructura e do rythmo do verso latino.

As ponderações, que acabo de aventurar, teem por fim fazer sentir as dificuldades, qu¹¹⁸ o Barão de Paranapiacaba tinha a vencer no seo ingente esforço para traduzir em verso portuguez o assombroso poema de Eschylo.

Em homenagem á verdade, é preciso dizel-o, - elle as superou bem, e com galhardia.

Certamente, não se poderia exigir do preclaro traductor, que vasasse litteralmente no metro portuguez o metro grego. São radicalmente differentes as lingoas e cada uma tem o seo systema de metrificacão.

Espelha a traducção a atmospha intellectual, em que viveo o antigo poeta? É difficil para um leitor moderno julgal-o. Mas é fora de duvida que, atravez do poema traduzido corre como que um sôpro de hellenismo, que lhe dá um ar, uma certa feição do pensamento antigo.

O pensamento directo e intencional do poeta é reproduzido com fidelidade. A versificação é admiravel.

O Titan fala sempre a lingoa, que lhe convém, em versos, decasyllabos e alexandrinós, sonoros, cheios, fluentes, de um grande vigor e que pelo brilho, força e energia de expressão luctam nobremente com o original.

Para os córos, o traductor, cedendo á natureza do assumpto, preferio, como era de razão, os versos de arte menor: - primam pela elegancia, delicadeza e harmonia.

As demais figuras exprimem-se em metros variados; mas sempre bem e consoante com os seos caracteres e as exigências do momento. Que mais poderia requerer do illustre traductor uma critica justa e razoavel?

O *Prometheu*, de Eschylo, traduzido pelo Barão de Paranapiacaba, viverá nas nossas lettras como um monumento de boa e grande poesia e como um modelo de vernaculidade, sem os requintes de um purismo de máo gosto.

¹¹⁸ Transcrito tal qual está no livro.

Haroldo de Campos: um luciferino tradutor brasileiro

Mesmo levando-se em conta o fato de que Haroldo de Campos nunca publicara uma tradução sua do *Prometeu Acorrentado*, é quase impossível escrever sobre tradução poética sem mencionar seu nome, pois “entre os poetas que o Brasil já teve e tem, Haroldo de Campos é o maior pensador da tradução poética, tendo publicado um número significativo de textos que se somam num conjunto denso e coerente acerca do assunto” (TÁPIA, 2013, p.XI).

O presente texto não foi incorporado dentro da discussão encontrada no primeiro capítulo da dissertação para evitar-se os seguintes problemas: embora Haroldo seja o autor do texto *O Prometeu dos barões*, e sem sombra de dúvidas um dos catalizadores da pesquisa que realizamos, tratar de sua prática tradutória num capítulo destinado aos tradutores do *Prometeu* poderia se configurar como uma longa digressão, se nos aprofundássemos em seu complexo pensamento. Por outro lado, caso o fizéssemos de passagem, correríamos o risco de involuntariamente sermos reducionistas.

Em nossa opinião, o quadro *A Escola de Atenas*, de Rafael Sanzio, parece ilustrar bem a evolução do pensamento de Campos sobre tradução e a influência que dois grandes pensadores sobre a linguagem tiveram sobre a sua prática tradutória. Platão, que no quadro está apontando para o céu, representaria Walter Benjamin e suas considerações feitas, sobretudo, no ensaio “A tarefa do tradutor”. E Aristóteles, que no quadro aponta para a terra, representaria o linguista Roman Jakobson. Haroldo afirma que ao longo de sua carreira apreendeu uma “física” a partir da “metafísica” apresentada por Walter Benjamin em seus escritos sobre linguagem:

Sob a roupagem rabínica, midrashista, da ironia *metafísica* do traduzir benjaminiana, um poeta-tradutor, longamente experimentado em seu ofício, pode, sem dificuldade, depreender uma *física* (uma *práxis*) tradutória efetivamente materializável. Essa física – como venho sustentando há muito – é possível reconhecê-la *in nuce* nos concisos teoremas de Roman Jakobson sobre a “autorreferencialidade da função poética” e sobre a tradução de poesia como *creative transposition* (transposição criativa) (CAMPOS, 2013, pp.167-9, grifo do autor).

Segundo Marcelo Tápia (2012, p.133), o célebre ensaio de Walter Benjamin “A tarefa do tradutor”, de difícil consenso interpretativo, suscitou inúmeras interpretações e análises. Tápia ainda afirma que nas anotações de Campos sobre “A tarefa do tradutor”

de Benjamin, o poeta e tradutor brasileiro explora “a ideia, central em Benjamin, da existência de uma ‘íntima relação das línguas umas com as outras’ (‘reciprocamente parentes’), uma ‘relação oculta’ que a tradução não alcança ‘produzir’, podendo, contudo, representá-la” (TÁPIA, 2012, p.134). Campos afirma no ensaio “A clausura Metafísica da Teoria da Tradução de Walter Benjamin, Explicada Através da Antígone de Hölderlin”:

Na tradução de um poema, o essencial não é a reconstituição de mensagem, mas a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada essa mensagem, da *informação estética*, não da informação meramente semântica. Por isso sustenta Walter Benjamin que a má tradução (de uma obra de arte verbal, entenda-se) caracteriza-se por ser a simples transmissão da mensagem do original, ou seja: “a transmissão inexata de um conteúdo inessencial” (CAMPOS, 2013, p.181).

Haroldo de Campos, em sua leitura de Benjamin, parece entender que a má tradução é aquela que se preocupa apenas com a “simples transmissão da mensagem do original” sem ter uma preocupação estética, como obra de arte. Desta forma, parece-nos que na concepção haroldiana, e também na de Walter Benjamin, o aspecto formal, estético, sonoro de uma tradução tem um peso maior do que seu aspecto informativo, “meramente semântico”. Como se justificaria tal posicionamento? Haroldo afirma em “A ‘Língua Pura’ na Teoria da Tradução de Walter Benjamin”:

No contexto do ensaio benjaminiano, a “língua suprema”, na qual se deixaria estampar a “verdade”, corresponde à “língua pura” (*die reine Sprache*), “língua da verdade” (*Sprache der Wahrheit*) ou, ainda, “língua verdadeira” (*wahre Sprache*), aquela que, ao tradutor de uma obra de arte verbal, ou *Umdichter* (“transcriador”), incumbe resgatar de seu cativeiro no idioma original [...], anunciando-a e deixando-a assim entrever “a afinidade das línguas” (*die Verwandtschaft der Sprachen*), ou seja, “o grande motivo da intergração das muitas línguas na única língua verdadeira” (ibidem, p.158).

Segundo Benjamin, no texto *Über Sprache überhaupt und über die Sprache* (“Sobre a Língua em Geral e Sobre a Língua dos Homens”), citado por Haroldo no ensaio supramencionado, a “nomeação adâmica é dada como fonte da língua pura: ‘Der Mensch ist der Nennende, daran erkennen wir, dass aus ihm die reine Sprache spricht’ (‘O homem é aquele que nomeia, donde se põe de manifesto que através dele a língua pura fala’)” (CAMPOS, 2013, pp.158-9). A humanidade perde o acesso a “língua pura” quando Adão decai do *status* paradisíaco, que conhecia uma única língua apenas: “É uma consequência – prossegue Benjamin, citando a *Bíblia* – da expulsão do Paraíso” (ibidem, p.159). Mas no que diferiria a “língua pura” das atuais línguas imperfeitas?

Segundo Campos, Benjamin teria recebido influência do filósofo-teólogo existencial Franz Rosenzweig (1886-1929). Para Rosenzweig, a “língua pura” paradoxalmente corresponde a uma forma de silêncio, mas um “silêncio (*Schweigen*) que não é como o mutismo (*die Stummheit*) do pré-mundo (*Vorwelt*), o qual ainda não tem palavra. É silêncio da compreensão completa e consumada (*de vollendeten Verstehens*). Para o filósofo: “a pluralidade das línguas é o indício mais claro de que o mundo não está redimido. Entre homens que falam uma língua comum, basta um olhar para que se compreendam” (CAMPOS, 2013, p.164). Será que para Walter Benjamin uma boa tradução se preocupa mais com a *forma*, com a *esteticidade* do que a “informação meramente semântica”, pois a forma, poeticamente trabalhada, teria um efeito impactante e quase instantâneo que apontaria para a compreensão “completa e consumada”, para uma quase “telepatia paradisíaca” por meio da qual os seres humanos se comunicariam num tempo messiânico? É de se desconfiar que sim.

Segundo Haroldo de Campos, Benjamin pensava que “só a graça divina, através de uma *apokatásis* redentora, de uma ‘reconciliação messiânica’, que revogue a sentença expulsória de sinete divino, poderia restituir, à humanidade decaída por força da culpa original (*Sündenfall*), a sua bem-aventurada ‘condição edênica’ e, com ela, a língua pura da verdade” (ibidem, p.162). O episódio bíblico da “Torre de Babel” simbolizaria a tentativa humana de restituir a unidade da língua edênica “por iniciativa desafiadora do homem, sem o beneplácito da graça divina” (ibidem, p.159). Porém, até que chegue a “reconciliação messiânica”, apenas é permitido um vislumbre tênue da “língua pura”, por meio da poesia (segundo Mallarmé, apud CAMPOS, 2013, pp.157-8) e da tradução poética (Benjamin), “anunciando-a e deixando-a assim entrever a afinidade das línguas” (*die Verwandtschaft der Sprachen*), ou seja, o grande motivo da integração das muitas línguas na única língua verdadeira (ibidem, p.158). Nesse sentido, Benjamin “confere à tradução um encargo ou missão angélica (‘ev-angélica’, de transmissão da ‘boa nova’, *eu-ángelos*)[...] Ela não pode, enquanto tradução, num sentido próprio, encarnar, ainda que fragmentariamente, ‘o verbo’, mas ela pode anunciar a sua presença oculta na língua do original, como que transparentá-lo provisoriamente (vale dizer historicamente)” (CAMPOS, 2013, p.193). Mas há um preço a ser pago, pois “os portais de uma língua tão expandida e subjugada (*so erweitert und durchwaltend*) por força de elaboração se abatam e clausurem o tradutor no silêncio” (ibidem, pp.194-5), como teria acontecido, por exemplo, com Hölderlin entre seus contemporâneos:

[...] o filósofo Schelling escrevia a Hegel a respeito dessas traduções e de seu autor [Hölderlin], amigo de ambos: “A versão de Sófocles demonstra cabalmente que se trata de um caso perdido”.

“Um dos mais burlescos ‘produtos’ do pedantismo”; “Se Sófocles tivesse falado a seus atenienses de maneira tão desgraciosa, emperrada e tão pouco grega, como é pouco alemã esta tradução, seus ouvintes teriam abandonado às carreiras o teatro”; “Sob todos os pontos de vista, a tradução do sr.Hölderlin dos dois dramas de Sófocles deve ser incluída entre as piores”; “Toca ao leitor adivinhar se o sr.Hölderlin sofreu uma metamorfose, ou se ele quis satirizar veladamente a deterioração do gosto público”(ibidem, p.175).

O caso de Hölderlin, sob a ótica benjaminiana, lembra o *mito da caverna* de Platão, e possui um lado trágico ao tradutor: a incompreensão por parte daqueles que ainda estão aprisionados na caverna. Haroldo de Campos, por sua vez, procura uma via menos dolorosa aos tradutores. Campos parece superar a ideia do “tradutor mártir” ao extrair, como já mencionado, uma “física” de toda a “metafísica” tradutória de Walter Benjamin, e também refletindo e dialogando com a obra do linguista Roman Jakobson.

Em sentido lato, a poesia seria intraduzível na concepção de Jakobson, e, por isso mesmo, restaria apenas o expediente da “transposição criativa” numa tradução em versos (CAMPOS, 2013, p.89). Jakobson indica desta forma uma espécie de aporia que, paradoxalmente, é estimulante e abre espaço para a criatividade do tradutor. Tanto a impossibilidade das línguas existentes de serem autossuficientes em abarcar o real (o indicador apontado para o céu na “metafísica” tradutória de Benjamin) quanto a alteridade das línguas em representar o mesmo objeto (palma da mão voltada para terra na “física” tradutória de Jakobson) são vistas por Haroldo de Campos como desafios estimulantes e catalisadores da criatividade (ibidem, 2013, p.85), pois “Sólo lo difícil es estimulante”, como dizia o escritor Lezama Lima (apud CAMPOS, 2013, p.204). Frente ao pressuposto da intraduzibilidade da poesia, Haroldo de Campos encontrara a “asserção da possibilidade mesma dessa (paradoxal) operação tradutora, desde que entendida como *transposição criativa*: ou seja, nos meus termos, como *re-criação*, como *trans-criação*” (CAMPOS, 2013, p.90, grifo nosso).

Se por um lado, a tradução é vista como uma missão “angélica” na metafísica benjaminiana, isto é, como “aquilo que é dado ao tradutor dar, o *dado*, o *dom*, a *redação* e o *abandono* do tradutor, isso para explorar o *Aufgeben* benjaminiano em todas as suas nuances semânticas” (ibidem, p.141). Por outro, pode-se converter “a função angélica” do tradutor de poesia numa empresa luciferina. Apresentando-se diante do original não como mensageira do significado transcendental (da “língua

pura”), mas, luciferinamente, como diferença em devir, a tradução usurpa-lhe o centro e a origem (ibidem, pp.153-4). Desta forma, o tradutor “passa a ameaçar o original com a ruína da origem. Esta, como eu a chamo, a última *hybris* do tradutor – ‘transpoetizador’ (*Umdichter*): transformar, por um átimo, o original na tradução” (CAMPOS, 2013, p.17).

E esse parece ter sido o caminho escolhido por Haroldo de Campos em sua prática tradutória, não o do “tradutor mártir”, mas sim o do “transpoetizador luciferino”:

A *hybris* do tradutor, “preceito indispensável desse ponto de vista, para a tradução desvinculada da tradição de subserviência ao original, já encontra expressão na própria apresentação da *Ilíada*: os volumes trazem, como autor, Haroldo de Campos, reservando-se ao título a forma *Ilíada de Homero*. Trata-se da assunção, pelo tradutor, do status de autor, de criador de obra autônoma, embora paramórfica” (TÁPIA, 2012, p.143).

Haroldo de Campos não foi o primeiro poeta brasileiro a pensar sobre tradução criativa. Em 1952, a peça *Antígone* de Sófocles foi montada no Brasil utilizando uma tradução em verso de Guilherme de Almeida. Ao comentar as dificuldades de verter um texto com estrutura métrica tão complexa, Guilherme “buscou na teoria musical um termo técnico para definir seu trabalho: *transcrição* (‘escrever para um instrumento música escrita para outro’)” (VIEIRA, 1997, p.17). Na metáfora usada por Guilherme de Almeida, nota-se que os instrumentos diversos representam línguas distintas, mas que, respeitando-se suas próprias especificidades, podem tocar a mesma melodia. Por isso, o termo *transcrição*, utilizado por Almeida, está bem próximo do que Haroldo entende por “transcriação”.

Mas *Transcrição* não é o único termo usado por Guilherme de Almeida para se referir a sua prática tradutória, como nos revelam as notas escritas para cada um dos 21 poemas que traduziu das *Flores do Mal*, de Baudelaire:

[...] uma repugnância minha, invencível, pelas desmoralizadas e desmoralizantes expressões “tradução”, ou “versão”, que me soam vulgar e sabem a coisa vulgar, muito outra daquilo que intimamente representa, para mim, o extenuante labor de oito anos, que tanto me custou este minguado ramilhete das “minhas” *Flores do Mal*. Resolvi, pois, correr do meu vocabulário com tais palavras. Nesta *marginalia*, servi-me-ei de outra terminologia: “recriação” [...], “reprodução”, “recomposição”, “reconstituição”, “restauração”, “transmutação”, “correspondência”, etc.; e, principalmente, “transusão”. É este, dentre tantos, o termo que mais acertado me pareceu, mais significativo das minhas intenções. O uso corrente já não o separa da ideia de sangue. Transusão do sangue: a revificação de um organismo pela infiltração de um sangue alheio, mas de “tipo” igual. Uma língua, uma poesia reabastecendo-se da seiva de outra, análoga, para mais e melhor se afirmar (ALMEIDA, 2010, pp.97-8)

Ainda utilizando a analogia inspirada na teoria musical, podemos dizer que certos musicistas não se contentam apenas em tocar “um instrumento música escrita para outro”, mas também gostam de criar novos arranjos, embora a música original não deixe de ser reconhecida por causa das inovações. Em nossa opinião, esse é o grau máximo de transcrição, e justamente é isso que o Barão de Paranapiacaba empreende na versão em que emprega as rimas. Como visto na dissertação, ele publicou duas traduções de sua autoria, distintas, mas da mesma tragédia grega, no mesmo livro: isso nunca mais se repetiu na história das traduções do *Prometeu Acorrentado* no Brasil. Tal decisão de João Cardoso de Menezes de certa forma dessacralizou o original, mostrando às claras que não existe uma correspondência una e definitiva entre a língua de origem e a língua de chegada. O Barão de Paranapiacaba, em sua primeira versão, verte os 1093 versos da tragédia original em 1410 versos (317 versos a mais que a obra de Ésquilo!). Como já mencionado, os versos são rimados, algo não presente no original. Tudo isso parece indicar que a empreitada do Barão de Paranapiacaba foi por demais “luciferina”, o cúmulo da *hýbris*. Mas nem por isso acreditamos que o gesto do Barão estaria em harmonia com a teoria de Haroldo de Campos. Existe uma diferença entre a *hýbris* de Paranapiacaba e a *hýbris* de Haroldo que não pode passar despercebida.

Temos a impressão de que mesmo entre as chamadas “traduções criativas” ou “transcrições” não se abandona por completo a ideia de fidelidade ao original. Essa ideia ainda está presente, porém, mais ligada ao efeito estético do que à reprodução do sentido literal da obra de origem. Apesar de Paranapiacaba ter conseguido criar alguns efeitos que lembram o original, como as mudanças de metro no caso de *Io*, principalmente a tradução em que o Barão emprega as rimas parece se distanciar bastante do original grego, sobretudo em relação à forma. A ideia de “paramorfia”, presente no pensamento de Haroldo de Campos, não abonaria o tipo de distanciamento empreendido por João Cardoso de Menezes. Talvez esteja aí uma das causas pelas quais a versão em que Paranapiacaba emprega as rimas foi classificada por Haroldo de Campos como “um malogro, um equívoco” (CAMPOS, 1997, p.237).

BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, Camilo. *Barão de Paranapiacaba/ vida e obra*. Santos: A tribuna de Santos Jornal e Editora, 1978.

ALCÂNTARA, Dom Pedro de. *Poesias completas de D.Pedro II (Originais e traduções. Sonetos do Exílio. Autênticas e apócrifas)*; com prefácio de Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1932.

_____. *Diário do Imperador D.Pedro II, 1840-1890*. Organização de Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

ALMEIDA, Guilherme de. *Flores do mal de Baudelaire*; tradução e notas de Guilherme de Almeida; ilustração de Henri Matisse; apresentação de Manuel Bandeira; posfácio de Marcelo Tápia. São Paulo: Editora 34, 2010.

ASEFF, Marlova Gonsales. *Poetas-tradutores e o cânone da poesia traduzida no Brasil (1960-2009) [tese]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em <www.brasilia.academia.ed/MarlovaAseff>, acessado em 15.08.2016.

BANDEIRA, Manuel. *Seleção de prosa*. Organização de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

BARMAN, Roderick. *Citizen Emperor: Pedro II and the making of Brazil, 1825-1891*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

BELLEMIN-NOËL, J. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um prototexto. In: *Manuscrita/ Revista de Crítica Genética*. São Paulo: APML, n.4, 1993, pp.127-161.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*, tradução de Fernando Camacho, Belo Horizonte: Fale/UFGM, 2008.

BERWANGER, Anna Regina & LEAL, João Eurípides Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 3.ed. revista e ampliada. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimarães. *Tratado de versificação*, s/1: Livraria Francisco Alves, 1905.

BLOOM, Harold. *A angústia da influência – Uma teoria da poesia*, tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

_____. *O cânone ocidental*, tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do 'Quixote'. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*, volume 1. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1999.

_____. As versões Homéricas. In: *Discussão*. Tradução de Claudio Fornari. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. *Obras completas I*. Barcelona: RBA – Instituto Cervantes, 2005.

BRUNA, Jaime. *Teatro Grego: Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes*. São Paulo: Cultrix, 1964.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*. São Paulo: Ática, 2003.

BUTLER, Samuel & STANLEY, Thomas. *Aeschyli tragoediae quae supersunt*, volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, [1809] 2010.

CALDAS AULETE, Francisco Julio de. *Diccionario contemporâneo da lingua portugueza*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II, 1-5*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1975.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*; tradução de Nilson Moulin, 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Augusto de & ALMEIDA, Guilherme de. *Poética de Os Sertões: Transertões; A poesia d'Os sertões*; organização e apresentação de Marcelo Tápia. São Paulo: Annablume; Casa Guilherme de Almeida, 2010.

CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*; organização Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Ilíada de Homero*. 3 ed. São Paulo: Arx, 2004.

_____. O Prometeu dos barões. In: ALMEIDA, Guilherme de & VIEIRA, Trajano, V. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. *Qohélet= o-que-sabe/ Eclesiastes: poema sapiencial*. São Paulo: Perspetiva, 1991.

CANDIDO, Antonio & CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira. I. Das Origens ao Romantismo*; 5.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

CARVALHO, José Murilo de. *Dom Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*, tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CORRÊA, Paula da Cunha. Em busca da tradição Perdida. In: *Revista USP*, São Paulo, nº 42, pp. 172-179, junho/agosto, 1999.

DAROS, Romeu Porto. *A criação do Dante sul-americano: análise genética comparada de processos tradutórios*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

_____. Dom Pedro II: o imperador tradutor. *Scientia Translationis*, n.11. Universidade Federal de Santa Catarina, 2012, pp.227-44. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237-2012n11p227/22658>>. Acesso em: 19.03.18.

DE CARVALHO, Amorim. *Tratado de versificação portuguesa*. 6.ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1991.

DE MAN, Paul. “Conclusões ‘A tarefa do tradutor’ de Walter Benjamin”. In: _____. *A resistência à teoria*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa & São Paulo: edições 70, 1989.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DEVINE, A.M; STEPHENS, Laurence. Preliminares to an explicit theory of greek metre. *Transactions of the American philological association* (1974-2014), Vol.107 (1977), The Johns Hopkins University, pp.103-129. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/284030>> . Acessado em 08.02.20.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOS SANTOS, Ricardo Neves. A tradução em prosa de Dom Pedro II da tragédia Prometeu Acorrentado de Ésquilo. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v.6, n.1, pp.96-107, 2018. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronais/article/view/23253/12863>>.

DUARTE, Adriane da Silva. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos. In: *Revista Translatio*, Porto-alegre, n.12, pp.43-62, 2016 Disponível em em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/69211>>. Acessado em 23.02.17.

ÉSQUILO. *Prometheu Acorrentado*. Vertido litteralmente para o portuguez por Dom Pedro II, Imperador do Brasil; trasladação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

_____. “Prometeu Acorrentado”; tradução de Ramiz Galvão. In: FREIRE, Laudelino. In: *Estante classica da revista da lingua portuguesa*, volume X. Rio de Janeiro: Typ. Fluminense, 1922.

_____. *Prometeu acorrentado/ Rei Édipo/ Antígone: tragédias gregas*. Tradução de J.B. Mello e Souza. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1950.

_____. “Prometeu Acorrentado”. In: *Teatro Grego: Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes*. São Paulo: Cultrix, 1964.

_____. *As suplicantes e Prometeu acorrentado*. Tradução de Napoleão Lopes Filho. Petrópolis: vozes, 1967.

_____. “Prometeu Acorrentado”. In: *Prometeu Acorrentado; Ajax; Alceste/ Ésquilo; Sófocles; Eurípides*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. *Prometeu Acorrentado*. Tradução de Daisi Malhadas e Maria Helena de Moura Neves. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1977.

_____. *Prometeu Acorrentado*. In: *Teatro Grego: Ésquilo; Sófocles; Eurípides; Aristófanes*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.

_____. *Prometeu acorrentado*. Tradução de Alberto Guzik. In: *Ésquilo: Prometeu Acorrentado; Sófocles: Édipo Rei; Eurípides: Medeia*. Vários tradutores. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *Prometeu Prisioneiro*. Tradução de Jaa Torrano e apresentação de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1985.

_____. “Prometeu Prisioneiro”. Tradução de Trajano Vieira. In: ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. “Prometeu Cadeeiro”. Tradução de Jaa Torrano. In: *Tragédias/Ésquilo*, estudos e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2009.

FREIRE, Laudelino. *Estante classica da revista da lingua portuguesa*, volume X. Rio de Janeiro: Typ. Fluminense, 1922.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente. In: *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.13, pp.9-25, 2004.

_____. A tradução na antiguidade e a tradução da antiguidade / concepções e práticas de tradução de ontem e hoje. In: *Estudos clássicos e seus desdobramentos: artigos em homenagem à professora Maria Celeste Consolin Dezotti*/ organizado por: Fernando Brandão dos Santos; Jane Kelly de Oliveira. São Paulo: Cultura Acadêmica. Disponível:

<<http://www.fclar.unesp.br/home/Instituição/Administração/divisaoTecnicaAcademica/apoioaoensino/laboratorioeditorial/serie-estudos-literarios-n.16---e-book.pdf>> , acesso em: 15.08.2016.

GENTILI, Bruno. *La métrica dei Greci*. Firenze: Casa Editrice G.D'Anna, s.d.

GIUSEPPE, Tavani. Antecedentes históricos: a ortografia da língua portuguesa. In: CASTRO, Ivo; DUARTE; LEIRA, Isabel. *A demanda da ortografia portuguesa*, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987, pp.201-03.

GRIFFITH, Mark; *Aeschylus/ Prometheus bound*. New York: Cambridge University Press, 1997.

GUZIK, Alberto. (Velho) em cena de O Velho da Horta. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra10548/alberto-guzik-velho-em-cena-de-o-velho-da-horta>>. Acesso em: 25 de Nov. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*; 4.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II (1825-1891)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C.; NEVES, M. H. de M. (coord.). *Dicionário Grego-Português em cinco volumes*. Cotia: Ateliê Editorial: 2006-2010.

MALHADAS, Daisi. O espetáculo na tragédia. *Itinerários Araraquara*, v.5, 1993, pp.49-60.

_____. O drama antigo hoje: as representações no Brasil. *Humanitas*. Coimbra, 1987-1988, v.39-40, pp.105-13.

MALTA, André. Entrevista com Jaa Torrano/ tradução da acribia poética. In: *Cadernos de literatura em tradução*, n.15. São Paulo:Universidade de São Paulo, 2015.

Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114401/0>>, acessado em 12.08.16.

MAURICÉA FILHO, A. *Ramiz Galvão/O barão de Ramiz(1846-1938)*, Brasília: Instituto Nacional do Livro- MEC, 1972.

MAZON, Paul. *Eschyle: Les Suppliants; Les Perses; Les Sept contre Thèbes; Prométhée Enchaîné*; texte établi ET traduit par Paul Mazon. Paris: Société d'édition Les Belles Lettres, 1953.

MURRY, Middleton. *O Problema do estilo*. Tradução de Aurélio Gomes de Oliveira. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

NÓBREGA, Mello. *Rima e poesia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1965.

NUNES, Carlos Alberto. *Ilíada de Homero*. São Paulo: Hera, 2011.

OLIVIERI, Antonio Carlos. *Dom Pedro II, Imperador do Brasil*. São Paulo: Callis, 1999.

PAES, José Paulo. *Tradução, a ponte necessária/ aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PARANAPIACABA, Barão de. *Prometheu Acorrentado, original de Eschylo. Vertido litteralmente para o portuguez por Dom Pedro II, Imperador do Brasil; trasladação poetica do texto pelo Barão de Paranapiacaba*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

PATTONI, Maria Pia. *L'Autenticità del Prometeo Incatenato di Eschilo*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1987.

PIMENTA, Carlota Frederica. *Edições crítica e genética de "A Morgada de Romariz" de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2009.

POE, Edgar Allan. *'O Corvo' e suas traduções*; Organização: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1977.

RAMIZ GALVÃO, Benjamin Franklin. *Vocabulario etymologico, orthographico e prosodico das palavras portuguezas derivadas da lingua grega*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1909.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 44ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2008.

RAEDERS, G. D. *Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *D. Pedro II e os sábios franceses*. Rio de Janeiro: Atlantica Editora, 1944.

RAHLFS, Alfred. *Septuaginta id vetus testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

ROMANELLI, Sergio. *Gênese do processo tradutório*. Vinhedo: Horizonte, 2013.

_____.Manuscrito e tradução: espaços de criação. In: *Itinerários*, Araraquara, nº38, pp.105-123, jan/jun.2014. Disponível em <seer.fclar.unesp.br/itinerários/article/download/7217/>, acessado em 09.08.2016

SAID ALI, Manuel. *Versificação portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. *O currículo da disciplina escolar História no Colégio Pedro II – a década de 70 – entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a História e os Estudos Sociais[tese]*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SCHÜLTZ, Cristian Gottfried. *Aeschyli: tragoediae quae supersunt ac deperditarum fragmenta*. Halle: Jac.Gebauer, 1809.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador/ Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, G. N.; ROMANELLI, S.; SOUZA, R. *Dom Pedro II: um tradutor imperial*. Tubarão: Copy Art, 2013.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

STEINER, George. *Depois de Babel/ Questões de linguagem e tradução*; 3.ed. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

STOYLES, Pennie; PENTLAND, Peter. *The A-Z of inventions and inventors*; livro 4. Melbourne: Macmillan Education, 2006.

STRASSER, Melanie Patrizia. *Sobre as ruínas de Babel/ A construção da tradução em Borges*. In: *Scientia Traductionis*, n.13, 2013 <<http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n13p150>>, acessado em 09.08.2016.

TÁPIA, Marcelo. Apresentação. In: CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*; 1. ed. Organização Marcelo Tápia e Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Diferentes percursos de tradução da épica homérica como paradigmas metodológicos de recriação poética: um estudo propositivo sobre linguagem, poesia e tradução [tese]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

THOMPSON, Edward Maunde. *An introduction to greek and latin palaeography*. Richmond: Tiger of The Stripe, 2008.

TORRANO, Jaa. A educação trágica. *Filosofia e educação*, v.9, n.1 – Campinas, SP fevereiro-maio de 2017, pp.63-80.

_____. Jaa. *Eurípidess/teatro completo*, volume 1, (eBook). São Paulo: Iluminuras, 2015.

_____. A noção mítica de justiça nas relações de poder na tragédia *Ifigênia em Áulida* de Eurípidess. *Letras Clássicas*, São Paulo, v.18, n.2, pp.16-24, 2014.

_____. *Tragédias/Ésquilo*, estudos e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2009.

_____. *Memorial para o concurso de professor titular*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, 2006.

_____. *Teogonia: a origem dos deuses/ Hesíodo*; estudo e tradução Jaa Torrano. 7.ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. *Coéforas/Ésquilo*, estudo e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2004.

_____. *Eumênides/ Ésquilo*, estudo e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2004.

_____. *O sentido de Zeus/ o mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo*. São Paulo: iluminuras, 1996.

_____. *Bacas: o mito de Dioniso/ Eurípidess*. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Medéia/Eurípidess*. São Paulo:Hucitec, 1991.

_____. *Prometeu Prisioneiro/ tradução de Jaa Torrano e apresentação de José Cavalcante de Souza*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VAN GRONINGEN, B.A. *Short manual of greek palaeography*. Leidem: A.W.Sijthoff's Uitgeversmaatschappij N.V, 1940.

VIEIRA, Brunno V. G. Um tradutor de Latim sob D. Pedro II: perspectivas para a história da tradução da Literatura greco-romana em português. IN: *Revista Letras*,

Curitiba, n. 80, p. 71-87, jan./abr. 2010. Editora UFPR. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/letras>>. Acessado em 12.08.16.

VIEIRA, Trajano. “Prometeu Prisoneiro”. In: ALMEIDA, Guilherme de; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

WEST, M.L. The Prometheus trilogy. In: LLOYD, Michael. *Oxford readings in classical studies: Aeschylus*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. *Greek metre*. Oxford: Oxford University Press, 1982.